

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 24
DEZEMBRO 2021 / JANEIRO 2022

280

EDITORA
AMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



**UM INTEGRADO COMPLETO
ESTADO DA ARTE**

BOULDER 866

EDIÇÃO ESPECIAL

MELHORES DO ANO

2021

224 PÁGINAS

PRODUTO DO ANO
EDITOR

NESTE ANO, VINTE E CINCO PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, DEZ RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!

SELO DE
REFERÊNCIA
AMAG

TCL



BRASIL

PATROCINADORA OFICIAL



tcl.com



TCL QLED TV

Experimente

o futuro, hoje.

 Google TV | Mini LED TV

TCL QLED TV 4K C825



Vencedora do prêmio
Estado da Arte Superlativo.



4K HDR



QLED



MINI LED



DOLBY
VISION



120 HZ



GOOGLE
TV



POP-UP
CAMERA



ONKYO
SOUNDBAR
INTEGRADO



AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866

18

E EDITORIAL 4

Dificuldades, imprevistos & mudanças na revista

🌟 NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

🌐 HI-END PELO MUNDO 14

Novidades

^ TESTES DE ÁUDIO

18
Amplificador integrado
Boulder 866

26
Fone de ouvido bluetooth
Edifier X5



32



134



198

✿ MELHORES DO ANO 2020

31
Como utilizar a edição
Melhores do Ano

32
Fones de ouvido

56
Cabos

72
Pedestal

75
Braço para toca-discos

78
Clamp para toca-discos

82
Cápsulas

98
Toca-discos

110
Prés de phono

134
Áudio

198
Vídeo

┌ ESPAÇO ABERTO 214

A lenda da pior sala do mundo

▣ VENDAS E TROCAS 216

Excelentes oportunidades de negócios



Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

DIFICULDADES, IMPREVISTOS & MUDANÇAS NA REVISTA

Nosso bravíssimo Editor Chefe, Fernando Andrette, teve que passar uma boa parte das últimas semanas em tratamento médico, em sua maioria de rotina. Como a saúde do Fernando não pode esperar - e o sistema de saúde brasileiro também não - não foi possível postergar seu tratamento. Assim como não consideramos possível postergar a publicação da revista, que é nosso comprometimento com nossos leitores e nossos anunciantes.

A principal e mais importante mudança, traz o adiantamento da edição Melhores do Ano, que a partir de agora deixa de ser a edição referente à Janeiro/Fevereiro, e é adiantada em um mês, passando a ser publicada em dezembro - e vale como edição de "Dezembro/Janeiro". O mês de janeiro é, agora, nosso mês de merecida pausa anual, e voltaremos com as edições normais em Fevereiro de 2022. Pedimos a compreensão de todos, e esperamos que este rearranjo seja bom para todos nós, audiófilos e melômanos.

A segunda mudança é que eu, Christian Pruks, assumo o papel de Editor Interino, para trazer-lhes esta edição, e preparar o caminho para a próxima, em fevereiro - quando esperamos que o querido Fernando Andrette já esteja de pé, alegre e saltitante. E dançando um cha-cha-cha (isso eu mesmo quero ver!).

Feliz Natal, Alegre e Próspero Ano Novo, muitas pessoas queridas, muitos abraços, boa comida, e a sensação de que tudo estará bem na vida - esse é o desejo da Áudio & Vídeo Magazine para todos nós!

E muita música!

Christian Pruks

Editor Interino



AL DI MEOLA ANUNCIA A CONTINUAÇÃO DE UM DISCO CLÁSSICO DO VIOLÃO: SATURDAY NIGHT IN SAN FRANCISCO - EM LP, CD & SACD HÍBRIDO



Friday Night in San Francisco, de 1980, um disco tradicional do repertório audiófilo do violão acústico - com três dos maiores expoentes de sua época: o americano Al Di Meola, o espanhol Paco de Lucía e o inglês John McLaughlin - foi apenas o começo!

Em meados de 2022, chegará às lojas sua nunca antes lançada continuação: ***Saturday Night in San Francisco***, a segunda noite do trio na cidade californiana, no Warfield Theater, em 1980, com material inédito, que não foi lançado no primeiro disco.

A Impex promete uma prensagem em 33RPM em seu vinil HQ-180 - além dos formatos digitais - que foi editada a partir das fitas analógicas de 16 pistas por Katsu Naito, mixadas por Roy Hendrickson, e masterizadas pelo célebre Bernie Grundman, sob a coordenação de Al Di Meola na produção. O intuito é garantir um sonoridade e dinâmica que faz jus ao primeiro disco, trazendo a virtuosidade e paixão do violão flamenco-jazz, de um dos discos mais influentes do repertório, e dos mais executados entre os audiófilos.

O selo Impex Records já está fazendo a pré-venda do disco, pela internet, nos EUA. ■



Para mais informações:

Impex Records

www.impexrecords.com/saturday-night-in-san-francisco-preorder-page/

TCL TEM DOIS PRODUTOS HOMENAGEADOS COM O CES 2022 INNOVATION AWARDS



A TCL Electronics anunciou que dois de seus produtos foram homenageados com o CES 2022 Innovation Awards: a TV LED 8K OD Zero Mini X925 PRO venceu o prestigioso “Best of Innovation”, e o aspirador robô Sweeva 6500 levou o prêmio Innovation Awards.

“A TCL está honrada que dois de seus produtos tenham sido escolhidos para o CES 2022 Innovation Awards e agradecemos a Consumer Technology Association (CTA) por este reconhecimento. Este prêmio é uma prova do nosso esforço contínuo para ultrapassar os limites da inovação. Nosso objetivo é sempre trazer a melhor tecnologia possível aos nossos consumidores e estamos ansiosos para mostrá-los na CES 2022, em janeiro”, disse Shaoyong Zhang, CEO da TCL Electronics.

A X925 PRO é a primeira TV com display OD Zero que traz a tecnologia de última geração do Mini LED da TCL. A TV com LED de 85 polegadas oferece alto desempenho de imagem, design ultrafino e qualidade de áudio, combinados com a experiência personalizada do Google TV.

O modelo apresenta resolução de tela em 8K com mais de 33 milhões de pixels, o que traz uma imagem ainda mais brilhante - com quatro vezes mais nitidez que as TVs 4K. Além do desempenho de exibição impressionante, a TCL X9 (X925 PRO) oferece uma experiência de áudio que reverbera no ambiente com poderosos drivers ajustados pela Onkyo, criando um palco sonoro premium com processamento de áudio Dolby Atmos 3D.

Além disso, o outro homenageado, o Sweeva 6500, é o carro-chefe dos aspiradores robôs da TCL. Ele usa a tecnologia de navegação LIDAR para mapear toda a sua casa e limpar em fileiras estreitas, garantindo que nunca se perca um espaço. Com a tecnologia LED UVC, ele esteriliza o chão enquanto varre, matando bactérias e vírus para adicionar outro escudo de proteção sob o piso. ■

Para mais informações:
TCL
www.tcl.com/br/pt

hi-fi *e*xperience
high performance 2D diffuser

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



NOVIDADES

SOM MAIOR TRAZ NOVO AMPLIFICADOR INTEGRADO ROTEL RA-1592 MKII



A marca Rotel existe há sessenta anos presente em todo o mundo em milhares de salas de audição. A Som Maior está lançando uma nova versão do amplificador integrado topo de linha da Rotel, o modelo RA-1592, identificado como RA-1592 MkII.

O Rotel RA-1592 MkII tem sistema de amplificação Classe AB de 200 W/350 W por canal em 8 e em 4 ohms, respectivamente, que pode ser considerada como suficiente para preencher até ambientes relativamente grandes, da ordem de cerca de 30m², com o uso de uma ampla variedade de modelos e marcas de caixas acústicas. As melhorias na sua performance geral em relação ao modelo anterior decorrem de vários upgrades nos seus circuitos principais: seu conversor DAC da Texas Instruments de 384kHz/32 bits, por exemplo, apresenta doze novos capacitores de acoplamento para uma melhor resposta de frequência e tolerâncias ainda menores.

Para servir como a peça central de um sistema estéreo hi-fi, o RA-1592 MkII possui quatro entradas RCA para fontes analógicas, incluindo a entrada Phono para cápsulas MM, duas XLR, três digitais óticas e três coaxiais, saída de pré para um amplificador externo e duas saídas para subwoofer. Ele proporciona compatibilidade com aptX HD e AAC via Bluetooth e áudio de alta resolução com MQA, MQA Studio e PCM de até 384 kHz/32 bits. Além disso, para sua integração a sistemas de automação, ele oferece portas RS-232 e triggers de 12 V. Em termos de acabamento, o RA-1592 MkII está disponível em duas opções de cores: preto ou prata. ■

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br

hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

mark
Levinson™

Nº 5101

STREAMING SACD PLAYER E DAC

@WCVRDESIGN

MERGULHE MAIS FUNDO EM SEU ÁUDIO DIGITAL



Nº 536 - AMPLIFICADOR MONO



Nº 526 - PRÉ-AMPLIFICADOR DUAL-MONO
COM PRÉ DE PHONO E DAC

A Mediagear traz primeiramente esses três modelos da Mark Levinson ao Brasil:

- Nº 5101 - um 3-1 que combina um reprodutor de Super Audio CD, capacidade de transmissão em rede de alta resolução e conversor digital pra analógico (DAC) Precision Link II, que oferece uma reprodução de som incrivelmente realista.
- Nº 536 - um amplificador monobloco Pure Path, com incríveis 400 Watts por canal, que fornece um palco sonoro expansivo e profundo.
- Nº 526 - um pré-amplificador dual-mono que preserva perfeitamente os sinais digitais e analógicos, permitindo que você experimente o verdadeiro caráter de sua música, não importa sua origem.



Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br

(16) 3621.7699

contato@mediagear.com.br

NOVO FONE DE OUVIDO MEZE LIRIC



A empresa romena Meze Audio acaba de lançar modelo magneto planar fechado, que pode ser usado ao ar livre . O Liric (que significa 'lírico' em romeno) é mais compacto do que os precursores Empeyrean e Elite, que são abertos, e vem com um case que cabe facilmente em uma mochila.

A estrutura do Liric é feita de magnésio, com os ajustes de alumínio e com faixa de aço mola, resultando em um peso de 391g. São disponibilizados dois cabos, ambos com plugue de 3,5 mm, com duas metragens diferentes, na caixa.

A faixa da cabeça é envolvida em couro e acolchoada na parte inferior com quatro almofadas posicionadas para permitir o fluxo de ar. Também de couro são as almofadas ovais para melhor ajuste circumaural e melhor isolamento passivo.

O disco de cobre na parte traseira de cada fone é o 'Sistema de Equalização de Pressão' do Liric, para aliviar a pressão da câmara do ouvido interno e adicionar um pouco de ar ao som do fone.

Meze novamente se associou à Rinaro para o desenvolvimento do novo driver MZ4, um array híbrido isodinâmico, simplificado dos

modelo Empeyrean e Elite, que é uma bobina em zigue-zague que cuida das frequências mais baixas e uma bobina em espiral para as frequências médias e altas.

De acordo com o fabricante romeno, a impedância de entrada nominal do Liric é de 30 ohms, sensibilidade de 100dB, e a distorção harmônica menor que 0,15%.

O preço sugerido do Meze Liric é de 2.000 euros, na Europa. ■

Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br

SENNHEISER LANÇA FONE DE OUVIDO HD 400 PRO PARA EDIÇÃO E MIXAGEM



A Sennheiser apresentou no início do mês, o HD 400 Pro, novo fone de ouvido profissional que apresenta design aberto na traseira, para um maior conforto do usuário. O lançamento tem como foco as pessoas que trabalham com mixagem, edição e masterização.

Desenvolvido para entregar som de alta precisão, o modelo circumaural conta com transdutores de 120 ohms, que incluem um diafragma feito a partir da mistura de polímero especial com poderosos ímãs. Ele proporciona graves mais profundos, nítidos e bem definidos, segundo a fabricante, com distorção inferior a 0,05%.

Além disso, a abertura oferece uma melhor propagação natural do som, criando um 'palco sonoro amplo, neutro e transparente', de acordo com a marca alemã. "Graças à sua reprodução linear de alta resolução, esse fone é uma referência confiável para criar mixagens incríveis", apontou o gerente de produto de áudio profissional da Sennheiser, Gunnar Dirks.

Outro destaque do fone Sennheiser HD 400 Pro está nos cabos removíveis - um em espiral e outro reto - facilitando a adaptação a diferentes condições de trabalho. O primeiro tem 3 metros de comprimento e o segundo vem com 1,8 metro, ambos trazendo conector P2 (3,5 mm) e um adaptador para 6,3 mm.

DISPONIBILIDADE

O modelo tem estrutura ultraleve (240 gramas), projetada para uma pressão mínima nas orelhas, garantindo maior conforto para quem passa longas horas no estúdio. Há ainda protetores auriculares de veludo e ventilação garantida pelo design aberto, para que os ouvidos se mantenham frescos durante o trabalho.

Já à venda nos Estados Unidos e na Europa, o Sennheiser HD 400 Pro custa US\$ 249 no território americano - o equivalente a R\$ 1,4 mil pela cotação de hoje, em conversão direta. Ele tem previsão de chegada à loja online da marca no Brasil ainda em dezembro, mas o preço para o mercado nacional não foi divulgado pela fabricante. ■

Para mais informações:
Sennheiser

<https://pt-br.sennheiser.com/hd-400-pro>

SENNHEISER LANÇA CX TW PLUS



Os novos fones de ouvido da Sennheiser oferecem som premium com Cancelamento Ativo de Ruído durante todo o dia.

Quando se trata de uma verdadeira experiência true wireless, qualidade sonora e conforto são essenciais. O novo fone oferece isso e muito mais, proporcionando uma experiência auditiva com Cancelamento Ativo de Ruído. Ele possui interação inteligente ao toque, sem complicação, e um design elegante e confortável para um dia inteiro de uso.

O som dos novos fones de ouvido CX Plus True Wireless, segundo o fabricante, nos leva a um mundo à parte. Isso acontece graças à clareza de seu transdutor TrueResponse, um sistema acústico que traz a tecnologia audiófila para ouvintes do dia a dia. Desenvolvido para a linha premium da marca, este sistema acústico oferece som estéreo de alta fidelidade com graves profundos, médios naturais e agudos nítidos e detalhados.

A função de Cancelamento Ativo de Ruído garante que os ouvintes não percam nenhuma nota, permitindo-lhes experimentar toda a clareza de som sem nenhuma distração - mesmo em ambientes mais ruidosos. Enquanto isso, o recurso Transparent Hearing permite foco nos sons externos, sem a necessidade de remover os

fones de ouvido. Esse recurso é muito útil para que os usuários fiquem mais atentos ao que os rodeia.

VIDA COTIDIANA SIMPLIFICADA

Graças aos controles de toque personalizáveis, toda interação compartilhada com o CX Plus True Wireless pode ser conduzida sem esforço. Os usuários podem até personalizar comandos para garantir que o controle de áudio, chamadas e acesso a assistentes de voz sejam convenientes e intuitivos. Cada fone de ouvido é equipado com um par de microfones duplos que otimiza a fala para chamadas e permite acesso ao assistente de voz, garantindo uma captação de voz extremamente clara. O recurso de uso independente de fones de ouvido permite que os fones de ouvido direito e esquerdo sejam usados individualmente ou como um par.

Outro recurso inteligente, o Smart Pause, foi desenvolvido para acompanhar o ritmo acelerado da vida moderna. Ele pausa automaticamente o áudio quando os fones de ouvido são retirados e retoma a reprodução instantaneamente quando são encaixados de volta. Os fones de ouvido também ligam automaticamente quando removidos do estojo de carregamento e desligam quando guardados. O CX Plus True Wireless também oferece as opções de ▶

conectividade mais recentes para uma experiência de audição de alta tecnologia: compatibilidade com Bluetooth 5.2 e suporte a codec adaptativo SBC, AAC, aptX e aptX para áudio de alta resolução e baixa latência, que sincroniza perfeitamente com conteúdo de vídeo. As conexões Bluetooth podem ser facilmente gerenciadas pelo aplicativo Sennheiser Smart Control, enquanto o equalizador integrado oferece uma experiência de áudio personalizada e uma predefinição de Bass Boost potente.

PROJETADO PARA O DIA TODO

Todos os fones de ouvido True Wireless da Sennheiser foram desenvolvidos a partir de pesquisas recentes. O design elegante e reduzido do CX Plus True Wireless garante uma experiência sonora sem fadiga para um dia inteiro de uso. Os fones de ouvido compactos também se encaixam com segurança no canal auditivo, para que permaneçam no lugar durante o uso em movimento. O conforto ideal é garantido graças à seleção de quatro tamanhos de adaptadores de ouvido de silicone, que adicionam mais isolamento de ruído passivo para complementar o ANC.

Com resistência a respingos classificada como IPX4, os ouvintes podem desfrutar do CX Plus True Wireless onde quer que estejam. E como a vida não para, o fone está pronto para acompanhar o

seu ritmo com bateria de longa duração e caixa de carregamento portátil proporcionando impressionantes 24 horas de reprodução.

O CX Plus True Wireless já está disponível no Brasil, em preto ou branco, no site da empresa. ■



Para mais informações:

Sennheiser

<https://pt-br.sennheiser.com/cx-plus-true-wireless>

AUDIO TECHNICA LANÇA NO BRASIL OS FONES DE OUVIDO ATH-M50XBT2 E ATH-M50XBTMO



Audio-technica ATH-M50xBT2

Os fones de ouvido ATH-M50xBT2 trazem o “som de estúdio” do M50x - com clareza e resposta profunda de graves - para uma boa experiência de audição sem fio. Microfones duplos e tecnologia Beamforming de formação de feixe, fornecem captação vocal excepcional, resultando em chamadas telefônicas cristalinas e comunicação confiável com o assistente de voz integrado do Amazon Alexa.

Baixe o aplicativo A-T Connect para obter maior controle de seus fones de ouvido: ative facilmente o modo de baixa latência, ajuste o Equalizador, altere o equilíbrio do volume L/R (Direito/Esquerdo), selecione o assistente de voz desejado, localize fones de ouvido perdidos, altere codecs e muito mais.

Já a série limitada deste ano, na cor Lantern Glow, está disponível nas duas versões: com Bluetooth de segunda geração (ATH-M50xBT2 ou na versão normal com fio (ATH-M50xBTMO). ■

Para mais informações:

Audio-technica

www.audio-technica.com/pt-br/ath-m50xbt2



HI-END PELO MUNDO



CAIXAS ACÚSTICAS HECO BELLA DONNA

Com uma extensa linha de caixas acústicas, a alemã Heco acaba de lançar uma bookshelf grande. A Bella Donna traz um woofer de 8 polegadas com cone de papel kraft com fibras longas, feito a partir de madeiras nórdicas, com bobina de 32 mm de alumínio banhado a cobre, que garante - segundo a empresa - uma resposta de frequência que desce até 28 Hz. As Bella Donnas trazem também conexões traseiras que podem dar ganho de 2 dB no tweeter de domo de seda. O preço do par de Heco Bella Donnas será de 5.000 euros, na Europa. ■

www.heco-audio.de

AMPLIFICADOR - CD - STREAMER AUDIOLAB OMNIA

A inglesa Audiolab - parte do grupo de empresas que inclui Wharfedale, Quad e Luxman - acaba de lançar um 'tudo-em-um': batizado de Omnia, que é um amplificador integrado com leitor de CD, DAC com chip ESS Sabre (32/768 e DSD), streamer e entrada Phono MM, além das várias entradas necessárias, analógicas e digitais. A amplificação é classe AB com 50 W por canal em 8 ohms. Basta só plugar um toca-discos e um par de caixas acústicas. A estimativa de preço para o Audiolab Omnia é de 1.599 libras, no Reino Unido. ■

www.audiolab.co.uk



AMPLIFICADOR INTEGRADO TECHNICS SU-G700M2

A célebre empresa japonesa Technics - investindo ainda mais em áudio de alta performance - acaba de lançar a nova versão de seu amplificador integrado modelo SU-G700. O novo modelo, um classe D com 70 W por canal, o SUG700M2, traz tecnologias herdadas do integrado topo de linha da empresa (SU-R1000), como o sistema JENO de eliminação de jitter, um sistema de calibragem adaptativa de carga (para o melhor casamento com diferentes caixas acústicas), além de uma entrada Phono para cápsulas MC. O preço estimado do integrado Technics SU-G700M2 é de US\$ 2.600. ■

www.technics.com





PRÉ DE LINHA MCINTOSH C12000 EM DOIS MÓDULOS

A célebre empresa de áudio McIntosh está lançando um novo pré-amplificador topo de linha, o C12000, que é dividido entre dois módulos, isolando a fonte de alimentação da parte de sinal e controles, diminuindo a interferência e ruído e, segundo a empresa, trazendo maior pureza de sinal. O C12000 traz todas as entradas analógicas, RCA e balanceadas, além de duas entradas Phono e uma saída para fones de ouvido. O preço do pré de linha McIntosh C12000 em dois módulos, é estimado em US\$ 16.000, nos EUA.

www.mcintoshlabs.com

POWER ESTÉREO PERFORMER S1200 DA SPL

A SPL é uma marca alemã de pro-áudio, famosa por seus amplificadores de fones de ouvido, conceituados no mercado hi-end, que agora está adicionando à sua linha um modelo de amplificador de potência estéreo topo de linha. O Performer s1200 é um power classe AB com fonte de alimentação linear, que provê 300 W por canal em 8 ohms, e 500 W em 4 ohms, com entradas tanto RCA quanto XLR, e que é disponibilizado nas cores preto, prata ou vermelho. O preço do power SPL Performer s1200 é de 6.499 euros, na Europa.

www.spl.audio/en/



PÉS DE ISOLAMENTO ULTRA FEET LEVEL 6 DA BASSOCONTINUO

A italiana Bassocontinuo, uma especialista em suportes, pedestais, racks e isoladores, para sistemas de som, está lançando seus pés Ultra Feet Level 6 (sendo o Level 6 o 'nível' mais alto, para o maior peso) para caixas acústicas torre, feitos com termoplástico Torlon e o isolador Teflon, que absorvem a energia das vibrações e as dispersam em forma de calor. Os Ultra Feet são feitos para suportar, o jogo de quatro, caixas acústicas de 20 à 100kg cada uma. O preço do Ultra Feet Level 6 ainda não foi divulgado.

www.bassocontinuo.biz





RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Gold Note IS-1000 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.276
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Boulder 866 - 97 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.280
Hegel H390 - 97 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.269

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Gold Note PH-1000 - 109 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.278
Luxman EQ-500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.272

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.262
Streamer Gold Note DS-10 Plus (com o PSU-EVO) - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.277
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.250

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.186
Timeless Audio Ceres - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed.269

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

ZYX Ultimate Omega Gold - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 278
Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Estelon XB Diamond MKII - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.279
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.176

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynamiq Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamiq Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynamiq Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CZXTBQPXMPC](https://www.youtube.com/watch?v=CZXTBQPXMPC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5G0O6P2QM04](https://www.youtube.com/watch?v=5G0O6P2QM04)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FUEO0E-RFGG](https://www.youtube.com/watch?v=FUEO0E-RFGG)



AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Começar o teste lembrando do quanto os amplificadores integrados evoluíram nessa última década, é como chover no molhado! Ainda assim, é preciso.

Pois muitos leitores são céticos, e muitos outros que estão apenas iniciando sua jornada, são bombardeados com tantas informações desencontradas, que vale a pena lembrá-los (ou seria alertá-los?), que um bom integrado pode fazer sua felicidade vir muito antes do que ele esperava.

Eu, assim como das caixas bookshelf, sou fã de integrados. Afinal aprendi, na prática, que em muitas situações o menos pode ser realmente mais. E em todas as oportunidades que tenho em minhas consultorias, de indicar integrados, eu não hesito um segundo!

E não pensem que minha tentativa de convencimento seja o velho e surrado tema de 'menos um cabo de força e um cabo de interconexão' (ainda que tanto para o bolso, quanto para a instalação, seja

um consistente argumento), e sim pelo fato de que muitos integrados de ponta irão atender perfeitamente, seja o iniciante, como o audiófilo rodado.

Basta uma consulta ao nosso top five para observar o nível de pontuação dos mais recentes integrados, e fazer uma conta rápida 'de padaria', para perceber o quanto se torna imbatível a relação custo/performance de um integrado, versus um pré e power.

Eu não gosto de profetizar, mas tenho a convicção de que a barreira dos 100 pontos para os integrados esteja bem perto de ser quebrada. E quando isso ocorrer, ficará ainda mais difícil defender os prés e powers até 100 pontos de que sejam uma melhor solução.

O integrado Boulder 866 é um excelente integrado, e antes de descrevê-lo, gostaria de lembrar a todos os nossos leitores, que assim como todos os prés e powers Estado da Arte possuem sua assinatura sônica, o mesmo obviamente ocorre também com os ►



integrados Estado da Arte. E descobrir se essa 'assinatura' lhe agrada e é o que você procura, é essencial ouvir antes de sair gastando seu suado dinheiro.

Aqui tentamos, de forma exaustiva e minuciosa, mostrar o que observamos ao colocar o produto em teste com o maior número de equipamentos disponível naquele momento, e fechar a pontuação apenas quando ele é confrontado com o nosso Sistema de Referência.

O que percebi ao longo destes últimos três anos, é que os fabricantes de integrados de ponta estão optando por entregar ao consumidor pacotes completos com DAC, Streamer e alguns até com pré de phono. Vejo nessa estratégia dois lados: o bom é de facilitar a vida do consumidor, e o ruim é os recursos não estarem no mesmo nível de performance. Então é preciso avaliar criteriosamente as notas separadas (como amplificador, DAC, Streamer, etc.), para ver se atendem a suas expectativas.

Ou simplesmente (se for possível), comprar apenas o integrado pelo seu nível de performance.

Deste fabricante, testamos apenas o primeiro integrado, já fora de linha há um bom tempo, e o pré de phono 508 que tive como minha referência por três anos. E, claro, ouvi em alguns eventos e na casa de leitores, alguns prés e powers.

A Boulder é conhecida e reconhecida por ser uma empresa 'verticalizada', que procura ter domínio integral em todas as etapas de produção, e que não abre mão de pesquisar 'fora da caixinha' para desenvolver soluções que fogem à regra (um exemplo: seus DACs).

O 866 é um classe AB, com streaming, DAC (opcional), com três entradas analógicas XLR, entradas digitais Ethernet, USB (4), AES/EBU, Toslink e Wi-Fi. Seu DAC aceita PCM até 32/384, e DSD até 128. Todos os arquivos são submetidos a upsampling e oversampling à 192 kHz. A potência máxima contínua de saída é de 200Watts em 8 ohms, e 400Watts em 4 ohms. com potência de pico de 700 Watts em 2 ohms. Com peso de 24.5kg, é todo feito em alumínio anodizado prateado.

Seu design é totalmente diferenciado, com sua frente chanfrada que permite uma visão de sua grande tela até 10 metros de distância. Seu painel, tirando a tela à direita, é bastante minimalista, com apenas quatro botões grandes (que possuem a função de: aumentar e diminuir o volume, mute e standby/ligado).

No painel traseiro, temos as três entradas analógicas, todas XLR - o que pode ser um problema para os que tem um pré de phono RCA, que neste caso terão que usar um adaptador RCA para XLR, e a própria Boulder tem esses adaptadores (o meu 508 veio inclusive com um par) - os terminais de caixa tipo borboleta e o arsenal de entradas digitais na versão com DAC ao centro do painel.

Segundo o fabricante, o 866 tem a mesma técnica de aterramento que existe no seu power top de linha, o 3050, e que essa implementação faz toda a diferença na performance final.

Quanto ao chip utilizado no DAC, a Boulder fala muito pouco e sem nenhuma pista de como seja produzido. A única informação disponível que tivemos é que: "Em vez de deixar o DAC fazer a computação, fazemos nossa própria matemática DSP e, em seguida, alimentamos esses dados para o chip DAC. Sempre enviamos o ▶


estelon



ESTELON YB

MAIS UMA OBRA DE ARTE, NA PERFORMANCE E NA BELEZA DAS LINHAS,
APRESENTADA PELA GERMAN AUDIO AOS AMANTES DA MÚSICA, NO BRASIL.

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

mesmo tipo de dados para o DAC, independentemente do tipo de arquivo que esteja sendo usado. Se existisse um chip DAC superior à nossa solução, usaríamos ele - mas ainda não encontramos um que suporte a reprodução de DSD 64 e 128”.

Para instalar o Roon, e o próprio programa da Boulder para Streamer, contei com a ajuda do Heber da Ferrari. E depois de tudo devidamente ligado, foi só colocá-lo para amaciamento.

O arsenal de caixas que pudemos colocar com o Boulder foi realmente grande: JBL Classic 82, Elipson Legacy 3210, Elac Reference Debut 52, Estelon YB, e Wilson Sasha DAW. Para avaliar o DAC, utilizei o transporte da Nagra CD, através do cabo AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable. Os cabos de caixa foram: o Virtual Reality Trançado, o Oyaide Across 3000 B, e o Apex da Dynamique Audio. Cabos de força: Quintessence Aniversário da Sunrise Lab, e Transparent PowerLink MM2. Pré de phono: Gold Note PH-1000. Cabos de interconexão: Dynamique Apex, e Sunrise Lab Quintessence XLR.

Como todos os integrados que disponibilizam ‘pacotes’ as notas serão, na conclusão, separadas, na tentativa de ajudar o nosso leitor a entender o nível de cada proposta.

O Boulder necessita de pelo menos 200 horas de queima, para o amplificador, o DAC e o Streamer. Sua sonoridade irá mudar sutilmente do instante que é acionado, até a queima final. O que muda de forma audível é a qualidade do soundstage (largura, altura e profundidade) e o corpo harmônico. Em termos de equilíbrio tonal, transientes, textura, micro e macro, ele já sai tocando em excelente nível. O que é bom para o usuário já ir de cara aproveitando suas virtudes!

Antes de descrever suas qualidades, em todos os quesitos da Metodologia, o que mais chama a atenção é sua ‘autoridade’ em dirigir qualquer uma das caixas que tínhamos à disposição. Ele realmente possui folga suficiente, permitindo mesmo em passagens complexas com grande variação dinâmica que o ouvinte não perca o fio da meada. O que o coloca naquele grupo de integrados que não teme grandes desafios e nem tampouco escolhe gêneros musicais em que se sairá melhor.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, com excelente extensão nas duas pontas, com arejamento nas altas suficiente para nos mostrar detalhes de ambiências e decaimentos corretos. Os graves possuem fundação precisa nas fundamentais, com bom corpo e deslocamento de ar. A região média é bastante transparente sem, no entanto, jogar mais luz que o que foi captado e mixado.

Ou seja, nada de pirotecnia onde não foi colocado.

Ele me lembrou muito a assinatura sônica do pré de phono, pelo seu grau de acerto no equilíbrio, entre neutralidade e transparência.

Seu soundstage, em termos de largura, altura e profundidade, é muito bom, principalmente em gravações de música clássica, em que os planos são retratados de maneira correta com bom foco e recorte. O silêncio de fundo certamente ajuda na composição desta ‘imagem’ sonora.

As texturas serão muito dependentes do sistema ligado a ele e, principalmente, das caixas e dos cabos. Gostei mais das texturas quando o 866 estava ligado às Elac e às JBL (das caixas mais de entrada) do que com a Elipson. E com o cabo Trançado de caixa da Virtual Reality.

Já com a Estelon YB e a Sasha DAW, as texturas estavam muito mais próximas do que escuto em nosso Sistema de Referência - se bem que é totalmente injusta essa comparação em termos de preço e performance, e faço apenas para que o leitor tenha a ideia do que o Boulder deverá ter como um par de caixas, em que o equilíbrio tonal seja mais para o neutro quente.

A resposta de transientes é espetacular! Todos os exemplos que utilizamos para fechar as notas deste quesito, o 866 passou com total mérito. O amante de ritmo/tempo irá se esbaldar com a performance deste integrado!

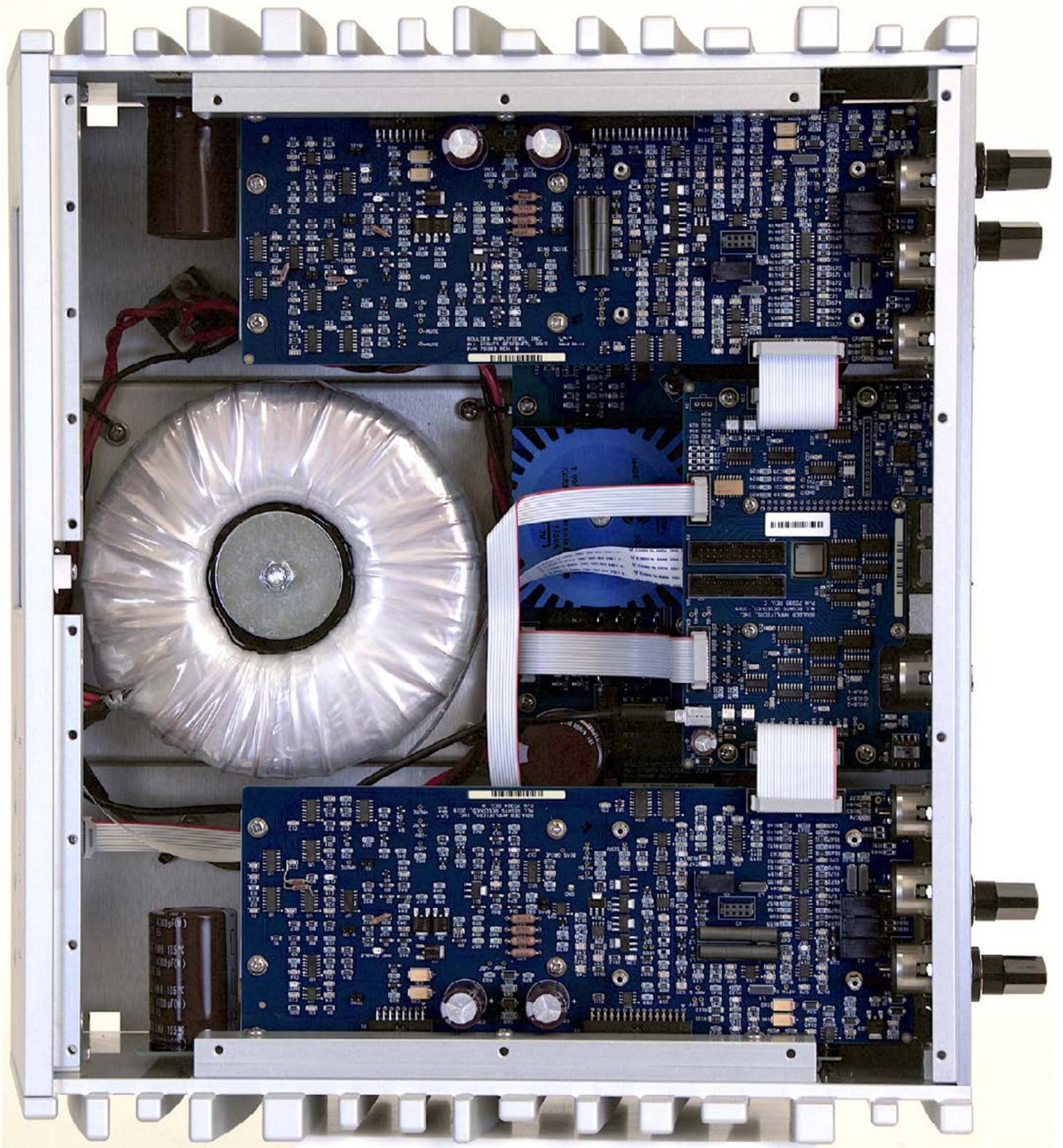
A dinâmica também foi de alto nível. Tanto a microdinâmica (aqui novamente mérito do silêncio de fundo), como a macro, graças a sua excelente folga e autoridade sobre as caixas utilizadas.

No quesito corpo harmônico, o comprador deste integrado terá que ter paciência e aguardar a queima total, pois nas primeiras 200 horas ele irá soar um pouco magro. Mas, depois de queimado, ele ganha corpo e as diferenças entre os instrumentos em termos de tamanho se revelam muito boas. Os melhores exemplos para saber que o corpo harmônico chegou lá, são gravações de piano solo e duos de contrabaixo e celo. Esses exemplos, quando bem captados, são matadores para se tirar a prova dos nove deste quesito. Claro que o ideal para avaliação de corpo harmônico será o uso de colunas e não de caixas bookshelf. Ainda que em boas bookshelves, este quesito tenha nos últimos anos melhorado significativamente.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), quando utilizamos o analógico e o digital de referência, foi uma ‘pêra doce’! Mostrando que o integrado realmente é um excelente Estado da Arte.

E, por fim, a musicalidade dependerá mais dos seus pares (fontes analógica e digital), cabos e caixas. Minha dica: parceiros que primam pelo melhor equilíbrio possível entre neutralidade e naturalidade.

Como DAC, foi uma grande surpresa ver que se encontra no mesmo nível do amplificador. Gostei muito da forma com que o DAC ►



interno codifica o sinal, de maneira limpa, equilibrada, sem pirotecnia, ainda que todo o sinal passe por upsampling. Comparando com o nosso DAC de referência, o que falta ao DAC interno do 866 é uma maior folga e realismo. É ainda audível aquela 'digitalização' inerente nos DACs mais modestos, mas sem comprometer o prazer em ouvir a música. E vale a pena lembrar que falamos novamente de um comparativo desproporcional em termos de preço e performance. E que só fazemos para poder pontuar o produto em teste de maneira correta e justa!

Quanto ao Streamer, ele se encontra em um degrau abaixo do DAC, mas ainda assim - quando ligado à rede e não wi-fi - é muito bom. Minhas restrições, como todo Streamer, são em relação ao soundstage, que sempre é menos profundo do que deveria. E o corpo harmônico é sempre menor. Mas não pensem que os outros integrados tenham descoberto a solução para o problema.

CONCLUSÃO

O Boulder 866 é uma das melhores soluções de integrados atuais. Feito por um fabricante com grande experiência em produtos de ponta, e que disponibiliza uma solução integrada para quem necessita de 'tudo em um'. Se você se enquadra nesse perfil, minha sugestão é que você o ouça em seu sistema. ■

PONTOS POSITIVOS

Um integrado de alto nível de construção e performance.

PONTOS NEGATIVOS

Somente entradas XLR.



Entradas	3 pares balanceados analógicos XLR
Entradas digitais	Ethernet, USB x 4, AES3 (adaptável para S/PDIF), Toslink (ótica), WiFi
Saídas	Bornes de 6 mm
Potência Contínua em 8 OHMS	200 W por canal
Potência de Pico em 8 OHMS	250 W por canal
Potência Contínua em 4 OHMS	400 W por canal
Potência de Pico em 4 OHMS	400 W por canal
Potência de Pico em 2 OHMS	700 W por canal
Distorção harmônica total	0.01%
Impedância de entrada	100 kOhms, balanceada
Ganho analógico máximo:	40.4 dB
Resposta de frequência	0.015 Hz - 150 kHz
Resposta de frequência em -3dB	20-20.000 Hz (0.00, -0.04 dB)
Alimentação	100V, 120V, 240V (50-60 Hz)
Consumo	1.000 W max
Dimensões (L x A x P)	44 x 19 x 39 cm
Peso	24.5 kg
Dimensões embalado (L x A x P)	61 x 36 x 59 cm
Peso embalado	29 kg

AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866 (COMO STREAMER)

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	10,0
Textura	11,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	11,0
Total	84,0

AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866 (COMO DAC)

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	13,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,0
Total	96,0

AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866 (COMO INTEGRADO)

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	13,0
Dinâmica	11,5
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,5
Total	97,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

Ferrari Technologies
www.ferraritechnologies.com.br
 (11) 99471.1477

Boulder 866 sem Streaming DAC
 US\$ 20.400
Boulder 866 com Streaming DAC
 US\$ 23.000

ESTADO DA ARTE



TESTE

1

FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OFPCRCR3IBC](https://www.youtube.com/watch?v=OFPCRCR3IBC)



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH EDIFIER X5

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Edifier lançou X5 no início de 2021, após o sucesso obtido com o X3, que entregava ótimo custo/benefício, entre boa qualidade sonora e tecnologia. No X5 a Edifier voltou-se ainda mais para a qualidade sonora, e mesmo mantendo o Bluetooth 5.0, houve melhora na sonoridade, e tratou de fechar algumas lacunas do projeto anterior, como comandos sensíveis ao toque e microfone interno com cancelamento de ruído externo em cada fone (com este recurso, pode-se atender chamadas com um ou com os dois fones), certificação IP55 que atesta a resistência à poeira e chuva leve, bateria para até seis horas de audição, e o estojo com entrada USB-C e bateria de 500mAh para até 21 horas de reprodução, além do tão bem-vindo manual em português.

Com o X5, a Edifier dá aos amantes de atividades físicas mais uma boa opção. Com seu design mais alongado na extremidade inferior, o fone se mantém estável no ouvido mesmo em movimentos bruscos.

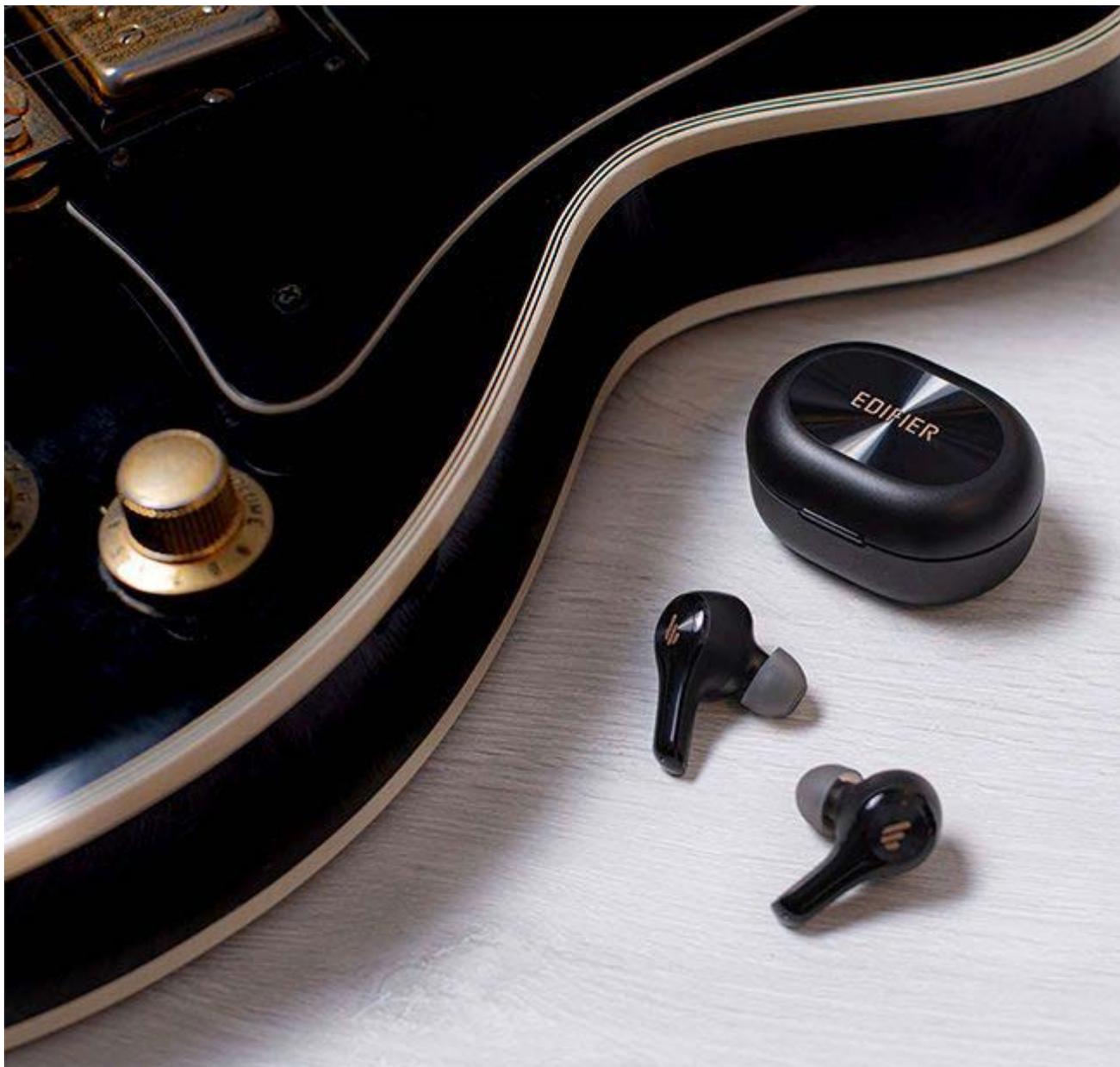
Para aproveitar este espaço extra, o microfone foi alocado nesta extremidade final, ficando mais próximo da boca, acrescente os três tamanhos de abafadores em silicone, e o X5 está pronto para te acompanhar na academia, corridas ou pedaladas por aí.

O Edifier X5 vem embalado em uma caixa minimalista, e dentro dela encontramos o estojo e os fones acomodados em um molde plástico, e na parte de baixo do molde temos o manual, cabo USB-C e os abafadores em silicone. Por falar neles, os abafadores oferecem boa isolamento do mundo exterior, trazendo conforto em audições prolongadas.

COMO TOCA

Para o teste, utilizamos o Astell & Kern modelo KANN, e os smartphones Samsung S10 Plus e iPhone 8 Plus.

O emparelhamento é muito fácil e intuitivo, é só manter o dedo sob o logó Edifier no fone por três segundos para Bluetooth, ou ►



toque duas vezes para TWS (stereo). Atente-se para o dispositivo emparelhado, se ele mostra os dois fones R e L. Para limpar os registros de emparelhamento, segure por oito segundos.

O amaciamento não trouxe grandes mudanças - o fone ganha um pouco mais de extensão nos extremos, mas fora isso quase não há alterações. Com o X5, as músicas soam rápidas, com bom nível de suavidade, e médios claros com boa inteligibilidade. Os dois extremos são menos pronunciados que a região média, porém estão dentro do esperado, e os graves não embolam e nem tentam te enganar produzindo graves falsos, tentando descer mais do que o fone pode suportar - e isso é uma coisa boa, pois não inventa subgraves que não existem e, com isto, o fone não fica restrito à música pop

e ritmos jovens. Não tem coisa pior que estar ouvindo estilos musicais com ótimos arranjos e aquele grave borrando a música inteira. Juntamente com os agudos na mesma medida, o fone entrega bom equilíbrio tonal e texturas que surpreendem para seu preço.

CONCLUSÃO

Ouvindo Hotel California (Eagles), Amy Winehouse, Pantera, ou um ótimo Reggae do Gregory Isaacs, percebe-se que o fone não te faz refém de poucos estilos musicais, tudo isso graças ao seu equilíbrio tonal que não favorece graves e agudos. Acrescente a tecnologia embarcada e seu ótimo preço, e temos no Edifier X5 um excelente companheiro para todos os dias. ■

Características	<p>Bluetooth aptX fornece áudio de alta definição para streaming de música</p> <p>O cancelamento de ruído de microfone duplo cVc garante a clareza da conversa</p> <p>6 horas de tempo de reprodução por carga, e 21 horas no total com o estojo de carregamento incluído</p> <p>Classificação IP55 resistente à poeira e água, para mais cenários ao ar livre</p> <p>O controle de toque inteligente permite uma operação fácil com um toque suave</p> <p>Bluetooth V5.0 melhora a estabilidade da transmissão e expande a distância efetiva</p> <p>Tecnologia de baixa latência para uma experiência de jogo mais emocionante</p> <p>O design ergonômico de encaixe no canal garante um uso estável e confortável.</p>
Versão Bluetooth	v5.0
Perfil Bluetooth	A2DP, AVRCP, HFP, HSP
Codec	SBC, aptX
Distância efetiva	10m
Porta de carregamento	USB tipo C
Tempo de reprodução	Cerca de 6 horas (fones de ouvido) + 15 horas (estojo de carregamento)
Tempo de carregamento	Cerca de 1,5 horas (fones de ouvido) + 2 horas (estojo de carregamento)
Entrada de energia	5V (fones de ouvido), 5V (estojo de carregamento)
Resposta de frequência	20Hz-20kHz
SPL	95dB (+/- 3dB)
Compatível com	Android, iPhone, Windows 10, IOS
Recursos	aptX, Bluetooth, Microfone, cVc, Cancelamento de Ruído

PONTOS POSITIVOS

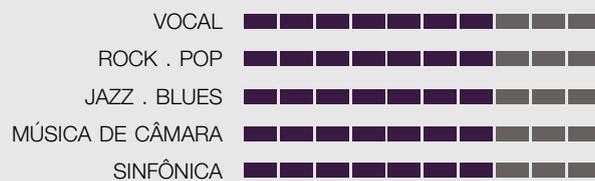
Fácil de parear com outros aparelhos. Ótima autonomia da bateria. Confortável.

PONTOS NEGATIVOS

Não há.

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH EDIFIER X5

Conforto Auditivo	6,0
Ergonomia / Construção	6,0
Equilíbrio Tonal	7,0
Textura	7,0
Transientes	7,5
Dinâmica	7,5
Organicidade	7,5
Musicalidade	7,5
Total	56,0



Edifier
www.edifier.com.br
R\$ 249

PRATA
RECOMENDADO



EDIÇÃO ESPECIAL

MELHORES DO ANO

2021

224 PÁGINAS

CONHEÇA OS 54 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2021



NESTE ANO, VINTE E CINCO PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, DEZ RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!





METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte Superlativo, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 28 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 12 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes.



ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

Produtos Estado da Arte que receberam mais de 100 pontos. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AV MAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONES DE OUVIDO

HEADPHONE EDIFIER W800BT PLUS

Juan Lourenço



A fabricante chinesa de produtos de áudio Edifier, lançou este ano uma atualização para o seu fone W800BT, que passa se chamar W800BT Plus, dando continuidade ao ótimo trabalho realizado no W800.

A Edifier vem comendo pelas beiradas, e abocanhando uma fatia do mercado de fones de entrada, antes pertencente a JBL e Sony. Não é nada difícil encontrar os modelos Edifier pelas ruas e metrô, etc. A marca acertou tão bem no design, que acabou sendo vítima do seu próprio sucesso, sendo copiada em muitos modelos encontrados em lojinhas e shoppings populares, fenômeno antes visto apenas com as marcas mais badaladas do mercado.

Não é novidade alguma que os produtos Edifier sempre tiveram uma qualidade acima da média entre seus concorrentes alvo. Seus kits de caixas para computador com subwoofer, caixas wireless e fones de ouvido, são produtos que agregam design e preço competitivo numa faixa específica do mercado. Para brigar no topo juntamente com marcas que são referência mundial, a Edifier jogou

pesado, adquirindo o sonho de consumo de nove entre dez amantes de fones de ouvido: a japonesa Stax, o 'santo graal' em fones hi-end. Se alguém tinha alguma dúvida sobre a seriedade e competência dessa empresa chinesa, cai por terra aqui.

Voltando a falar do W800BT Plus, trata-se de um fone Wireless Bluetooth com drivers de 40 mm, chip Qualcomm AptX e Bluetooth 5.1, bateria para até 55 horas de uso, carga completa da bateria em até três horas, além do novíssimo App Edifier connect - nele você pode parear o fone, ligar e desligar, consultar manual, acessar o equalizador ou utilizar os modos pré definidos e até utilizar o App como controlador de alguns serviços de streaming de música.

O fone é construído em ABS para ser leve, possui boa robustez, é resistente a riscos e arranhões, as espumas das conchas têm boa memória e são revestidas com couro sintético de toque macio, e o mesmo material é encontrado no arco, melhorando o conforto em longas horas de audição. ▶

Na concha direita fica um grande botão que liga/desliga e também sincroniza o fone - este mesmo botão dá play/pausa - e os controles de volume, que também mudam as faixas das músicas, além da entrada USB-C anterior para carregamento da bateria uma importante evolução para o modelo. Na concha esquerda, apenas a entrada para cabo de fone do tipo 3.5 mm, o popular P2.

A embalagem é feita em papel cartão de qualidade, com blister que acomoda o fone e os cabos e manual na parte de baixo.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell & Kern modelo KANN, smartphones Samsung S10 plus, e iPhone 8 Plus.

O fone W800BT Plus precisa de 150h para tocar plenamente. A característica sonora que mais chama atenção é que não tem uma região privilegiada, não sobressaem os médios, nem qualquer outra região, mesmo. O palco sonoro não decepciona, embora os músicos estejam sempre muito próximos, o foco compensa esta característica - e, por sinal, é um foco muito bom!

As extensões são boas, e os decaimentos honestos. Se os transientes tivessem mais velocidade, com certeza seria bem-vindo. Não há excesso de graves, que é um erro bastante comum em fones nesta faixa de preço, que tentam compensar falta de clareza nas altas com um grave retumbante que bagunça tudo. O W800BT Plus não comete este erro, o que considero um grande feito! Graças a este tipo de cuidado, é possível ouvir Dianne Reeves com boa inteligibilidade e sem fadiga. Quando partimos para estilos musicais mais pesados, como rap e rock, este equilíbrio nos graves ajuda muito a ouvir o disco inteiro e não apenas algumas músicas. É claro que este grave não é perfeito, falta um pouco de textura e extensão para que este grave 'escorregue' e mostre os harmônicos de forma progressiva. Sinto falta desta extensão nas frequências altas, mas poderia ser pior, poderia ter frequências altas cheias de brilho, grave apagado e médio saltando no colo - só que não, todo o espectro audível está com a mesma presença, o que é muito bom.

O conforto é um fato bem positivo. Como não há muitas partes metálicas, o peso total do fone ficou baixo, a pressão das conchas também é muito boa, dá para ouvir música por horas sem sentir-se apertado, graças à boa memória das espumas ao redor das conchas, que também garantem um bom isolamento interno e não esquentam muito as orelhas.

Quando ouvimos o W800BT Plus por cabo, a sua boa eficiência e sensibilidade torna a tarefa dos celulares mais fáceis na hora de empurrar o fone. Não há qualquer esforço para reproduzir partes complexas na música que, com certeza, sofreriam com outros fones. Sei que o wireless é uma conveniência e tanto, mas por cabo ouvem-se mais detalhes e o fone assume uma postura mais relaxada.



CONCLUSÃO

A Edifier manteve o bom desempenho do W800BT e nesta versão Plus fez importantes atualizações como o novo chip Qualcomm, entrada USB-C e, mantendo a sonoridade, design já consagrado e a leveza do fone. É, sem dúvida, uma excelente opção para quem curte música sem maiores preocupações. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XHBLTMDUZO](https://www.youtube.com/watch?v=XHBLTMDUZO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=9XAADFOMMAK](https://www.youtube.com/watch?v=9XAADFOMMAK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3QL6RCFURZO](https://www.youtube.com/watch?v=3QL6RCFURZO)

AVMAG #278

Edifier
contato@edifier.com.br
(11) 5033.5100
R\$ 289

NOTA: 57,0



PRATA REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO JBL LIVE FREE NC+ TWS

Juan Lourenço



Em 2021, a JBL completa 75 anos de muito sucesso e estilo, e para comemorar a empresa realizou um evento online para seus revendedores e para a imprensa especializada, detalhando seus próximos passos para continuar líder no mercado de fones de ouvido TWS. Além de detalhar toda a parte de marketing e vendas, o evento contou com o pessoal técnico que deu ótimas explicações sobre as linhas de fone, explicando o funcionamento de muitas das tecnologias embarcadas, o lado humano dos colaboradores - alguns deles músicos - que contribuíram para o acerto na sonoridade JBL e, o foco na experiência do usuário.

Uma das estrelas dessa live pela Internet foi o JBL Live Free NC+, um fone de ouvido true wireless com cancelamento de ruído ativo, ele possui 21 horas de bateria (7 horas do fone e mais 14 horas do case) com indicativo de carga da bateria e carregamento por USB-C, carregamento sem fio no padrão Qi, as tecnologia SmartAmbient, Ambient Aware e TalkThru (para permitir a passagem de sons externos durante conversas e em ambientes abertos), certificação IPX7 que garante ser resistente a chuva fraca e suor, e é compatível com Alexa e Google Assistente.

O Live Free NC+ foi lançado o ano passado, sendo um dos primeiros modelos da nova geração de fones TWS (True Wireless Stereo) da JBL, continuando em linha logo abaixo do Club PRO TWS. As cores disponíveis são: preta, azul, branca e rosé - cores vibrantes, mas sem aquele exagero dando um toque de sofisticação ao produto.

COMO TOCA

Utilizamos o Astell & Kern modelo KANN, e os celulares Samsung S10+ e iPhone 8 Plus.

O fone Live Free NC+ se encaixa muito bem no ouvido, e para o meu caso preferi utilizar o abafador de silicone pequeno, mantendo o fone firme sem escorregar. A conectividade com os celulares mantém o padrão ótimo da marca, o pareamento é super fácil - bastando abrir a tampa do case para iniciar. Após o período de acomodação, quem assumiu o comando foi o DAP Astell & Kern KANN, começamos as audições com Norah Jones passamos por Dominique Fils-Aimè, e seguimos por Eagles até chegar no hip-hop - percebe-se que o fone tem bom desempenho, seus graves não soam exagerados como em muitos casos em que tentam dar ao fone um grave de concha, nada disto: ▶



os graves possuem peso, mas não ficam te lembrando que estão ali como um luz vermelha piscando. Nestes fones, a região média é sempre a protagonista e aqui não é diferente, e as vozes ficam levemente destacadas. A JBL tomou cuidado em não ressaltar demais os médios e agudos. Há um bom equilíbrio entre os dois, o que resulta em uma boa abertura sem fatigar. O Live Free não soa exagerado em nenhum estilo musical selecionado, não tem excessos - talvez quem procure algo turbinado não se encante pelo fone, mas nada que uma passada no App JBL Headphone, na sessão de equalização, não resolva. Outra característica interessante: sua vivacidade, as músicas soam pulsantes rápidas e com bastante entusiasmo, e o cancelamento de ruído funciona com excelência ajudando a se concentrar apenas na música.

CONCLUSÃO

O Live Free NC+ vai na mesma direção do Club PRO + TWS, um pouco menos revelador, mas com a mesma essência. Sua ergonomia

e clareza equilibrada, aliada ao cancelamento de ruído ativo, ajudam muito na inteligibilidade da música, e as 14 horas de bateria do case dão conta da diversão o dia inteiro. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-4LFAOB5N7E](https://www.youtube.com/watch?v=-4LFAOB5N7E)

AVMAG #279
JBL
www.jbl.com.br
R\$ 869

NOTA: 57,5



PRATA REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH JBL CLUB PRO+ TWS

Juan Lourenço



A JBL, líder mundial em fones de ouvido e caixas de som Bluetooth, nos cedeu para avaliação o seu novo fone intra-auricular Club Pro+ TWS (True Wireless Stereo), um fone de ouvido Bluetooth Premium com cancelamento de ruído adaptativo, que promete entre outras coisas um som refinado e mais audiófilo.

O fone vem recheado de novidades, e algumas delas são muito aguardadas desde o Live300 TWS, como duração da bateria de até 32 horas de uso, carregamento sem fio e drives de 6,8 mm. A certificação IPX é de classe 4, resistente a gotas d'água (chuva fina) e suor, uma classificação menor que a do Live 300 TWS, mas que na prática não muda nada entre os dois fones em termos de proteção contra líquidos, até porque aqui o foco é na qualidade da reprodução musical, o que sempre aumenta bastante os custos.

O Club Pro+ TWS possui Bluetooth 5.1 e drivers de 6.8 mm com resposta de frequência de 10 Hz a 20 kHz, dando uma boa folga para lidar com todas as frequências. Possui interação com os

assistentes pessoais Alexa, Siri e outros. A bateria do fone possui 55 mAh e dura até 8 horas de reprodução contínua, já o case possui 660 mAh e mais 24 horas de bateria. Mesmo com esta boa potência, o case é bastante leve, e não incomoda carregá-lo.

A embalagem externa é feita em papel cartão com ótima impressão, padrão que já estamos acostumados com a JBL. É pequena e resistente, e dentro dela encontramos o case com o fone, cabo USB tipo C (não acompanha carregador) e adaptadores feitos em silicone que se ajustam ao ouvido nos tamanhos P M G, além do manual de instruções e encartes.

O case tem ótima sensação ao toque, não escorrega e nem fica grudando no bolso da calça quando requisitado. A espessura do material me parece mais confiável que no Live 300, que passa uma sensação oposta. O carregamento também é mais rápido e o LED indicador não agride os olhos. Uma coisa bacana é o modo de pareamento: basta abrir o case que aparecerá o fone no seu celular ou dispositivo de

reprodução. O pareamento aconteceu de primeira em todos os aparelhos que tentei.

O app My JBL, disponível nas principais lojas de apps, é muito fácil de usar e conta com vários ajustes pré configurados, o que facilita muito na hora de ajustar o som.

A configuração dos assistentes pessoais, como Siri, Google Assistente e Alexa, são bastante intuitivos também, não há o que errar. Atender e efetuar chamadas telefônicas também é super fácil - os três microfones embutidos cancelam o ruído externo melhorando a clareza na voz e o entendimento da dicção, tornando as conversas ainda mais agradáveis.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos celulares Samsung S10+ e Apple iPhone 8, e DAP Astell & Kern modelo KANN.

Por ser um fone mais refinado, exige do proprietário um pouco mais de paciência com o amaciamento - ele toca levemente engessado e duro no início. Após 50 horas ele estabiliza, e então se pode desfrutar de todo o seu potencial.

Ele realmente se mostra melhor na execução de músicas mais complexas, como Jazz, blues, bossa nova e música de câmara, que o Live 300, evidenciando sua qualidade. Não chega a ser um salto, mas é perceptível. Esta superioridade também se traduz em uma maior compatibilidade com estilos musicais mais agressivos, como rock e hip-hop. Seu grave é vigoroso sem ser exagerado. Aliás, ele não soa nada exagerado neste quesito, privilegia um pouco a região média, como a maioria dos fones fazem.

Para quem está acostumado com 'somzão', 'gravão' e tudo 'ão', este fone pode não agradar, embora seu desenvolvimento tenha sido observado por DJs. Inclusive, no app My JBL tem equalizações personalizadas por Armin Van, Ryan Marciano, Sunnery James e outros - tiveram a sensibilidade de não dar ênfase a um estilo musical ou outro. Ele é mais equilibrado e flat que o normal para este estilo de fone, até para a JBL.

Agradou-me bastante utilizá-lo no dia a dia, é confortável e não fica caindo frequentemente da orelha. Os sistemas Talkthru para volume baixo em ambientes quietos e Ambient Aware para ambientes mais ruidosos, ajudam bastante a equilibrar as audições de acordo com o ambiente, e o cancelamento de ruído adaptativo fecha com chave de ouro.

Não diria que o Club Pro+ é discreto - seu tamanho não permite. Talvez os projetistas não tivessem opção para abrigar drivers de 6,8 mm e uma bateria tão potente, ainda sim fizeram um ótimo trabalho com as formas e a cor preta, sendo possível passar despercebido na orelha.

CONCLUSÃO

Os smartphones são bons pares para o JBL Club Pro+. Ele meio que ignora um pouco das deficiências dos celulares, e isto é um grande trunfo. Mas quando acompanhado de uma boa fonte, ele realmente brilha mostrando melhor seu refinamento e beleza nos timbres. É incrível que, mesmo por Bluetooth, uma boa fonte faz toda a diferença, talvez não seja a intenção da maioria dos futuros compradores carregar mais um aparelho na mochila, muito embora os DAPs estejam em alta, mas se quer extrair mais qualidade de suas músicas com o JBL Club Pro+ TWS, ele te permite ir além. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D-10RJRO1UQ](https://www.youtube.com/watch?v=D-10RJRO1UQ)

AVMAG #274
JBL
www.jbl.com.br
R\$ 1.200

NOTA: 58,0



PRATA REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

Juan Lourenço



A Reloop é uma empresa de áudio alemã fundada em 1996, que rapidamente conquistou um lugar de destaque na cena musical eletrônica. Seus produtos são pensados principalmente para DJs, profissionais de estúdio e para todos que amam música.

A Reloop desenvolve de mixers e mesas controladoras para DJs, de microfones e toca-discos de vinil à fones de ouvido, além de uma parceria com a Ortofon para comercialização de cápsulas com design visual Reloop. Tivemos a oportunidade de passar bons momentos com dois produtos da marca: os toca-discos de vinil Turn 2, avaliado na edição 244 da CAVI, uma ótima surpresa capaz de brigar com o Rega Planar P1 de igual para igual, e o toca-discos Turn 5 com seu visual clássico na edição 247. Agora a Alpha AV, que traz os produtos Reloop para o Brasil, nos cedeu o fone de ouvido RHP-30, um fone de ouvido premium voltado para DJs e, claro, para quem não abre mão da boa qualidade de som e de construção dos fones profissionais. Além da série RHP, com os modelos RHP-20, 30 e um mono, existem mais quatro linhas: SHP, RH, Airphones e INP esportivo intra-auricular.

O RHP-30 segue a velha escola, ou seja, é um fone minimalista, diria até discreto no visual, com 'pegada' profissional, o que me agrada bastante, pois tem personalidade e o design é bem resolvido, combinando bons materiais duráveis, bonitos e que passam uma sensação de robustez ao toque.

O RHP-30 combina bem o ABS com leve toque acetinado como material principal, e metais em pontos chave onde a maior resistência é exigida, como as articulações da concha, e no arco de cabeça.

Por falar em conchas, estas são bastante confortáveis na orelha, embora não girem na horizontal - algo seria de se esperar em um fone para DJs - elas possuem um bom ângulo de inclinação na vertical. As almofadas têm ótima sensação na pele e boa 'memória' de retorno. A espessura da parede das almofadas é que achei serem um tanto exageradas, entendo que sejam assim para reduzir barulho externo, mas poderia ser só um pouco mais finas para acomodar melhor na orelha.

Os drivers de quarenta milímetros possuem impedância de 40 ohms, faixa de frequência de 10Hz a 24 kHz e potência máxima admissível de 1.000 mW. O peso total do fone é de 355 g. Para acompanhar o fone a Reeloc disponibilizou três cabos de interconexão: um cabo flat de 1,2 metro, um cabo comum com microfone embutido também de 1,2 metro, e um cabo helicoidal de três metros comumente utilizado por DJs.

A embalagem do RHP-30 inspira proteção, expondo sua qualidade sem deixar detalhe algum de fora. O acabamento em papel cartão de alta qualidade acomoda o fone sem folgas, graças às proteções internas em espuma e polietileno. A tampa tem fechamento por imã e toda a embalagem é protegida por um encarte com grafias modernas, tudo compatível com o nível de acabamento do fone.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell & Kern modelo Kann, smartphone Samsung S10 Plus, iPhone 8 Plus, e streamer Innuos Zen mini com fonte externa. Amplificador para fone de ouvido: Teac HA-501. Cabos de força: Transparent MM2. Cabo de interconexão: Sunrise Lab Illusion Magic Scope RCA.

Como o RHP-30 é um fone para DJ, começamos os testes utilizando o cabo helicoidal, e com músicas eletrônicas como Minimum Maximum do Kraftwerk, Deadmau5, Whities 024 do Anunaku, e Infected Mushroom que amo de paixão! Devo dizer que o RHP-30 surpreende positivamente, trazendo uma clareza e foco muito bons, mas tudo estava um pouco letárgico demais para o meu gosto, então resolvi colocar o cabo flat, e foi aí que a mágica aconteceu! A letargia foi embora, apareceram transientes mais rápidos, a dinâmica agora tinha vigor e uma progressividade muito boa. Para um dia de trabalho como DJ é impossível não utilizar o cabo helicoidal, mas para audições em casa, opte pelo cabo flat, pois ele realmente mostra o melhor do fone! Os detalhes brotam com mais facilidade e o fone revela boas doses de sutilezas e intencionalidades contidas nas músicas. A região alta, os agudos, não são ásperos têm boa definição, e à medida que as frequências vão descendo, as transições se mostram mais suaves, o que é correto acontecer.

Os graves têm boa qualidade e fluidez, mas falta uma pitada de textura para ficar na mesma medida que a região média, que é realmente o ponto alto deste fone. De vezes a efeitos, tudo é percebido com clareza na região média sem sobrecarregar o cérebro com tendências artificiais que causariam fadiga auditiva, diminuindo o tempo de uso do fone. Pelo contrário, o prazer em ouvir música só aumenta!

CONCLUSÃO

A Reeloc fez um ótimo trabalho neste fone dando à ele um bom equilíbrio entre conforto auditivo, ergonomia e durabilidade. É um fone que vai bem para quem deseja se aventurar nas mesas e pick-ups, e para quem apenas deseja curtir suas músicas favoritas com estilo e qualidade. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SH_PJYF0QOK](https://www.youtube.com/watch?v=SH_PJYF0QOK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NOPTSZC85GC](https://www.youtube.com/watch?v=NOPTSZC85GC)

AVMAG #272
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 890

NOTA: 58,5

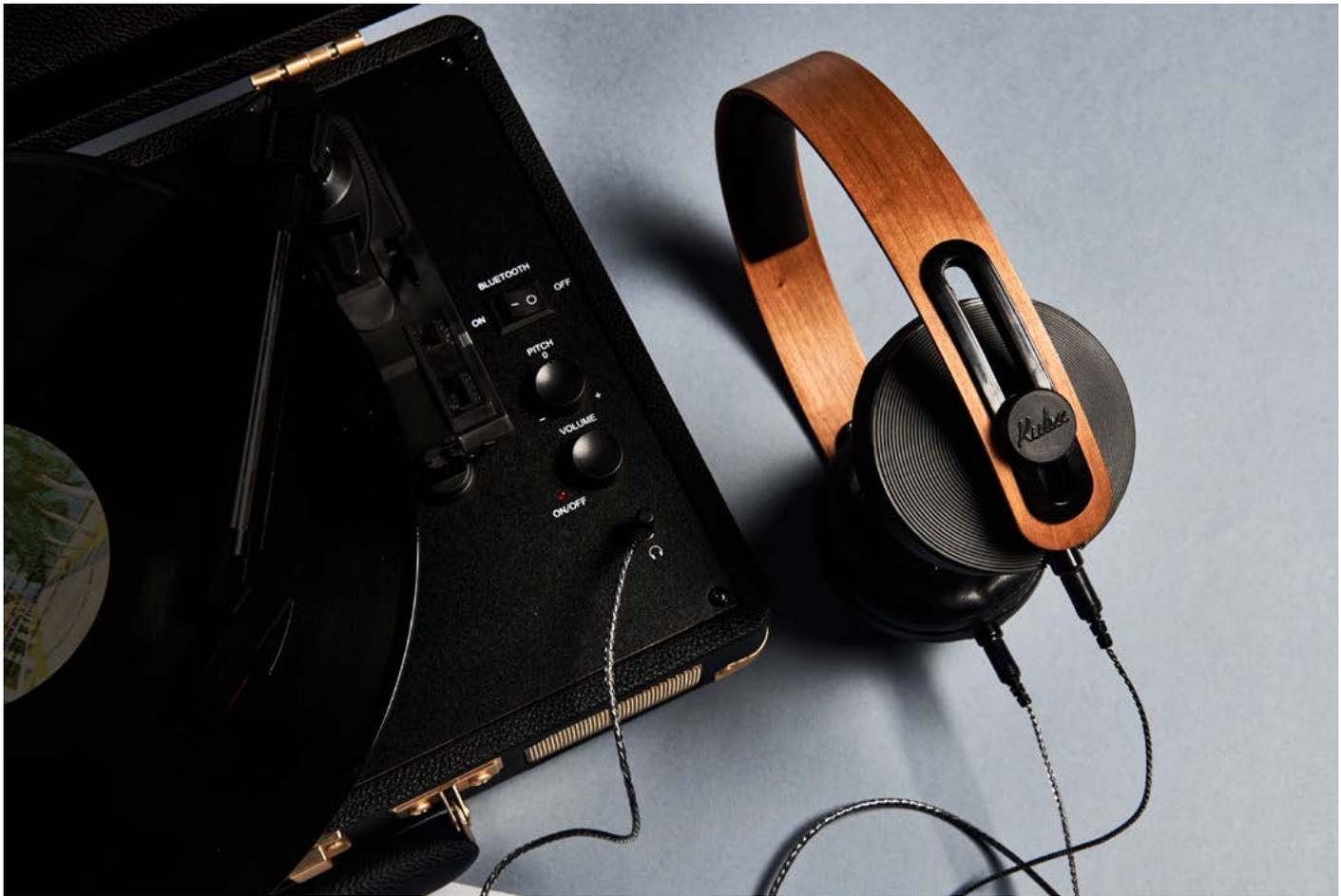


PRATA REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO KUBA DISCO

Fernando Andrette



Muitos leitores estavam nos cobrando o teste do fone nacional Kuba Disco. O nosso colaborador Juan entrou em contato, mas não obteve retorno, então parti para o plano B: solicitar a algum leitor que nos emprestasse o fone para teste.

E o amigo/leitor, Nivaldo dos Santos Furlan, nos cedeu prontamente para três semanas de teste. Só posso agradecer publicamente sua generosidade em nos disponibilizar o fone por quase um mês.

Enquanto aguardava o envio, procurei ler e assistir a todos os vídeos referentes ao fabricante e, como existe um vasto material a disposição, à medida que fui conhecendo o produto, fui me interessando cada vez mais em conhecer este fone feito inteiramente no Brasil, graças ao empreendedorismo e paixão de quatro jovens. Ainda que, pelos vídeos mais recentes que vi, da equipe inicial só tenham restado o 'mentor' do projeto, Leonardo Drummond, e sua sócia, pelo visto o futuro da Kuba está garantido.

Em várias entrevistas, Leonardo Drummond fala de sua paixão pela música e fones de ouvido, e que desde muito tempo sabia que este era o seu caminho profissional. E, ao conhecer os detalhes com que este primeiro produto foi desenvolvido, fica evidente o grau de atenção que o Leonardo deu a todas as etapas de desenvolvimento.

Por exemplo: o cuidado com o arco com cinco camadas de madeira, como das pranchas de skate, com o acabamento de resina de babosa para impermeabilizar a madeira. Ou os cuidados com o meio ambiente, na escolha das espumas do fone com couro sintético, e do respeito ao consumidor, com a possibilidade de substituição de qualquer parte do fone. E o mais importante: 1 ano de garantia!

São detalhes louváveis, e que merecem todo o nosso respeito e admiração.

Cabos destacáveis, que possibilitam upgrades se o consumidor desejar, e o mais impressionante: o preço final! Algo em torno de ►

140 dólares, o que o coloca na briga direta com fones de 100 a 250 dólares! Que é o grande mercado de fones com maior qualidade.

Segundo o Leonardo, o Kuba Disco foi concebido para atender tanto o mercado de áudio profissional quanto o consumer. E seu design e filosofia no atendimento ao cliente, me lembraram muito a empresa de fones dinamarquesa AIAIAI Audio, que também tem esta política de peças substituíveis, produtos preocupados com o meio ambiente, e possuem uma enorme aceitação no segmento de DJs.

Ao receber o fone, e o colocar ao alcance das mãos e da vista, pude entender um pouco mais as positivas resenhas recebidas até o momento. Pois ainda que tenha uma enorme preocupação com custos, as soluções foram no mínimo interessantes. Ele possui 'personalidade' e não é uma cópia em termos de design de nenhum fone concorrente - isso me lembrou a Audiopax, com seu design minimalista, mas de uma genialidade por trás do conceito do Timbre Lock, que fez história mundial.

E o fone Kuba Disco também tem sua 'sacada' de regulagem dos graves, mas falarei disso mais adiante. Não que esta regulagem seja inédita, pois outros fones também já ofereceram este recurso, mas nesta faixa de preço, penso eu ser algo inédito.

Gostei das almofadas, de sua textura, e que se encaixam perfeitamente nas orelhas. Achei o arco de madeira com flexibilidade suficiente para se encaixar na cabeça, no entanto senti rapidamente que a parte central acolchoada não foi o suficiente para me acomodar. Se a Kuba aceita críticas, acho que poderia em uma versão futura ser revisito este acabamento para permitir maior tempo de audição.

Quanto ao isolamento do ruído externo, o arco e as almofadas reduzem consideravelmente o contato com o mundo externo, mesmo antes de se apertar o play.

Para o teste utilizei meu celular, e os amplificadores de fones de ouvidos do DAC Gold Note DS-10 (leia Teste 1 nesta edição), e do pré de linha Classic da Nagra. Ouvi streamer (Tidal e Qobuz), CDs e LPs. Além das quase 100 faixas da nossa Metodologia.

O Nivaldo havia nos dito que o fone estava com aproximadamente 70 horas de uso. Como é de praxe, acabei deixando mais 30 horas (só escutando streamer) para ver se haveria ainda alguma mudança na sonoridade do fone.

Minha primeira impressão, com o celular, foi de que tinha que abrir quase todo o volume para ter uma pressão sonora razoável. Como havia lido em um teste que o revisor também sentiu essa 'limitação' no volume, acabei por ouvir em outros celulares da 'família' para ver se ocorria o mesmo. Infelizmente, nos quatro celulares utilizados, o volume sempre teve que passar da margem de segurança, o que também acho que poderia ser corrigido em uma nova versão. Afinal, imagino

que a maioria dos usuários irá utilizar o Disco no celular e não apenas em casa.

Já nos dois DACs utilizados, pude voltar ao volume correto e seguro sem nenhum problema.

Passado as 30 horas, a primeira coisa que quis ouvir e entender foi o ajuste de graves, que é feito de maneira mecânica, bastando colocar a alavanca, que fica na parte de cima da cuba do fone, no meio (para teoricamente deixar em flat), ou acionar a alavanca para se ter mais ou menos graves. O truque é aumentar ou diminuir o orifício da cuba para se ajustar ao gosto do freguês.

Vi em um vídeo, no próprio canal do YouTube do Leonardo, onde ele explica que quis dar uma assinatura sônica (dentro de determinados compromissos de preço/performance) que ele gosta nos fones que tem e aprecia. E que por isso disponibilizou o ajuste de graves, pois para ele o ideal é um grave um pouco menos acentuado, médios bem reveladores e agudos brilhantes, mas sem excesso.

Independente de compromissos, qualquer produto de áudio terá a 'concepção' e o gosto do projetista, isso é quase inevitável - exceto nas maiores empresas de áudio hi-end, em que o resultado é o consenso dos vários projetistas envolvidos.

Até aí não vejo nenhuma novidade, mas por outro lado se o produto 'personalizar' acentuadamente o gosto do seu criador, haverá certamente prós e contras. Pois os que se identificam com aquela assinatura irão ficar satisfeitos, e os que não se identificam recusarão. Por isso que sou adepto do correto e o mais neutro possível, e para isso caímos na questão do equilíbrio tonal, pois este ou está correto ou não está.

É como a história da falsa grávida. E o fone Kuba Disco não é um produto que prime por este quesito. Os graves no 'teoricamente' flat, na posição central, carecem de energia, fundamental e boa extensão nos harmônicos. Atenuar, complica ainda mais. E acentuar o grave, acentua as fundamentais e suja os harmônicos.

Para chegar a essa conclusão, usei somente nossas gravações e, principalmente, o disco Timbres - as faixas do contrabaixo e do clarone. Comparando com os nossos fones de referência, e o fone da Grado recentemente testado, ficou evidente que o ajuste do grave, em nenhuma das opções existentes, conseguia o equilíbrio correto para se apreciar a gravação.

E quando se tem dificuldade para o ajuste dos graves, os médios também são comprometidos. Pois aquela presença tão interessante que atingimos quando o ajuste dos graves se encontra no centro, se perde, assim que acentuamos o grave. Não tem magia que dê jeito na questão do equilíbrio tonal - ou buscamos ser o mais correto ou estaremos fadados a ter músicas que soarão bem, e muitas que não.

É a famosa desculpa de colocar a culpa na gravação, eximindo o equipamento.

FONES DE OUVIDO

Ouvindo pequenos grupos sem a presença de graves muito presentes (na escrita do arranjo), foi possível ouvir com muitos detalhes na região média, que se mostra bastante proeminente e com ótima microdinâmica. E os agudos, ainda que tenham um certo brilho, não me pareceram excessivos a ponto de causar fadiga.

Porém, o que mais senti falta nos agudos foi de extensão (principalmente se optarmos por acentuar os graves): com pouco arejamento e ambiência.

Mas ainda que tenha levantado todas essas questões, é preciso lembrar, meu amigo, que estamos falando de um fone de menos de 140 dólares! Ou seja, ainda que ele não possa ser considerado uma referência hi-end, ele está acima de muitos fones importados até mais caros que ele.

E o que acho mais importante: é um projeto que pode e certamente (se o fabricante desejar) evoluir, e muito! A questão é saber se existe essa intenção por parte do fabricante, de mudar algo que parece estar dando muito bom resultado comercialmente.

Mas fica aqui minha sugestão: que tal usar dos mesmos critérios, paixão e respeito ao consumidor, e fazer uma versão (ainda que custe o dobro), mais equilibrada tonalmente e neutra, para também atender a um público mais exigente? Ainda que este novo produto suba para 300 dólares, com todos estes 'ajustes finos' ainda será muito competitivo!

Pois o DNA de construção de fones e a paixão já são evidentes, então avançar é uma mera questão de vontade, interesse e de concordar que este caminho sugerido possa ser trilhado.

Independente de minhas observações (entendo que pareçam contundentes demais), desejo a esta empresa sucesso cada vez maior e, acreditem, tem o meu total respeito e desejo de vida longa, e que possam fazer história no mercado de áudio. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OA_USHTGT68](https://www.youtube.com/watch?v=OA_USHTGT68)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D_JIB23WOA0](https://www.youtube.com/watch?v=D_JIB23WOA0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CLV1XIDALKE](https://www.youtube.com/watch?v=CLV1XIDALKE)

AVMAG #277

Kuba

<https://kuba.audio/>

R\$ 699

NOTA: 61,0



OURO RECOMENDADO



Razão e Sensibilidade

GRADO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

Fernando Andrette



Introduzir um novo modelo em uma série que é uma referência no mercado de áudio hi-end, como foi por uma década com os modelos HD 600 e HD 650, é um desafio e tanto.

Mas a Sennheiser sabe muito bem o que faz, e senti em 2017 que estava na hora de mostrar que os avanços obtidos no HD 800 deveriam ser também oferecidos em uma nova geração da série 600.

Tive o HD 650 por um bom par de anos, antes de ir para o HD 800, e sentia que a distância entre ambos era muito grande (o que dirá então para o HD 600). Mas, ainda assim, o DNA Sennheiser fica evidente em ambos com algumas horas de audição com um bom amplificador de fone.

O interessante da série 600 é que, ou o audiófilo ama sua sonoridade e construção, ou a abomina. Raramente presenciei, com outros fones, posições tão “demarcadas”. O que eu sempre questioneei aos que nunca deram uma “boa chance” para a série 600, é que não dá para querer os benefícios e a qualidade da série 800 pelo preço que custa a linha 600.

Esqueça “preço Brasil”, em que tudo é exorbitantemente fora da realidade. O produto em teste custa menos de 500 dólares lá fora, e aqui no Mercado Livre é vendido acima de 4000 reais! Como diria o Caetano Veloso: “Alguma coisa está fora da ordem”. E está mesmo, ou melhor, sempre esteve, e enquanto este país for fechado ao mundo

(não precisa ter uma reserva de mercado, basta ter alíquotas exorbitantes) para fazer o trabalho sujo e ainda assim não ser criticado pela OMC (Organização Mundial do Comércio).

Não sei se viverei para ver este país ter alíquotas de importação justas, para se acabar de vez com o contrabando e as falsificações indecentes vendidas nos camelôs das cidades.

Mas esse não é o meu trabalho, então voltemos ao HD 660S, em termos estéticos as mudanças foram bastante pontuais. Continua sendo um fone confortável, com quase toda estrutura de plástico (mas que nunca tive nenhum problema de trinca ou quebra de alguma parte). Aos que atacam ele ser de plástico, gostaria de lembrar que este é um dos motivos dele ser leve e permitir audições mais prolongadas.

Como todo fone, os cuidados precisam ser redobrados com relação à almofada, pois de tempos em tempos será preciso trocá-las (principalmente os que vivem deixando o HD 660S, pegando sol ou fora de sua embalagem).

Li também que muitos consumidores reclamam que o cabos de 3 metros ser difícil de colocar de novo na embalagem (um consumidor até usou o termo “rebelde” para reclamar do cabo), e pensei com os meus botões: se este consumidor um dia tiver um fone Grado, ele enlouquece, rs).

Outras reclamações dos “orelhudos” é que o diâmetro da espuma poderia ser maior para que parte das orelhas não fiquem sobrando para fora. Eu fiquei olhando as espumas do HD 660S e achei que para isso ocorrer a orelha terá que ser realmente grande!

O HD 660S vem com dois cabos, um com a terminação de 1/4, e o outro é um cabo 4,4 mm balanceado. No pacote a Sennheiser também inclui um adaptador de 1/4 para cabo de 3,5 mm. Segundo o fabricante, a impedância é de 150 Ohms e a sensibilidade de 104 dB, e resposta de 10 Hz a 41 kHz.

A única mudança visual digna de nota é que saiu o cinza chumbo da série 600, e agora o preto fosco é que irá prevalecer.

Para o teste, utilizamos nosso amplificador de fone que está incluso no pré de linha do Nagra Classic. O fone já veio integralmente amaciado, com mais de 500 horas de uso. O que nos facilitou enormemente, pois só tivemos o trabalho de selecionar as faixas para avaliação de cada um dos quesitos da Metodologia.

Por ser um fone aberto, é sempre importante o usuário levar em conta o ambiente à sua volta, pois ele pode realmente incomodar as pessoas à volta! Então, se este for seu caso, pense nas consequências na calada da noite enquanto os outros dormem, o volume que você irá utilizar para escutar suas músicas.

Uma reclamação recorrente que sempre escutei na série 600 era ter pouco grave. E tenho que concordar que no HD 600 esta limitação era mais evidente, que no HD 650 melhorou “sutilmente”. E agora no HD 660S?

Bem, se o amigo for um rato de informação como eu, e ler quatro a cinco testes, ficará mais confuso que bêbado no cemitério! Pois li resenhas desancando os graves e revisões elogiando os graves do HD 660S. Em quem acreditar? Quem tem maior credibilidade e conhecimento para dizer se tem ou se falta? Eu só posso lhe dizer como eu separei o “joio do trigo”: vejo atentamente os equipamentos que o revisor tem ou usou, e principalmente as músicas utilizadas para a avaliação auditiva. Aí eu consigo ter um norte razoável.

Um dos caras que desancou os graves, teve a sutileza de afirmar que “falta sub grave” no fone! UAU! Imagino quais sejam seus fones de referência para avaliar graves, pois se me oferecerem um fone que reproduz “subgraves” eu nem coloco na cabeça!

Outro escreveu que os graves eram tímidos e sem dinâmica. Aí fui olhar a lista de discos dos dois “formadores de opinião”, e fui ouvir suas referências. O do sub grave utiliza gravações eletrônicas e o famoso “bate estaca” em todas as gravações citadas. Ele jamais deveria perder seu tempo com um fone Sennheiser. E o outro é um pouco mais “comedido”, mas suas referências pop são altamente turbinadas e comprimidas.

Detalhe: ambos também criticaram os agudos, afirmando que falta “brilho” e “clareza”! Bem, meu amigo, se estes são os caras que irão lhe orientar na compra só seu futuro fone, não leia mais uma linha deste teste, pois tudo que observei vai na contramão do que eles observaram e escreveram.

Os graves não são de um HD 800, ou de um Classic Meze. Mas são melhores que as versões da série 600 anteriores, com uma melhor extensão e sustentação (principalmente na reprodução de órgão de tubo, que deixou nítido esta melhora) e mais peso e definição a partir dos 60Hz, que é onde se define o médio-grave no primeiro, segundo e terceiro harmônico!

Com isso, o HD 660S deu um passo significativo à frente.

Os médios, como em todos os fones da série HD 600, são excelentes. Transparência, recuperação de micro detalhes, planos e uma facilidade de organizar os naipes de forma magistral.

O amigo leitor quer saber quanto os médios de seu fone de ouvido são bons? Ouça corais à capela bem gravados, sejam os grandes corais russos ou de música sacra. Nos crescendos é que o bicho pega. Se seu fone separar os naipes com precisão, possibilitando acompanhar todas as vozes sem perder o todo, creia que seu fone passará em qualquer teste.

E os agudos que os revisores citados disseram que faltava “brilho”, felizmente estão certíssimos! Esta “falta de brilho” é que faz do HD 660S um fone com excelente equilíbrio tonal nas altas. O amigo poderá ouvir flautins, pratos, trompete com surdina, pianos, violinos com o melhor conforto auditivo possível!

Também ouvi críticas à dinâmica do fone. Não sei o que os críticos imaginam ser uma boa dinâmica para um fone hi-end, mas eu diria que o HD 660S cumpre com méritos as passagens do forte para o fortíssimo como todos os bons fones hi-end desta categoria.

E outra crítica que li (esta por mais de um revisor) é que o soundstage não é bom! Bem, aqui somos a única revista que aboliu este quesito da Metodologia de fones, pois em fone nenhum o soundstage é bom. Desculpem, a música não foi gravada para tocar em volta da nossa cabeça, ou o cantor aparecer na ponta do meu nariz. Essa discussão eu já tinha na revista Audio News, quando fui convidado para ser jurado do primeiro campeonato de som automotivo hi-end no Brasil. Foi tão constrangedor dar nota para um item que não existe nos carros que jurei a mim mesmo, nunca mais passar por aquilo!

Fone de ouvido é a mesma coisa. O soundstage necessita de arejamento, espaço, corpo harmônico, silêncio em volta de cada instrumento. Isso não existe nem na acústica de um carro e muito menos em um fone de ouvido!

FONES DE OUVIDO

CONCLUSÃO

O HD 660S é um passo muito consistente à frente em sua série. Em um nicho tão disputado como o de fones na faixa de 500 dólares, muitas concessões tiveram que ser feitas em termos de acabamento e tecnologia.

Mas o importante, na minha opinião, é que algumas limitações foram resolvidas e o colocam mais perto da série 800 que todos os seus antecessores.

E isso é bom? Para quem busca um fone de ouvido hi-end nesta faixa de preço, certamente que sim.

E o que mais prezo neste avanço que o aproximou do HD 800, foi seu conforto auditivo! Algo tão essencial e tão relegado a segundo plano, por quem nunca ouviu um fone hi-end equilibrado.

Se o sujeito quer furar os tímpanos e perder sua audição aos 40 anos, existem baciada de opções para lhe deixar surdo! Mas se o sujeito quer apenas ouvir suas músicas com conforto e prazer, o HD 660S faz parte deste grupo, que felizmente ainda é significativo.

Então, meu amigo, se é um fone desse “perfil” que estás procurando, escute-o com a atenção que ele merece.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=N0AALH3NARU](https://www.youtube.com/watch?v=N0AALH3NARU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XIYAOKD55QQ](https://www.youtube.com/watch?v=XIYAOKD55QQ)

AVMAG #273
 Sennheiser
 (11) 3136.0171
 R\$ 4.071

NOTA: 71,0



OURO REFERÊNCIA

Clareza, Equilíbrio, Harmonia e Sofisticação

Se você deseja todos esses atributos em seu próximo fone de ouvido, escute um MEZE.



EMPYREAN



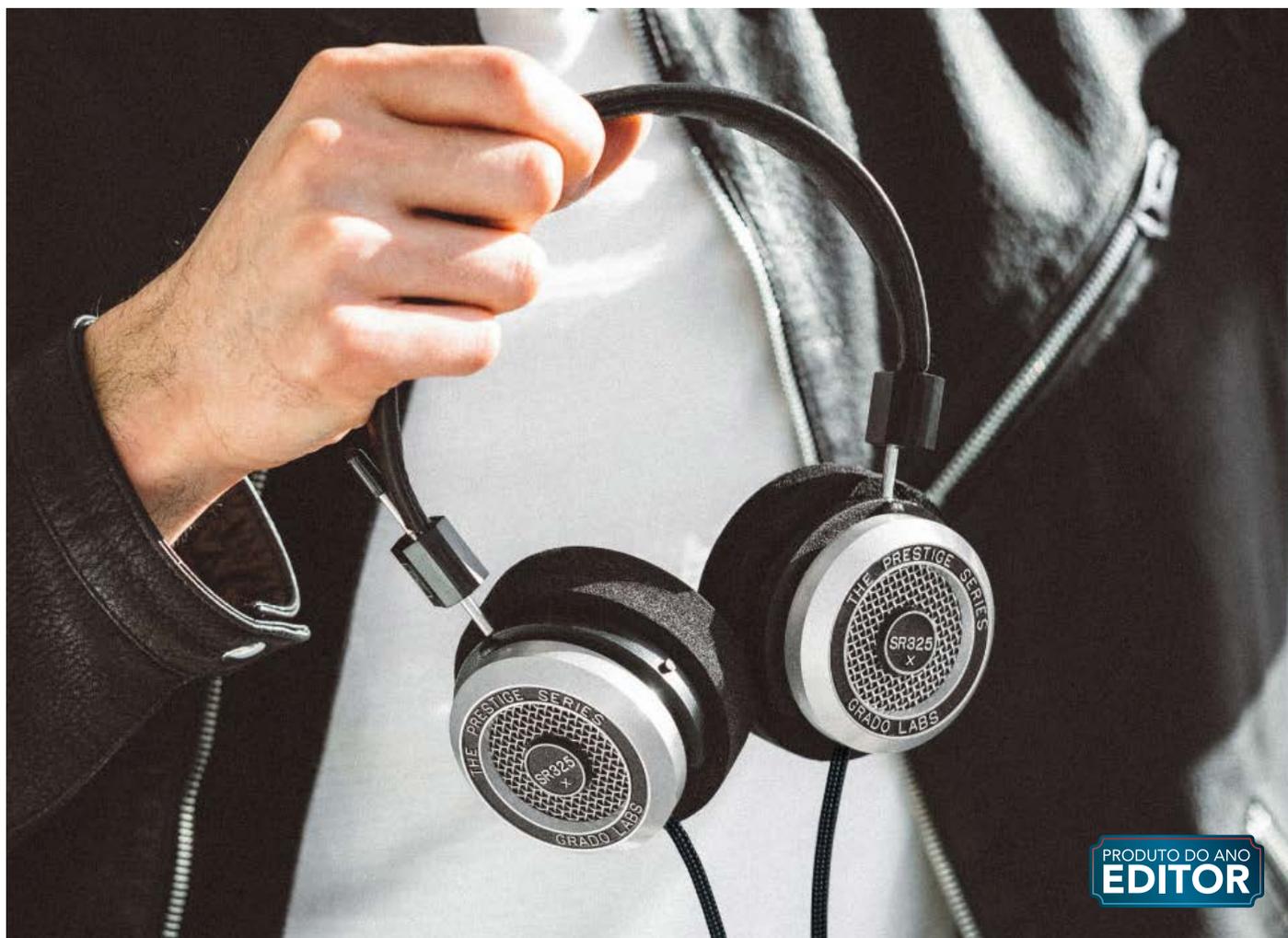
RAI SOLO



99 CLASSICS

german
 Audio

www.germanaudio.com.br



Outro dia, um leitor nos perguntou a razão de testarmos vários modelos de um mesmo fabricante, e se não seria mais interessante 'diversificar' as escolhas para teste.

Já tratei deste assunto em alguns dos nossos editoriais, mas acho que é importante responder sempre que a questão for levantada. Temos como linha editorial só testar produtos que tenham importação legal no país. Só aí, já limitamos muito os testes que serão publicados, e o segundo item, e não menos importante: só testamos produtos que atendem o mínimo de exigências da OMS (Organização Mundial da Saúde), que alerta há anos do perigo de se ouvir música em fones de ouvidos em volumes exagerados.

Então, seguindo esses dois protocolos, o universo de modelos disponíveis e seguros é ainda menor.

E, por fim, falando especificamente da marca Grado, ela atende a todos os dois requisitos de maneira correta, além de disponibilizar ao

mercado excelentes fones. Então, essa será uma marca que vocês irão ler dezenas de testes aqui.

A linha X veio substituir a linha E, um produto que tenho e uso como uma de minhas referências há muitos anos! E quando o distribuidor nos disse que já tinha à disposição para teste a série X, não tive dúvida em começar a avaliar essa nova geração justamente pelo modelo que tão bem conheço: o SR325.

Enquanto esperava o envio do produto, li e assisti a diversos testes do novo SR325x, falando dos avanços feitos com a nova espuma mais plana, a tão criticada faixa de cabeça que, para muitos, era desconfortável e que agora se tornou mais firme e melhor acolchoada, e do tão 'difamado' cabo grosso e pouco maleável.

Com certeza a Grado se redimiou de sua insistência em manter, por anos a fio, esse cabo, e finalmente colocou um cabo mais maleável (ainda que de uma bitola semelhante a anterior) mas muito mais bem ►

FONES DE OUVIDO

acabado, o que dá uma sensação de 'modernidade' que o fone Grado nunca teve.

Mas as mudanças maiores se deram internamente com: uma nova bobina de diafragma totalmente revista, buscando melhorar ainda mais a eficiência do fone (que na minha opinião já era excelente), e baixar ainda mais a distorção.

Uma velha discussão que acho que nunca haverá consenso, é quanto ao conforto e design 'retrô' dos fones Grados. É uma questão de ame ou odeie. Não pressinto que haverá, um dia, o meio termo, e como para mim o que é crucial é sempre a performance sonora, eu não sou a pessoa mais indicada para palpar nesta discussão ad infinitum.

Mas se serve de 'consolação', a sensação é que com a nova espuma, e as 340 gramas finais deste Grado, e a nova fita de sustentação melhor acolchoada, tudo parece amenizar um pouco os que acham esses fones desconfortáveis.

Eu como estou acostumado com eles, demorei apenas para ajustar eles em volta do meu par de orelhas - que vem crescendo ano a ano (gostaria de que alguém me explicasse o motivo do nariz e orelhas continuar crescendo, enquanto o resto todo define. Será uma idiosincrasia da existência?). E, depois de devidamente ajustado, não achei nem melhor ou pior que o meu de referência.

Para o teste, utilizei o celular e o amplificador de fone do meu pré de linha Nagra Classic e, no final do teste, o DAC Gold Note DS-10. Nas três condições achei excelente sua performance. Eu irei na 'contramão' de diversos articulistas, que consideraram o SR325x uma evolução do SR325e. Pois considero 'evolução' um produto que supera em tudo ou quase tudo, o seu antecessor. E, sinceramente falando, este não foi o caso.

Acho sinceramente que a Grado buscou 'atualizar' o novo modelo, atendendo mais a um nicho de mercado mais jovem, que está acostumado com fones com sonoridade mais aberta (o que para muitos é definido como 'transparência'), e com as duas pontas mais extensas.

Isso comprometeu o equilíbrio tonal do novo modelo? De maneira alguma. E acho que esta tendência cairá no gosto de muitos consumidores mais jovens, que só escutam música em fones de ouvidos.

A assinatura Grado manteve-se intacta, com inteligibilidade excelente em todo o espectro audível, equilíbrio tonal preciso permitindo ouvir em volumes seguros, sem faltar peso, energia e velocidade nos graves. Região média orgânica, realista e muito natural. E agudos com enorme extensão, sem nenhum resquício de brilho (coloração), ou falta de arejamento.

Os amantes de fones fechados reclamam dos graves de fones abertos - e se querem mudar de opinião, ou ao menos ver que a 'fila anda'

também em termos de tecnologia, ouçam este SR325x em um bom amplificador de fone, e descubram como seus graves são corretos e decentes!

E se a pessoa for consciente, e ouvir nos volumes seguros, mesmo sendo aberto, o vazamento não incomodará tanto as pessoas em volta.



Os transientes são espetaculares, assim como a escala dinâmica do pianíssimo ao fortíssimo, mostrando o acerto, em termos de menor distorção, dos novos diafragmas.

Ele também me pareceu com menor ruído de fundo - será a nova fiação de fio de puro cobre criogenado? Independente do que seja, foi audível em diversas gravações de música clássica essa melhora na inteligibilidade da microdinâmica.

Sempre gostei do meu fone Grado (e de todos que testei dessa marca), por não inventarem moda turbinando os graves ou acentuando brilho no médio-alto para impressionar em uma primeira audição. Pelo contrário, todos que tive ou testei primam pela naturalidade e musicalidade dos timbres, levando-o a ser 'descartado' pelo público mais jovem como fones 'sem graça' (ouvi isso de inúmeros novos leitores), e só entendi essa crítica quando comecei a perguntar quais os fones de referência desses leitores. Aí entendi aonde o 'bicho pega': todos estão acostumados com fones com hiper-graves selados e com um equilíbrio tonal catastrófico.

Esses leitores só entenderão a beleza de uma assinatura Grado, se reeducarem seus ouvidos e abrirem o leque do seu universo musical. Do contrário, qualquer fone Grado ou de outros fabricantes que estejam nessa direção de total equilíbrio tonal, sempre soarão sem sal e sem açúcar - não haverá solução para este problema.

E aí caímos em uma outra discussão: a vaidade humana. Muitos não aceitam que precisemos nos educar auditivamente para compreender o que estamos fazendo de certo ou errado em nossas escolhas. Alguns leitores se sentem ofendidos quando entro neste tema, mas essa é uma premissa verdadeira: não nascemos sabendo. Nossos cinco sentidos precisam ser educados e refinados a vida toda. E ouvir um conselho de alguém mais rodado, não significa nenhum tipo de intromissão, pois pode ou não ser acatado.

O que não posso deixar de dizer, no caso específico de fones de ouvido, é que os ruins exigem - para dar algum 'barato auditivo' - serem colocados em alto volume. E os corretos em termos de equilíbrio tonal, não! Então não se trata de uma questão de gosto ou imposição, e sim de saúde auditiva!

E se procura um fone com as qualidades necessárias nesta direção, a Grado é um fabricante que trilha este caminho.

Voltando à questão inicial, de não ter achado o fone uma evolução integral do seu antecessor, é que sou um velho chato, rabugento e exigente que, ouvindo ambos por quase três meses, sentiu falta no novo modelo do calor e a inteligibilidade das texturas tão divinas do SR325e. Texturas palpáveis, bem definidas e com um grau de transparência na intencionalidade, que muitos fones muito mais caros não possuem.

E este é o principal fato de eu nunca ter me desfeito deste Grado. Pois para mim, a apresentação das texturas do SR325e se mostrou superior ao novo modelo.

Aí, falando com meu filho, que pedi para ouvir os dois e ver se eu não estava sendo muito 'críca', me disse o seguinte: "Pai, se o leitor não tiver com os dois modelos em mão, ele jamais vai perceber este 'detalhe'". Adoro quando os filhos não querem bater de frente ou pisar no nosso calo, quando amenizam algo que achamos importante à um 'detalhe'.

Aí pensei, ponderei e concordei. O SR325x não tem nenhum problema na apresentação de texturas, só não tem aquele 'detalhe' de maior calor e realismo, que nos leva a perceber as nuances por de trás de toda intencionalidade, e isso me é tão caro, e demorou tanto a atingir este nível em meus sistemas de referência, que realmente posso ter me tornado um chato, quanto a este 'detalhe'.

CONCLUSÃO

Acho que a Grado foi muito feliz nas alterações feitas na linha Prestige, a mais vendida e a que mais deu visibilidade a marca no mundo. Esta série possui o mérito de uma relação custo/performance muito alta.

E aos que apreciam fones com excelente equilíbrio tonal, realismo, naturalidade e musicalidade, se ainda não conhecem, precisam ouvir esta nova geração.

Acho também que as pontas mais estendidas agradarão em cheio aos jovens que querem um fone com transparência absoluta, mas com calor suficiente para não tornar a audição fatigante.

Se é nesta direção que deseja encontrar seu novo fone de ouvido, ouça o SR325x com enorme atenção! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MKHSSXCS-HS](https://www.youtube.com/watch?v=MKHSSXCS-HS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QLLKJWSQLJI](https://www.youtube.com/watch?v=QLLKJWSQLJI)

AVMAG #276
KW Hi-Fi
(11) 95422.0855
(48) 3236.3385
R\$ 2.200

NOTA: 76,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO MONTBLANC MB 01

Juan Lourenço



O fone de ouvido MB 01 da Montblanc é a primeira tentativa da célebre marca alemã no áudio hi-end. A marca é famosa pelos instrumentos de escrita e uma série de produtos de luxo, como relógios, bolsas de couro e muitos outros. Para não correr riscos, a Montblanc passou a tarefa para o mago dos fones de ouvido Alex Rosson, fundador da Audeze - um nome de peso e que, por vezes, surpreendeu o mercado audiófilo com verdadeiras gemas em forma de fones.

O MB 01 é um fone de ouvido Bluetooth com cancelamento de ruído ativo, possui drivers de neodímio de 40 mm com resposta de frequência de 70 Hz a 18 kHz, impedância 21 Ohms ($\pm 10\%$ a 1 kHz), sensibilidade de 104,3 dB \pm 2,5 dB (1 mW / 1 kHz), THD inferior a 1% (a 1 mW / 1 kHz) e codecs aptX Adaptive, e vários formatos de áudio como Flac e AAC inclusos. Possui Bluetooth 5.0 multiponto para até dois aparelhos, com alcance de 10m, Wireless e Wired. Conectividade com Smartwatch e Google Assistant, além do próprio app nas lojas de aplicativos Android e Apple, para configuração de parâmetros de equalização e ajuste do cancelamento de ruído ativo. A bateria possui duração de até 20 horas de uso contínuo. O fone vem equipado com dois cabos: um USB A/C para carregamento da bateria, e outro USB C / 3.5 mm - o popular P2.

O acabamento e o design são de muito bom gosto. Parece uma enorme redundância dizer que tudo neste fone exala bom gosto e sofisticação, mas em se tratando de fones Bluetooth, o nível costuma ser

baixo, com algumas poucas marcas se aventurando 'fora da caixinha' e, como era de se esperar, a Montblanc fez mais que seu dever de casa, superando as expectativas e elevando o nível de sofisticação à um novo patamar. Da embalagem, em papel cartão com ótima gramatura, para manter uma estrutura rígida contra impactos, e com textura acetinada, a harmonia entre os materiais escolhidos para o fone, o toque e a sensação que cada um provoca, tudo no MB 01 nos faz sentir especial. Do alumínio da armação, com três opções de acabamento anodizado brilhante, ao copo com três acabamentos: preto, cinza e dourado com textura aveludada - mas não é qualquer aveludado, tem a maciez correta e nem de longe parece aquele emborrachado barato. O dedo desliza como se estivesse tocando em alcântara. Os botões de comando play/pause, e controle de ruído ativo (ACN), ficam na concha direita, possuem boa localização e ótima sensação tátil. Logo após os botões, temos a entrada USB-C e o LED indicativo da bateria. O couro escolhido para as almofadas das conchas e o encosto de cabeça, é de altíssimo padrão e, como era de se esperar da Montblanc, foge completamente ao que estamos acostumados em fones - até mesmo em fones top de linha de outras marcas. É tão macio, sedoso e ao mesmo tempo firme, que é difícil acreditar que seja couro natural, mas é! As almofadas possuem pouca ou quase nenhuma ondulação, isolando os ouvidos de ruídos externos com muita eficiência. A memória da espuma é muito boa, copiando a pele ao redor das orelhas sem incômodos, a pressão exercida pelas conchas está em um nível próximo

da perfeição, e o peso baixo do fone garante conforto extra para ouvir música por horas e horas sem fadiga.

Talvez seja em nome deste conforto ímpar, que Alex Rosson limitou a bateria em 20 horas. Não existe almoço grátis, e a tecnologia ainda não fez as baterias perderem tanto peso assim. Mais horas de uso significam mais peso, sem dúvida. Carregar este peso extra para ter horas a mais, sendo que a média de uso de fones de ouvido gira em torno de 4 a 5 horas/dia, talvez não valesse a pena, e devo dizer que penso como o Mr. Rosson: eu prefiro o conforto - afinal, é um fone também para viagens.

A função Play/Stop nada mais é que um sensor que detecta quando o fone está na cabeça ou no pescoço, pausando ou iniciando a música conforme a pessoa tira ou põe o fone. Esta função vem desativada de fábrica - para ativá-la, basta manter pressionados simultaneamente os botões 'menos' e ANC.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Astell & Kern modelo KANN, smartphone Samsung S10+, iPhone 8 Plus.

Após retirar o fone MB 01 da embalagem, deixei carregando por duas horas para estabilizar a bateria e iniciar os testes, e me atentar para a duração da mesma, que chegou às 20 horas prometidas mesmo com cancelamento de ruído ativado. Após este período, iniciei as audições com o Astell & Kern: o som é muito bom logo nos primeiros acordes, seu equilíbrio tonal é realmente superior, não deixando dúvidas quanto ao que virá após o amaciamento.

Deixei o MB 01 amaciando por cerca de 100 horas, revezando entre cabo e Bluetooth. Após as 100 horas, o fone ganhou extensão nos extremos das frequências altas e baixas, ganhou uma profundidade e largura de palco, e com isto uma naturalidade estonteante! A separação dos instrumentos e o ar entre eles chegam a nos pegar de surpresa, pois não é comum ouvir este tipo de detalhamento em fones Bluetooth - era coisa de fone aberto, e o mais legal é que este comportamento não se altera quando utilizamos o ANC.

Iniciei os testes com o jazz da Dianne Reeves, disco *Bridge*, e *Tribute to Ellington* com Daniel Barenboim & Guests. O MB 01 soa completamente descongestionado, com a região média recuada e extremamente clara, sem jamais soar fria ou dura. As texturas do piano, do contrabaixo acústico e do violão são excelentes, muito acima do que esperava, e o palco amplo e com ótimo foco e recorte permite um nível de relaxamento que, novamente, só nos fones com fio. Parece fone aberto mesmo, de tão natural que é. É possível perceber rebatimentos dos locais de gravação, e o tamanho dos instrumentos e vozes elevam o nível de realismo que a música pode alcançar.

Cada coisa está em seu devido lugar, com seu tamanho próximo do ideal, as frequências baixas não sobram, como acontece em muitos fones concorrentes deste. Devo dizer que, quem está acos-

tumado com Sony e JBL, realmente sentirá falta dos excessos, pois como o MB 01 é um fone pensado para o amante da fidelidade - vide os projetos para a Audeze - não há em sua configuração padrão nada que sobre. Mas se gostar de uma pitada a mais de grave, não tem problema, é possível ajustar os parâmetros de equalização no aplicativo. É melhor ter como adicionar do que não ter como tirar, como acontece muitas vezes.

É muito fácil trocar as bolas e achar que o MB 01 tem menos extremos, mas não é este o caso. Ouvido hip-hop, reggae e samba na configuração padrão, o fone desce bem nos graves e as altas estão no ponto certo para não espirrar e fazer do fone um picador de gelo nos ouvidos. A questão é que ele desce sem borrar, melhor dizendo, ele desce sem que o grave se torne de 'uma nota só', o que permite boas audições por muito mais tempo e uma total inteligibilidade do acontecimento musical, das intenções dos músicos e do diretor de gravação. E a música é feita disso, do contrário seria só música ambiente de elevador.

CONCLUSÃO

O grande trunfo na manga do Montblanc MB 01 é a sua versatilidade em transitar entre os diferentes estilos musicais, pois foi concebido para ir além da diversão e do comercial, foi feito com uma assinatura sônica mais para o neutro. Ele aceita muito bem qualquer estilo musical, enquanto alguns dos fones mais badalados vão bem apenas com pop, hip-hop e um jazz mais pulsante, um fone mais próximo do correto comporta todos os estilos sem fazer refém, tocando de música sacra à erudita, de black metal à jazz, de blues à salsa.

Este é o MB 01, um fone para quem não abre mão de sentir a música. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0IKG6LIXIE0](https://www.youtube.com/watch?v=0IKG6LIXIE0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3FGUL9AHGH0](https://www.youtube.com/watch?v=3FGUL9AHGH0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T-NNN4O0R60](https://www.youtube.com/watch?v=T-NNN4O0R60)

AVMAG #275
Montblanc
www.montblanc.com.br
R\$ 4.800

NOTA: 77,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO GRADO STATEMENT GS3000E

Fernando Andrette



Outro dia, um grande amigo e músico me falou algo que eu nunca tinha pensado com o devido interesse. Que as pessoas sabem muito pouco do que realmente desejam e buscam em um fone de ouvido. E fechou sua conclusão afirmando que a maioria dos seus amigos escolheu seu fone mais pelo conforto, ou por “modismo”, e não exclusivamente pela sua performance.

Dei corda e perguntei a razão de sua conclusão tão contundente, e ele me disse que sempre que lhe pedem ajuda para a indicação de um bom fone, as “resistências” levantadas às sugestões sempre são: preço, ergonomia e design, e que é uma marca “desconhecida”. E fechou sua argumentação, indignado, como a performance se encontra em segundo ou terceiro plano.

Não deixo de tirar sua razão, mas eu acrescentaria que muitos consumidores estão acostumados com fones como produtos descartáveis, que recebem como um acessório na compra de um

celular, ou herdado dos irmãos mais velhos, parentes, amigos, ou compram seus fones “falsificados” nos camelôs das grandes cidades.

Eu gosto muito de observar tudo que está à minha volta, e quando vou a São Paulo e me locomovo de metrô, costumo olhar atentamente os fones das pessoas, o volume que elas usam para escutar suas músicas e as marcas e modelos.

É lastimável o que vejo nas ruas: jovens com um volume absurdamente alto, estragando sua audição silenciosamente. Minha vontade sempre foi de abordar e explicar o perigo de exposição a volumes acentuados em tão curto espaço de tempo, mas evito fazer isso pois minha calvície e cabelos brancos certamente darão uma imagem deturpada de minha intenção. Pois “jovem” não está nem aí para pessoas da minha idade!

Se esses consumidores soubessem que um bom fone de ouvido com correto equilíbrio tonal é um investimento de longa data, e que preservaria sua audição, acredito que dicas de consumidores mais conscientes como o meu amigo músico, seriam muito úteis.

E o mais triste é que fones com excelente equilíbrio tonal não são necessariamente caros, ou apenas dedicados a audiófilos.

O teste deste mês tem bastante a ver com o tema que utilizei para fazer a introdução desta avaliação.

O Grado Statement GS3000e também é um fone que divide opiniões em termos de design, e por não ser um fone selado, o que consequentemente faz com que a pessoa ao seu lado escute o que você está ouvindo, como também não isola o ouvinte do ambiente externo.

O que esses críticos esquecem é que fones selados possuem um outro tipo de problema: o equilíbrio tonal não é tão bom como o de fones abertos (claro que para toda regra existe exceção, mas elas são poucas e caras).

Ri muito ao ler em um review que o articulista afirma que, com o GS3000e, o ouvinte precisa se isolar em um ambiente para não atrapalhar as outras pessoas (fiquei imaginando as famílias que possuem filhos adolescentes fechados em seus quartos ouvindo heavy metal a ponto de furar nossos tímpanos, ou os maridos audiófilos escutando pela décima segunda vez a mesma faixa da cantora Jacinta). Essas famílias solitariam rojões se o filho ou o marido audiófilo comprasse este fone da Grado, mesmo com todo vazamento de som! Não tenham dúvida meus amigos. Claro que seria muita maldade usar este fone na hora que a esposa esteja dormindo e você deite ao seu lado para desfrutar das novidades da semana no Tidal, mas em qualquer outro ambiente, o Grado certamente seria muito bem recebido como um bálsamo!

Um fone Grado você reconhece a metros de distância, pois seu design retrô lembra aqueles fones utilizados por telefonistas ou radioamadores dos anos 40/50. É o tipo do design que você ama ou odeia instantaneamente. Um outro amigo, fã dos fones Grado, sempre diz que se as pessoas dessem um crédito e ouvissem suas inúmeras qualidades, essa questão de design cairia por terra.

Concordo plenamente, tanto que tenho um fone da Grado como referência há mais de dez anos!

A aparência do GS3000e segue o design “padrão Grado”, mas por ser da série Statement (a top de linha) possui um acabamento premium com uma estrutura mais bem acabada com forração coberta de couro, muito mais confortável que o meu modelo. Possui espumas de grande dimensão, que colocadas na cabeça parecem realmente estranhas pela dimensão e por cobrir totalmente as orelhas.

Seu peso total é de apenas 300 gramas (o que, para um fone Grado, é algo surpreendente). Na grande maioria de seus fones, a Grado utiliza mogno ou uma combinação de madeiras para a construção do invólucro do fone.

Neste modelo, no entanto, a Grado optou pelo uso de uma madeira tropical chamada Cocobolo, também utilizada no corpo das cápsulas de algumas de suas cápsulas para toca-discos. Além da sua maior leveza para o driver de 50mm, o fabricante afirma que a sonoridade desta madeira se mostrou muito eficiente em termos acústicos e no equilíbrio tonal do fone (deste aspecto, falaremos adiante).

Para os que já estão imaginando as desvantagens do uso de espuma em vez de couro nas bordas do fone, a Grado disponibiliza kits de almofadas para venda avulsa por uma fração do custo do fone (aproximadamente 50 dólares o par de espumas).

Outra vantagem dos fones abertos (além do equilíbrio tonal), é que você não estará com ele molhado de suor depois de duas horas de audição, como costuma acontecer com os fones fechados, e nem tampouco com as orelhas quentes.

Para o teste utilizamos exclusivamente o pré de fone do Nagra Classic.

Outro ponto muito discutido nos fóruns é que os cabos dos fones da Grado são muito grossos e desajeitados (fato que tenho que concordar), porém respeito a decisão do fabricante em usá-los, pois sua performance justifica a escolha.

Claro que temos outros excelentes fones concorrentes que encontraram outras soluções de cabos muito mais leves e maleáveis, mas se estivermos levando em consideração apenas a performance sonora, temos que admitir que os cabos usados pela Grado são muito corretos.

O GS3000e vem com um adaptador para celulares, mas eu não acho que ninguém em sã consciência utilizaria um fone desse naipe para ouvir em um celular, mas...

Tivemos o prazer de ter sua companhia por seis semanas, e foi uma experiência marcante e que deixará muitos questionamentos futuros do que necessariamente um fone hi-end necessita de fazer de essencial para ser considerado uma referência absoluta.

Se você responder que precisa ter o melhor equilíbrio tonal possível, diria que você está 70% correto. O que afirmou que além de um excelente equilíbrio tonal, precisa primar pela musicalidade e baixa fadiga auditiva, diria que avançamos para a casa de 90%.

Mas, para se atingir os 100% (se é isto possível), ou o mais próximo deste tão cobiçado objetivo, é preciso que a soma de todos os 8 quesitos tenha um grau de equilíbrio tão intenso e coerente, que ao escutar este resultado, percebamos que o cérebro parou de avaliar e está apenas desfrutando do que está ouvindo.

Muitos levam este resultado para o lado da subjetividade, quando nada tem de subjetivo. Ao contrário, para se chegar a este resultado é preciso uma expertise de muitos anos de estrada e saber o que precisa se buscar para se atingir este grau de preciosismo. Este Grado encontra-se neste patamar, dos fones que chegaram lá passando etapa por etapa desta evolução.

O interessante dos produtos que atingem o topo, é que não o fazem por terem uma única característica que sobressai em relação à concorrência. Ao contrário, eles são a conjunção de vários fatores, que se juntam para oferecer um resultado impecável! E esmiuçar essas qualidades não é tarefa fácil para nenhum revisor, pois corremos o risco de tirar conclusões erradas ou precipitadas.

Claro que sempre achamos um jeito de tentar expressar nossas conclusões em uma frase ou adjetivo, mas isso está longe de resolvermos o problema.

Outra maneira é ser objetivo e direto, solicitando que o leitor escute o equipamento, na esperança que ele observe o mesmo que eu observei. E sabemos que também não funciona, desta maneira simplória.

Este é o tipo de produto que, quando chega a nós, já sabemos que trará o dobro de responsabilidade e trabalho. Mas acredite, vale muito a pena!

Todo melômano e audiófilo com mais experiência, irá observar que o Grado GS3000e tem um grau de “musicalidade” impressionante, que o convida a ouvir o dobro de tempo de qualquer outro fone. Perceberá também que a organização da música em nossa mente se faz sem pontos escuros (estou falando de inteligibilidade) ou passagens difíceis de entender, mesmo as mais complexas. Perceberá também que as

FONES DE OUVIDO

texturas são magistrais, pois possuem um nível de fidelidade e apresentação “real” dos timbres - e que poucos fones tem essa ambição.

Entenderá, perplexo, que ainda que possa achar que as pontas poderiam ser mais imponentes, elas não são, por uma única razão: estão isentas do menor resquício de coloração.

Essa é uma discussão muito antiga, e que as pessoas só entenderão quando tiverem a coragem de ter como referência absoluta a música ao vivo não amplificada. Aí será possível se falar como soa realmente um piccolo na última oitava, um violino, um trompete com surdina, um piano, etc. As pessoas esquecem que muitas das gravações que usam como referência absoluta são “turbinadas”, comprimidas, e sabe-se mais o que!

Em um dos últimos Cursos de Percepção Auditiva ministrado no Hi-End Show, falei que a primeira característica audível de uma gravação que foi equalizada é que seu cérebro percebe (se tiver como referência música ao vivo não amplificada) que as texturas são pobres. E apresento duas gravações com vozes (do mesmo cantor) uma com um reverb digital que mudou o equilíbrio tonal da voz, e outra sem este maldito reverb digital. A diferença de textura e timbre é gritante.

Neste fone, as diferenças foram ainda mais intensas, mostrando que ele não será nada condescendente com as estrepolias cometidas pelos engenheiros de som que se consideram “semi deuses” e acham que não usar uma equalização aqui, outra ali irá diminuir sua importância como engenheiro de gravação.

Outra característica que sempre chamo a atenção nos cursos: é do “menos é mais”. Em toda a cadeia de captação do áudio e reprodução do áudio, este é o único caminho para não perder fidelidade.

O GS3000e certamente é um grande defensor desta qualidade, de preservar a fidelidade em todas as etapas, e caso haja algum deslize ele irá colocar o dedo na ferida sem dó!

Então, meu amigo, a primeira pergunta que certamente já pairou em sua cabeça, após essa descrição em detalhes de seus atributos é: “este fone é para todo mundo?”. Certamente que não - começando pelo seu valor, que assustará a maioria dos mortais.

Mas aos amantes de música não amplificada, ou mesmo amplificada corretamente e com parcimônia, este fone é uma das melhores opções do mercado sem dúvida alguma!

Ouvimos todos os gêneros musicais possíveis, e seu grau de precisão, equilíbrio e fidelidade é surpreendente em qualquer ângulo de análise. Sua assinatura sônica é sempre em favor da musicalidade, sem pirotecnias ou arroubos que encantam os “marinheiros de primeira viagem” e depois se tornam enfadonhos e repetitivos.

Com o GS3000e, o ouvinte sempre será levado a ouvir a música plenamente (sem elucubrar se aquela passagem deveria ter mais

peso, ou soar na frente da cabeça). Pois é o tipo de dúvida que se torna irrelevante, tamanho o grau de refinamento com que a música é apresentada.

Colocar defeitos em um fone desse nível é uma tarefa difícil, e será fora da esfera da performance. A única coisa que ouvi dos amigos que mostrei o GS3000e foi do cabo, que realmente assusta pela bitola. Mas que passou instantaneamente assim que apertei o Play. Você simplesmente submerge em sua apresentação, para não querer sair mais daquele estado de êxtase, de ouvir música de forma tão emblemática e emocionante!

CONCLUSÃO

Existem produtos que nos tocam por inúmeros motivos, e muitos têm este encanto por algum tempo, e depois nos abandonam (ou será ao contrário), e existem aqueles produtos de áudio que estabelecem em você um novo nível de referência que torna seu encanto “atemporal”.

E cada vez que você tiver a oportunidade de revisitá-lo, as mesmas sensações se farão presentes. O GS3000e encontra-se neste grupo tão pequeno que quase pode ser contado nos dedos das duas mãos.

Se é isso que você busca em um fone de ouvido, ouça-o, urgente! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NFI0BPFZZAW](https://www.youtube.com/watch?v=NFI0BPFZZAW)

AVMAG #271
KW HiFi
 (11) 95442.0855
 US\$ 2.600

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE



99 Classics Maple Silver

LIMITED EDITION 2020



Adquira já essa joia rara!

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

www.wjrdesign.com

CABOS

CABO USB OYAIDE CONTINENTAL 5S V2

Fernando Andrette



Quando achei que já havia dado minha contribuição, testando inúmeros cabos digitais aos longos desses 25 anos de existência da revista, tanto cabos coaxiais, como óticos, BNC e AES/EBU, e ajudando subjetivistas a realizarem suas escolhas, e os objetivistas deixando-os de cabelo em pé, eis que agora é preciso testar cabos USB e ver como se comportam em diferentes fontes digitais (principalmente para a condução do sinal do streamer até os DACs).

Já vejo os objetivistas preparando uma nova 'fogueira', a ser erguida no pico das bandeiras, para afirmar que cabos USB bem feitos tocarão todos idênticos, e que se ouvimos diferenças, nada mais é do que nossa imaginação fértil à procura de algo para se distrair.

Ouvi isso nas últimas três décadas, então já sou vacinado e maior de idade para entender perfeitamente a indignação de todos que acham que cabos não tem diferença alguma. E, às vezes, acho que estes que assim pensam são até mais felizes, pois não têm o 'vírus da dúvida' a lhe assoprar aos ouvidos, e qualquer cabo irá cumprir o objetivo de

trafegar o sinal que por ele passa. Como diria meu pai: a descrença muitas vezes pode ser uma dádiva!

Afinal, se o sujeito está satisfeito com o que tem, certamente poderá fazer outro uso de seu suado dinheiro, do que gastar em cabos e acessórios. Mas aí eu pergunto aos objetivistas de 'carteirinha': será que todos os que escutam diferença, estão realmente delirando? E todos simultaneamente? São todos lunáticos consumistas ávidos por comprar 'placebo', à torto e à direito?

E volto sempre à velha questão que todos os objetivistas precisam encarar: se o CD-Player era tão bom em seu nascedouro, qual a razão de todos os fabricantes aperfeiçoarem seus erros e defeitos até os nossos dias? Será que existe algum objetivista que ainda acha que

o CD-Player não precisava de correção? Um objetivista, se escutar hoje um CD-Player de 1984 e um de 2020, não escutará diferenças significativas?

E quanto aos inúmeros engenheiros projetistas de áudio, que utilizam seus conhecimentos para o desenvolvimento de topologias, mas que não abrem mão das audições críticas - eles estão errados? E deveriam se abster das audições críticas e confiar apenas nas medições e topologias já existentes e comprovadamente bem resolvidas?

Será que algum objetivista já se ateu que talvez as medições atuais apenas não consigam detectar o que nosso cérebro bem treinado escuta? E que haverá um momento em que medições e audições críticas se juntarão? Acho que este dia não está tão distante assim, e certamente teremos muitas respostas antes do final desta década.

O que eu percebo, depois de testar centenas de cabos aqui na revista, é que os cabos melhoraram muito, principalmente no quesito equilíbrio tonal. O que era 'evidentemente audível' uma década e meia atrás, nas diferenças de tonalidade entre cabos semelhantes em preço, hoje não ocorre mais. Para ouvirmos um cabo torto tonalmente, ele precisa ser muito mal feito, e as escolhas do fabricante em termos de escolha de material e geometria do cabo, muito amadoras. Pois hoje temos excelentes opções nacionais e importadas, que atende em termos de equilíbrio tonal perfeitamente qualquer sistema hi-end.

E falo de cabos de 500 reais e não de 5000 reais!

Então, se ao amigo leitor a única preocupação é quanto ao quesito equilíbrio tonal, ele realmente não precisa nem andar e gastar muito para ver resolvida a questão do equilíbrio tonal de seu sistema.

Ouvi nos últimos dois anos mais de 15 modelos de cabos USB, de 500 a 20 mil reais. E se tem algo em todas as minhas anotações pessoais sobre esses cabos é: como soaram bem tonalmente. Então, quando o leitor me pede uma ajuda neste item, eu sempre deixo claro que a escolha irá depender muito mais de suas expectativas referentes aos outros sete quesitos da Metodologia e não a este quesito. E aí que o perigo mora, pois se você não souber o que precisa ouvir para avaliar os outros sete quesitos da Metodologia, a chance de você comprar o cabo que não irá lhe atender se amplifica.

Eu separei esses cabos que escutei em dois grupos: os honestos e coerentes, e os corretos e refinados. Não pense que o que define os grupos seja o valor, ou o requinte na construção e material utilizado, e sim a capacidade de amenizar as limitações ainda existentes no Streamer.

E quais são essas dificuldades limitativas? Na minha humilde opinião: corpo harmônico, soundstage e textura. Então, para avaliar esses cabos USB, recorri a dois music servers do mesmo fabricante, para evitar o risco das impressões serem inconsistentes pela assina-

tura sônica do music server. Foram eles: Innuos Statement (leia teste na edição 274), e Innuos MiniZen (leia teste na edição de setembro próxima). Ambos com o mesmo cabo de força, os mesmos DACs e a mesma configuração de referência (o Sistema da Revista).

Nas próximas edições publicaremos o teste do USB da Sunrise Lab, da Virtual Reality e da Kubala-Sosna.

O primeiro desta série escolhido foi o Oyaide Continental 5S V2, muito reconhecido lá fora em diversos fóruns internacionais pelo seu alto desempenho, construção impecável (como todo cabo deste fabricante japonês) e pelo seu preço. Que está ao alcance da grande maioria de melômanos e audiófilos que possuem um music server de qualidade.

Eu faço uso das tomadas de força Oyaide há muitos anos e, para mim, são a referência de mercado para instalação elétrica, mas nunca antes havia testado algum cabo feito por este renomado fabricante. Minha surpresa e admiração foi tão grande, depois de ouvir o Continental 5S V2, que solicitei ao distribuidor o envio de cabo de força, de caixa e interconexão.

O de força já está em teste, e acredito que consiga publicar sua avaliação em alguma das últimas edições deste ano.

O cabo USB que me foi enviado é de 1,2m. O 5N vem da utilização de fios de prata pura para a transmissão da linha de sinal - a Oyaide defende que para transmissão de sinal em altas velocidades (acima de 450 Mbps), a prata seja o condutor ideal. Todo o processo de laminação é feito a frio, e sofre 19 estágios para que no final se tenha uma cristalização da prata alinhada, e sem tensão ou ruptura nos fios. Todas essas etapas (segundo o fabricante) são para que a transmissão de sinal em alta velocidade de dados não tenha nenhum tipo de perda.

A blindagem utiliza folhas de cobre em vez de alumínio, pois a Oyaide chegou à conclusão que o cobre é superior em termos de eficiência. A capa do cabo utiliza filamentos de seda para uma baixa capacitância estática, e qualquer tipo de vibração espúria no processo de passagem do sinal.

O cabo é compatível com comunicação de alta velocidade USB 2.0, com velocidade de transmissão de 480 Mbps.

Embora a maioria dos fabricantes de cabos USB utilizem bitolas de AWG 28, a Oyaide optou por AWG 25, para diminuir a resistência do condutor e evitar perda de jitter.

Os plugs são banhados a ouro, e de excelente qualidade.

Em uma avaliação meramente visual e tátil, o cabo impressiona pela sua construção, acabamento e maleabilidade.

Ele veio para teste zerado e lacrado. Então fizemos as anotações de primeiras impressões, e o deixamos em queima contínua por 100 horas. Como relatei acima, o equilíbrio tonal é excelente assim que saiu ▶

CABOS



da embalagem. O que faltou nessas primeiras impressões, foi profundidade. Pois tudo que ouvimos foi bidimensional.

Cem horas depois a profundidade, veio e pudemos iniciar nossos testes. Primeiro o colocamos no Statement, ligado ao TUBE DAC Nagra. Suas qualidades ficaram evidentes logo de saída, apresentando um excepcional silêncio de fundo, foco, recorte e planos cirurgicamente bem definidos. Isso nos animou a escutar uma dúzia de gravações de música clássica, escolhidas a dedo no Tidal.

Como o Statement possui muito mais ar, e apresenta os planos de forma mais próxima que a mídia física, pudemos ver que neste quesito o Oyaide se saiu muito bem, se colocando naquele segundo pelotão de cabos corretos e mais refinados.

Os transientes são excepcionais, altíssimo grau de precisão tanto em tempo como andamento, ombreando neste quesito com a nossa referência, o Dynamique Zenith 2.

As texturas são menos 'realistas' que no Kubala-Sosna, no Zenith 2 e no Sunrise Lab Quintessence, mas ele custa uma fração do preço de qualquer um desses três, então se lhe falta aquele 'calor e naturalidade' a mais nas texturas, ele compensa com uma qualidade na intencionalidade que é de alto nível.

A dinâmica - tanto a micro, quanto a macro - são excelentes, seja ouvindo-o no TUBE DAC Nagra ou no DS-10 da Gold Note.

E o corpo nenhum cabo USB consegue corrigir uma limitação que ainda é da topologia Streamer. Ainda assim, ele não ficou atrás de nenhum dos nossos cabos de referência.

A materialização física foi muito boa, com as melhores gravações que conseguimos encontrar no Tidal para este quesito.

Engana nosso cérebro que os músicos foram materializados? Com um pouquinho de boa vontade, quase lá!

E a musicalidade é um dos quesitos mais interessantes deste cabo USB. Pois sua sonoridade é cativante. Não por acrescentar algum tipo de coloração, e sim por se esforçar para ser o mais neutro possível.

CONCLUSÃO

Se você precisa de um cabo USB que custe menos de 3 mil reais, e faça tudo corretamente, e ajude seu servidor de música a mostrar seus melhores atributos, ouça o Oyaide Continental 5S V2.

Ele é uma pechincha pelo que custa. Um cabo altamente recomendado e que certamente estará entre os melhores do ano.

Vale cada centavo do que custa! ■

AVMAG #276
KW Hi-Fi
 (11) 95422.0855
 (48) 3236.3385
 (1,2 m) - R\$ 2.160

NOTA: 79,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



Se você leu várias das edições de 2021, na descrição de inúmeros testes terá percebido o uso do cabo de força da Oyaide Tunami GPX-R V2. E muitos de vocês devem estar se perguntando o motivo de demorarmos meses para apresentar o teste de cabos (principalmente os de força).

E o motivo é importante: compatibilidade.

Pois ao longo dos anos percebi, consistentemente, que cabos de força muitas vezes possuem baixa compatibilidade com eletrônicas distintas, e por isso procuro ouvi-lo com o maior número possível de equipamentos antes de o colocar em avaliação final.

Claro que os objetivistas acharão tudo isso um preciosismo absurdo, já que para muitos deles, cabos de força bem feitos soam todos iguais. Mas, para os que 'escutam' diferenças, sabem o quanto é essencial saber o grau de compatibilidade para uma escolha mais certa.

Eu nunca tive grande intimidade com os cabos da Oyaide, ao contrário de suas tomadas, que sempre utilizei e indiquei aqui aos nossos leitores. Felizmente agora, com a importação sendo feita pelo Fernando Kawabe, ele nos tem disponibilizado diversos modelos e, além do cabo USB já testado, ele também nos enviou este cabo de força, e em breve chegará o de caixa.

Com essas duas primeiras amostras e os resultados em termos de compatibilidade, qualidade de construção e performance, acredito que muitos dos nossos leitores irão se interessar em conhecer e gostar ainda mais do seu valor.

Mas, antes de descrever minhas avaliações, gostaria de contar um pouco de como a Oyaide chegou a esses resultados tão consistentes, e contar uma história bem interessante de como uma enorme adversidade pode nos empurrar para buscar soluções que mudam completamente o rumo de uma empresa.

CABOS

A Oyaide, assim como muitos outros fabricantes de cabos japoneses, por décadas basearam todos os seus produtos nos fios de cobre PCOCC-A, produzidos e patenteados pela Furukawa. Era a matéria prima mais utilizada pela maioria dos cabos hi-end fabricados no Japão. E eis que, em março de 2013, no seu aniversário de 130 anos, ela anunciou ao mundo o encerramento da produção de fios PCOCC, levando os fabricantes de cabos japoneses a entrar em desespero.

Muitos fecharam, já que sua produção atendia apenas o mercado doméstico, e os maiores tiveram que achar novos fornecedores para se manterem no mercado. Para o sr Satoru Murayama, CEO da Oyaide Co., só havia uma saída digna e segura para não correr mais riscos nas mãos de fornecedores: produzir seus próprios cabos. Ali se iniciou uma cooperação com a Sansha Electric, para desenvolver um novo tipo de fio, batizado de Oyaide 102 SCC.

Este novo fio demorou um ano e meio para ser lançado, e no seu lançamento o sr Satoru fez uma comunicação ao mercado e aos seus consumidores, explicando o motivo de uma mudança tão radical.

Em sua comunicação ele expos o choque que foi a saída da Furukawa, e as opções existentes que se apresentavam naquele momento, e descreve o enorme desafio que foi assumir do zero a construção de um novo cabo que fosse em tudo superior ao PCOCC-A.

“Começamos nossa jornada investigando profundamente para definir o novo conceito.

Decidimos que a abordagem certa seria produzir cobre da mais alta qualidade já feito, usando as tecnologias mais avançadas disponíveis. O material de base de cobre do 102 SSC é refinado no Japão, e está em conformidade com o padrão industrial JIS C 1011, o mais alto padrão de pureza mundial, sendo utilizado apenas cobre virgem puro que não contém nenhum material reciclado. Isso elimina qualquer chance de contaminação e impurezas. Nosso material de base de cobre virgem é entregue a uma das instalações de trefilação mais modernas do Japão, onde primeiro é enrolado em uma haste e depois levado a um processo de finura de cerca de 1mm, em vários estágios, para minimizar a tensão e deterioração da estrutura cristalina do cobre. Em vez de remover as impurezas existentes no fio de cobre com o uso de ácido (decapagem), que comprovadamente não elimina todos os resíduos, utilizamos o processo de raspagem ou descascamento mecânico, um processo mais demorado e minucioso, mas que controlado 100% remove totalmente as impurezas.

Este é um processo raramente utilizado e demonstra nosso compromisso da mais alta qualidade possível no século 21. Após o descascamento mecânico, o fio é recozido para remover todas as tensões de deformações induzidas pelo processo de trefilação. Aqui nossa abordagem também se diferencia da concorrência, já que em vez do processo de recozimento ‘sino’ comumente usado, mas que deixa

resíduo de fuligem, optamos pelo recozimento elétrico em ‘linha’. O que aumenta o nível de condutividade em até 102,3%. Este é o motivo do nosso cabo de cobre receber o nome de 102 SCC. Após todo este processo, o fio recozido é embalado a vácuo para evitar qualquer oxidação. Sendo enviado para a instalação de trefilagem fina. E para alcançar este padrão final de qualidade, contratamos a Sansha Electric Wire Company na província de Aichi. Pois precisávamos de seus artesãos altamente qualificados para dar o acabamento final a todos os nossos esforços. Com a colaboração da Sansha melhoramos a precisão de usinagem e o processo de polimento. Pois queríamos o uso de matrizes de diamantes naturais e não sintéticos, que proporcionam menor tensão e melhor lubrificação, que conseguem a incrível precisão de mais ou menos 1um para a tolerância do diâmetro externo do fio. A Sansha é capaz de monitorar as tolerâncias 1600 vezes por segundo em todo o comprimento de uma única linha de fio. O fator determinante final do projeto foi definir o método ideal de torção. Pois na Oyaide adotamos muitos tipos de trançado dependendo do tipo de produto. As possibilidades são de fios trançados agrupados, torção concêntrica, torção uni-lay, torção de corda, estrutura cilíndrica de núcleo sólido. E foi essencial a ajuda dos artesãos da Sansha para refletir qual seria a melhor opção para os novos fios de cobre. E o escolhido foi o encordoamento 3E (de três elementos) desenvolvido e patenteadado para Sansha, que combina três fios de três diâmetros diferentes para aumentar a densidade do fio, diminuindo os espaços entre os fios. O resultado é um condutor com um diâmetro externo menor que um mesmo fio de bitola feito com fios individuais idênticos, além de uma seção transversal mais precisa, estável e perfeitamente circular”.

Não é todo dia que conseguimos informações tão detalhadas do próprio CEO de uma empresa de cabos hi-end. Por isso quase que apresentei na íntegra seu depoimento. E lá se vão sete anos desde a apresentação desta mensagem, e uma nova linha de cabos Oyaide nasceu.

Em uma visualização superficial, não notei grandes mudanças entre a versão antiga do GPX-R e a nova versão GPX-R V2. E sinto nunca ter escutado em nenhum dos nossos sistemas detalhadamente a versão anterior. Mas, pelas observações em inúmeros fóruns, as diferenças são mais de refinamento do que de mudança radical na assinatura sônica (e afirmar que um cabo de força tenha uma assinatura sônica, deve dar gastrite em muitos objetivistas, rs! - por favor leiam o Opinião deste mês, do Christian Pruks, sobre ‘Medições’, e não deixem de fazer a comparação dos divisores de frequência, citada no artigo - essa eu acredito que fará muitos objetivistas mudarem de ideia!).

Pois muito falam que a nova versão manteve as principais características de detalhes, mas perdeu aquela característica de deixar tudo no mesmo plano (o que conseqüentemente pode causar fadiga auditiva em sistemas desequilibrados e gravações tecnicamente limitadas). A

versão V2 (permita-me abreviar), não sofre desta limitação de maneira alguma.

A lista utilizada de equipamentos foi enorme: integrados Cambridge Audio CXA81, Gold Note IS-1000, Sunrise Lab V8 Aniversário, Boulder 866 (leia teste na edição de dezembro) e Nagra Classic. Prés de Phono: PS Audio Statement, Nagra Classic Phono, Gold Note PH-1000 e Luxman EQ-500. Prés de linha: Shindo Auriges L, Nagra Classic e Leben CS-300F. Transportes: dCS Scarlatti e Nagra. Streamers: Innuos Zenith e Mini Zen, e Roon. Amplificador de fone de ouvido: Stax SRM-700T. Além de uso regular em nossa régua da Sunrise Lab.

O que mais gostei neste cabo V2 da Oyaide?

Compatibilidade. Confesso que não esperava este grau de compatibilidade, pois mesmo produtos muito acima de sua pontuação final, ele nunca diminuiu a performance do sistema a ponto de indicarmos ele como o elo fraco que estaria represando o desempenho geral do sistema.

E como isso pode ser possível de ocorrer?

Só existe uma maneira disso ser possível: coerência em todos os quesitos da Metodologia e principalmente um equilíbrio tonal muito correto. E isso o V2 tem de sobra. Pois suas pontas não contêm brilho nas altas e muito menos inchaço nos graves, como inúmeros cabos de força possuem, e que podem agradar em um sistema carente de extensão, mas que se tornam um problema em sistemas com melhor equilíbrio tonal.

Sua naturalidade é excelente, permitindo uma apresentação da região média muito correta e detalhada. A apresentação do soundstage para sua faixa de preço é excelente, com enorme largura, boa profundidade e altura correta. Mas o que mais nos agradou foi sua apresentação de foco e recorte: cirúrgica, limpa e precisa.

Os que estão buscando essas qualidades em seus sistemas, deveriam realizar uma audição cuidadosa com o V2.

As texturas, graças a sua naturalidade nos timbres, são muito corretas, possibilitando ouvir sem esforço a intencionalidade e a paleta de cores dos naipes de uma orquestra e de instrumentos solo em qualquer gravação bem realizada.

Gostei muito da apresentação dos transientes, incisivos e com excelente precisão no tempo e andamento. Ele não se perde nem mesmo em passagens com enorme variação de andamento. Neste quesito, ele sobe muito de patamar, ombreando com cabos muito mais caros.

A dinâmica tem o mesmo resultado surpreendente que os transientes, tanto na macro, com boa folga e deslocamento de ar, como na microdinâmica, já que se mostrou um cabo muito silencioso.

Nenhum problema com a apresentação de corpo harmônico, mostrando com precisão as diferenças de tamanho de corpo em streamer, CD e analógico.

E a materialização física (Organicidade) claramente é muito mais responsável da qualidade técnica da mídia e do sistema do que dele.

CONCLUSÃO

Eis um cabo de força de menos de 3000 reais, que possui um grau de compatibilidade excelente com equipamentos de pontuação maior que a sua. E, o mais importante, alta compatibilidade também com outros cabos de força. Isso graças a uma assinatura muito mais próxima da neutralidade. O que é ótimo quando o que buscamos em um sistema é o maior grau de neutralidade possível, para que a música soe como foi concebida realmente.

Se é este seu caso, e não deseja fazer grandes investimentos em cabos de força (como eu, que já estou com os meus Transparent Powerlink MM2 e os Sunrise Lab Quintessence por muito tempo), eu indico uma audição do V2 da Oyaide, pois ele pode ser a solução definitiva para inúmeros sistemas Estado da Arte. ■

AVMAG #279
KW Hi-Fi
(11) 95422.0855
(48) 3236.3385
R\$ 2.700

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO COAXIAL DIGITAL LIGHTNING III DA VIRTUAL REALITY

Fernando Andrette



Nos primeiros anos dos nossos Cursos de Percepção Auditiva, no nível 2, dedicado a cabos, o cabo digital era de longe o mais polêmico e o que causava discussões para lá de calorosas.

Lembro de cenas marcantes, e que se tornaram emblemáticas, pois ocorreram situações interessantes como a de um participante que levantou abruptamente e aos berros, proclamou que rasgaria seu diploma de engenheiro se eu conseguisse mostrar a ele e a plateia diferenças entre cabos digitais. Pois cabos bem construídos de 75 Ohms, e sem nenhum defeito, não poderiam jamais soar diferentes!

Não só mostramos as diferenças em termos de equilíbrio tonal e corpo (os quesitos em que as diferenças podem ser bem audíveis), como mostramos uma 'peculiaridade' recorrente em diferentes cabos digitais: os transientes! Para mostrar essa diferença, recorria ao exemplo do CD do grupo Uakti - *I Ching*, faixa 3. As percussões necessitam nesta faixa de serem absolutamente precisas, tanto nas entradas em uníssono, quanto nas saídas. E temos, para complicar a vida dos

cabos digitais 'ruins' de transientes, um triângulo que possui um andamento distinto e mais longo do que as percussões, mas que as entradas e saídas se encaixam.

Para os participantes entenderem o grau de complexidade, colocava os primeiros 30 segundos no cabo digital correto, e pedia a todos para se concentrarem na precisão na largada de cada novo compasso. Depois de repetir a faixa por quatro, cinco vezes, colocava o cabo digital mais torto em termos de transientes. E a sala vinha abaixo, pois parecia que cada músico havia escolhido seu tempo e andamento "pessoal", criando um descompasso na música, muito desconcertante auditivamente!

Eu não pedi que o engenheiro rasgasse seu diploma, mas pela sua cara de incredulidade, acredito que pelo menos ele passou alguns meses tentando compreender o fenômeno.

Cabos digitais não são uma classe à parte por lerem apenas zeros e uns!

Por mais que os objetivistas queiram acreditar e até defender que as medições não falham, o que na prática escutamos é que as diferenças são muito audíveis. E por algum motivo que provavelmente morrerei sem saber, cabos digitais e de força são, entre todos os cabos, os que possuem menor compatibilidade, sendo de longe o que devemos ter mais cuidado na hora da escolha.

Cabos de interconexão e caixa são os que, além de maior compatibilidade com os equipamentos eletrônicos, também são bastante 'amigáveis' com cabos de outras marcas - desde, é claro, que haja coerência de assinatura sônica e não seja o elo fraco do sistema.

Se levo de dois a quatro meses com cabos de interconexão e caixa, peço sempre o dobro de tempo para avaliação de cabos digitais e de força. Pois é preciso colocá-los na maior quantidade possível de produtos e setups, para se ter certeza de que ouvimos suas qualidades e limitações.

Para o teste do Lightning III, utilizamos ele no Innuos ZEN Mini, ligado tanto na caixa Kii Audio THREE (leia teste na edição de julho), como entre o transporte Nagra e o TUBE DAC Nagra.

Este coaxial é confeccionado com cabo de fabricação americana, com dupla blindagem e condutor de cobre OFHC de alta pureza. O plug no modelo enviado para teste é de excelente acabamento, e a impedância é de 75 Ohms.

Por 590 reais este cabo de 1 metro é um verdadeiro achado! Se você precisa de um cabo coaxial em seu sistema e não quer gastar mais que 600 reais, você precisa colocar em sua lista de audições. Ele foi uma enorme surpresa pelo seu grau de naturalidade e capacidade de organizar de forma correta o acontecimento musical, mesmo em passagens muito complexas com enorme quantidade de informação e variação dinâmica.

Seu equilíbrio tonal permite que mesmo as gravações digitais mais 'agressivas' na região alta, se comportem de maneira mais 'palatável'. Mas não pensem que isso ocorra em detrimento ou corte nas altas, para deixar o som mais aveludado. Ele consegue essa proeza justamente por seu equilíbrio tonal ser muito bom em todo o espectro audível. Ouvimos inúmeras gravações com flautim, violino, trompete, sax soprano, para nos certificarmos que não se tratava de uma ou outra gravação específica. E as melhoras foram realmente dignas de nota!

O soundstage se saiu melhor em termos de foco, recorte e ambiência, e um pouco mais 'limitado' em relação a profundidade e largura do palco sonoro.

As texturas seguem a mesma 'cartilha' do equilíbrio tonal. Uma graticante surpresa, para um cabo que custa menos de 600 reais!

Texturas refinadas e muito bem apresentadas, tanto em termos de qualidade dos instrumentos e captação, quanto de intencionalidade.

E na 'pedra no sapato' de todo cabo digital, transientes, o Lightning III, saiu-se muito bem! Preciso em termos de andamento, ritmo e tempo. Um deleite ouvir a famosa faixa do disco *Ching* do Uakti (aliás ouvi o disco inteiro).

Dinâmica correta, tanto na micro como na macro, mostrando o que já havia escrito sobre a maneira que este cabo organiza o acontecimento musical, sem atropelo e com muito boa inteligibilidade.

O corpo harmônico se mostrou menor que nossos cabos de referência (USB ou AES/EBU), mas estes custam um caminhão de dinheiro a mais que este cabo.

A organicidade dependerá muito da qualidade de gravação, mas se mostrou muito correta em materializar o acontecimento musical, como no disco do José Cura - *Anhelo*.

Musicalidade: sim o Lightning III é bastante musical, sendo um cabo isento de fadiga auditiva, e nas gravações tecnicamente limitadas possibilita apreciarmos a qualidade artística sem aquela má vontade que não dá para ouvir.

CONCLUSÃO

Aqui encerramos nossa maratona de testes deste fabricante nacional de cabos, a Virtual Reality, que foi uma das mais gratas surpresas dos últimos dois anos.

Pois consegue se posicionar no mercado com produtos de preços e performance quase que imbatíveis. E oferecendo aos leitores, que possuem sistemas Diamante e Estado da Arte, a possibilidade de realizar upgrades definitivos por um custo, inimaginável três anos atrás.

Esperamos sinceramente que a Virtual Reality mantenha essa filosofia de mercado, e nos envie sempre todos seus novos produtos para avaliação.

Se o amigo leitor necessita de um cabo coaxial de excelente nível, ouça-o! A chance de ser a solução que procura pode ser muito alta! ■

AVMAG #274
Virtual Reality
ebertgoulart@icloud.com
(12) 99147.7504
1 m - R\$ 590
1,5 m - R\$ 760
2 m - R\$ 930
2,5 m - R\$ 1.100
3 m - R\$ 1.270

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABOS LIGHTING I RCA & LIGHTING II XLR DA VIRTUAL REALITY

Fernando Andrette



Depois da bela surpresa que foi conhecer o cabo de caixa trançado da Virtual Reality, e publicado na edição passada, apresentamos agora os cabos de interconexão RCA e XLR da série Lighting.

Interessante que, ainda que façam parte da mesma série, eles utilizam fios distintos em sua construção, o que nos levou à seguinte indagação: como se comportam separados? E, juntos em um mesmo setup, como será a assinatura sônica, e qual será o predominante?

Puxando pela memória, não me lembro de nenhum outro fabricante de cabos que testamos, que tivesse essa abordagem (de fios distintos) dentro da mesma série.

O cabo RCA, batizado de Lighting I, assim como o de caixa, também é confeccionado com fios de cobre alemão com dupla blindagem, e 4 condutores de cobre de alta pureza sólidos em fechamento tipo "Star Quad". Conectores Pailliccs australianos banhados a ouro, e com solda sem chumbo com 7% de prata.

Já o cabo XLR, batizado de Lighting II, é confeccionado com fios americanos com e sem blindagem, e condutores de cobre de alta pureza banhados a prata. Isolação de teflon, conectores Pailliccs banhados a ouro, e também solda sem chumbo com 7% de prata.

Sabendo dessas diferenças de escolha de matéria prima, resolvi testá-los separados, e só no final do teste ouvi ambos em nosso Setup de Referência. Eles foram usados mais tempo nos prés de phono que estavam em teste do que em qualquer outro equipamento. Decidi assim, pois a assinatura sônica de cada pré de phono era muito distinta. Isso nos deu a possibilidade de conhecer o grau de compatibilidade dos cabos com esses prés e, ao mesmo tempo, ouvir as diferenças entre eles.

Foi muito instrutiva esta escolha. Pois realmente soam diferentes e, mesmo a troca de posição entre os dois Lighting (hora usando o XLR do pré de phono para o pré de linha, e o RCA do pré de linha para os

powers) ficou evidente a assinatura sônica de cada um e como se comportam juntos.

São cabos que, com menos de 100 horas, já soam bastante equilibrados e com boa extensão em ambas as pontas.

Sua construção é excelente, e sua leveza e facilidade de instalação permite, mesmo em espaços reduzidos, eles se adaptarem sem ficarem contorcidos ou com risco de serem danificados. Cada vez mais prefiro cabos que sejam leves e maleáveis, e que não coloquem em risco as tomadas de IEC dos aparelhos. Pois, quando a idade chega, aqueles movimentos contorcionistas que fazíamos diariamente na instalação de cabos, não existem mais - tudo que queremos é mobilidade sem riscos de dores nas costas, ciático ou torcicolo. Meu pai dizia que o idoso quer apenas o “básico” - ele estava coberto de razão.

Ainda que tenha espaço para instalar ou trocar qualquer cabo ou equipamento, os que se encontram na prateleira mais rente ao chão são bastantes incômodos para enxergar sem cometer deslizes.

Para evitar acidentes, atualmente na prateleira mais baixa dos dois racks coloquei estrategicamente o DAC (já que deixo todos os cabos do transporte e do servidor de música Innuos conectados), e no outro rack se encontra a fonte PSU do pré de linha e do DAC.

Começarei o teste falando das semelhanças e virtudes sônicas, antes de apresentar as diferenças. Quando abordo o tema em testes ou artigos técnicos e pessoais, das diferenças sônicas dos cabos, os objetivistas rangem tão forte os dentes e bufam com tamanha intensidade que escuto aqui no meio do mato, rs. Mas não tenho como evitar de tocar neste assunto, já que cabos se comportam de maneira distinta e “audível” em diferentes sistemas, e todos possuem alguma assinatura sônica que pode ou não casar como setup.

Todas as observações finais deste teste foram feitas com os seguintes prés de phono: Boulder 508, PS Audio Stellar, Luxman EQ-500, e por uma semana apenas com o Nagra Phono Classic, que será o teste da Edição de Aniversário.

E pudemos fazer um aXb, simultâneo, alternando entre PS Audio, Nagra e Luxman. O que ajudou a compreender as diferenças e semelhanças muito facilmente.

O toca-discos utilizado foi o Timeless Ceres, já modificado em relação ao que testei, com braço Origin Live Enterprise de 12 polegadas, e cápsula Hana Umami Red. O resto do sistema foi o nosso de referência.

Em todos os quatro prés de phono, achamos o XLR superior em todos os quesitos de nossa Metodologia, porém o RCA no PS Audio teve um grau de compatibilidade maior nas altas frequências, e uma região média neste pré de phono que nos agradou mais em termos de timbre e texturas.

Quando passamos os cabos para atuarem entre o pré de phono e pré de linha, e entre o pré de linha e os powers, achamos que o XLR se “encaixou” melhor sempre entre os prés, e não entre o pré de linha e o power.

Quem fez o Nível II do nosso Curso de Percepção Auditiva sobre cabos, irá se lembrar do famoso efeito “cascata”, que quando temos dois cabos diferentes, o de melhor qualidade nos oito quesitos da Metodologia deve sempre vir em primeiro lugar, ou seja: da fonte para o pré. Seja fonte digital ou analógica. O motivo é dar a melhor qualidade de sinal possível para o pré, para que todas as virtudes sejam preservadas.

Em termos de equilíbrio tonal, o XLR apresentou melhor arejamento nas altas, um decaimento mais suave, realçando as ambiências das gravações (principalmente as da época de ouro do analógico, do final dos anos 50 a meados dos anos 70).

Com o RCA, ganhamos mais calor e maior naturalidade na região média e média alta, mas perdemos esta ambiência, tão essencial para ouvirmos as grandes salas de gravações do estúdio Capitol, por exemplo.

Como sempre digo: tudo são escolhas, nesta faixa de preço, pois ter tudo na mesma proporção custa bem mais caro, seja em termos de eletrônica como em cabos (ouvi tanto ranger de dentes que achei que era uma porta com as dobradiças enferrujadas, rs).

A região média e média-alta do XLR, não tem o mesmo calor, mas tem maior transparência e uma resolução de microdinâmica maior. Os graves de ambos os cabos são bastante semelhantes, mas para ouvir pequenos grupos de blues e rock/pop, apreciei mais a assinatura sônica do RCA.

O soundstage de ambos é muito bom. Ótima largura, altura e profundidade. Foco e recorte muito corretos em ambos. Assim como a apresentação de planos em grandes orquestras.

A textura, para o meu gosto pessoal, foi mais “sedutora” no RCA, mas o grau de transparência do XLR ajudou muito na recuperação da intencionalidade, o que pode, para muitos, ser mais relevante do que a “sedosidade”.

Os transientes em ambos são excelentes. Tempo, andamento, ritmo, tudo preciso e convincente, nos levando a acompanhar o ritmo com total interesse e zero dispersão.

A dinâmica foi corretíssima em ambos, mas a microdinâmica, graças à transparência maior do XLR a evidenciou um pouco mais neste quesito. Já na macro, ambos se saíram muito bem, ombreando com cabos “n” vezes mais caros!

No corpo harmônico, o RCA foi ligeiramente mais fiel, tanto em termos de apresentação do corpo, como na diferença entre os diversos

CABOS



instrumentos. Mas nada que o XLR tenha sido comprometido, pois essas diferenças de corpo só foram “audíveis” escutando ambos simultaneamente.

A materialização física em ambos foi muito boa. Graças a seu excelente soundstage em termos de largura, altura e profundidade, nas gravações tecnicamente impecáveis o resultado foi empolgante.

Quanto ao último quesito, musicalidade, é difícil decidir um vencedor, pois com o Luxman EQ-500, neste quesito o XLR foi “matador”. Já no PS Audio, o RCA se mostrou mais musical. Mas se virmos a topologia destes dois prés de phono, teremos uma boa “pista” do motivo deste resultado. O PS Audio é uma topologia de estado sólido, e o Luxman é valvulado.

Trocando os cabos, o resultado foi ruim? Absolutamente que não. Apenas as virtudes não foram tão evidentes.

CONCLUSÃO

O que impressiona na linha de cabos da Virtual Reality, é o grau de qualidade em todos os sentidos, e com um custo que o coloca como a melhor opção para a maioria dos nossos leitores que possuem um

sistema Estado da Arte (acima de 83 pontos na nossa Metodologia) mas que sofrem para realizar upgrades nos cabos, pelos valores dos mesmos muitas vezes ultrapassarem o custo dos seus equipamentos!

Este era um dilema, que não existe mais!

Se este é seu caso, e os cabos é que estão fazendo o papel de freio de mão em seu sistema, ouça estes cabos. Eles podem definitivamente escrever um final feliz para este dilema!

Obs.: como, no final, as diferenças foram mais de compatibilidade com os eletrônicos utilizados, a nota de ambos será a mesma. ■

AVMAG #272
Virtual Reality
 ebertgoulart@icloud.com
 (12) 99147.7504

Cabo RCA:
 1 m - R\$ 600
 1,5 m - R\$ 750
 2 m - R\$ 900
 2,5 m - R\$ 1050
 3 m - R\$ 1.200

Cabo XLR:
 1 m - R\$ 1090
 1,5 m - R\$ 1285
 2 m - R\$ 1.480
 2,5 m - R\$ 1.675

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE



Novo album
piano solo

NOTTURNO 2021

Edição especial

Faixas bônus, encarte em pdf e arquivos originais em 16/44 disponíveis para download exclusivo através do site.

andremehmari.com.br

Lançamento
Setembro 2021

“ Miraculosamente prolífico, André Mehmari tem praticamente um disco gravado para cada ano de vida. Cada um desses mais de 40 álbuns conta; é difícil escolher dentre as múltiplas facetas de um talento musical tão eclético, que não cessa de surpreender quando nos parece que ele já fez de tudo – e em todos os instrumentos possíveis, imagináveis e imaginários. Notturmo 20>21 destaca-se como um dos mais introspectivos de toda sua trajetória. Mehmari está só, ao piano, que o acompanha desde sempre. E compartilha conosco ideias musicais cristalizadas em noites de insônia dos sombrios tempos que nos assolam. Os tempos são de pesadelo; a música que deles brota, contudo, não é. Pelo contrário: é uma música que reafirma nosso direito de sonhar. “Música de sobrevivência”, na feliz expressão que ele toma emprestada de um de seus ídolos, Egberto Gismonti. Trata-se também de uma espécie de *Pequeno Livro de André Mehmari*, um bloco sonoro de notas em que, ao lado de suas composições, ele finalmente compartilha com o mundo referências do que costumava tocar e gravar em ocasiões íntimas, mas sem se decidir a trazer a público. “

Irineu Franco Perpétuo

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



ESTÚDIO Monteverdi

CABOS

CABO DE CAIXA THUNDER TRANÇADO DA VIRTUAL REALITY

Fernando Andrette



Conheci a Virtual Reality através do César Miranda, que um dia em nossas conversas me perguntou se eu já havia escutado algum dos cabos deste fabricante. E que, se eu quisesse, ele poderia me colocar em contato com o Ebert Carlos Goulart, o projetista e fundador. E me enviou uma série de fotos de cabos de caixa, força e interconexão para eu ver o esmero de construção e detalhes.

Marcamos então uma visita do Ebert à nossa sala, junto com o César, e aí pudemos conhecer praticamente toda a linha - exceto o novo cabo de força trançado que ainda estava em revisão auditiva final.

A formação do Ebert é bastante interessante, pois atuou em várias frentes nesses últimos 20 anos. Eletrônico especializado em alta tensão, geração e controle de sistema elétricos, e amante de equipamentos de áudio desde muito cedo. Como todo amante curioso, sempre quis saber como as coisas funcionam, e daí partiu seu interesse por construir seus próprios equipamentos, desde caixas acústicas até amplificadores.

Aos 20 anos já estava produzindo sistemas de PA, e aí conheceu o áudio Hi-End e descobriu um mundo completamente novo à sua frente. Começou seu estudo deste mercado, querendo entender as diferentes assinaturas sônicas de cabos, percebeu que materiais nobres adquiridos na indústria elétrica de ponta para a produção de cabos de melhor qualidade, era o essencial. Então, o segundo passo foi pesquisar os possíveis fornecedores deste material elétrico para a criação de sua linha de cabos.

Em parceria com Adonias Jr, audiófilo e dono do Estúdio Arsis, que tem em sua carreira dois prêmios Grammy Latino, utilizaram o conhecimento de Adonias para os testes dos futuros produtos da Virtual

Reality. Dessa parceria surgiu o cabo USB, configurável, permitindo ajustes finos enquanto se escuta o cabo, algo bastante interessante que desconheço ser utilizado por outros fabricantes de cabos.

Nos últimos três anos, a Virtual Reality já correu o Brasil e conseguiu uma rede de clientes fiéis e apaixonados pelos produtos. Seus testemunhos são eloquentes o suficiente para, ao menos, levantar a curiosidade dos que desconhecem os produtos da empresa.

Então, como sempre fazemos, solicitamos um set completo de cabos para podermos ouvir por meses em todos os produtos que nos chegam para teste, e também para finalizar nota em nosso Sistema de Referência. Como nosso leitor já sabe de nosso procedimento, escolhemos um cabo para iniciar a apresentação e, na sequência, iremos apresentando toda a família. Essa escolha não tem nem um critério pré estabelecido, vai apenas pela urgência ou necessidade de momento.

Então o cabo escolhido foi o cabo de caixa Thunder Trançado, já que estávamos com uma fila de caixas em teste grandiosa para o início do ano. E ele ajudou a amaciar duas caixas Elac da série Debut Reference, que serão apresentadas na edição de Abril e Maio.

Existem dois cabos de caixa Thunder: o Estruturado e o Trançado, com assinaturas sônicas bem distintas, mas que mantêm (obviamente) o mesmo DNA. E que podem ser até usados em conjunto (tanto em sistemas em biamplificação como em bicablagem). Mas por questões de critério, achamos mais conveniente apresentá-los separados, para que o nosso leitor possa fazer sua escolha baseado em suas necessidades e expectativas.

O Thunder Trançado é confeccionado com material produzido na Alemanha, com condutores OHFC de alta pureza e isolamento em PE. Utiliza 10 condutores de 1mm², normalmente configurado como single-wired. O detalhe que me chamou muito a atenção é que este cabo não possui acabamento externo, sendo a própria trama o acabamento do cabo, com isso ele é super leve e fácil de se adaptar à espaços tortuosos e apertados - gostei demais de sua facilidade de uso no dia a dia. As terminações podem ser Banana (ouro ou ródio) ou forquilha (ouro).

O fabricante, em seu site, descreve algumas possibilidades de uso do cabo para determinados sistemas com deficiências ou necessidades de compensação em determinadas frequências. Eu, no entanto, preferi seguir em outra direção ao analisar os cabos da Virtual Reality buscando ouvir seu comportamento dentro dos quesitos de nossa Metodologia. Então deixamos de lado as observações do fabricante (ainda que sejam importantes para o consumidor se situar no que busca e pretende para corrigir seu sistema).

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Elac Debut Reference DBR62 e DFR52 (coluna), Elipson Legacy 3230 (leia teste 1 nesta edição) e Wilson Sasha DAW. Integrados: Sunrise Lab V8 SS, Cambridge

Audio CX-A81, e Leben CS-300F. E o nosso Sistema de Referência completo.

Não sei se os cabos vieram ou não com um pré amaciamento, mas saíram tocando muito bem (todos que já estão em processo de análise).

O Thunder trançado possui um ótimo equilíbrio tonal, com as pontas muito bem estendidas e no extremo alto, decaimento correto, que nos permite ouvir em detalhes as ambiências. No outro extremo, graves com corpo, peso e deslocamento de energia. A região média é muito bem apresentada, com excelente equilíbrio entre transparência e naturalidade. Com este equilíbrio tonal, a sensação de conforto auditivo e interesse em acompanhar a música é intenso e muito convidativo.

Foi o casamento ideal para ambas as caixas da Elac, sendo que no caso da book o Thunder 'evidenciou' ainda mais a exuberante região média da caixa (leia teste na edição de abril).

O soundstage, em termos de largura, altura e profundidade, se saiu muito bem, permitindo o ouvinte entender os planos e a sensação de 3D em um palco holográfico. Caixas books são primorosas em apresentar este palco 3D quando possuem espaço suficiente à sua volta. E como essa é uma das maiores qualidades da book Elac, novamente aqui o casamento se mostrou primoroso! Nas caixas maiores, essa qualidade do Thunder também se fez presente, mas não com tanta precisão como na book.

As texturas deste cabo são exemplares, pois conseguem ser precisos, fidedignos e ao mesmo tempo naturais. Essa qualidade certamente é consequência direta do seu equilíbrio tonal.

Gostei muito dos transientes, rápidos, corretos e com aquela 'pegada' tão necessária para o andamento não soar letárgico ou 'descompromissado'. Temos um exemplo matador para fechar a nota deste quesito: *Canto Das Águas* do André Geraissati, faixa 5, gravação produzida pela Cavi Records e presente no disco que encartamos na Musician também. Quando apresentada em um setup com algum problema na resposta de transientes, parece que o violonista pensou antes de executar e digitar a nota - fica aquela sensação de um músico ensaiando e não gravando 'a boa'. E quando os transientes estão perfeitos, a diferença de apresentação é audível, pois as notas soam com enorme precisão, mostrando o grau de virtuosidade e concentração do músico. Este mesmo fenômeno pode ser dito de outra maneira, como aquele sistema que o faz acompanhar o ritmo com os pés de forma contagiante, ou não.

Interessante observar como os objetivistas descartam as reações psicoacústicas e emocionais, ao ouvirmos música. Pois essas reações nos mostram muitos elementos de como nosso cérebro, o sistema auditivo e nosso corpo reagem a distintos sistemas. E como não somos máquinas e não escutamos ondas quadradas e senoidais em nossos

CABOS

momentos de lazer - e sim música - este 'pequeno detalhe' deveria ser levado em consideração pelos objetivistas, ao menos como fonte de estudo. Este é o mote central de nossos Cursos de Percepção Auditiva: mostrar ao participante a diferença abismal entre escutar e ouvir. Mas isso é assunto para os leitores que participarem dos nossos futuros cursos, assim que estivermos todos imunizados.

O cabo de caixa Thunder passou neste quesito com louvor!

A dinâmica também se mostrou muito correta, tanto em termos de micro como macro. Faltou aquela 'impetuosidade' na precisão auditiva de escala crescente (ou degraus), no forte para o fortíssimo, compensada perfeitamente com um grau de inteligibilidade nas passagens mais complexas, que não torna a audição das macro-dinâmicas cansativas ou resulta na terrível consequência de endurecimento do sinal ou deixa o som nessas passagens bidimensional. A micro, com o seu grau de transparência e equilíbrio tonal é excelente.

O corpo harmônico é outra bela surpresa deste cabo, pois tanto com mídia analógica como digital foram muito fidedignas dentro das qualidades e limitações de cada mídia. O contrabaixo tocado com arco do nosso disco Timbres, tem um corpo muito correto do instrumento (principalmente captado com o microfone B&K 4006), e mesmo na book Elac o resultado foi magnífico.

Muitos leitores ainda julgam este quesito como uma 'confeitaria' ou um detalhe de menor importância entre os demais quesitos. Grande engano quem assim pensa, pois, nosso cérebro quando acostumado a ouvir música não amplificada ao vivo, se torna exigente demais para achar que corpos do tamanho de uma 'pizza brotinho' irá fazê-lo acreditar que aquilo é uma reprodução fidedigna da realidade. Seu cérebro não pode ser subjugado, amigo leitor, ele sabe exatamente o que o aproxima da realidade ou não, então se ainda não entendeu a importância do corpo harmônico, está na hora de você rever seus conceitos. E o Thunder é muito bom na reprodução do tamanho dos instrumentos em gravações nas quais este detalhe foi bem captado, e não se perdeu na mixagem e na masterização.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), depende muito mais da eletrônica e das caixas do que de um cabo. Mas, às vezes, um cabo com alguma deficiência em um ou dois dos nossos quesitos, pode por este momento 'mágico' (de termos os músicos à nossa frente) por terra abaixo. Não foi este o caso do Thunder - ao contrário, este quesito reforçou o quanto este cabo de caixa é eficiente em todos os quesitos de nossa Metodologia e o quanto é consistente e coerente!

Com este alto grau de equilíbrio, o resultado é sempre o mesmo na musicalidade. E o Thunder, no último quesito de nossa Metodologia, se mostrou altamente musical. É o tipo de cabo com o qual o prazer de ouvir música será sempre integralmente correspondido.

E não é isso que todo audiófilo e melômano busca, incansavelmente, pelo longo da vida?

CONCLUSÃO

Ouçõ por 25 anos (sim, estaremos em maio completando 25 anos de vida! Quem diria!), que somos uma revista elitista que só defende o que é caro e inacessível à esmagadora maioria dos leitores. E esses mesmos 'desafetos' que teimam em nos criticar, quando apresentamos um produto de excelente performance barato e acessível à esmagadora maioria de nossos leitores (como a coluna Pioneer modelo SP-FS52 by Andrew Jones), somos acusados de estarmos baixando o nível dos produtos testados (como é duro agradar à gregos e troianos!). Ou, pior: dizem que só falamos bem, ou demos a nota que demos, por estarmos sendo 'pagos' para isso. Eu realmente relevo esse tipo de comentário, pois o que tem de leitor vivendo feliz com esta Pioneer anula cada uma das críticas, das mais ingênuas às mais virulentas e mentirosas.

Mas iniciei a conclusão abordando este tema, justamente para falar que o mercado acaba de ganhar um cabo de caixa Estado da Arte de excelente custo/performance, que vai permitir a todos que desejam realizar um upgrade seguro, gastar menos de 1.000 reais!

Então não há mais necessidade de achar que nunca será possível montar um sistema de alto nível com um orçamento reduzido, pois este tempo de 'segregação' financeira no universo hi-end acabou!

O Thunder Trançado é um cabo surpreendente pelo que soa e pelo que custa, e a Virtual Reality merece todo o apoio e incentivo nosso e dos leitores que acreditam em nossa Metodologia e nossa integridade.

Se você deseja ter um cabo Estado da Arte em um sistema com orçamento limitado, esta é sua chance.

Ouçã-o e se surpreenda como nós! ■

AVMAG #271
Virtual Reality
 ebertgoulart@icloud.com
 (12) 99147.7504

CABO DE 2 METROS:

- single com terminal banhado à ouro - R\$ 760
- single com terminal banhado à ródio - R\$ 800
- com forquilha single - R\$ 840

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE

A proteção do seu sistema



Condicionador



Condicionador Estabilizado



Módulo Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

PEDESTAL

PEDESTAL TIMELESS AUDIO UNLIMITED

Fernando Andrette

Existem revisores que acabam - às vezes por linha editorial - se especializando em testar determinados produtos. Lá fora, os revisores especialistas são mais comuns. Quando penso em um exemplo, imediatamente me vem à mente o Michael Fremer - especializado em produtos analógicos.

Aqui, se o revisor fosse se especializar, morreria de fome ou teria essa profissão apenas como hobby! Pois como sempre digo: temos que matar um leão por dia para podermos pagar as contas no final do mês.

Pessoalmente nunca tive o interesse em escolher segmentos para avaliar, pois minha curiosidade é muito ampla para qualquer tipo de restrição. Mesmo acessórios que julgo serem mais complicados de avaliar, dado seu grau de compatibilidade geralmente ser baixo, quando não estou atolado de testes, aprecio ouvir e conhecer.

Mas se tem um acessório no qual já fui muito mais 'interessado', nos primeiros vinte anos da revista, são todos aqueles que tentam eliminar do sistema as famosas vibrações espúrias. Pois estes são os mais difíceis de avaliar, e os que demandam o dobro de tempo de qualquer outro produto em teste.

E quando falo de acessórios anti vibração, englobo spikes, plataformas, racks e pedestais. Pois, para sermos criteriosos, necessitamos de usar esses acessórios em diversos equipamentos, para entendermos o que funciona e o que é puro placebo.

Quer um exemplo? Elevadores de cabos de caixa! Já ouvi no mínimo uma dezena deles. Construídos de diversos materiais, com inúmeras sacadas de como suspender os cabos do chão, e nada do que ouvi até hoje me convenceu que valesse a pena! Mas respeito quem ache que sim, e talvez antes de pendurar as chuteiras, quem sabe...

Agora, se tem acessórios que gosto de testar, esses sem dúvidas são racks e pedestais! Tenho enorme interesse e admiração pelos resultados alcançados, muitas vezes por caminhos tão distintos.

Agora também sei, depois de testar dezenas de racks e pedestais, que não existe nenhum que sirva ou tenha a mesma performance com qualquer equipamento ou caixa acústica.

Querem um exemplo de caixas? A Boenicke W5SE, que testei com seu pedestal minimalista e três outros pedestais que tenho de referência. E a melhor performance foi, inegavelmente, no pedestal de fábrica.

O mesmo se deu com outras caixas, como a Q Acoustics, com seu belo pedestal fixado com cabos de aço. A Q Acoustics, assim como a W5SE, só deram o seu melhor em seus próprios pedestais dedicados. Mas isso não impede (e nem deveria), de inúmeros fabricantes se



dedicarem a achar soluções cada vez mais inovadoras para atender a este enorme mercado de bookshelves!

E uma coisa eu posso garantir: melhor uma book em um bom pedestal, do que em pedestal algum!

Atualmente tenho, como referência, dois pedestais que usamos para o teste de todas as books: o da Magis Audio e o da Audio Concept. Ambos nacionais e feitos por pessoas que estão neste mercado, primeiro como audiófilos, há anos!

E agora, a esses dois fabricantes, se junta a Timeless Audio, que também acaba de lançar seu pedestal.

O que mais me chamou a atenção, quando recebi o Timeless Unlimited para teste, é que ele vai totalmente em direção contrária a maioria dos pedestais existentes no mercado, que partem do princípio que o melhor a se fazer é ter um pedestal inerte com alta massa e rigidez e deixar a caixa fazer o resto.

Já a Timeless foi por outro caminho, ao perceber que as vibrações de um gabinete de caixa bem construído, ainda assim têm um espectro amplo de micro vibrações em distintas frequências, e fazer uma base rígida e inerte para a caixa ser apoiada, não eliminaria o problema totalmente.

Assim, ao invés de amortecer as vibrações do gabinete da caixa, foi desenvolvido um processo de escoar as vibrações o mais rápido possível de maneira eficiente, como se o pedestal fosse uma extensão do gabinete.

Foram feitos diversos estudos a esse respeito nos últimos 5 anos, e inúmeros protótipos foram desenvolvidos. Até finalmente chegar ao produto final, que é feito de um sanduíche de Inox (como nos racks da Timeless) com uma base de matriz fenólica com alta densidade, baseada em fibras de algodão. Este sanduíche possui características únicas (segundo o fabricante), como alta velocidade de escoamento da vibração mais de 600 m/s, e dissipação gradativa de energia vibratória, para evitar indesejadas reflexões.

O pedestal se baseia em proporções áureas, o que certamente o torna extremamente atraente e esbelto em termos de design. Na prática, as proporções do pedestal foram cuidadosamente estudadas para também dissipar a energia vibratória de maneira harmônica.

Outro cuidado, que demandou três anos de estudos, foi o da 'ancoragem', que determina como o pedestal é acoplado ao piso. Pois o piso também tem implicações muito relevantes na performance final do pedestal. Sabe-se que o comportamento é um em um piso de madeira, e outro em um piso frio de cerâmica. O ideal é que a base de apoio de chão do pedestal seja o menos possível influenciada pelo tipo de piso.

A solução foi desenvolver spikes usinados a partir de uma liga especial de bronze, apoiados em pucks de HPBL (matriz fenólica de alta densidade) e inox. A montagem é feita como a de um instrumento musical, sendo que as partes são primeiramente alinhadas em gabaritos a fim de garantir a geometria precisa. E, ao final, coladas - com cola aeroespacial - permitindo unir as peças com extrema segurança, evitando uso de parafusos em pontos críticos, onde era (no caso deste projeto) um acoplamento mecânico perfeito.

Na prática, as peças coladas permitem que as vibrações sejam rapidamente transmitidas de uma estrutura a outra com o mínimo de reflexão.

Para a barra central, em que será distribuído o peso da caixa, é utilizado um tubo de inox, preenchido com material absorvedor gradativo, e uma barra tensionada em sanduíche em formato elíptico afunilado, de maneira que as vibrações sejam transferidas para o 'End Point', o ponto localizado na parte traseira da base do pedestal, sem reflexões.

E somente no End Point, o residual de vibração é então absorvido através de um pequeno ressonador/absorvedor (falarei mais adiante dos benefícios audíveis deste End Point na prática). Foram testados inúmeros materiais para este ressonador, e ao final foi escolhido o Jacarandá da Bahia, muito utilizado por Luthiers na construção de instrumentos musicais.

O controle de tensionamento para o ajuste do End Point é feito através de um spike rosqueado no fim da barra, tensionado, sendo possível ajustar e regular a pressão sobre o ressonador de maneira que as vibrações possam ser dissipadas de maneira ideal, independente das variáveis envolvidas, como diferentes pisos e tipos de caixas acústicas.

O pedestal possui 70 cm de altura, e uma base padrão em formato elíptico com 22 x 22 cm. Sendo que a base, para se adequar a diferentes gabinetes de caixas books, pode ser customizada.

Para o teste, utilizamos três books de diferentes tamanhos, preços e performance. Foram elas: Elipson Legacy 3010, Elac Debut Reference 62, e Dynaudio Special Twenty-Five. E, para um teste AxB, o pedestal da Magis Audio foi nossa principal referência.

Todas as caixas foram tocadas com nosso Sistema de Referência e, por alguns dias, com o integrado Gold Note IS-1000. Os cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Dynamique Audio Apex.

Usar o ajuste do End Point fará toda a diferença para se conseguir o melhor ajuste fino possível de cada caixa instalada neste pedestal. Trata-se de uma enorme sacada, e um estupendo diferencial. Não sei dizer se, por tamanho e peso, o ajuste da Legacy e da Dynaudio 25 Anos foi o mesmo. Já com a Elac, bem mais leve e menor, deixamos o spike de ajuste do End Point bem mais próximo da base do pedestal.

PEDESTAL



O ajuste é simples, e aconselho o uso de música com bastante res-
posta em baixa frequência. Para este ajuste utilizei apenas solos de
contrabaixo, tocados com arco ou dedilhados. O ponto certo é quan-
do você percebe que as fundamentais limpam completamente e os
harmônicos soam sem parecerem secos ou ceifados.

Foi muito interessante avaliar este recurso, pois um 'cisco' que você
passa do ponto de equilíbrio, o som fica mais seco. E se está aquém
do ponto certo, o som fica borrado e se perde detalhes do foco e re-
corte. Curti demais fazer este ajuste fino, pois ele realmente fará toda a
diferença - e que diferença!

Claro que o ideal seria ter a mão uma dúzia de bookshelves para ver
como cada uma se comporta. Mas os tempos estão difíceis demais
para se pedir um monte de caixas apenas para avaliar um pedestal.
O que posso dizer é: com este ajuste fino, o grau de compatibilidade
deste incrível pedestal é, no mínimo, maior que todos os pedestais que
não possuem este recurso. O que o coloca em uma vantagem assus-
tadora em relação à concorrência!

Mas não foi só este ajuste que nos impressionou! Pois no teste AxB,
em todas as músicas e em todas as três caixas, a inteligibilidade, corte,
recorte, planos e principalmente o equilíbrio tonal foram muito superio-
res ao nosso pedestal de referência.

Ele custa o dobro de nosso pedestal de referência, mas em caixas
Estado da Arte não vejo saída se quisermos extrair o sumo do sumo
de nosso investimento.

Fiquei tão impressionado, que acho que a Timeless deveria, se for
de seu interesse, patentear este recurso tão interessante e eficaz.

A Timeless Audio vem se mostrando, ao longo do tempo, ser uma
empresa totalmente diferenciada, que foge dos padrões gerais e busca
soluções altamente criativas e inovadoras! Foi assim com seu rack,
com seu toca-discos e, agora, com este pedestal. Nessas três frentes,
a concorrência terá que ralar muito para atingir este nível, e competir
de igual para igual.

A todos que possuem uma bookshelf Estado da Arte, o pedestal
Timeless Unlimited é o tipo do investimento obrigatório! ■

AVMAG #277
Timeless Audio
contato@timeless-audio.com.br
(11) 98211.9869
R\$ 9.300 (o par)



ESTADO DA ARTE



Se tivéssemos a chance de testar todo produto com a maior variedade de equipamentos, estaríamos vivendo a situação ideal para qualquer revisor crítico de áudio. E às vezes isso ocorre! Não com a frequência que desejaríamos, mas ocorre!

E este foi justamente o caso do braço Enterprise C MK4, que teve a possibilidade de ser escutado no toca-discos Timeless Ceres, e no seu próprio par de direito: o toca-discos Origin Live Sovereign (leia teste na edição de aniversário 273) - além de um belo arsenal de cápsulas e prés de phono.

Vejam a lista dos prés: Boulder 508, PS Audio Stellar, Luxman EQ-500, Nagra Phono Classic, e Gold Note PH-1000 (teste na edição de outubro). E a lista das cápsulas: SoundSmith Hyperion 2, Hana Umami Red, ZYX Bloom 3, e Grado Statement Series 2.

E outra grande vantagem foi que tivemos 6 meses do braço em testes, antes de fechar nossas conclusões finais (quisera ser sempre assim) - o que permitiu que este fosse de longe o teste mais consistente de um braço.

Se tem uma área específica que meus críticos podem me acusar de 'conservador', são nos meus setups de braço. Pois reconheço que neste caso específico eu só realizo um upgrade quando todos os parâmetros por mim essenciais foram seguramente superiores. E neste caso, não estou falando apenas de performance, mas também de compatibilidade com cápsulas e com toca-discos. E neste sentido, o SME Series V me atendeu por uma década de forma magistral.

Porém chegou o momento também de realizar um upgrade neste componente que julgava atender-me incondicionalmente. E o fiz de forma tão segura e consistente, pois ao final o Enterprise C MK4 se mostrou superior em todos os quesitos da Metodologia, assim como também no de compatibilidade com cápsulas e com toca-discos.

Mas confesso que desta vez 'extrapolei' no upgrade, pois em vez de pegar uma unidade de 9,5 polegadas, que seria o mais óbvio, optei pela versão de 12 polegadas. Algo que já vinha sendo pensado desde que testei o toca-discos da Mark Levinson, modelo 515 (leia teste na edição 266), e fiquei com várias pulgas atrás da orelha com o braço de 12 polegadas da VPI instalado nele. Pois em um comparativo com vários discos de referência, algumas características no desempenho geral me chamaram muito a atenção.

A mais evidente foi o conforto, precisão e detalhamento do braço de 12, em relação ao meu SME V. E, segundo, algo também muito evidente no analógico: o corpo dos instrumentos, que eram ótimos no SME V, se tornaram muito mais 'realistas' no VPI de 12 polegadas.

Aí, terminado o teste, consegui com um amigo um Jelco de 12 polegadas e novamente algumas das características se repetiram (no caso do Jelco, a maior foi o realismo do corpo harmônico e a folga e inteligibilidade em passagens muito complexas).

Como já havia escutado o efeito 'braço Origin Live' no teste do toca-discos Timeless Ceres (leia teste na edição 269), e se tratava de um braço inferior à linha Enterprise, arrisquei sem ouvir e comprei a versão de 12 polegadas.

Meu amigo, foi o maior tiro certo que dei em minha vida! Pois tudo que havia observado nos dois braços de 12, se repetiram e de forma ainda mais veemente e rica!

Não sei se é fato ou pura lenda, mas dizem que este foi o braço em que mais tempo o projetista Mark Baker (projetista e fundador da Origin Live) se debruçou em achar soluções que o transformassem em uma referência absoluta em termos de braço de 12 polegadas.

Se você entrar no site da Origin Live, verá que com o Enterprise C MK4 é possível atingir um nível de desempenho de braços exorbitante- ▶

BRAÇO PARA TOCA-DISCOS

mente mais caros (leia as resenhas de vários articulistas descrevendo suas impressões), o que se traduz em uma velocidade muito mais precisa, um realismo que nunca foi tão próximo da música ao vivo, e um grau de inteligibilidade que retira o máximo de toda cápsula que nele for instalada.

Parece mero discurso de marketing, como tantos que todos nós já lemos ou ouvimos. Mas este 'discurso' cessa assim que você ouvir este braço em um setup compatível e devidamente ajustado. Pois o que você irá escutar é exatamente o que foi descrito no site. Sem tirar nem pôr uma vírgula. Felizmente não sou o primeiro revisor deste incrível braço, então tenho dezenas de testemunhos de publicações conceituadas e de inúmeros audiófilos em vários fóruns internacionais.

Mas mesmo que fosse o primeiro a testar essa última versão, não me sentiria intimidado em descrever o que segue.

Mas, antes, vamos a descrição do braço, segundo a própria Origin Live:

"O tubo do braço é composto de seis materiais para uma melhor qualidade na dissipação de energia e maior rigidez no braço. Com isso se conseguiu: maior transparência, dinâmica e desempenho. O rolamento de pivô duplo de ultra baixa fricção proporciona maior clareza e agudos ultra estendidos, naturais e precisos. Os rolamentos verticais flutuantes desacoplam o tubo do braço e evitam que o braço acrescente coloração ao som captado pela cápsula. O desacoplamento de pivô duplo sofisticado do Enterprise, incorporou várias camadas adicionais de isolamento nos rolamentos verticais, o que produz níveis mais baixos de coloração, permitindo muito maior inteligibilidade na micro dinâmica. O shell é feito de um composto de metais proprietário da Origin Live. O cabo interno do braço Linear Flow 2, fabricado pela Origin Live, para perda mínima de sinal, resultando em maior fidelidade recebida na cápsula e entregue ao pré de phono. Este cabo é totalmente balanceado e 95% blindado. Os plugues phono são WBT nextgen RCA de cobre puro. É notória a preocupação dada no projeto do rolamento de pivô duplo de baixo atrito totalmente estável, para movimento vertical - para isso ele utiliza duas pontas simples de carboneto de tungstênio em copos endurecidos com uma resina especial, amplamente espaçados para imitar a estabilidade do rolamento cardan, mas sem o atrito deste. Os rolamentos para o movimento horizontal são especificados para o mínimo de atrito."

Ainda que visualmente ele pareça um braço simples de ser manuseado, pode esquecer se você não tiver a experiência de um 'relojoeiro', pois não saberá realizar os ajustes necessários para se extrair toda a beleza deste braço.

Como em minhas mãos (principalmente depois da colocação de um parafuso no pulso direito, que diminuiu ainda mais os movimentos) e o problema de visão, para extrair o máximo deste produto, contei mais

uma vez com a ajuda inestimável do colaborador André Maltese. Desta vez eu tive realmente pena dele, pois foram mais de 4 horas até tudo estar pronto para as primeiras audições.

E instalar no Ceres foi apenas a primeira das tantas viagens, pois depois o braço foi instalado no toca-discos da Origin para o teste na Edição de Aniversário (outras 4 horas dele e do Giovanni da Timeless), e todas as vezes que troquei a cápsula para os testes. Tenho que agradecer reiteradamente sua boa vontade e aquele brilho no olhar de um adolescente que ele ainda mantém, cada vez que vai ouvir algo novo. É uma baita companhia ouvir as primeiras impressões ao seu lado. Gosto de suas observações comparativas com outros braços e cápsulas que ele conhece, teve ou instalou. É uma enciclopédia aquela mente analógica, rs!

O que esperamos de um upgrade? Que seja o melhor possível em termos de performance - imagino que seja isso que o mova a colocar a mão no bolso. Mas e um revisor crítico, o que ele espera? O mesmo que você, e mais alguns itens importantes, como: sinergia com a maior variedade de toca-discos (no caso de um braço), cápsulas e prés de phono.

Interessante que nestes três quesitos, não posso imaginar braço mais 'camaleão' que o SME V, pois ele nunca me deixou na mão, avaliando inúmeros toca-discos, cápsulas e prés de phono. Então quero deixar bem claro, que neste caso específico, o SME Series V só foi trocado pelo quesito performance! E foi indubitavelmente batido pelo Enterprise C MK4, sem nenhum resquício de dúvida!

Não me lembro que revisor crítico, ao ouvir o Enterprise C (acho que a versão MK3) ao comparar com o seu braço de referência, o SME V, escreveu: "em comparação direta, meu SME V soou monocromático em relação ao requinte tonal maravilhoso do Enterprise C". Minha conclusão foi semelhante em termos de analogia, mas o que mais me chamou atenção foram as diferenças na maneira de apresentar o discurso musical no todo. O SME V sempre deu destaque (independente da cápsula e do toca-discos) aos elementos protagonistas como: solistas, vocais, naipes, fazendo-nos sempre prestar mais atenção ao acontecimento central.

O Enterprise C MK4 não enfatiza nada em absoluto, pois se prende ao todo, é como quando nos distanciamos um pouco mais, para avistarmos as laterais que fogem de nosso campo de visão. E, ao ampliarmos este campo de visão, podemos apreciar a paisagem de forma mais plena e entender a composição que se forma à nossa frente.

Se você ainda não entendeu minha explicação do todo, recorrerei a outra analogia, a de subirmos no monte para olhar com maior precisão a paisagem ao redor do pico.

Parece apenas uma questão de perspectiva, mas engloba muito mais que ouvir de outra maneira, pois nos dá a percepção de que

cada elemento não está ali por acaso. Que aquele sutil triângulo quase inaudível, foi gravado para soar daquela maneira naquele compasso. Ou a voz trêmula e quase sussurrada da Elis Regina no disco Elis & Tom, em dois momentos, tem a mesma importância das frases cantadas em alto e bom som. Ou o torpor dos grunhidos de Keith Jarrett (tão familiares a todos que conhecem seus discos), possuem detalhes que acompanham a tensão dos seus acordes, nos crescendo ou não.

O que estou tentando lhe dizer, caríssimo leitor, é que ao ouvir duas ou três músicas neste braço, imediatamente você entenderá o quanto os detalhes são essenciais para uma profunda comunhão com o todo.

E aí cheguei ao ponto culminante da filosofia deste fabricante: re-produzir a 'origem do ao vivo'. Que pode parecer mera pretensão ou marketing, mas que está presente em todos os três produtos deles que tive a oportunidade de escutar até este momento (e espero que possa ouvir outros), e que fica evidente ao ouvirmos um Origin Live.

Quando você acabar de ler este teste, navegue na internet e leia outros reviews, e verá que a descrição e o tópico é o mesmo que estou tentando compartilhar.

E fico muito à vontade, pois o resultado observado não ocorreu apenas com um setup Origin Live, braço e toca-discos. Este mesmo resultado ocorreu no Timeless Ceres, com os dois modelos de braço Origin Live usados. Tanto que, ao colocar o Enterprise C MK4 no Ceres, seu desempenho cresceu, fazendo saltar de 99 para 100 pontos! Pode parecer um mero detalhe, mas não é. Pois todos vocês que estão com sistemas acima de 98 pontos, sabem o quanto um único ponto pode fazer a diferença na 'lapidação' final do setup.

Mas suas habilidades em termos de sinergia não terminam aí, pois todas as cápsulas utilizadas também se beneficiaram deste casamento, tanto que a Soundsmith Hyperion 2, se tivesse sido testada também com este braço, se beneficiaria de 1,5 ponto, fazendo-a se distanciar ainda mais da segunda e terceira cápsula do Top Five.

E até mesmo a Grado Statement Reference 2, já fora de linha, se beneficiaria se fosse testada em relação à quando eu a escutei no SME Series V.

Todas as gravações parecem soar muito melhor com o Enterprise C MK4, mesmo gravações tecnicamente ruins. Independente da cápsula utilizada ou do pré de phono. Discos de prensagem nacional, que sabemos o quão lamentável eram, ganham melhor equilíbrio tonal, e graves sempre escuros ou com pouco peso, ganham recorte, definição. E os agudos brilhantes e sujos, com a melhora nos graves, recuperam um pouco de equilíbrio. Agora consigo ouvir diversos discos do selo Som da Gente, que gravou tantos músicos importantes, e que eram inaudíveis tamanha a falta de critério técnico e qualidade de prensagem. O mesmo acontece com os discos do selo Kuarup.

Se meu pai estivesse vivo, apostaria que sua observação ao ouvir este braço seria: "Trocaram o analítico pela musicalidade!". Exatamente o que fizeram. E conseguiram ir além, pois você ainda extrai tudo que está no sulco, mas não enfatiza as partes.

Uma prova desta argumentação é ouvir qualquer um dos discos do grupo Weather Report, com suas incríveis paredes de sintetizadores (tanto nas camas harmônicas como nos solos) e escutar uma a uma, sem perder a noção do todo, e com aquele conforto auditivo tão desejado por todos os amantes deste grupo como eu, que passaram a vida achando que os engenheiros tinham sido infelizes nas mixagens de vários de seus discos. Não, meu amigo, está tudo lá, mas você precisa do braço certo para descobrir essas maravilhas 'submersas'.

Por quantos anos passamos focando nos upgrades de cápsulas, para conseguir recuperar alguns discos que amamos tanto, e que foram encostados por sempre soarem indecentes em nossos setups analógicos.

E se olhássemos mais atentamente, que talvez em vez de um upgrade em cápsulas, poderíamos pensar em um braço mais moderno ou que tenha 'características' que os outros não tem e nosso desejo seria realizado. Eu faço meu 'mea culpa', pois caminhei exatamente por essa estrada por uma década, achando que pelo grau de compatibilidade do SME V, este era minha 'ferramenta' ideal para testes, e com isso 'expurguei' dezenas de discos que tanto amo! Se o meu testemunho serve para algo, use-o, meu amigo. Pois garanto que os braços da Origin Live (pelo menos os dois que testei) são literalmente um 'ponto fora da curva'. Pois eles cumprem o que prometem, que é lhe dar uma audição do analógico muito mais precisa, real e emocionante!

Se você continua um defensor incansável do analógico e não pensam, como eu, em se desfazer de seus LPs, invista no que parece ser o mais crucial em termos de upgrade, para quem já possui um excelente toca-discos e uma ótima cápsula: um braço de nível superlativo e final.

Este foi de longe o melhor upgrade analógico que realizei na última década! ■

AVMAG #275
Timeless Audio
contato@timeless-audio.com.br
(11) 98211.9869
Braço: R\$ 48.420
Adicional 12": R\$ 3.730
Total: R\$ 52.150

NOTA: 113,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

CLAMP PARA TOCA-DISCOS

CLAMP PARA TOCA-DISCOS ORIGIN LIVE GRAVITY ONE

Tarso Calixto



O acessório que revigora qualquer sistema.

No hobby de audiófilia notei que passamos horas a fio pesquisando sobre um específico tópico, e depois esquecemos. Quando resolvi procurar por novas opções de estabilizadores e clamps para o toca-discos Rega, assisti um vídeo do Paul Rigby no qual vários produtos são apresentados e descritos - entre eles, o clamp da Michell Engineering, os estabilizadores da Avid (incluídos com os toca-discos), da Soundeck, Oyaide, e da HRS.

E, ao final do vídeo, estava o dispositivo da Origin Live, o Gravity One, que não se classifica como clamp e tão pouco como estabilizador. Inspirado no japonês Shun Mook, este produto é de uma classe ímpar de acessórios para controle de vibrações em discos de vinil. O desacoplamento é feito através de combinação de elementos unidos com folga, sem rigidez.

Acabei por optar pelo clamp da Michell, com um preço mais acessível. Dado que já estava usando o estabilizador da PatheWings, os outros produtos não chamaram minha atenção. Muito menos o Gravity One, devido ao seu elevado custo e à ausência de peso.

Enfim, depois da compra do clamp não só esqueci do assunto, mas também do vídeo! Recentemente, durante uma visita ao Fernando Andrette, fui reintroduzido ao produto. Ao chegar na sua residência, depois de mais de um ano de pandemia, eu estava curioso para saber das novidades, tanto da indústria de áudio no Brasil quanto nos experimentos que ele estava trabalhando na sua sala de audições.

O Fernando me mostrou o Gravity One, perguntando “você conhece?”. Minha resposta foi negativa: não lembrava do acessório e muito menos do vídeo acima mencionado. Ao segurar o dispositivo, meu comentário foi com puro desdém: “Ora Fernando, isso é só um pedaço de plástico. Não deve fazer nenhuma diferença!”. Com seu calmo semblante, sorrindo, ele respondeu: “Sente-se aí na cadeira do meio, vamos fazer uma comparação”. Um disco foi selecionado e escutamos cuidadosamente - sem dizer nada ele voltou o braço do toca-discos e gentilmente pôs o dispositivo. Escutamos a mesma faixa uma vez mais. Incrédulo, pedi a ele para repetir o teste novamente. Ao terminarmos o teste, com a sala em silêncio, comecei a processar o acontecimento. Minha maior dificuldade foi compreender

o fenômeno de controle de vibrações: como está funcionando esse dispositivo? E o mais importante, como é possível tanta diferença? As perguntas persistiram e custaram a chegar em respostas conclusivas.

O dispositivo seria *'snake oil'*? Ora, se eu não estivesse presente na audição, minha resposta teria sido um assertivo "sim". Entretanto, eu estava lá na sala, e escutei e presenciei as diferenças do teste várias vezes: o dispositivo resulta na melhora substancial da reprodução da música. Ao final, estava o Fernando olhando para mim rindo e dizendo: "Tive a mesma reação! Não esperava tamanha diferença".

Na edição 274, escrevi que clamps e estabilizadores não eram necessários no toca-discos Acoustic Signature Storm, pois a música soava com a dinâmica comprometida. Esse não foi o caso com o Gravity One. Após a encomenda, o dispositivo não demorou para chegar. Como o visto na sala do Fernando, a minha unidade era idêntica. Refiz o teste, selecionei o disco *Greensleeves*, do Shoji Yokouchi Trio, do selo Three Blind Mice.

Ao receber o Gravity One, o primeiro impacto é a ausência de peso, ao ter o pacote nas mãos a impressão é que a caixa estava vazia. Ao abrir, lá estava o Gravity One em toda sua leveza de aproximadamente 70 gramas. Com este na mão, a sensação é mais estranha ainda, o dispositivo parece um brinquedo de plástico com um pedaço de madeira grudado na parte de baixo. E, ao virá-lo, os elementos se movem parecendo que este está quebrado ou mal montado. Nesse ponto inicial é que nos perguntamos: "será que encomendei o produto certo? É isso mesmo que era para vir na entrega?". Realmente uma situação cômica digna de um roteiro de filme de comédia - só faltava o elenco.

Passado o choque inicial, e ao pôr o dispositivo no disco, a impressão mais marcante é a reprodução das frequências dos médios: as vozes dos artistas e o timbre dos instrumentos tornaram-se mais destacados, com um tremendo foco e belíssimo recorte, e ao mesmo tempo, sem comprometer o palco sonoro. A dinâmica tornou-se mais equilibrada com tal riqueza de detalhes e sutilezas, causando o aumento superlativo da resolução do sistema, e novamente, sem alterar a precisão tonal da obra. Outra característica notadamente interessante é o aumento do conforto auditivo, não há fadiga e tampouco pressa de abreviar a sessão de audição. O efeito psicoacústico é que o dispositivo desembaraça a informação sônica do disco, revelando e maximizando a transparência, a clareza, a nitidez, e as texturas. Mesmo em volumes baixos, a riqueza de detalhes na reprodução da música é estarrecedora.

Sabemos que esse hobby é repleto de relativismos e subjetivismos, seria irresponsável da minha parte meramente recomendar o acessório sem considerar propriamente a situação relativa da audiência desta revista. Minha recomendação consiste em pensar na adição do Gravity One ao sistema somente quando os componentes da cadeia na

fonte analógica estejam devidamente assentados e amaciados. Seria um equívoco acrescentar um componente externo sem que tudo esteja devidamente acertado. Não há razão para ter pressa, aprecie cada passo e melhoramento: usar a metodologia japonesa Kaizen - de melhorias sem um investimento significativo - ajuda muito com a implementação contínua de aprimoramentos em nossos sistemas e, principalmente, aprimoração de nossa sensibilidade auditiva.

E quanto à questão mais importante dessa nota: "realmente vale à pena investir neste dispositivo? Os resultados agregados justificam tal investimento?". A resposta curta é um seguro e afirmativo "sim!". O desempenho geral do seu sistema será mais resolutivo e você terá ainda mais prazer durante as audições.

E esses são os meus sinceros votos, que as leitoras e leitores estejam a se aventurar, atrever, experimentar, inventar, construir, e principalmente aprender. Quanto mais compartilhamos nossas experiências, mais oportunidades teremos de aprender com esse hobby fascinante. Agradeço a atenção e desejo, sempre, maravilhosas audições! ■

Setup Analógico:

Toca-discos: Acoustic Signature Storm 2018

Braço: Origin Live Illustrious com cabo Silver Hybrid

Capsula: Benz-Micro Wood SL

Pré-de-fono: Sunrise Lab

Cabo de interconexão RCA: Sunrise Lab Quintessence Line

Referências:

Origin Live: www.originlive.com

Shun Mook Audio: www.shunmook.com/hifiproduct_1.html

Audio Video Magazine, edição 274: <http://www.clubedoaudio.com.br/edicao-274/hobby-domando-a-tempestade/>

The Audiophile Man: www.theaudiophileman.com/gravity-one-origin-live-review-accessory-vinyl-turntable/

AVMAG #278

Timeless Audio

contato@timeless-audio.com.br

(11) 98211.9869

R\$ 2.100



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

CLAMP PARA TOCA-DISCOS



XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando combinei com o nosso colaborador, Tarso Calixto, para ele compartilhar conosco suas impressões referentes ao clamp Gravity One, ele (como sempre), foi tão eficaz e profundo, que ao ler seu depoimento inverti as bolas, fazendo sua estreia como nosso mais novo articulista, do outro lado do Atlântico.

Assim, eu irei apenas acrescentar minhas observações pessoais a este incrível acessório, que pode ser a 'cereja do bolo' de um bom setup analógico.

Muitos de vocês, que começam a se interessar pela montagem de um setup analógico, sempre nos perguntam sobre o que há de mais essencial na hora de escolher um bom toca-discos. E sempre parece que saio pela tangente ao esclarecer que, tudo em um setup analógico é por demais relevante, e que mesmos os mais rodados e experientes audiófilos, com dezenas de anos buscando a perfeição na reprodução de seus LPs, têm algo a aprender e modificar em seus sistemas.

Não falo isso de modo algum para assustar o iniciante, e sim para alertá-lo que este é um 'brinquedo' que exige muito conhecimento e paciência, pois nos últimos 20 anos cada componente que envolve a fabricação de um toca-discos sofreu melhoras tão significativas, que vale a pena (para se poupar tempo e dinheiro), pesquisar antes de sair definindo o que comprar.

E clamps/estabilizadores de disco, são um dos acessórios fundamentais quando falamos em diminuir vibrações espúrias, muitas vezes criadas pelo próprio conjunto braço/cápsula, já que o rastreamento físico das vibrações existentes nas ranhuras dos sulcos é ampliada pelo atrito entre agulha e o mesmo. E este atrito cria vibra-

ções que degradam o sinal de inúmeras maneiras, como: menor inteligibilidade, frequências que podem ser alteradas em seu equilíbrio tonal, perda de corpo, etc.

E, ainda que os fabricantes de toca-discos, cápsulas e braços tenham avançado muito no conhecimento deste enorme problema, e desenvolvido materiais com o objetivo de minimizar e atenuar essa questão, o fato é que não existe ainda, a solução definitiva. E aí entram os fabricantes de clamps e estabilizadores tentando auxiliar neste enorme problema.

Eu já testei e usei dezenas de clamps em meus sistemas analógicos. Desde meu primeiro Thorens TD 160, com braço original e cápsula Stanton 500, comprado em 1980, eu utilizo clamps - então minha jornada com este acessório é longa e duradoura. E a cada upgrade, minha percepção sempre foi de que os avanços eram relativamente pequenos, mas o suficiente para não desistir de seu uso: era melhor tê-lo do que não tê-lo.

Até que conheci o clamp da Stillpoints, e percebi que seus benefícios eram audíveis e com uma compatibilidade muito maior em diversos toca-discos, do que todos os outros clamps que tive. Me lembro de ter relutado na época, em pagar 700 dólares por um clamp, mas ao escutar seus benefícios, acabei por me convencer que valeria a pena o investimento.

Cada vez que testava um novo clamp, para fechar minha conclusão lá estava meu fiel escudeiro, como a Referência a ser vencida. As diferenças eram sempre o descongestionamento que o Stillpoints oferecia, ainda que em algumas situações percebi que outros tinham as pontas mais estendidas, ou que as texturas em determinadas gravações eram mais 'naturais'.

Assim, meu clamp de referência ficou mais de uma década como meu principal (ainda que tenha uma meia dúzia de opções que guardei para avaliação de toca-discos mais simples).

Quando defini fazer o upgrade de meu toca-discos Acoustic Signature Storm para o Origin Live Sovereign, e a troca do meu braço SME Series V pelo braço Enterprise MK4 - também da Origin Live - o interesse em ouvir seu clamp se tornou inevitável.

E lá fui eu pedir à Timeless Audio, se não seria possível o envio para teste. Enquanto aguardava o produto chegar, fui bisbilhotar no site e nos fóruns as observações, tudo sobre esse Clamp, e o que mais ficou na cabeça foi que todos, ao receberem, tiveram uma reação 'negativa' ao ver que pesava apenas 70 gramas, e que mais parecia um 'brinquedo' do que um clamp a ser levado a sério!

Um dos consumidores até escreveu que ele deveria receber o apelido de 'peso pena', e outros estranharam por ele nem ao menos prender os discos no prato, o que 'contornaria' seu ridículo peso!

Mas, já ciente de que o projetista e CEO da Origin Live, o sr. Mark Baker, é um cara que sempre pensou fora da zona de conforto, e se tornou um especialista em controle de amortecimento e ressonância, dei um voto de crédito ao produto.

No site da Origin Live, em inúmeras passagens, Mark nos fala que muitos confundem amortecimento com uso de força bruta, sendo que este caminho (na sua opinião), cria muito novos problemas. Ele, inclusive, dá o exemplo de se bater com o dedo em um fino copo de cristal e em uma tigela de metal, para nos lembrar qual irá ressonar por mais tempo ao toque do dedo. E que as ressonâncias dependem muito mais da escolha do material do que da força bruta! E que se amorteceremos demais, cada novo toque do dedo terá que ser cada vez mais intenso para se ouvir a ressonância.

E que este princípio o norteou no desenvolvimento de todos os seus produtos, inclusive seu clamp de apenas 70 gramas!

O Gravity One utiliza uma combinação de dispositivos de amortecimento que parecem 'simplórios' demais para trazer algo que o analógico tanto necessita em relação a vibrações espúrias. Feito de um polímero que sugere algo semelhante a plástico, revestido internamente por uma cunha fina de madeira entalhada, rodeada dos mesmos parafusos brancos existentes no braço do toca-discos Sovereign.

Mark nos pede que, antes de ouvirmos seu clamp, façamos o teste de escutar sem volume o atrito do braço no LP. Quando fazemos isso, ouvimos ruídos (alguns até bem audíveis, do que está gravado nos sulcos), principalmente das altas frequências - usando seu clamp de referência. Depois troque para o Origin Live Gravity One, e o ruído irá diminuir drasticamente ou até mesmo desaparecer.

Como sou pior que São Tomé, foi a primeira coisa que fiz, assim que o clamp chegou. Escutei sem volume algum uma faixa de um disco do The Police com o meu clamp de referência, e lá estavam nitidamente as frequências agudas audíveis, sem nem mesmo ser necessário encostar a orelha perto do braço! E com o clamp da Origin Live, o som diminuiu drasticamente, a ponto de ficar aparecendo e sumindo! Ponto para o produto, que provou ser capaz de provar o que escreve em seu site.

Era hora, então, de ouvir e testar o mesmo. Na sua chegada, estavam em teste as cápsulas ZYX R50 Bloom3, e Hana Umami Red. Então utilizamos ambas para o teste do clamp.

Como escrevi, nosso clamp de referência sempre foi superior, principalmente em termos de organização do acontecimento musical e inteligibilidade, principalmente em música com muita informação na região média. No entanto, em gravações tecnicamente com excesso de brilho ou menor corpo, sempre esses 'problemas' no Stillpoints ficaram mais evidentes.

O Origin Live, de uma só tacada, se mostrou melhor em inteligibilidade, ampliando o soundstage nas três dimensões, trazendo melhor foco, recorte e planos, maior arejamento, micro e macrodinâmica, muito melhor equilíbrio tonal e, conseqüentemente, texturas mais naturais e melhor conforto auditivo em qualquer gravação, independente de boa ou não tecnicamente!

Não teve segundo round para o nosso clamp de referência: foi no-culte técnico!

Interessante que a limpeza que este Clamp proporciona não é o de secar as vibrações espúrias, e sim de fazer com que o sinal se apresente acima dessas vibrações. Como se tudo que estava abaixo das vibrações emergisse.

Para ter certeza que era este o caminho traçado pelo projetista Mark Baker, passei uma semana ouvindo solistas e pequenos grupos de trio e quartetos, em inúmeras prensagens, para poder ter ideia do tamanho do 'milagre'.

E realmente é surpreendente como uma série de ruídos que sempre achei serem culpa das prensagens nacionais mal feitas, diminuíram drasticamente. Pois o que o meu clamp de referência fazia era acentuar determinados ruídos (principalmente nas altas), e secar em baixo.

O melhor exemplo com o Gravity One foi o álbum branco do pianista Keith Jarrett, que só tenho a prensagem nacional, e que ao ouvir o lado A do disco 1, percebi nitidamente uma diminuição drástica dos ruídos de alta frequência, e um ganho significativo no corpo no médio-grave, que tornou o equilíbrio tonal muito mais interessante.

CONCLUSÃO

Com clamps, jamais diga que este será unânime, e que será a solução para qualquer toca-discos.

Já vivi tempo suficiente para não cair nesta armadilha, ainda que nos fóruns estejam testemunhos minuciosos de audiófilos que já testaram o mesmo em uma dezena de toca-discos, e todos com excelente resultado.

O que posso testemunhar é que o clamp Gravity One navega solitariamente em águas nunca antes navegadas! E vai na contramão de tudo que ouvimos e testamos em matéria de clamps fabricados nos últimos 40 anos!

E que vale a pena ser avaliado por todos que desejam dar uma maior definição e conforto auditivo ao seu sistema analógico. Pois o que ele faz em termos de equilíbrio tonal e inteligibilidade, beira a um milagre sonoro! ■

CÁPSULAS

CÁPSULA GRADO PRESTIGE GOLD 3

Juan Lourenço



Nesta edição testamos a nova cápsula para toca-discos Prestige Gold 3, da Grado Labs. A série Prestige é uma das mais famosas da Grado, e também uma das mais longevas. A Gold é a topo da série Prestige e, nesta atualização que fizeram, a parte estética não mudou, mantendo o mesmo corpo plástico, mas internamente houveram sensíveis mudanças na bobina a fim de refinar ainda mais sua sonoridade. A Prestige Gold 3 é uma cápsula tipo MI (Moving Iron) com resposta de frequência de 10 Hz a 60 kHz, separação de canais em 1 KHz de 35 dB, carga de entrada de 47 kOhms e saída (à 1 KHz 5CM / seg) de 5 mV. O tracking force recomendado é de 1,5 gramas, e resistência interna é de 475 Ohms e peso de 5,5 gramas.

Como em todas as cápsulas Gold anteriores, a Gold 3 possui um ímã duplo que otimiza o equilíbrio entre os canais estéreo, e o cantilever OTL (Linha de Transmissão Otimizada) de quatro peças, com diamante elíptico, resgatam toda a informação contida nos discos, de forma precisa e muito musical.

O sistema de fixação por parafuso e porca continua o mesmo - particularmente não gosto, mas isso não desabona a cápsula em nada. A embalagem é bastante segura, nada pomposa, mas eficiente na proteção da cápsula. Tão pequena, a embalagem ocupa tanto espaço quanto um bom isqueiro no bolso.

COMO TOCA

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificador integrado Sunrise Lab V8 Special Signature. pré de phono Sunrise Lab The Phono Stage II. Fonte: toca-discos de vinil Timeless Audio CERES com braço SME V. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference II e Sax Soul Cables Zafira III.

A Grado Gold 3 utilizou 1.5 g de peso, ajuste do anti-skating no SME V ficou em 1.5 também. Seu amaciamento foi de 45 horas, e após este período não houveram mudanças significativas. ▶

Iniciamos com o disco *Black Light Syndrome*, de Bozzio Levin Stevens, com ótima extensão em toda a faixa de frequências, o grave desembolado e bastante articulado. A região média não salta à frente, mantendo-se comportada o tempo todo. A cápsula mostrou uma textura maravilhosa, uma série de detalhes brotam com ótimo transiente. É até engraçado, pois este ponto já era muito bom na Gold 2, e com a Gold 3 isso se acentuou, mas de forma mais ampla e com uma folga extra adicionando ainda mais prazer nas audições.

Pegando mais um disco que ouvimos na Gold 2, desta vez o Jeff Beck - *Truth*, ficou claro a evolução na folga trazida pela melhora nas bobinas da Gold 3 - é mais fácil entender os fraseados. A bateria não endurecia na Gold 2, mas ficava no 'fio da navalha', com a Gold 3 ela passeia com transientes muito rápidos e texturas bem melhores. Os ataques também melhoraram bastante e é possível 'sacar' melhor os reverbs.

Os agudos, que eram uma queixa minha na Gold 2, nesta nova versão possuem o mesmo grau de extensão das outras partes, graves e médios. O médio-grave também melhorou muito, adicionando uma suavidade interessante na transição para os médios.

CONCLUSÃO

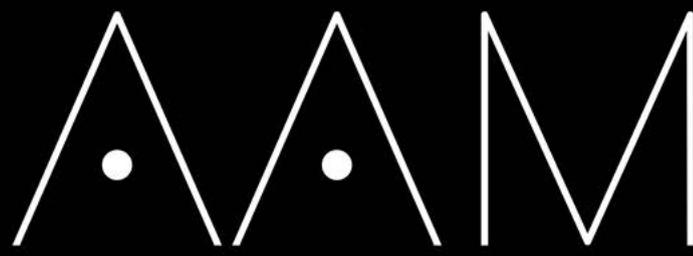
A Grado mantém o alto nível e o compromisso com a musicalidade em sua nova queridinha, a Prestige Gold 3. Os pontos que foram melhorados são exatamente os que, na Gold 2, eram menos favoráveis. Ponto positivo para a casa do Brooklyn. ■

AVMAG #278
KW Hi-Fi
(11) 95422.0855
(48) 3236.3385
R\$ 2.200

NOTA: 81,5



DIAMANTE REFERÊNCIA



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

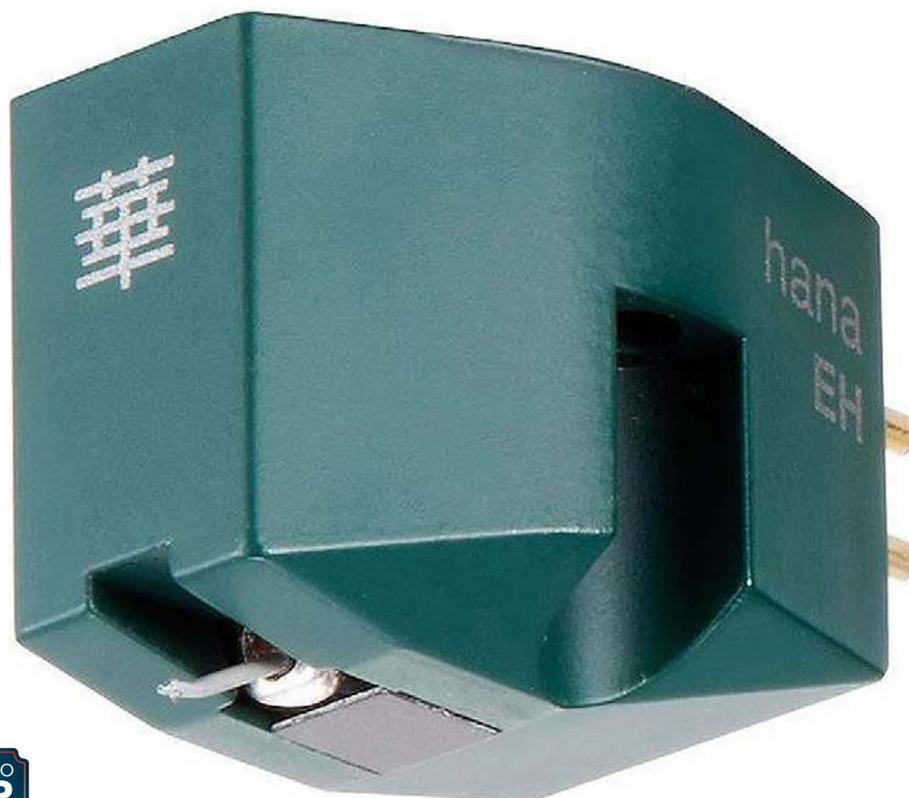
A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

CÁPSULAS

CÁPSULA HANA EH

Juan Lourenço



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Após a estréia das cápsulas de toca-discos Hana ML, na edição 268, e Hana Umami Red na edição 273, a German Audio, importadora oficial da marca no Brasil, cedeu para testes mais um modelo que, a meu ver, merecia mesmo um review. Trata-se da Hana EH, uma cápsula MC de saída alta (2 mV 130 Ω / 1kHz - carga sugerida de 47 k Ω) perfeitamente compatível com prés de phono MM, com cantilever em alumínio e agulha no formato elíptico (Synthetic Elliptical Diamond), peso de 5,0 g e peso sugerido de 2 g no contrapeso do braço.

A EH faz par com o modelo EL - que tem 0,5 mV 30 Ω / 1 kHz de saída, carga sugerida de 400 Ω e 2 dois gramas de força de rastreamento. Ambas possuem o mesmo corpo e cor verde musgo, custando aqui no Brasil por volta de três mil e duzentos reais, no site da German Audio.

Embora a EH seja uma cápsula MC, ela rivaliza diretamente com as cápsulas da Ortofon série 2M e Grado da linha Reference, fazendo uso inclusive dos mesmos ajustes, utilizando a entrada MM do pré de phono. A maior vantagem em utilizar este recurso é poder

fugir de, ou pelo menos minimizar, interferências de radiofrequência e afins. Para quem mora próximo de antenas de rádio ou tem aquele vizinho radioamador, ou centrais de rádio-táxi, uma cápsula de saída alta é quase obrigatória, pois uma cápsula de saída baixa é muito suscetível a todo tipo de interferência, inclusive magnética de transformadores do próprio pré de phono.

A Hana EH vem embalada em uma caixa de papel cartão, um kit contendo os parafusos e porcas de fixação, uma chave de aperto e pincel de limpeza, uma caixa de madeira onde a cápsula fica acomodada em um veludo preto. A cápsula vem com protetor de agulha que, como manda a tradição, é melhor não utilizar no dia a dia, pois as chances de entortar o cantilever tentando encaixar o protetor são grandes. Além deste inconveniente, não sou muito fã de parafuso com porca em cápsulas mais modestas, onde a praticidade e facilidade de montagem são essenciais, mas isso é mais implicância minha que alguma falta por parte do fabricante. ►

Para o teste utilizamos o toca-discos de vinil Ceres da Timeless Audio, com braço SME V e prés de phono PS Audio Stellar e Sunrise Lab 20th Anniversary, com amplificador integrado Sunrise Lab V8 SS e caixa acústica Dynaudio C4 Platinum.

O ajuste da Hana EH inicialmente ficou em 2 gramas, como manda o manual do fabricante, e após o amaciamento de cerca de 45 horas testei algumas alternativas para mais e para menos, também como o ajuste do anti-skating. O melhor ajuste ficou em 2.02 gramas e o anti-skating pouco abaixo do 1.5. Este ajuste de 2.02 gramas faz um enorme efeito no encaixe do foco, nas texturas, principalmente na assinatura geral da cápsula com o braço. Na Hana SL também foi crucial este micro-ajuste para alcançar uma sonoridade sólida, focada e sem letargia.

Ela se deu muito bem com os dois prés de phono, e com os sets de cabos que a acompanhou, desde o mais básico ao refinado. A cápsula tomou para si a responsabilidade da assinatura sônica, dando a palavra final. O ajuste de 47 kΩ é realmente o mais indicado para ela em ambos os prés, desde que em MM, claro. No PS Audio houve uma boa surpresa extra ao encaixar o cabo de braço na entrada MC com ganho médio: ela desabrochou de uma forma espetacular, mas no ganho alto passa do ponto, fica nervosa demais parecendo uma MM pouco refinada mesmo. O mesmo não aconteceu com o pré Sunrise Lab, pois o ganho ficou baixo inviabilizando a audição nesta modalidade como seria de se esperar de todo pré em ganho MC. É, o PS Audio que é fora da curva neste quesito.

As audições iniciaram-se com uma lista de discos bastante eclética, dentre eles estavam Patrícia Barber - *Companion*, Hiromi & Edmar Castaneda - *Live in Montreal*, Muddy Waters - *Folk Singer*, Eagles - *Hell Freezes Over*, Vladimir Ashkenazy - *Mussorgsky Pictures At An Exhibition*, Chick Corea - *Return to Forever*, Ben Webster - *At Work in Europe*, Norah Jones - *Day Breaks*, e outros. Imaginando que a EH iria sofrer para entregar uma apresentação condizente com cada estilo musical, sem escurecer ou endurecer as passagens mais difíceis, para minha surpresa a Hana EH não só controlou os graves e médio-graves, como mostrou com bastante vigor músicos entrosados e com muito ritmo, por vezes fazendo esquecer a análise e apreciar a música. A Hana EH é bastante equilibrada o que permite ouvir os mais variados gêneros musicais sem medo de ser feliz, sem se preocupar se tal disco irá mostrar suas limitações. Obviamente que alguns discos mostraram limitações, mas ao contrário de algumas cápsulas que, quando em seu limite, tentam trazer foco em meio ao caos harmônico, fazendo parecer que cada músico está tocando em uma cabine própria e, depois, o engenheiro de gravação juntou todo mundo, pois a cápsula precisa fazer algum tipo de concessão diminuindo a ambiência de cada instrumento, diminuindo os rebatimentos e vazamentos de microfone para que a sensação de foco permaneça,

na EH isso simplesmente não existe! A agulha trilha com ótimo equilíbrio entre os dois lados do sulco, o cantilever tem rigidez suficiente para transcrever com suavidade a leitura feita pelo diamante tornando fácil perceber a 'conversação' entre o contrabaixista e o baterista, entre a Patrícia Barber e o piano, entre os violões dos Eagles e, com muita competência e autoridade, entre os naipes da orquestra - um feito e tanto para uma cápsula nesta faixa de preço.

O que mais chama atenção na Hana EH é que a sonoridade dela é parecida com a SL: quente na medida sem soar melosa, clara e precisa, dona de uma extensão marcante em toda faixa audível, com uma velocidade de fazer inveja a algumas de suas concorrentes, faltando apenas aquele refinamento extra nos dois extremos das frequências, que a agulha shibata encontrada na SL e SH oferece. Para quem tem preferência por alguma característica musical como vozes femininas, por exemplo, a Hana te surpreende mostrando o todo. Isso é feito com tanta sutileza, que passamos a gostar de vozes e dos outros músicos. Ela retira todos eles do anonimato sem torná-los protagonistas, mas dando-lhes o seu devido valor e com isto, o prazer auditivo aumenta exponencialmente.

CONCLUSÃO

A Hana EH se encaixaria facilmente pelo menos dois níveis acima do que ela originalmente foi pensada, entregando muito mais do que a maioria das pessoas estão dispostas a buscar em uma cápsula nesta faixa de preço, brigando não só na casa dos três mil, mas também na casa dos quatro e meio a cinco mil e quinhentos reais, sem qualquer ressalva de sua parte. ■

AVMAG #277
German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 3.200

NOTA: 90,5

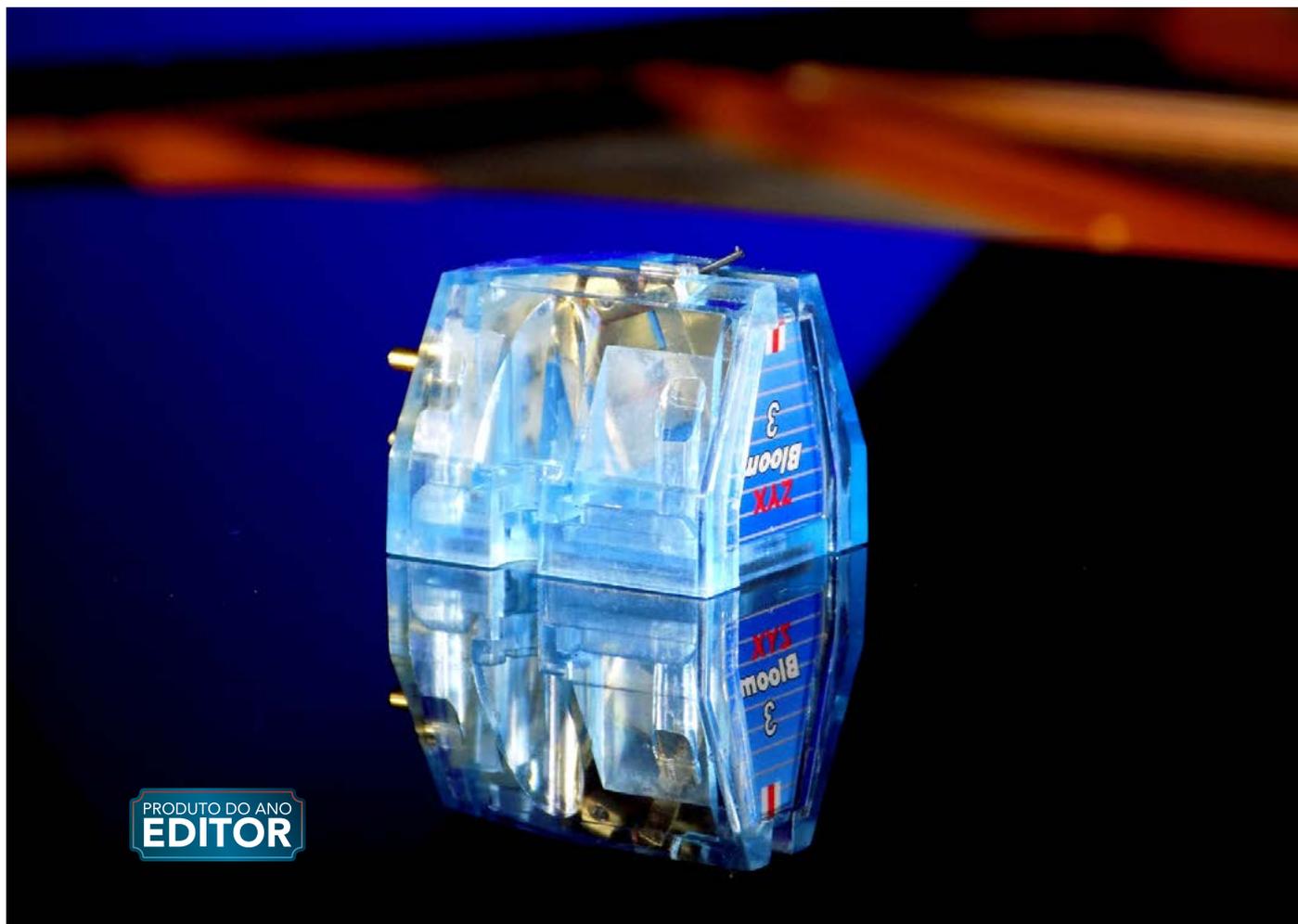


ESTADO DA ARTE

CÁPSULAS

CÁPSULA ZYX R50 BLOOM 3 HIGH

Fernando Andrette



Tenho tido excelentes notícias este ano, com marcas que sequer imaginei que viriam a ser distribuídas por essas bandas tropicais. A primeira bela surpresa foi com a Origin Live, que comentei no Teste 1 de nossa Edição de Aniversário, e agora na sequência outra excelente notícia: a chegada da ZYX no Brasil!

Essa é outra marca que acompanho desde 2010, e sempre tive enorme curiosidade de ouvir. Principalmente os modelos mais 'sofisticados', que possuem aquela esfera azul na frente da cápsula para dar o ponto exato de equilíbrio, colocando-o literalmente na ponta da agulha. Segundo o fabricante, e as centenas de testemunhos que li, o resultado em termos de precisão de leitura é estupendo, fazendo com que o ouvinte ouça detalhes nunca antes 'trilhados' e expostos!

Essa grande sacada colocou a ZYX no radar de inúmeros audiófilos que 'clamam' por extrair de seus discos o sumo do sumo! O idealizador deste diferencial é Nakatsuka-san, que além de fundador é o principal engenheiro. Sua expertise tem quase meio século de estrada,

com trabalhos e desenvolvimento de cápsulas, com inúmeras inovações tecnológicas e de performance, como: a primeira cápsula ótica do mercado, e o desenvolvimento para a Ortofon do modelo MC-20.

Depois de mais de 20 anos trabalhando para inúmeros fabricantes no Japão, Europa e Estados Unidos, onde desenvolveu as principais cápsulas para a Monster Cable, Nakatsuka-san, montou sua própria empresa, a ZYX, que tem seu nome originário dos elementos analógicos que compreendem Tempo (Z), Amplitude (Y) e Frequência (X). Sua linha é bastante extensa, com 7 séries no total, mais um pré de phono e acessórios analógicos.

No Japão, a ZYX é reverenciada e certamente este grau de admiração acabou chamando a atenção, no início do século 21, do ocidente e rapidamente se tornou uma referência para inúmeros audiófilos ocidentais.

Ainda que a esfera azul seja um enorme diferencial, e seja visualmente exótica em termos de solução para se achar o ponto de equilíbrio da

agulha, ao ouvir uma ZYX é que se entende o grau de soluções que realmente colocaram a leitura dos sulcos um passo adiante.

Quando o Fernando Kawabe me disse que havia pego a marca para o Brasil, pedi de imediato que ele nos enviasse dois modelos: o de entrada, para podermos entender de que patamar a mais simples oferece, e uma nas séries mais altas, para entendermos o grau de melhora que a esfera azul resulta em relação à concorrência.

Assim ele nos mandou a Bloom 3 High, a de entrada, que custa lá fora 1300 dólares e, na sequência, testaremos a Omega G, uma das cápsulas mais comentadas e desejadas nos fóruns internacionais!

Ainda que seja uma cápsula de entrada, os cuidados e as atenções em sua construção seguem rigorosamente a filosofia do seu projetista, de inovar em tudo que for possível e necessário, dentro de sua limitação orçamentária.

A cápsula, como todas as ZYX, é feita de uma resina plástica muito resistente, e não metálica, pois Nakatsuka-san acredita que esta seja a melhor forma de impedir a formação de correntes parasitas que possam afetar a sonoridade. O cantilever é de alumínio preto rígido, equipado com uma agulha feita e lapidada à mão. Segundo o fabricante, a Bloom 3 usa uma força de rastreamento de 2 gramas, impedância interna de 4 Ohms e uma impedância de carga recomendada de pelo menos 100 Ohms. O peso total da cápsula é de 5 gramas, e sua resposta de frequência é de 10 Hz a 100 kHz.

Muitos que nunca tiveram um contato de 'terceiro grau' com uma cápsula, irão admirar a construção e a possibilidade de olhar a cápsula por dentro, já que as laterais são transparentes o suficiente para se admirar a construção interna desta 'joia'.

Para o teste, instalamos a ZYX no TD da Origin Live Sovereign Mk4 (leia Teste 2 na Edição de Aniversário deste ano), braço também da Origin Live, Enterprise C, de 12 polegadas, e os seguintes prés de phono: Luxman EQ-500, Boulder 508 e Nagra Phono Classic (leia Teste 1 na Edição de Aniversário deste ano). Os cabos utilizados entre os prés de phono e os prés de linha: Quintessence da Sunrise Labs, e Apex da Dynamique Audio.

Mais uma vez, todo o trabalho de tirar a cápsula Hana Umami Red (leia Teste 3 na Edição de Aniversário), foi do nosso querido colaborador André Maltese, e fazer o ajuste fino da Bloom 3, trabalho que levou pelo menos três horas, antes de sentarmos e realizarmos juntos uma primeira impressão.

Aos interessados nessa excelente cápsula, uma primeira dica: seu tempo de amaciamento é o maior de todas as cápsulas por nós já testadas, ou que tive para uso pessoal. As mais demoradas jamais passaram de 50 horas, jamais! A Bloom 3, com 70 horas, ainda estava se 'acomodando' e ocasionando surpresas! Então, meu amigo, tenha um bocado mais de paciência, pois cápsulas não são como

amaciar digital, que o sujeito coloca no repeat e sai para trabalhar, podendo deixar em queima por uma semana com o mesmo disco sem problema.

O que nos leva à seguinte conta rápida: se sentares apenas duas horas por dia, serão 40 dias de queima aproximadamente para se extrair desta beleza todo seu potencial! Ou 4 horas diárias por 20 dias.

Neste período, nada de mostrar o 'upgrade' aos amigos, pois como diz o ditado popular: "quem tem pressa, come cru".

Outro detalhe no tempo de amaciamento, que muito me chamou a atenção, é que a Bloom 3 começa com um 'ímpeto' lá no alto, parecendo uma cápsula 'nervosa' com baixo grau de equilíbrio e refinamento, e que à medida que os dias vão passando ela vai amansando e achando seu ponto de equilíbrio. Então, fique 'na moita' e não convide ninguém, aguente firme essa fase, e se municie de toda paciência do mundo, pois dependendo da assinatura sônica do seu sistema, principalmente se ele for mais para 'fogos de artifício', você duvidará que ela irá assentar e se tornar muito musical e equilibrada.

No Boulder 508, parecia que este momento jamais chegaria, já no Luxman EQ-500 e no Nagra, este 'rito de passagem' de impetuosidade para o relaxado foi sinalizado a partir das 40 horas de amaciamento. No Boulder, mesmo depois das 80 horas, as pontas em gravações tecnicamente mais limitadas nunca foram das mais 'confortáveis'. Já com os outros dois prés, nenhum disco foi expurgado ou deixado para trás! Seu equilíbrio tonal é muito correto, com enorme extensão, corpo e velocidade em ambas as pontas.

A região média é de enorme detalhamento e transparência, possibilitando que o ouvinte escute com enorme prazer seus discos e tenha belas surpresas em termos de inteligibilidade! Este é seu maior mérito: manter o DNA sonoro de todas as cápsulas ZYX em termos de precisão e detalhamento, mesmo sendo a 'de entrada' deste fabricante!

O soundstage é impressionante em termos de foco e recorte, com um grau de precisão e 3D que nos faz imaginar estarmos escutando uma cápsula muito mais cara!

Suas texturas são detalhadas, ricas e de enorme naturalidade - falta apenas aquele último grau de refinamento que encontramos nas cápsulas de nível superlativo, mas é preciso lembrar que certamente o usuário desta Bloom 3 terá como companhia um setup bem mais simples, e não os prés de phono utilizados no teste.

Senti muito não ter mais conosco o pré da PS Audio, o Stellar, pois acho que este seria o par ideal, ou mesmo o Gold Note PH-10, ambos muito mais coerentes em termos de valores com a Bloom 3. Mas isso não invalida de maneira alguma nossas observações, já que com os três prés de phono foi possível perfeitamente 'entender' sua assinatura e ouvir suas virtudes e limitações. ►

CÁPSULAS

Os transientes são arrebatadores! O grau de precisão e autoridade é realmente uma bela surpresa, fazendo com que a Bloom 3, neste quesito, possa ser comparada tranquilamente com cápsulas até três vezes mais caras.

Outro grande mérito é sua dinâmica, tanto a micro, quanto a macro. Obras complexas, como a *Sagração da Primavera* de Stravinsky, ou *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, soaram com enorme folga, tanto nas passagens mais sutis como nos fortísimos! O melômano e o audiófilo, se estão à procura de uma cápsula que resolva essa questão da dinâmica, devem colocar como opção número um ouvir essa cápsula em seu sistema.

Meu filho me emprestou um LP do Metallica (um de capa azul - eu não conhecia), fiquei realmente impressionado com a maneira que a Bloom 3 'driblou' aquela 'parede' de compressão - os VUs do Luxman e do Nagra simplesmente ficam estáticos, como se tivessem sido travados! Uma pena que se use tanta compressão em uma gravação em pleno final do século 20. Será que os engenheiros de heavy metal desconhecem os microfones B&K ou DPA? Com esses microfones não seria necessária tanta compressão, que além de estragar o equilíbrio tonal, deixa tudo bidimensional. Mas a Bloom 3, com sua impressionante 'energia', consegue deixar aquela 'massa sonora' muito mais palatável e interessante. Se você é um fã do gênero, você precisa ouvir essa cápsula, meu amigo.

O corpo harmônico da Bloom 3 é uma grande referência para inúmeras cápsulas concorrentes na sua faixa de preço, e também para muitas acima de sua faixa de preço. Tudo soa do tamanho exato que foi captado e mixado. Nas gravações de jazz dos anos 60, é um deleite ouvir os sopros como soam quando estamos dentro da sala de gravação, com os músicos. Eu nunca abri mão de estar ali dentro nas nossas gravações, é uma sensação indescritível, meu amigo, sentir no peito aquela pressão de um saxofone barítono, ou um contrabaixo tocado em arco! Com a Bloom 3, o ouvinte terá sonoros sustos com a veracidade do corpo de excelentes gravações dos anos 60!

A materialização física é outro 'desbunde' nesta cápsula. Para não ficar preso apenas às melhores referências feitas nos anos 60, fui buscar gravações dos anos 70, 80 e 90, da Blue Note, Pablo e Verve. E a materialização física está presente, fazendo nosso cérebro mergulhar de tal forma que, só se você não quiser continuar a 'viagem', que seu cérebro irá lembrar que aquilo é reprodução eletrônica e não a realidade!

Brinco que vou levar o ouvinte à uma máquina do tempo, nessas oportunidades, pois só o analógico para nós permitir este grau de 'realismo'!

Sua musicalidade dependerá muito mais dos seus pares do que dela mesmo. Como escrevi linhas acima, será preciso 'domar' sua

energia quase juvenil - ela possui um grau de impetuosidade que pode muito bem 'assustar' aos que buscam uma cápsula em outra direção.

Mas isso não necessariamente é um defeito, e pode perfeitamente se transformar em enorme qualidade. Principalmente se os estilos musicais tiverem também essa 'impetuosidade'. Mas não pensem que essa impetuosidade não pode ser domada, pois para nós ficou mais do que claro que pode. Para isso será o suficiente um setup analógico que tenha excelente equilíbrio tonal e enorme folga. Pois assim associamos o melhor dos dois mundos. Algo tão utilizado por décadas, como misturar um pré valvulado com um power transistorizado. Isso não é nenhuma heresia - pelo contrário, feito com conhecimento e critério, pode ser uma excelente solução. Principalmente para aqueles que têm um orçamento mais apertado para a realização de upgrades em cápsulas mais top.

A questão é como se montar a receita certa, feito isso, os resultados podem ser surpreendentes.

CONCLUSÃO

A ZYX Bloom 3 é uma cápsula que possui méritos suficientes para estar na lista de todo audiófilo que está à procura de uma cápsula Estado da Arte de até 8 mil reais!

Claro que, nesta faixa de preço, as opções são inúmeras (mesmo aqui no Brasil). Se o amigo possui um toca-discos que julga ser o definitivo dentro de seu orçamento, e seu pré de phono o atende integralmente, mas a cápsula ainda gera 'incertezas' dependendo do gênero musical ou da qualidade técnica, ouça a ZYX.

A Bloom 3 possui a 'magia' de extrair um grau de informação que outras cápsulas concorrentes nem 'ousam' imaginar que isso seja possível. E com um outro benefício importante: precisão!

Se essas são duas qualidades que tanto procura, a Bloom 3 pode ser a solução definitiva para sua busca! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FCQYMPZOURM](https://www.youtube.com/watch?v=FCQYMPZOURM)

AVMAG #274
KW HiFi
 (11) 95422.0855
 R50 Bloom 3 LOW: R\$ 7.300
 R50 Bloom 3 HIGH: R\$ 7.830

NOTA: 95,5



ESTADO DA ARTE



elipson

A Elipson Legacy 3210 é o primeiro modelo da série Legacy. Com o seu tamanho compacto, beneficia das qualidades dos modelos superiores: imagem sonora rápida, luminosa, arejada e precisa, oferece também um registo de graves articulado e profundo, o que é raro neste formato de coluna.

O Legacy 3210 é um modelo de 2 vias equipado com um driver de graves / médios de 16,5 cm de diâmetro e um tweeter AMT de ampla dispersão.

elipson | Legacy 3210

@WCJRDESIGN



IMPEL

Sua vida em alto e bom som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

(11) 3582.3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

CÁPSULAS

CÁPSULA HANA UMAMI RED

Fernando Andrette



Os leitores atentos certamente perceberam que estava no 'forno', em teste, a nova cápsula top de linha da Hana, a Umami Red. Pois há cerca de duas edições ela já estava sendo citada na lista de equipamentos utilizados em todos os nossos testes.

Então chegou a hora de falarmos desta cápsula, que carrega em seu nome a palavra Umami, que em japonês significa algo saboroso, mas com uma 'explosão' de sabores cheios de contrastes entre o doce, azedo, salgado, amargo, quase se tornando um quinto sabor.

Li em algum release que o projetista das cápsulas Hana, o sr. Masao Okada, ficou meio resistente quando sua equipe sugeriu este nome, mas se rendeu a ele ao ouvir o primeiro protótipo em seu sistema pessoal.

A Excel Sound Corporation, com mais de meio século em atividade, é uma das referências em cápsulas no Japão. As cápsulas da Accu-phase, Shelter e Sumiko, todas foram desenvolvidas na Excel, e possuem enorme reputação mundo à fora. Mas foi só em 2016 que a Excel achou que deveria voltar a desenvolver cápsulas com sua própria marca, e foram colocados no mercado de uma só fornada 4 modelos, começando pela mais simples, de 450 dólares e a mais cara (que já testamos: Hana ML) de 1.250 dólares.

O sucesso veio como em um rastro de pólvora - basta entrar em diversos fóruns de cápsulas e ler os elogios que toda a linha Hana

recebeu e virou o mercado de pernas para o ar - ao conseguir colocar esses modelos em pé de igualdade com cápsulas bem mais caras.

A fórmula para sucesso tão imediato: utilizar todo seu expertise de meio século, não querer 'reinventar' a roda, e oferecer soluções eficientes em termos de construção, simplicidade e eficiência. Então, desde a mais simples, o consumidor não irá achar nem uma pitada de materiais exóticos ou raros, optando pela velha e segura fórmula do 'menos é mais'.

Mas claro que com o sucesso tão rápido e consistente, em algum momento a Excel iria querer mostrar ao mundo que também sabe (e como muito poucos), fazer cápsulas de nível superlativo - porém com os 'pés ainda no chão'!

Mas o desafio era fazer algo absolutamente fantástico, mas ainda na casa que muitos audiófilos mundo à fora pudessem comprar. Ao contrário dos invólucros de plástico rígido dos modelos até então lançados, o invólucro vermelho da Hana Umami é feito em duralumínio ultra resistente e com um acabamento em laca vermelha urushi que dá à cápsula um visual refinado e tecnológico, porém sem perder a 'identidade' das melhores cápsulas japonesas.

Mas são os detalhes de design que mais chamam a atenção nesta cápsula, com suas curvas laterais que lembram um par de orelhas, e sua frente com uma placa de ébano, dão o toque final de requinte.

A cápsula pesa cerca de dez gramas. As bobinas e o poderoso imã de samário-cobalto são tratados criogenicamente antes da instalação, com um resfriamento próximo a 'zero absoluto', para 'relaxar' e homogeneizar suas estruturas moleculares. A Excel foi uma das primeiras a mostrar sonicamente a vantagem deste processo de criogenização, o que inúmeros outros fabricantes de cápsulas e cabos utilizam na atualidade.

Lembro que nos primeiros anos da revista, ao escrever um artigo sobre este método, muitos dos 'objetivistas' o classificaram de puro placebo ou marketing puro, criando acaloradas discussões por uns anos - hoje caiu no comum. Tirando os que ainda duvidam que cabos fazem diferença, ninguém mais se importa como esses produtos são feitos, se preocupando apenas com como tocam (ainda bem!).

Outra preocupação da Excel foi fazer uma cápsula top de linha com o maior grau de compatibilidade possível, tanto com os melhores braços, como com prés de phono.

Então, aos que depois de lerem este teste se interessarem, basta um braço comum de massa média e a Hana Umami Red se sentirá à vontade. Quanto aos prés de phono, sua baixa resistência interna de 06

Ohms pode perfeitamente trabalhar com qualquer bom pré de phono com impedância acima de 100 Ohms. Sua força de rastreamento, para uma alta precisão de leitura dos sulcos, é de 2.0 g, com tensão de saída de 0,4 mV. Sua agulha é um diamante com um corte Microline, um cantilever de boro rígido, porém muito leve, que tem o objetivo de dissipar suas vibrações para o próprio cartucho. Os quatro pinos para a ligação da cápsula à fiação do braço são folheados a ouro 24 quilates, que estão fixados em uma placa de poliéster.

Para o teste, colocamos a Hana Umami Red no braço Enterprise Mk4 da Origin Live, e o toca-discos também deste fabricante, modelo Sovereign (leia Teste 2 nesta edição). Os prés de phono utilizados foram: Boulder 508, PS Audio Stellar, e o Classic Phono da Nagra (leia Teste 1 nesta edição). Os cabos de interconexão foram: Sunrise Lab Quintessence Anniversary (RCA e XLR), e o Apex da Dynamique Audio (XLR). O restante do sistema foi o setup de Referência da revista (pré de linha Classic Nagra, TUBE DAC Nagra e os powers Nagra Classic Mono). Caixas: Wilson Audio Sasha DAW, e Kii Audio Three.

Minha expectativa inicial era que a Umami Red estivesse alguns degraus acima da Hana ML, com maior definição, refinamento e conforto auditivo. Mas o que ouvimos foi muito além da expectativa inicial, pois são cápsulas de 'campeonatos' distintos.

A Umami Red veio para bagunçar o mercado de cápsulas Estado da Arte custando acima de 8 mil dólares, e deve fazer um estrago considerável neste segmento, pois ela coloca em xeque se realmente, para termos um analógico do mais alto padrão superlativo, ainda é necessário se gastar de 8 mil dólares para cima para se extrair todo o encanto e naturalidade do analógico.

Não temo em afirmar que a Umami se trata da melhor relação custo/performance que uma cápsula acima de 100 pontos atingiu na história da revista! E não acho que este 'posto' será tirado dela muito cedo.

O que a Excel conseguiu em termos de performance com a Umami Red irá refletir por muitos e muitos anos neste mercado de ponta, pois foram capazes de quebrar diversos paradigmas de preço e de performance. Ter este grau de refinamento por menos de 5 mil dólares, seria algo impensável cinco anos atrás!

Nos 25 anos da revista testamos algumas das melhores cápsulas do mercado, cápsulas que ultrapassaram com folga os 100 pontos, mas todas custando o dobro ou o triplo do preço da Umami Red. Então o que descreveremos em termos de performance dessa cápsula será de enorme interesse a todos os amantes de analógico, independente da cápsula que tenham em seu sistema na atualidade.

O fabricante fala em 50 horas para a Umami estar totalmente amaciada, mas o interessante é que com apenas 10 horas de uso, ela já mostra a que veio. E as outras 40 horas serão apenas para ajuste de seu grau de refinamento e precisão.

A maior mudança nessas 50 horas é que ela perde a ênfase na precisão e detalhamento, para ganhar equilíbrio na naturalidade dos timbres, no corpo em todo o espectro audível, e na projeção 3D do palco sonoro.

Achei, nos primeiros dois dias de audição, que a Hana iria se qualificar como a cápsula mais neutra que avaliamos. No entanto, a partir do terceiro dia, esta neutralidade continuou evidente, mas seu impressionante equilíbrio tonal, que chega a ser quase que perfeccionista, e sua apresentação 3D, deram forma e graciosidade a suas apresentações.

Com o setup Origin Live, o resultado é belíssimo, pois este toca-discos e o braço de 12 polegadas também possuem essas mesmas características, com a vantagem de serem capazes de extrair informações dos sulcos que jamais extraímos com nenhum outro toca-discos que tivemos como referência ou testamos.

Felizmente, antes do toca-discos da Origin chegar, ouvimos metade do amaciamento da Hana com o braço Origin Enterprise de 12 polegadas no Timeless Ceres, o que nos permitiu perceber que a neutralidade da Umami Red é uma de suas maiores virtudes.

Mas depois de instalada no setup todo Origin, esta neutralidade se somou à precisão de tempo, ritmo e andamento do toca-discos, fazendo desta combinação a mais impressionante que escutamos em analógico em nossa sala - principalmente ligados ao pré de phono da Nagra: Meu Deus! Que estrago este setup fez nas minhas noites e madrugadas.

Se estivéssemos falando de astrologia, diria que esta fora a conjunção perfeita de astros e que provavelmente só acontece de tempos em tempos!

Uma característica importante da Hana é sua capacidade de jamais sobrepor algo, ou dar cor ou enfatizar alguma frequência em termos de equilíbrio tonal. O que nos leva a observar as gravações de um outro ângulo, como se tudo estivesse sendo escutado pela primeira vez, ou tudo tivesse sido remixado.

Claro que o setup (Origin Live + Nagra Phono) foi o companheiro ideal para este grau de requinte da Hana, mas não podemos fugir do famigerado 'elo fraco' - portanto se a Umami não tivesse 'garrafas para vender', o resultado não seria tão impressionante e consistente.

O soundstage da Hana é digno de ser tratado como holográfico e tridimensional. As caixas 'somem', e o ouvinte fica frente a frente com o acontecimento musical em termos de largura, altura, profundidade e planos. O detalhe é a apresentação do foco e recorte da Hana, comprovando sua exímia qualidade em ler, como poucas cápsulas, com tanta precisão os sulcos. Ouvi gravações de música clássica 'petrificado' com o grau de realismo. Essa magia, por mais que o digital tenha galgado muitos degraus, ainda não consegue se igualar. ▶

CÁPSULAS

Depois de semanas com este setup, para voltar a escutar digital meu amigo, é preciso recodificar o cérebro, literalmente!

À medida que as 40 horas de amaciamento foram chegando, a pilha de discos foi aumentando em tal ordem que precisaria estender este teste para o dobro do tempo disponível, já que o pré de phono Nagra tinha data para sair de nosso convívio. Então passei a selecionar o supra sumo em termos de qualidade artística, para poder desfrutar desse 'sonho' o máximo possível.

Só fui ouvir os LPs para avaliação de textura quando a cápsula atingiu as 40 horas, pois sabia pelas audições preliminares, que este quesito seria como chegar ao âmago da intencionalidade. Dito e feito, as gravações de quartetos de cordas ganharam um padrão de referência, que me levou a questionar o quanto o analógico ainda hoje foi subdimensionado. Tornando-se algo tão privado, que poucos tiveram a sorte e o prazer de extrair desses velhos discos pretos todo o seu esplendor. E olhe, amigo leitor, que já tivemos a oportunidade de avaliar excelentes componentes analógicos, mas repito: não nesta conjunção em que tudo está devidamente alinhado na hora e lugar correto!

Se fosse possível gravar este momento para mostrar na posteridade, acredite; eu faria!

Muitos leitores me perguntam o que significa a 'intencionalidade' no quesito textura. E seria simples se a pandemia já tivesse terminado e pudéssemos iniciar os Cursos de Percepção Auditiva, pois com os exemplos que temos, a compreensão é simples. Trata-se de ouvirmos a qualidade do instrumento, do músico, do microfone utilizado, da complexidade do arranjo da composição e execução. E sem um equilíbrio tonal perfeito, essas características da textura ficam 'submersas' deixando-nos apenas perceber se o instrumento soa mais aveludado ou áspero. Ou seja, muito pouco para um sistema que tenha pretensões de ser um genuíno hi-end.

A Umami Red tem o dom de nos mostrar o grau de qualidade de tudo, sem esconder nada, nos fazendo até perceber, por exemplo, a diferença de qualidade entre os instrumentos de um quarteto de cordas, o nível de virtuosidade dos mesmos, e até a qualidade dos microfones utilizados na gravação. Mas não pensem que isto tira a atenção da música como já vi algumas pessoas afirmarem (que tamanho preciosismo atrapalha) - pelo contrário, nosso cérebro fica ainda mais convencido que não se trata mais de reprodução eletrônica.

E se este não é objetivo final de um setup hi-end, que outro poderia ser?

Todos que conhecem o álbum branco do Keith Jarrett (Köln Concert), sabem que o piano utilizado naquele concerto ao vivo era um piano de péssima qualidade (tanto que ele pensou em não se apresentar, mas foi convencido a fazê-lo pois perderia o contrato com a gravadora ECM). E, por ironia do destino, justamente este disco se

tornou o disco mais vendido da ECM. Pois bem, este, pelas limitações técnicas, é um disco difícil de ser reproduzido sem soar anasalado na região média-alta, e a última oitava da mão direita ter som de vidro. E ainda com toda essa limitação do instrumento, o som que o Keith Jarrett extraiu do piano é de uma beleza encantadora. A experiência de ouvir este disco na Hana Umami ' & Cia', foi maravilhosa. Pois, pela primeira vez, o anasalado e o brilho excessivo da última oitava ganharam, para o alento de nossos ouvidos, um componente que sempre falta: o feltro nos martelos do piano!

E como este detalhe fez enorme diferença, amigo leitor! Tanto que escutei os quatro lados por duas vezes no mesmo dia, e fiz inúmeras anotações no meu caderno pessoal. Não falo de milagres, pois o que foi registrado, registrado está. Mas a sutil melhora no equilíbrio tonal e na apresentação das texturas, foram cruciais para se ter uma audição muito mais prazerosa e esquecer das limitações, e mergulhar integralmente na música.

Foi certamente uma noite inesquecível a todos que tiveram a oportunidade de estar ao vivo naquela apresentação. E a nós, a felicidade deste momento ter sido registrado para a posteridade.

Os transientes da Hana são estonteantes em termos de precisão e autoridade. Adoro, para este quesito, fechar a nota com a famosa apresentação do Al Di Meola e o Paco de Lucia, no disco **Friday Night in San Francisco** (tenho este disco em 33 e 45 RPM) - a virtuosidade dos dois é de tirar o fôlego! Mas um detalhe sempre chama a atenção: o primeiro solo do Al Di Meola no canal direito. Muitas cápsulas dão a nítida sensação de atropelar as notas, ou deixar elas um pouco difusas.

A Hana disseca a velocidade e precisão do Al Di Meola, no auge de sua virtuosidade! Nós que perdemos o fôlego, ao ouvir tudo nota por nota, sem atropelo, sem dúvida do que está sendo tocado. Poderia dar outros bons exemplos de transientes, mas este é tão perfeito, que acho que todos que conhecem e apreciam esta gravação, entenderão perfeitamente o que escrevi. Detalhe: também uso este disco para avaliação de equilíbrio tonal, pois muitas vezes os violões possuem um brilho que descaracteriza o fato de estarmos falando de cordas de nylon (principalmente no CD).

E também gosto de ouvir esta faixa para textura, pois a diferença da técnica de palheta do Al Di Meola para os dedos do Paco de Lucia, é evidente.

E, se bobear, também utilizo esta faixa para avaliação de corpo harmônico, pois em muitos setups os violões têm o tamanho de um cello, rs!

Então, se um dia precisar avaliar todos esses 4 quesitos com um único disco, você já sabe qual será minha escolha.

A dinâmica desta cápsula só não é melhor que a da Soundsmith Hyperion 2, e está no mesmo nível de todas as outras cápsulas acima ►

de 102 pontos, em nossa Metodologia. Sua micro e macrodinâmica são excepcionais! Pena eu não ter em LP a Abertura 1812 de Tchaikovsky da Telarc, mas tenho três interessantes gravações da Sinfonia Fantástica de Berlioz, sendo a mais impressionante a da Reference Recordings em 45 RPM.

Meu amigo, a gradação de pianíssimo para o fortíssimo é de tamanho grau de conforto auditivo, que chegamos a duvidar que é possível ouvir em muitas cápsulas com pressão sonora acima de 92 dB, sem o sinal endurecer e ficar desconfortável! Este foi um exemplo que, com a maioria das cápsulas, sempre tomei muito cuidado. Desta vez, como ajustei o volume, este ficou até o final, com enorme folga até o 'tutti' final.

Outro LP que adoro usar para avaliação de micro e macro é o famoso Bolero de Ravel (tenho excelentes gravações, então fica até difícil ter uma preferida). Aqui sempre temos um começo que vivemos com o volume lá em cima, e à medida que a orquestra vem crescendo, temos que ir monitorando o volume ladeira abaixo. Esquece, pois a leitura da Umami Red na microdinâmica é impressionante, assim como a capacidade de ouvirmos os instrumentos solistas dobrados ou triplicados, sem nenhum esforço adicional (basta termos feito a lição de casa e termos familiaridade com os instrumentos de sopro de uma orquestra sinfônica).

O corpo harmônico nos faz voltar a realidade de que, se tem algo que o digital não conseguiu ainda chegar, é este quesito.

Tomamos sustos atrás de sustos, ao ouvir gravações dos anos dourados do analógico (fim da década de 50 e 60), e ver o quanto soa real qualquer instrumento, ainda que os microfones estivessem a distâncias razoáveis de todos os instrumentos e fossem apenas três microfones. O pulo do gato era a acústica excelente das salas de gravação, e os músicos saberem que era preciso tocar alto e o mais limpo e preciso possível. Sempre ouvi dizerem que os pratos soavam abafados, e com rápido decaimento, na maioria das gravações deste período. Além de terem um corpo 'tímido'. Um dos que sempre reclamaram foi um amigo baterista, de longa data. Pois o chamei para ouvir gravações do Duke Ellington, Bill Evans e Miles Davis deste período. E ele mudou de opinião instantaneamente! Soam soberbos em termos de corpo, qualquer instrumento, seja de percussão, cordas ou sopro.

Falar em Organicidade para este setup é a mais pura covardia e ingenuidade. Pois em nenhum momento de nossa história tivemos o privilégio de ter a materialização dos músicos de forma tão fidedigna a nossa frente. As vozes possuem um tamanho realismo, que nosso cérebro se rende ao primeiro acorde!

Poderia simplesmente dizer que a Umami Red fecha com chave de ouro este teste, com sua emocionante musicalidade. Mas escrever isto é simplesmente resumir de forma indevida todos os seus inúmeros

e consistentes atributos. Para atingir este grau de musicalidade, é preciso que os sete quesitos de nossa Metodologia estejam em perfeito equilíbrio e harmonia, pois não existe maneira de 'burlar' esta regra.

Claro que os méritos finais sempre irão cair na soma do todo, que desemboca na musicalidade, mas nenhum equipamento atinge este grau de maturidade e excelência, de os mais ínfimos detalhes não tiverem sido trabalhados.

CONCLUSÃO

O que importa é que a Hana Umami Red é uma cápsula que veio para mudar a maneira de se escolher cápsulas de nível superlativo. E dar a chance aos menos abonados (como a esmagadora maioria de audiófilos) de ter uma cápsula de nível Superlativo por menos da metade do preço de todas as cápsulas acima de 100 pontos.

Este é um mérito que os outros fabricantes precisarão correr atrás, pois se ficarem se 'alimentando' dos louros e fama de tempos passados, serão literalmente atropelados por esta cápsula. Pois o conjunto de qualidades que a Umami atingiu é muito maior que as partes.

Dê a ela um setup à sua altura, e mostre orgulhoso aos amigos e parentes que ter uma cápsula que soa divina, não é mais mérito só dos abonados! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LTBC2K2B0Z8](https://www.youtube.com/watch?v=LTBC2K2B0Z8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5VMTMKVCVVU](https://www.youtube.com/watch?v=5VMTMKVCVVU)

AVMAG #273
German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 24.900

NOTA: 105,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

CÁPSULAS

CÁPSULA ZYX ULTIMATE OMEGA GOLD

Fernando Andrette



Se os admiradores das cápsulas ZYX já se sentiram confusos com a variedade de produtos que este fabricante disponibiliza, imagine quem é marinho de primeira viagem?

Foi assim que me senti ao receber a cápsula R50 Bloom3, que testamos na edição 274, e depois de ficar impressionado com sua performance ao descobrir que estava ouvindo a modelo de entrada deste fabricante, foi difícil saber qual cápsula pedir na sequência para um novo teste! O Fernando Kawabe teve que se munir de enorme paciência para responder às minhas inúmeras dúvidas.

Felizmente, neste 'interim', a ZYX deu uma arrumada em seu confuso site (que site japonês não é confuso, caro leitor?), e as coisas realmente ficaram mais fáceis. Pelo novo site, ficou bem mais claro que existe uma linha de acessórios, três versões de cápsulas mono (R50 Bloom Mono, R100 e R1000 Airy3), a de entrada a R50 Bloom estéreo, a Ultimate 100, Ultimate Airy, Ultimate 4D, Ultimate Omega

(com três versões de bobinas: puro cobre, prata, e ouro - por isso o G), Ultimate Diamond, Ultimate Dynamic, e a top de linha Ultimate Astro.

Ao ter um panorama geral de todos os modelos, achei por escolher a Ultimate Omega, para dar ao nosso leitor uma ideia do salto que 'teoricamente' existiria entre a Bloom3, de entrada, e uma série intermediária, mas sem ser de um valor fora da realidade mesmo dos audiófilos com uma carteira mais recheada.

Definida a série, veio outra grande dúvida: a escolha da bobina. Aí foi outro parto, pois as explicações no site das três opções são por demais simplificadas, levando qualquer consumidor a certamente ter que recorrer aos fóruns para tentar ouvir dos audiófilos o que eles acham de cada uma das possibilidades.

De forma simplificada, recorrerei à definição do próprio fabricante: a bobina de cobre utiliza cobre puro de 6N OFC, possibilitando um som ►

bem 'uniforme' em toda a faixa audível. A bobina com fio de prata pura, por sua excelente condutividade, possibilita agudos mais estendidos e uma maior transparência na região média e nos graves. E, por fim, a bobina com fios de ouro 24K é produzida nos Estados Unidos, e foi desenvolvida para aqueles que desejam sons reais, naturais e suaves em todo o espectro audível.

"Não tendo nenhum tipo de coloração, produzindo timbres realistas". Essa última frase, depois de visitar e ler centenas de opiniões, continuou 'ressoando' em minha mente, e aquela voz 'interior' martelando por dias: é essa, é essa... E acabei indo nessa direção.

Como todas as cápsulas, a partir da série Ultimate Omega, são feitas artesanalmente pelo próprio CEO Hisayoshi Nakatsuka - e entre a solicitação e a entrega, foram praticamente 80 dias. O Fernando Kawabe fez tudo que estava ao seu alcance para tentar entregar a cápsula junto com a chegada do pré de phono da Nagra, mas o Covid 19 e a quebra de um osciloscópio, atrasou a entrega em quase 20 dias, o que impediu que o teste do Nagra Classic Phono tivesse a companhia de duas excelentes cápsulas: Hana Umami Red, e essa ZYX.

A Ultimate Omega G é muito diferente da Bloom3 em termos de construção, pois ela já possui o famoso objeto esférico azul na frente do corpo da cápsula, que minha filha assim que viu, apelidou de "verruga azul". Este objeto é, na verdade, um peso de equilíbrio para fornecer o ponto de dissipação de vibração. Essa esfera não metálica, com peso de 1 grama, diâmetro de 2.5 mm, é colada na frente da cápsula. Segundo o fabricante, sua função é absorver todas as ondas vibratórias inerentes ao atrito da agulha com a superfície do disco. E fazer com que a leitura da agulha seja precisa nos sulcos.

Outro diferencial é a placa terminal em que são fixados os pinos dos cabos do braço, feita de carbono composto, que segundo o fabricante travam os pinos de forma a não vibrarem em hipótese alguma.

Mas as inovações patenteadas não param na esfera ou nesta placa, pois o cantilever, onde os melhores fabricantes utilizam boro, alumínio composto, diamante e até bambu, não atenderam as exigências sonoras de Nakatsuka-san, levando-o a desenvolver e patentear o primeiro cantilever de carbono C-1000 do mundo para uma cápsula MC. A haste de carbono é feita de 1000 peças de carbono composto (daí o nome de cantilever C-1000). Este carbono composto é mais rígido do que o alumínio, ferro ou titânio. Além de sua gravidade específica ser a metade do boro.

Segundo Nakatsuka-san, o cantilever de carbono oferece a mais ampla faixa de frequência e um desempenho de rastreamento muito superior a qualquer outro material utilizado em cantilever. Mas, segundo ele, o maior diferencial está na capacidade de limitar os maléficos

sinais sonoros mecânicos que sempre, em qualquer tipo de cantilever, são refletidos - e o que volta à agulha diminui a inteligibilidade e a microdinâmica. Aliás, este é um ponto recorrente em todos os fóruns que discutem os benefícios das cápsulas ZYX das séries Ultimate: a sensação de um descongestionamento na apresentação musical!

A cápsula é feita de uma resina não metálica, com dois tipos de material duros e leves o suficiente para evitar que vibrações externas influenciem a bobina, e ressonâncias que ocorram na superfície dos discos possam causar correntes 'parasitas'.

A agulha de todas as séries Ultimate tem as bordas do diamante paralelas às laterais do cantilever, com o propósito de atuar como o ponto de contato com o sulco do disco, para um traçado mais estável e suave, para se extrair as mais sutis informações do disco. Segundo o fabricante, essa construção da agulha permite uma vida útil prolongada de mais 2000 horas em relação a outras agulhas de alto padrão!

A agulha é do tipo Micro-Ridge, desenvolvida no Japão, com um raio de contato sempre de 3µm pela ponta, e 60µm de espessura.

Para o teste instalamos a ZYX Ultimate Omega G no nosso toca-discos de Referência, o Origin Live Sovereign, braço também Origin Live modelo Enterprise de 12 polegadas, e clamp Gravity One, também da marca (leia Teste 4 nesta edição).

Os prés de phono utilizados foram o interno do integrado Gold Note IS-1000 (leia teste na edição 276), o Hegel V10 (leia teste na edição de novembro próximo), e o Gold Note PH-1000 (leia Teste 1 nesta edição). O sistema foi basicamente o nosso de Referência, e as caixas Wilson Audio Sasha DAW e Estelon XB MKII (leia teste na edição de novembro). Cabos de interconexão nos prés de phono: Sunrise Lab Quintessence Aniversário e Dynamique Apex. Cabos de força nos prés de phono: Oyaide no Hegel V10, e Sunrise Lab Quintessence Aniversário, Transparent G5 e Powerlink MM2.

Posso dizer com segurança que esta ZYX foi a cápsula com maior período de amaciamento que testei na vida, pois próximo de 100 horas ela ainda estava sofrendo mudanças significativas. Não que ela saia de um patamar que seja impossível ouvir, pois assim que instalada eu e o Maltese (que mais uma vez fez as honras de realizar todos os ajustes e instalação), ficamos 'pasmos' com os detalhes em que os metais foram apresentados em uma gravação do Frank Sinatra, seguida por Steve Wonder, Milton Nascimento, etc. De imediato, percebemos que todos os 'requintes' e cuidados na fabricação desta cápsula não são apenas marketing ou teoria. Pois tudo que o fabricante promete que ela fará, será cumprido à risca.

Mas ainda assim é chocante ouvir que a quantidade de informação 'submersa' em gravações que escuto a 30, 40, 50 anos, que nunca antes foram tão detalhadas e precisas.

A tortura é pela espera para saber o 'cume' que essa preciosidade pode alcançar depois de integralmente amaciada. E entre as 20 e 70 horas, o audiófilo terá que se munir de enorme paciência, pois seu equilíbrio tonal até estabilizar irá alterar muito.

O que eu quero dizer com alterar?

É ouvir o mesmo disco, as mesmas faixas, e um dia com 25 horas de amaciamento estar ruim, com 29 horas este mesmo disco estar audível, depois com 40 horas, soar estranho novamente, para a partir de 50 horas, você querer repetir o disco inteiro.

Tanto que o Maltese quis várias vezes vir fazer o ajuste fino/final, e eu impedi. Pois sabia que havia estrada a ser caminhada. Fico imaginando o audiófilo tipo 'desesperado.com', se olhando no espelho e dizendo: acho que fiz uma cagada! Para no outro dia ouvir o mesmo disco e sair gritando: "que maravilha!".

Será uma montanha russa meu amigo, literalmente! Agora, adicione a esta equação dois prés de phono também amaciando, e o amigo leitor terá uma ideia exata da caixa de pandora que abri em nossa Sala de Testes. Mas, felizmente, após a tempestade vem sempre a bonança, e neste caso a bonança veio abençoada de musicalidade, realismo e conforto pleno!

A partir das 100 horas da ZYX - e das 200 horas do PH-1000 - o que este conjunto soou é para entrar na memória de longo prazo, como um dos mais belos setups analógicos que escutei na vida! Claro que sempre ouvimos aquela voz diabólica a nos dizer: se já está tão belo, imagine com o Nagra Classic, o que essa cápsula não renderia? Felizmente, com os dias transcorrendo em céu de brigadeiro, essa ideia logo se dissipou e pude desfrutar como poucas vezes de um setup com tamanha organicidade, intencionalidade e musicalidade.

Reouvi mais de 400 LPs no período de teste e, a cada disco, em cada faixa, foi possível detectar o grau de precisão de leitura desta cápsula, tenha sido nas gravações problemáticas ou nas melhores gravações que tenho, sempre escutei informações das mais banais às mais importantes.

A cápsula que mais perto chegou perto desta ZYX foi a Soundsmith Hyperion 2, e ainda assim o conforto auditivo aliado à alta resolução da Ultimate Omega G a coloca em uma classe à parte das outras excelentes cápsulas que tive ou testei. Pois o que a faz soar tão distintamente é o seu conjunto de qualidades.

Vamos a eles: tamanha é sua precisão de leitura, que o ruído de fundo dos discos é menor que qualquer outra cápsula que tive e testei.

Seu equilíbrio tonal é sempre impressionante, nos permitindo escutar gravações realmente ruins tecnicamente (logo eu que tenho centenas de gravações assim). Nunca passa do ponto, nunca endurece

o sinal, e nos possibilita ouvir as gravações sempre com uma folga a mais no volume!

As texturas são as mais sedutoras que escutei, nos fazendo prestar a atenção em detalhes como a escolha dos microfones, posicionamento desses em relação ao instrumento, qualidade técnica do músico e do instrumento, detalhes da mixagem tanto das virtudes como dos defeitos e, claro, a intencionalidade como se estivéssemos presentes na gravação para ver como o virtuose resolve com desenvoltura aquela passagem complexa ou o músico esforçado penou para fazer o take bom.

Muitos dos leitores mais recentes me questionam se é verdade que podemos 'ver' o que ouvimos? Dúvida que desvanece assim que se escuta uma cápsula deste nível de performance! Acredite meu amigo, você 'verá' o que está ouvindo com essa ZYX Ultimate Omega.

Muitas vezes ouço excelentes cápsulas, extremamente corretas, em que os transientes são excepcionais, mas em alguns discos soam borrados. Sempre deduzi que talvez isso fosse algum problema referente a leitura da agulha, o próprio disco, prensagem, mixagem ou algum tipo de ressonância do cantilever. O disco matador para a 'prova dos nove', continua sendo para mim a faixa 1 do lado A de *Friday Night in San Francisco* com o trio de virtuosos de violão Meola, Lucia e McLoughlin. Os solos nessa faixa do Al Di Meola no canal direito e do Paco de Lucia no canal esquerdo, são de tirar o fôlego, tamanha velocidade, técnica e precisão - e mesmo algumas excelentes cápsulas se 'embaralham', nesta faixa. A sensação é que comeram notas.

Na ZYX, essa faixa soa de forma tão 'explícita' que é possível ver exatamente o que cada um dos músicos está a fazer. Como se o tempo fosse desacelerado para nosso cérebro acompanhar nota por nota - é melhor que tomar LSD, amigo leitor, acredite! É como exercitar seu cérebro para entrar em uma outra dimensão em que toda a música, dá mais simples à mais complexa, o grau de inteligibilidade seja pleno!

Então, para resumir: o que essa ZYX faz de melhor que as três melhores cápsulas que a revista já testou? Nada tão melhor que desqualifique as outras excelentes cápsulas. O que a difere está no domínio da precisão e no grau de conforto auditivo.

Aqui ela se mostrou soberana, e isso certamente está na fórmula encontrada pelo seu projetista em solucionar problemas decorrentes de uma leitura mecânica com enorme probabilidade de inúmeras limitações - que todos nós sabemos quais são. E que nos acostumamos a viver com elas, pois os benefícios são maiores que as limitações (em sistemas analógicos corretos, que fique bem claro).

As soluções encontradas pela ZYX, além de assertivas, colocam em xeque muitas outras opções que, ainda que boas em termos de performance, não alcançaram o resultado obtido pela ZYX!

O que posso garantir a você leitor é que, no caso específico desta Ultimate Omega G, o resultado de sua performance certamente é consequência direta de todas as descobertas feitas pelo seu projetista e colocadas em prática. Não se trata da sacada da esfera, ou do cantilever de carbono feito de mil nano pedaços. É a evolução de meio século fabricando cápsulas para terceiros que, para a ZYX, a diferencia da concorrência.

E o resultado é esse!

Fico imaginando o que as três séries acima podem resultar em termos de performance, pois eu me dou totalmente por satisfeito com essa Ultimate Omega G.

E sua relação custo/performance colocam em dificuldade cápsulas de renome que custam até três vezes o seu valor!

CONCLUSÃO

Quando se está há tantos anos na estrada de revisor, e se tem um método e foco para avaliar os produtos, fica bem mais fácil pegar determinados produtos de entrada, ouvir e sacar que aquele fabricante possui um DNA diferenciado.

Isso ocorreu com o teste da Bloom3, que ainda que não utilize todos esses requintes de construção existentes na série Ultimate, ficou claro que sua sonoridade tinha um 'algo a mais'.

É muito prazeroso constatar que nosso 'feeling' estava correto e, ainda assim, se surpreender com uma performance acima do esperado.

Imaginava que, pelo seu preço, e por ser ainda uma série intermediária, a Ultimate Omega G, soaria como uma Hyperion 2, Hana Uma-mi Red ou Air Tight PC-1 Supreme - cápsulas que tive e que foram excelentes referências por anos! Mas essa ZYX está acima de todas essas cápsulas em todos os quesitos da Metodologia, e com um grau de refinamento que a coloca no topo de todas as cápsulas testadas nos 25 anos da revista!

Dê a ela um excelente braço e pré de phono, e tenha a certeza que pode ser sua cápsula definitiva! ■

AVMAG #278
KW Hi-Fi
(11) 95422.0855
(48) 3236.3385
R\$ 31.200

NOTA: 110,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII

Juan Lourenço



A Alpha AV trouxe para o Brasil mais um toca-discos de vinil da alemã Reeloc. Em outras edições da revista, foram testados dois modelos muito bons, dentro de suas respectivas faixas de preço. Os reviews podem ser vistos nas edições 244 e 247 da revista.

O modelo em questão é o RP-2000 Mk2, um toca-discos direct-drive por quartzo, pensado para DJs iniciantes que queiram se aventurar na cena eletrônica ou em casa mesmo, além de nós meros apreciadores da primeira arte. Ele possui visual clássico, um pré de phono interno que pode ser desligado para o uso de um pré de phono externo, saída USB para utilizar em uma mesa eletrônica ou digitalizar suas músicas, e até utilizar em sample no futuro, e todos os cabos de alimentação.

O braço balanceado em forma de S possui levantamento hidráulico e ajuste de anti-skating. Não possui ajuste de altura da base do braço, porém vem com o ajuste para cápsulas Ortofon. O TD vem equipado com uma cápsula Ortofon OM Black com faixa de frequência de 20Hz a 22kHz, saída de 4mV com o logo da Reeloc. Sim, a empresa alemã mantém uma excelente parceria com a maior fabricante de cápsulas

do mundo, a Ortofon - ou seja, cápsulas é o que não vão faltar para fazer upgrades, principalmente com a facilidade e conveniência do headshell tipo baioneta SME, universal.

O chassi já consagrado pesa 6 kg, é robusto e vem evoluindo com o RP-2000 anterior e com outros modelos da marca que utilizam o mesmo gabinete, com pequenas modificações - mantendo-se praticamente inalterado interna e externamente, exceto pelo novo painel metálico preto profundo e botões metálicos de acionamento, e regulagem de velocidades 33 1/3 e 45 RPM. O prato continua o mesmo, fundido em alumínio e usinado com precisão. O motor DC de duas velocidades não utiliza escovas, o que evita dores de cabeça com manutenção. Os pés em borracha reduzem a vibração e fazem um bom desacoplamento da base do toca-discos com a prateleira em que estiver apoiado, isto se traduz em uma qualidade sonora superior, uma imagem de palco sonoro mais definida e um silêncio de fundo melhorando toda a apresentação musical.

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Amplificador integrado: Sunrise Lab V8 MkIV Signature Special. Pré de phono: ►



Sunrise Lab The PhonoStage II SE. Cabos: força, caixa e interconexão RCA da Sunrise Lab Premium e Reference Magic Scope. Caixa acústica: Dynaudio Evoke 30.

O RP-2000 Mk2 chegou lacrado e muito bem protegido em sua embalagem. Dentro dela vem o toca-discos com algumas partes separadas e protegidas individualmente. Gabinete, prato, contrapeso, cabos e acessórios estão acondicionado em isopor injetado. A cápsula está unida ao headshell, bastando rosquear ao braço, e pronto.

O único trabalho é o ajuste do contrapeso - para o que é preciso uma balança própria para toca-discos. O ajuste ficou em 2 g, e o anti-skating em 1,6 g.

Após o amaciamento de cerca de 40 horas, iniciamos os trabalhos com o disco Bozzio Levin Stevens, Black Light Syndrome, todo o lado B do disco 2. Gosto de começar por este disco por ser bastante complexo e exigir do toca-discos um bom compromisso do material e geometria do braço, e de sua fiação interna, além da interação com a cápsula. Como era de se esperar, a Reeloc mantém seu histórico intacto com um ótimo compromisso entre braço e cápsula. Bom equilíbrio tonal e conforto auditivo é quase uma regra para o vinil, é preciso ser um projeto propositalmente mal-feito para que um toca-discos de vinil não tenha estas características acentuadas - ter tudo isso e uma ótima extensão nos dois extremos e timbres muito bonitos.

Seguindo em frente, passamos para Patricia Barber, Café Blue, que mantém a performance do RP-2000 Mk2 em bom nível com um contrabaixo desembolado e agudos com boa limpeza e arejamento. O conjunto braço e cápsula formam uma dupla bastante sinérgica. Pode parecer óbvio, mas não é. Algumas marcas consagradas se descuidam deste detalhe quando se fala em toca-discos de entrada e insistem em cápsulas que não possuem boa sinergia com seus braços, o que se traduz em um sistema que o usuário utilizará poucas vezes. Neste ponto, a Reeloc faz direitinho o seu dever de casa.

CONCLUSÃO

A Reeloc parece dar muita importância para os materiais empregados em seus projetos, e à sinergia entre eles, e com uma cápsula reconhecidamente amigável - como são as Ortofon. Não dão chance para o azar, revisando de tempos em tempos seus produtos de forma sistemática. A prova disto é o RP-2000 Mk2, que está melhor que o anterior, mantendo a sonoridade intacta. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SBVSSMO6AAU](https://www.youtube.com/watch?v=SBVSSMO6AAU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6NMFMPiXRKU](https://www.youtube.com/watch?v=6NMFMPiXRKU)

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII (USANDO PRÉ DE PHONO INTERNO) **NOTA:** 57,5

TOCA-DISCOS RELOOP RP-2000 MKII (USANDO PRÉ DE PHONO EXTERNO) **NOTA:** 60,0

AVMAG #272
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 2.990



PRATA REFERÊNCIA

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS THORENS TD 402 DD

Juan Lourenço



Na edição 262 da *Áudio & Vídeo Magazine*, testamos o toca-discos de vinil Thorens TD 202, uma boa opção para quem está iniciando no mundo analógico do vinil. Com o Thorens TD 402 DD, o iniciado pode dar mais um passo seguro rumo à satisfação musical no hobby. Trata-se de um toca-discos direct drive (tração direta), como sugerem as letras DD, com acionamento semi-automático e pré de phono interno.

O TD 402 DD é mais um projeto caseiro da Thorens, produzido na China sob sua supervisão, e é substancialmente melhor que o TD 202, a começar pela plataforma mais robusta, resistente à vibrações, característica reforçada pelos pés em elastômero que, juntos, fazem um ótimo trabalho de contenção das vibrações espúrias. O braço TP72, feito em fibra de carbono, casa muito bem com a cápsula Audio Technica AT-VM95E, que vem montada em um headshell tipo baioneta, dando vida ao conjunto. Com o modelo TD 402 é possível escolher acionar o prato tanto pela chave localizada ao lado direito do prato, como de forma semi-automática, comutando uma chave no painel

traseiro. Também no painel traseiro encontra-se a chave liga/desliga e a entrada de alimentação, que é feita por uma fonte externa bivolt, e a chave que habilita ou desabilita o pré de phono interno, bem como as saídas RCA e o aterramento do braço. Por falar em braço, o TP72 dá alguns passos adiante no emprego de materiais compostos: é possível perceber as qualidades do material, porém é preciso prestar atenção ao travamento do braço com a base, pois pode haver pequenas folgas a serem ajustadas manualmente.

O prato é feito em alumínio fundido, e possui acabamento cromado de alta qualidade - internamente ele recebe um anel de borracha que atenua as possíveis vibrações. Abaixo do prato está o acabamento superior da base, feito em aço escovado que também contribui para melhorar o foco, recorte e a inteligibilidade da música como um todo. A Rega utiliza uma solução parecida, fazendo uso de uma lâmina interligando o braço até a base do pino central do prato - uma solução mais modesta que a utilizada pela Thorens. ▶

A montagem do TD 402 é bastante intuitiva: ele vem embalado de forma a facilitar a nossa vida. A tampa é a primeira peça na caixa, e a plataforma vem pronta para uso, deixando apenas o encaixe do prato no pino central. A cápsula vem montada e ajustada no headshell baioneta, bastando encaixar no braço e girar o anel de travamento. A única coisa que não dá para fugir é ajustar o contrapeso do braço. Vai precisar de uma balança e, de preferência, uma digital para obter maior precisão. O peso recomendado é 2 gramas, e de fato não precisou mais do que isto. Já o antiskating ficou em 1,5 gramas.

COMO TOCA

Para o teste do Thorens TD 402 DD, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificação: receiver estéreo Cambridge ARX100, amplificador integrado Sunrise Lab V8 SS. Pré de phono externo: Sunrise Lab The PhonoStage II. Cabos de força: Sunrise Lab Reference II, e Illusion Magic Scope. Cabos de Interligação: Sunrise Lab Reference II, e Illusion Magic Scope. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference II, e Illusion Magic Scope. Caixas Acústicas: Neat Ultimatum XL6.

Lembrando do amaciamento do TD 202, me preparei para a longa jornada, mas para minha alegria não foi como o irmão mais novo - ele já saiu tocando razoavelmente bem. Um pouco engessado nos extremos, mas com bom timbre e uma região média promissora. O tempo total de amaciamento durou 45 horas. Após este período, os extremos apareceram, o grave firmou, tirando de cena a secura e dando lugar a uma extensão bonita. A região média recuou e as transições entre as frequências ficaram mais coerentes, apresentando um ótimo equilíbrio entre elas.

Começamos as audições com o disco do Bozzio Levin Stevens, Black Light Syndrome. Como este disco é complexo no que se refere às texturas, foi bom começar com ele e perceber que o TD 402 DD se sai bem em desembolar as cordas emborrachadas do contrabaixo elétrico, trazendo uma fluidez e precisão surpreendentes! A integração entre os músicos é outro ponto forte deste toca-discos, ele consegue tirar um pouco daquela sensação de que os músicos gravaram em separado e que na mixagem reposicionaram tudo, comumente observado em aparelhos de seu nível. Com ele a sensação de integração nos faz apreciar a música com um nível de relaxamento muito bom, completando tudo isto com agudos mais redondos, mas com bom decaimento. Parte deste benefício vem do braço em carbono que dá um pouco de luz para a cápsula AT-VM95E, que é um pouco escura para este nível de toca-discos. O ideal seria uma Ortofon 2M Bronze neste aparelho - aí com certeza seria uma dupla dinâmica!

O Cambridge ARX100 fez um belo par com o TD 402 DD: são de mesmo patamar e tocam com total sinergia! Talvez se trocar a cápsula por uma mais refinada, o ARX100 fique para trás, mas para quem não tem esta pretensão, os dois fazem um belo casal!

Já com o pré de phono externo, e o V8 SS, ouvimos Café Blue da Patricia Barber, e devo dizer que este toca-discos cresce com pré externo: as texturas são empolgantes e as intencionalidades brotam no amplo espaço do palco sonoro. Uma boa profundidade regada à transientes rápidos, não deixa que os músicos se amontoem uns nos outros, com direito a bom arejamento em cada instrumento, principalmente na bateria. Com clássicos, o conjunto se sai bem, pois o palco é bastante amplo e tem bom arejamento e ar entre os naipes e instrumentos solo. Mas em obras com muitos componentes, tende a perder um pouco o foco e, com isto, o palco se mexer um pouco - eu culpo a cápsula, que age como um freio de mão impiedoso, escondendo parte da beleza desse toca-discos.

CONCLUSÃO

A Thorens conseguiu aliar novas tecnologias com o design funcional e atemporal, dando ao TD 402 DD a tarefa de manter a tradição de ótimas peças com preços realistas, tirando máximo proveito de sua vasta experiência em combinar materiais, para nos entregar um produto belo, atual e extremamente competitivo, que tem em seu DNA a musicalidade como carro chefe. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6OX4BS45QRC](https://www.youtube.com/watch?v=6OX4BS45QRC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6J__FLIHP0M](https://www.youtube.com/watch?v=6J__FLIHP0M)

AVMAG #270
KW Hi Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 3236.3385
€ 1.200

NOTA: 67,0



OURO RECOMENDADO



Em uma edição comemorativa de 25 anos, em que quisemos fazer uma homenagem à topologia que deu sentido à busca pelo hi-end: o analógico, seria frustrante não apresentar também nesta mesma edição um toca-discos mais próximo à nossa realidade.

E foi assim que escolhemos o Thorens TD 148 A para também fazer parte desta edição comemorativa. Afinal, a Thorens é parte desta maravilhosa história da busca pela alta fidelidade com toca-discos que marcaram época e foram verdadeiras referências a serem batidas.

Que audiófilo com mais de 40 anos não teve ou conheceu alguém que ainda tem um setup analógico com os modelos TD 160, TD 124 ou o TD 125, com os braços da própria Thorens ou os tão desejados SME 3009, ou os Jelcos?

Eu tive, por quase duas décadas, primeiro o TD 160 e, posteriormente, o TD 124, comprado na Raul Duarte, ainda na Rua Sete de Abril, diretamente das mãos do Cassiano, o pai das meninas da Raul Duarte (como elas ficaram conhecidas após o falecimento do pai). E o mais impressionante é que ambos ainda estão em perfeito funcionamento com dois queridos amigos músicos, que os tratam como as "joias" de seus setups! Mostrando o grau de confiabilidade desses toca-discos quando bem cuidados!

A Thorens agora se encontra na mão de seu terceiro dono, e o novo CEO é um profissional de enorme competência e com muitos e muitos anos de mercado, afinal foi presidente da Elac, uma outra empresa alemã com uma longa história de bons serviços prestados à alta ►

fidelidade. E sob esta nova direção, a Thorens quer manter sua história e credibilidade vivas. Mas quer avançar e conquistar um nicho mais jovem, e que deseja um toca-discos prático, moderno e se possível de boa qualidade.

O mercado de toca-discos intermediários está cada vez mais competitivo, e cada centavo conta pontos nesta briga por uma maior parcela neste segmento tão atraente.

A Thorens, em sua longa história, nunca brigou nesta faixa de preço, pois sempre seus toca-discos buscavam atender o consumidor que desejava um definitivo, e com um grau de precisão que atendesse tanto a uma boa performance sonora, como a manutenção de seus valiosos discos.

Pois não pensem vocês, com menos de 40 anos, que no auge do vinil, não se produzia muita porcaria! Toca-discos que destruíam os discos com as famosas cápsulas de cerâmica, capazes de deixar um LP totalmente esbranquiçado após corroer os sulcos.

Eu vi tantas barbaridades nos meus sessenta e três anos de idade, que daria para escrever uns 50 Espaços Abertos, só falando dos crimes cometidos aos pobres discos, com moedas ou caixas de fósforos penduradas no shell do braço, sobre a cápsula, elásticos sendo usados como anti skating, cabos de braço soldados à cápsula. Atrocidades capazes de destruir discos em três a quatro audições.

Para os jovens que começam sua peregrinação aos sebos, em busca de raridades que custem de 10 a 30 reais, prestem muita atenção: se o LP estiver esbranquiçado, os sulcos foram destruídos e se você, ao tocá-lo em seu toca-discos, irá destruir sua agulha também.

E não pense que os toca-discos indecentes ficaram no passado - ledão engano. Todas essas "vitrolas" oferecidas a menos de 3.000 reais são descendentes direto das antigas vitrolas destruidoras de discos. O mercado "consumer" nunca irá aprender a respeitar o melômano e o audiófilo com um orçamento muito apertado. Pois eles sabem que o número de consumidores desinformados é enorme.

Para os que desejam se aventurar na "magia sonora" do analógico, tenham em mente, como sempre escrevo, que será necessário pelo menos R\$ 5.000 para a compra de um toca-discos decente que não vai destruir seus discos, e que vai lhe proporcionar prazer em escutar seus LPs. Os bons permitem ajustes no braço e no peso da cápsula, para que seus discos não sejam danificados e durem por décadas! E para extrair o melhor som!

O TD 148 A faz parte deste time de TDs com o mínimo de qualidade, que aceita upgrades de cápsulas e tem alguns mimos - como ao término do disco levantar o braço para você não ter que correr e não deixar a agulha encostar no selo do disco (ruído que é bem desagradável e que pode muito bem cortar o barato de uma audição prazerosa).

Em sua classe de toca-discos, o TD 148 A possui um chassi de suspensão flutuante de duas peças, que protege o disco e o braço de vibrações externas. O gabinete é feito de MDF e pode ter acabamento em folheado de madeira natural ou em preto (o que veio para teste tinha o acabamento de madeira, muito bonito). E o sub-chassi é feito de alumínio. A suspensão, como na maioria dos Thorens, é para manter o toca-discos o mais estável possível. A transmissão é feita por correia (belt-drive), com um motor totalmente desacoplado do chassi. O prato é feito de vidro temperado e polido, para um acabamento mais refinado. O toca-discos vem com um braço TP 92 feito sob encomenda para a ELAC. Este braço, ainda que minimalista e despojado de refinados controles, tem força de rastreamento e anti skating também ajustáveis.

Este modelo já vem de fábrica com uma cápsula Thorens TAS 267 (Audio Technica AT-95E), que já sai de fábrica ajustada. É o tão falado plug & play, para os marinheiros de primeira viagem que querem tudo "à mão". O que indicamos e sugerimos é que o TD 148 A pode render muito mais do que o pacote que ele sai de fábrica, merecendo cápsulas melhores e mais refinadas.

Este modelo possui três velocidades de rotação (33, 45 e 78 RPM), que são selecionados do lado esquerdo do painel por uma chave, mas que será preciso lembrar, aos que não sabem, que caso deseje se escutar um disco em 78 RPM, será necessário o uso de uma cápsula específica, pois do contrário o risco de destruir a cápsula para 33 e 45 RPM é total! O TD 148 A possui modo de uso manual e automático (ainda bem, pois pessoas velhas como eu, jamais se acostuariam com o padrão automático).

Para que o automático funcione é necessário colocar o interruptor especial na posição do diâmetro do prato no final do disco. Feito este procedimento, de levar o braço até o final do disco, toda vez que o mesmo acabar o braço se levanta e o motor desliga.

Eu usei o tempo todo no modo manual, pois são décadas e mais décadas levantando e trocando o disco de lado, que fazer algo diferente deste ritual me parece estranho demais. Mas não sou contra oferecer novidades às gerações acostumadas a comandos sem sair da cadeira - ainda que no analógico não se tenha saída de, a cada 20 minutos, exercitar as pernas e os braços - é inevitável.

Para o teste, utilizamos basicamente os prés de phono Boulder 508 o PS Audio Stellar. Os cabos foram os Virtual Reality (RCA e XLR) e o Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR). As cápsulas, além da MM que veio no TD 148 A, ouvimos a Hana ML e também a Ortofon 2M Red.

Começo minha avaliação auditiva afirmando que o Thorens merece, no mínimo, uma Ortofon 2M RED. Pois as diferenças em termos de performance serão enormes! Com a cápsula que vem instalada, o som carece de vivacidade e inteligibilidade em passagens mais complexas. ►

TOCA-DISCOS

Falta os extremos e, principalmente, o som carece do DNA do analógico, que é justamente um som com corpo bem próximo do real, e aquela folga e conforto auditivo tão presente no analógico.

Entendo que, para tornar o aparelho competitivo em um mercado tão disputado, a Thorens optou por uma cápsula muito de entrada. Mas, com isso, deu um tiro no próprio pé, pois deixou exposto o elo fraco que é justamente a cápsula. Eu repensaria essa estratégia, pois em uma apresentação com seus concorrentes diretos, o Thorens não irá se destacar pelo som. Ainda que, nos outros quesitos, ele ganhe facilmente dos TDs de entrada muito mais despojados e simples. Mas se o que conta para o consumidor é a performance acima de tudo, esta estratégia deveria ser repensada.

Para o leitor ter uma ideia clara, com a cápsula que ele vem, sua nota seria inferior à de um toca-discos bem de entrada e básico. Mas com uma 2M Red ele se mostrou consistentemente superior aos toca-discos de entrada em todos os quesitos da Metodologia. E com a Hana ML, conseguiu extrair o sumo do sumo de suas habilidades, pois possui um bom braço, ainda que simples, é silencioso, tem baixa variação de rotação e um prato de muito bom nível.

Então, para facilitar o leitor, ao final daremos duas notas: com a cápsula original e com a Ortofon 2M Red.

No início do teste, achamos que a falta de “vivacidade” poderia ser algum problema na resposta de transientes, e na velocidade. Usei o disco de strobo diversas vezes para me certificar que não era problema de variação de velocidade. E não era, pois foi instalar a 2M Red e tudo mudou da água para o vinho. Ganhamos vivacidade, presença, corpo, maior extensão nas duas pontas, melhores planos, e uma apresentação muito mais condizente.

Os toca-discos de entrada e intermediários são por demais dependentes da escolha certa da cápsula para poder “justificar” o investimento. Então, se você está pensando em se embrenhar pelo analógico, saiba que é preciso planejar e ter em mente, dentro de seu orçamento, todas as opções possíveis. E esqueça o discurso do “desembalar, conectar e sair dando piruetas de alegria pela sala” ao ouvir o primeiro LP. Isso não existe nem nos contos de fadas atuais!

Montar um setup analógico é tarefa que exige paciência, conhecimento e ousadia. Se não, será rapidamente usado como objeto de decoração em sua sala de estar e nada mais que isso.

CONCLUSÃO

O Thorens TD 148 A pode sim ser o seu primeiro toca-discos, capaz de lhe dar prazer em ouvir LPs - mas não lhe levará a orgasmos sonoros nunca! Mas também não o desapontará, desde que siga as recomendações aqui feitas.

Primeiramente: lembre-se de colocar no orçamento a compra de uma cápsula de qualidade compatível com o braço desse toca-discos.

Segundo: se certifique que o pré de phono também esteja à altura do setup, e que seja silencioso o suficiente para apresentar os detalhes das gravações.

E terceiro: nada de usar aquele surrado cabo guardado em uma gaveta cheia de controles remotos, também velhos, de equipamentos que nem existem mais. Utilize um cabo decente de entrada blindado (pois um setup analógico é altamente suscetível à interferência de Rádio-Frequência). E certifique-se de ligar o fio-terra no chassi do Thorens.

Com esses cuidados, e o braço corretamente ajustado para uma nova e boa cápsula, o Thorens TD 148 A pode ser digno da história desta empresa. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=I2XG9RX6XOQ](https://www.youtube.com/watch?v=I2XG9RX6XOQ)

**TOCA-DISCOS THORENS
 TD 148 A (COM USO DA
 CÁPSULA DE FÁBRICA)**

NOTA: 50,0



PRATA RECOMENDADO

**TOCA-DISCOS THORENS
 TD 148 A (COM USO DA
 CÁPSULA ORTOFON 2M RED)**

NOTA: 70,0



OURO REFERÊNCIA

**AVMAG #273
 KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 R\$ 14.700**



Uma vida apenas, para um revisor de áudio ouvir tudo o que de melhor se fez em termos de hi-end, é muito pouco.

Por mais que ele tenha tido o privilégio de ter nascido no Primeiro Mundo, tenha conseguido ser contratado aos 25 anos para já fazer resenhas, graças ao seu talento com a escrita e o ouvido afinado, e tenha uma condição genética admirável para que sua gloriosa carreira se estenda por meio século, a quantidade de aparelhos testados será uma fração do que este universo hoje apresenta.

Sabedor desta limitação incorrigível, se ele não perder a humildade e mantiver os pés no chão, ele jamais cairá na tentação em afirmar (em nenhum momento de sua carreira), que “tal” produto é a referência absoluta em seu segmento. Pois ele, muito rápido, perceberá que na indústria de ponta o permanente é como a espuma de uma gigantesca onda quando chega a areia, e nada mais que isso!

Nossos leitores mais antigos são testemunhas que deste “cálice” nunca bebi, pois ainda que escute e avalie produtos excepcionais, eu sempre tomo o cuidado em lembrar que se eu não escutei todos, não posso afirmar que aquele em teste seja o melhor do mundo!

E, cá para nós: será que realmente existe o melhor dos melhores? Pois em que condições poderíamos com segurança afirmar isso? Morrerei sem ter esta resposta. Então o que sei, que posso compartilhar com vocês leitores?

Que alguns produtos, dos mais de 1700 testes publicados nos 25 anos da revista, atingem um grau de performance tal que descrever suas virtudes fica tão difícil quanto falar em detalhes de algo que nunca vimos antes. Este desafio nos foi proposto tanto neste teste, quanto no Teste 1 desta mesma edição.

TOCA-DISCOS

Mas, quiseram os deuses do Olimpo, que tivéssemos ambos ao mesmo tempo, para poder nos ajudar a dar a eles a maior sinergia possível. Não me lembro de nenhum outro momento da história da revista em que tivemos este privilégio, de testar na mesma edição dois produtos tão diferenciados em termos de performance, simultaneamente.

É claro que essa “conjunção” ajudou enormemente, até para entender a magnitude de ambos produtos. Fico feliz que essa condição tão favorável tenha ocorrido justamente em uma edição de enorme significado para nós. Pois não é todos os dias que uma revista segmentada comemora um quarto século de existência (ainda mais em um país como o nosso, em que o hi-end é visto como algo elitista e um “acinte” à nossa realidade econômica).

Quando as pessoas me perguntam meu ramo de trabalho (principalmente nos voos) e digo o que faço, as que não reagem com desdém, se surpreendem que exista equipamentos de áudio que custem mais que uma casa ou um carro - ainda que o mercado de joias, bolsas de grife, relógios, etc, concorram diretamente com o áudio hi-end e sejam dez vezes maiores que o nosso segmento.

Estou tão acostumado com a reação do leigo, que procuro ser sempre o mais sucinto possível sobre as principais características e motivos que levam uma pessoa a gastar tanto tempo e dinheiro na busca do sistema dos sonhos.

Foco sempre nas virtudes de se ouvir música, e nos seus reflexos para nossa saúde física, mental e emocional. E este enfoque costuma dar resultado, pois aí o interlocutor costuma mudar as perguntas tirando o peso dos valores do sistema, para as vantagens de bem estar! E quando falo que a neurociência estuda com afinco os efeitos positivos da música em nossas vidas, o interesse (principalmente das mulheres) cresce consistentemente.

Claro que isso não pode ser visto como uma pesquisa qualitativa de tendências, mas ao menos revela que as mulheres aparentam estarem mais preocupadas com sua saúde como um todo, do que os homens.

Voltando ao teste, se já é difícil explicar ao leigo o que um sistema hi-end pode fazer pelo seu bem estar, o mesmo ocorre ao tentar falar de um produto que irá fazê-lo rever todos os seus conceitos e, acima de tudo, descobrir que o seu patamar de referência será completamente revisto. Este é o caso desses dois Testes (1 e 2), em que os produtos avaliados se encontram muito acima dos melhores produtos por nós já avaliados aqui na revista. E não falo apenas em pontuação superior, falo principalmente em conceito na forma de buscar soluções para a melhoria da performance.

Como sou um “rato” de informação e conhecimento, acompanho a Origin Live desde o tempo em que tive um Rega Planar 3 (estava ainda na revista Audio News), e li na Hi-Fi Choice sobre acessórios

produzidos por este fabricante, também inglês, para “turbinar” o braço RB300 da Rega. Sinceramente, achei que parecia mais uma atitude de uma empresa querendo viver à sombra de outra já muito bem estabelecida, e não me interessei. Afinal, meu Planar 3 me atendia perfeitamente naquele momento.

Alguns anos depois, descubro que esta mesma empresa tinha ganhado “autonomia” de voo, e começou a apresentar seus próprios braços e, posteriormente, seus toca-discos. Mais alguns anos, e começaram a sair excelentes críticas de ambos. Aí coloquei de vez a Origin Live em meu radar, e quando eu faço isso, amigo leitor, significa que toda informação me será útil e irá para a minha lista de produtos a serem escutados.

Mas, sinceramente, jamais tive a ilusão que um dia haveria distribuição aqui, pois já temos marcas de toca-discos suficientes para um mercado tão restrito. Até que o Giovanni e o Robson Mozer da Timeless me apresentaram o seu primeiro toca-discos, o Ceres, e o braço que enviaram para teste foi um Origin Live!

Fiquei surpreso e, ao mesmo tempo, ansioso como uma criança na véspera de Natal, para saber se era tudo que realmente sempre li. Foi paixão à primeira vista!

O resultado foi tão impressionante em termos de informação, que jamais havia extraído com o conjunto SME Series V e cápsula Soundsmith Hyperion 2, que tomei uma decisão radical e coloquei à venda meu SME V (companheiro e minha referência de uma década) e comprei o Enterprise de 12 polegadas sem ouvir - algo que jamais fiz antes em minha carreira de editor!

Pois se, com o braço de 9,5 polegadas, dois modelos abaixo do Enterprise, o resultado foi tão avassalador, não havia motivo para adiar este upgrade.

Meu novo braço chegou, e foi imediatamente instalado no Acoustic Signature Storm, em substituição ao SME V, e como brinco: foi o massacre da serra elétrica. Elevando meu setup analógico para um outro patamar de transparência e musicalidade.

Mas, a maior surpresa ainda estava por vir, pois na entrega do Ceres, a Timeless me comunicou que haviam pego a distribuição da Origin Live, e que eles tinham interesse que testássemos o toca-discos Sovereign Mk4, justamente com o braço Enterprise de 12 polegadas, que é a indicação do fabricante para se extrair o máximo de ambos os produtos.

Foi como juntar a fome com a vontade de comer!

Junto com o Sovereign recebemos na mesma semana o pré de phono da Nagra (leia Teste 1 nesta edição), o que foi um daqueles acontecimentos raros que ocorrem uma vez em cada existência, que nos levou a passar quatro semanas escutando exclusivamente analógico, ►

como se o digital ainda não tivesse sido criado. Nunca neste período usei tanto minha surrada máquina de lavar Sota, e nunca solicitei tantos galões do “milagroso” detergente de vinis do Maltese para deixar meus LPs em ordem para escutar neste setup!

Descrever este toca-discos não será tão complicado, pois a Origin mantém um site muito bem atualizado, o difícil será explicar a vocês o quanto o “menos é mais”, e como este conceito pode ser explorado até atingir um ponto de performance que jamais, por simples visualização do produto final, será possível imaginar que se esconde por detrás daquela falsa “simplicidade”.

O Sovereign, até antes da entrada em linha do Voyager, era o top de linha, e por isso que este já se encontra na versão Mk4 e continua sendo, em termos de custo/performance, o toca-discos mais “desejado” da empresa! As diferenças do Mk4 para o Mk3.2 são pontuais, mas de enorme importância para o deixar ainda mais perto do top de linha Voyager.

Na versão anterior, a Origin já havia modificado seu prato para uma multicamadas projetado para dissipar energia de maneira mais eficaz. Nesta nova versão o prato é o mesmo com as multicamadas, mas o desacoplamento do prato ficou ainda mais eficaz em relação à base. A fonte de alimentação é ainda mais limpa do que na versão anterior, para trabalhar em altas variações de temperatura sem perda na precisão e ajuste de velocidade.

Outras características importantes são: Base de alta massa com construção em sanduíche de baixa ressonância, para um desempenho de graves limpos e com excelente extensão, corpo e energia. O desacoplamento do prato para a base é triplo. O prato de baixa ressonância e alta inércia possui maior diâmetro que os outros modelos da Origin Live. O rolamento desta versão possui maior tolerância para o menor atrito possível. O sub-chassis ultra rígido, com um único suporte de ponto central, possui um exclusivo suporte de amortecimento. Seu peso total é de 32kg, mais os quase 2,5kg do prato.

O fundador e projetista da Origin Live, Mark Baker, é um expert em toca-discos e braços que nunca trafegou pelos caminhos “habituais”, procurando sempre observar mais o peso do detalhe no todo.

Um exemplo do que um detalhe pode fazer pelo todo, é a forma da Origin encarar as questões das vibrações, a maior pedra no sapato de qualquer projeto de toca-discos. Muitos seguem a escola de isolar a base do conjunto braço e prato com molas, outros insistem no peso e rigidez dos materiais para que se tornem o mais inertes possível, mas Mark foi por um outro caminho, ao desenvolver um sub-chassi semi suspenso, construído com materiais de alta qualidade e baixa ressonância que é desacoplado do suporte que apoia o prato, e que é apoiado apenas por um ponto central. Na prática, o resultado é como se o prato estivesse suspenso sem grande contato no sub-chassi.

O prato, feito de acrílico de alta inércia, possui 3 camadas de materiais distintos, e sobre o prato há parafusos que devem ser ajustados em sentido anti horário, que irão dar a afinação precisa para se extrair o equilíbrio entre as fundamentais e seus harmônicos. É algo jamais visto ou pensado por nenhum outro fabricante - mas que na prática dão um resultado espetacular!

O rolamento em que pousa o pino central é usinado para alta precisão, com baixa tolerância. A lubrificação do eixo é fornecida com o óleo fabricado pela própria Origin.

O motor é feito com exclusividade por um fornecedor suíço, é de alta massa e tem um acabamento primoroso. Assim como a fonte de alimentação, que utiliza um transformador de grande dimensão e mantém a regulação precisa de velocidade, que é automaticamente corrigida a cada volta do prato.

A base do braço específica para 12 polegadas é de metal maciço, mas também inerte.

O teste do braço Enterprise de 12 polegadas será publicado em uma próxima edição, pois o testamos em três toca-discos diferentes, e pelo seu altíssimo grau de compatibilidade e desempenho, merece um teste separado.

O que posso adiantar é que o Sovereign, para este teste, não poderia ter parceiro melhor, e o mesmo posso dizer para o braço Enterprise!

As cápsulas usadas no teste foram: Hana Umami Red (leia Teste 3 nesta edição), ZYX Bloom 3, e Grado Platinum série 3. Os prês de phono foram: Boulder 508, PS Audio Stellar e Nagra Phono Classic (leia Teste 1 nesta edição). O resto do sistema foi o de Referência da editora (Pré e powers Classic da Nagra). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Dynamique Audio Apex. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence Aniversário, Transparent Reference G5 e Powerlink MM2.

Para o teste, e todos os ajustes necessários com cada cápsula utilizada, contamos com o serviço do nosso colaborador André Maltese, que tem sido de vital importância para extrairmos, de todos os produtos analógicos em teste, o sumo do sumo. E sua disposição e paciência em se deslocar de São Paulo aqui à nossa sala, 70 Km distante de sua casa, no meio desta pandemia, merece um agradecimento “público”.

Como escrevi muitas linhas acima, o visual do Sovereign não faz justiça ao seu nível de performance, ainda que seja de um acabamento primoroso e seus detalhes cromados chamem muito a atenção dos apaixonados por metalurgia. Pois o que o faz ter um desempenho tão desconcertante e empolgante está no que não está à vista dos olhos, ou de quem é leigo e acha que para um toca-discos tocar corretamente basta um bom motor, um bom chassi/isolador, um prato decente e

TOCA-DISCOS

de material comprovadamente inerte, um braço e uma cápsula correta, e ouviremos toda a beleza do bom e velho vinil!

Sim, este raciocínio está correto para toca-discos honestos e feitos por fabricantes com expertise suficiente. Mas, o que separa os bons dos ótimos e os ótimos dos superlativos?

Essa pergunta já é mais difícil de responder, principalmente para quem nunca ouviu um analógico de nível superlativo “azeitado” até a última gota de possibilidade. E, muitas vezes, até os audiófilos experientes fazem suas escolhas muito mais por informações técnicas e conceitos que julgam serem os mais corretos, do que pela audição. Lembro essa questão, pois ao mostrar fotos do Origin Live para alguns audiófilos “experientes” e amantes de analógico, ao ver o produto fizeram a mesma pergunta: “E toca bem?”.

Acho que imaginaram que, para ser considerado excepcional e de nível superlativo, um toca-discos tenha que pesar 50kg, ter bases que só um estivador consiga carregar, e o prato tenha no mínimo metade do peso da base!

Ainda que 34kg já seja um peso razoável, o que impressiona no Origin é que visualmente sequer ele dá a impressão de pesar tanto! Pois seu desenho é suave, limpo e de dimensões modestas, sendo possível ser colocado em qualquer rack de dimensões normais.

Mas, no momento em que a agulha pousar no disco, todas as dúvidas dão lugar a uma atenção total, pois o que se ouvirá será muito distinto da melhor das referências que você julga serem as mais corretas.

Mas, não se engane, pois ainda falta colocar a cereja no bolo! O que difere qualquer toca-discos da Origin Live do lugar comum, é que eles dão total atenção ao equilíbrio entre as fundamentais e os harmônicos. Sem este equilíbrio, não importa o setup de cápsula /braço, ou o nível de performance do seu pré de phono, o resultado será pobre.

Quantas vezes lemos que determinado toca-discos é primoroso em precisão, tempo, transparência, mas tenha cuidado com a cápsula pois ele pode soar “sem alma”? Algo que também ouvimos de cápsulas e braços.

Para a Origin Live, o peso do toca-discos nesta questão crucial é vital, pois é ele que deve conduzir como um maestro competente os outros componentes. E quando você associa um setup completo Origin Live, alinhando adequadamente toca-discos e braço, todas as cápsulas serão beneficiadas, acredite! Justamente por este motivo que achei melhor separar o teste do braço do teste do toca-discos, ainda que o casamento entre ambos não possa ser melhorado em nenhuma hipótese.

Como eu sei? Ouvindo o braço em outros dois excelentes toca-discos.

O prato possui em sua base 12 parafusos brancos. Para transporte eles vem todos apertados. O fabricante indica que, depois de

montado o braço e tudo regulado, o consumidor gire 2/3 de uma volta no sentido anti-horário. Como sou pior que São Tomé, deixei o Maltese regular tudo, ouvimos por quase três horas, já com o Pré de Phono Classic da Nagra, ele foi embora de queixo no chão, fui preparar a janta, voltei para a sala e apertei todos os parafusos para ver que sonoridade tinha e coloquei o *Friday Night in San Francisco* (John McLaughlin, Al Di Meola, Paco de Lucia) faixa 1 lado A, versão 45 rpm. Os violões do Paco de Lucia (canal esquerdo) e do Al Di Meola (canal direito) soaram secos, a ponto de ficarem agressivos, tinham fundamental em excesso. Aí afrouxei 1/3 de volta, apareceram os harmônicos possibilitando ouvir a tampa dos violões, mas ainda muito seco. Afrouxei para 1/2 volta e os harmônicos finalmente apareceram, tornando a gravação muito mais correta e natural. Aí fui para a indicação do fabricante, e rodei 2/3 anti-horário, e o equilíbrio como mágica surgiu!

Incrível como não temos a ideia da falta que o equilíbrio entre fundamentais e harmônicos se faz tão importante quanto o Equilíbrio Tonall!

O que me levou a uma outra questão, que me tirou o sono por duas noites: quantas cápsulas ouvimos, avaliamos e muitas vezes descartamos por achar que é muito seca, ou pouco musical? Levando uma culpa que não é dela somente! Felizmente, as três cápsulas utilizadas no teste tiveram performance muito semelhantes em termos de assinatura sônica nos três toca-discos com o braço Entreprise de 12 polegadas. Mas a diferença em termos de performance, quando instaladas no conjunto Origin, foi muito impressionante, pois todas subiram de patamar!

Ajustado o prato, não perdi tempo e acabei de amaciar tanto a cápsula Hana Umami Red quanto o Nagra. E foram dias e noites inesquecíveis! Pois jamais ouvi meus LPs com tamanho grau de requinte e prazer.

Claro que, com diversas cápsulas, toca-discos e braços de alto nível, percebermos detalhes nunca ouvidos ou que não estivessem tão nítidos. Mas ouvir várias diferenças em praticamente todos os mais de 120 discos que escutamos, foi algo inédito! E não estou falando de sutilezas, e sim de detalhes que mudam nossa percepção de ouvinte, pois nos mostram “detalhes” totalmente ausentes em qualquer outro setup que tive ou teste!

Um disco que gosto muito, pela complexidade dos sintetizadores, é o LP *Domino Theory* do Weather Report, denso, camadas e mais camadas de sintetizadores analógicos com enorme corpo, distribuídos entre solos e cama harmônica. Que exigem do setup precisão, transparência, equilíbrio tonal e corpo precisos. Em sistemas limitados, é um disco que beira o cansativo, e necessita de um cuidado extremo com o volume, devido a variação dinâmica dos arranjos. O melhor resultado deste disco sempre foi o bom, nunca mais que isso. Tanto que sempre fui muito comedido no volume, para poder apreciar apenas a música.

Foi o segundo disco que mais escutei na primeira semana! Pois a quantidade de informação e de intencionalidade que este setup me proporcionou, foi espetacular! As camadas e mais camadas de sintetizadores, todos em seus planos, alturas, decaimentos. No volume correto da gravação, sem medo de saturar ou tornar frontalizado. Um Equilíbrio Tonal magnífico (tão difícil em outros setups, com os agudos sempre soando brilhantes no saxofone alto e nos pratos), e um corpo de acelerar os batimentos cardíacos.

Meu cérebro a cada “novo-velho” disco, pensava: então é assim que este LP sempre deveria ter soado? É um grau de revelação que nos dá uma mistura de torpor e decepção, por saber que cada um daqueles discos sempre esteve à espera de um setup à sua altura, e que certamente se eu não fosse um profissional da área, morreria sem descobrir tudo isso!

Cada disco que ouvi neste período de cinco semanas em que tive este setup analógico tão bem casado, foi uma revelação, que deixou literalmente o setup digital para escanteio.

Não quero voltar à velha e cansativa discussão do que é melhor. Mas tenho que confessar que tentar comparar ambas topologias neste patamar é um total desperdício de tempo. Pois seu cérebro não irá se sujeitar a ouvir o digital sem achar que se trata de reprodução eletrônica. Pois o corpo harmônico é algo difícil de ser subjugado. Depois de ouvir, por exemplo, os solos do baixista Scott La Faro no disco **Exploration** do pianista Bill Evans, ouvir este mesmo contrabaixo em CD parece piada. Ou o timbre do naipe de metais e os solos no **Blue Orbit** do Duke Ellington, faz o CD parecer que os instrumentos estão equalizados.

O analógico neste nível de resolução, coloca de novo o “pingo nos is” de maneira quase que cruel! E o faz de forma tão natural, e com tamanho conforto auditivo, que parece que voltamos aos anos 90, quando o digital tentava desesperadamente corrigir seus erros!

Claro que o digital andou, e muito, mas o analógico sempre levará uma enorme vantagem, pois ele só está aperfeiçoando e refinando o que já era excelente. O que não tínhamos era setups à altura do que os sulcos sempre tiveram esperando para ser mostrado.

O toca-discos mais surpreendente que testamos até o momento havia sido o Basis Debut V com braço SME Series V e a cápsula Air Tight PC-1 Supreme. Um setup analógico de alto nível. Refinado, musical e corretíssimo. Era minha maior referência em termos analógicos, tanto que nunca mais consegui ouvir com aquele mesmo prazer minha enorme coleção de LPs. E achava que ainda que o analógico não parasse de evoluir, a distância para aquele patamar, já superlativo, seria ultrapassada apenas de maneira pontual!

Ledo engano amigo leitor. Foi literalmente atropelado por este setup Origin Live e pré de phono Nagra. A diferença dos dois é de

8 pontos! O que neste nível de Estado da Arte é separar os grandes dos gigantes!

Lembro-me em minhas anotações pessoais no teste do Basis, e da cápsula PC-1 Supreme, anotar que todos os discos haviam sofrido melhoras e que apenas os tecnicamente sofríveis se beneficiaram pouco. Como sou metódico e tenho tudo precisamente anotado, ouvi um por um desses LPs, e todos, sem exceção, se beneficiaram deste grau de refinamento e precisão. A ponto de conseguir ouvir esses LPs com interesse e gosto redobrado pela qualidade artística.

Isso é um feito e tanto. E assim o leitor pode imaginar o efeito que as boas e excelentes gravações tecnicamente se beneficiam com este toca-discos! É difícil achar o tom correto para descrever essas audições, mas se temos que tentar o termo mais próximo, seria: “tocar o inalcançável”. Ou seja, ter um momento de comunhão com o que o analógico tem a oferecer que poucos, muito poucos, podem e tem condições de desfrutar.

Eu com este setup, provavelmente ouviria digital apenas para cumprir meus deveres profissionais, ou escutar gravações que só tenham em CD.

Preciso encerrar este texto dizendo mais alguma coisa?

Se você tem bala para ter um toca-discos deste nível, não perca tempo meu amigo. Pois o que ele irá lhe oferecer em troca, valerá cada centavo investido! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8ZKOZH9GFHK](https://www.youtube.com/watch?v=8ZKOZH9GFHK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=C03QIYMLQMW](https://www.youtube.com/watch?v=C03QIYMLQMW)

AVMAG #273

Timeless Audio

contato@timeless-audio.com.br

(11) 98211.9869

Toca-Discos: R\$ 68.640

Armboard 12”: R\$ 3.610

Total: 72.250

Braço: R\$ 48.420

Adicional 12”: R\$ 3.730

Total: R\$ 52.150

Preço do conjunto:

R\$ 124.400

NOTA: 112,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO HEGEL V10

Fernando Andrette



Como já relatei no teste do pré de phono PH-1000, este foi um ano repleto de produtos analógicos, e acredito que daqui para frente será cada vez mais frequente a presença de toca-discos, cápsulas, acessórios, braços e prés de phono.

Mês que vem, ainda teremos o Gold Note PH-10 'revisitado', agora junto com sua fonte externa.

Quando a Mediagear nos disse de seu interesse em testarmos o pré de phono V10 da Hegel, aceitamos prontamente, com um misto de curiosidade e de interesse em ver o patamar com que a Hegel entrega ao mercado seu primeiro pré de phono. Li algumas resenhas e dois testes já publicados lá fora e, pelo visto, a repercussão foi bastante favorável.

Acho que sou um dos revisores de áudio que mais acesso teve aos produtos da Hegel nos últimos cinco anos, pois de cabeça acho que testamos todos os seus integrados, e eu tive o power top de linha, o H30, por mais de três anos, além de testarmos seu pré, também top de linha, assim como seu DAC. Dessa grande lista só não testamos o CD-Player que, nesta altura, nem sei se ainda continua em linha ou não.

Se me pedissem uma opinião direta sem rodeios sobre os produtos da Hegel, o que me vem à mente com bastante consistência é: produtos com uma assinatura sônica forte e muito bem apresentada. Pois

foi exatamente isso que ouvi de todos os seus produtos nos últimos anos: enorme coerência e uma estratégia de mercado muito bem traçada e seguida à risca.

Não se trata de produtos que primam pelo acabamento 'sublime' que salta aos olhos, mas possuem recursos e performance que atendem integralmente aos seus consumidores. E digo mais: podem surpreender em termos sonoros aos que não escutam equipamentos de áudio 'com os olhos' ou com 'o quanto custam'.

Outra característica que me chama atenção em seu caráter sônico, é que soam exatamente como foram idealizados, e dificilmente se escuta um setup Hegel com uma sonoridade torta ou com alguma incompatibilidade com caixas acústicas (no caso específico de seus integrados e power).

Agora, o que percebo claramente é que muitos usuários não entendem que eles são exigentes com seus pares de cabos (principalmente de força e caixa), e 'pecam' em não extrair dos Hegel todo seu potencial sonoro. Pois se assim o fizessem, se assustariam como sobem de patamar com esses cuidados adicionais. E se o usuário de um Hegel colocar na ponta do lápis o que economizou na eletrônica, e abrir a mão e colocar cabos de melhor qualidade, eu garanto que ele não irá se arrepender. Tenho diversos leitores que seguiram essa cartilha, e estão felizes com o resultado e conseguem provar aos amigos audiófilos que esses cuidados valem muito a pena. ►

Segundo o fabricante, o V10 foi desenvolvido do zero, já que nunca antes tiveram o interesse de lançar um pré de phono no mercado.

O chassi, ainda que de dimensões reduzidas, foi dividido ao meio em dois compartimentos, separando fisicamente as fontes de alimentação do circuito de amplificação, que é bastante sensível a ruídos de radiofrequência e campos eletromagnéticos. No estágio de entrada foram utilizados transistores JFET discretos de ruído ultra baixo, para as entradas Moving Magnet (MM) e Moving Coil (MC). Como o sinal de MC é ultra baixo, nessa entrada foram utilizados quatro desses transistores conectados em paralelo. As fontes de alimentação de ultra baixo ruído utilizam transistores bipolares discretos para manter o ruído ao mínimo. Segundo a Hegel, o resultado foi uma amplificação extremamente precisa e limpa do sinal que recebe do toca-discos.

Sua fonte externa, de alimentação CA linear, utiliza um transformador E-core de design personalizado, colocado na própria caixa da fonte para eliminar qualquer possibilidade de interferência.

Se o usuário optar por uma cápsula MM, existe a possibilidade de alterar a capacitância entre 100 e 467 pF, e ao usar uma MC, a impedância pode ser definida entre 33 e 550 Ohms, ou fixada em 47 kOhms. Tanto no MM como MC, o ganho pode ser aumentado em 5, 10 ou 12 dB.

Também foi instalado um filtro subsônico para remover o ruído de baixa frequência, e ele se desliga automaticamente depois de um tempo sem receber sinal.

Seus terminais, banhados a ouro, são de boa qualidade, e o V10 dispõe de saídas RCA e balanceada.

Na apresentação do V10 ao mercado, o CEO da Hegel - Bent Holter - disse que o conceito principal era não 'reinventar a roda', mas oferecer um pré de phono acima da média dos prês de entrada a um preço moderado, para os fãs da marca e de analógicos.

Em termos de design, o V10 segue o padrão de todos os produtos Hegel: um gabinete sólido, porém simples e discreto, com sua frente ligeiramente convexa, e apenas um interruptor para ligar e desligar ao centro do painel, e um LED discreto em tom acinzentado logo acima do botão.

Na parte traseira temos a entrada do pino da fonte, as entradas RCA MM e MC, as saídas RCA e XLR e, abaixo dos conectores de ambos os lados, os interruptores DIP, numerados de 1 a 10 e que, além de minúsculos (como todos os interruptores DIP), são muito próximos e as letras de cada chave, minúsculas.

O diagrama das chaves está desenhado na tampa debaixo do V10. Então minha sugestão é que, antes de ligar a fonte externa (que também é chatinha pois vem um cabo da fonte que depois de divide em duas pontas para alimentar o canal direito e esquerdo), o usuário veja

com atenção o diagrama de ajustes e já monte, antes de ligar, os cabos da fonte e instalar o V10 no rack.

Com os interruptores dip pré-ajustados, é só conectar a entrada desejada para a respectiva cápsula, definir a saída, e ligar o V10.

Utilizamos no teste nosso setup analógico de referência (toca-discos e braço Origin Live) e as cápsulas ZYX Bloon 3, ZYX Ultimate Omega 3 e Hana Red Umami. Ou seja, todas cápsulas MC. Tentei conseguir uma MM, mas desta vez foi impossível. Felizmente as três trabalharam bem com impedância de 300 Ohms, e o maior ganho possível (12 dB).

Como a Hegel não fala em tempo de amaciamento, seguimos a regra de todos os outros produtos deste fabricante e deixamos primeiro 100 horas e, depois, mais 50 horas até perceber que não havia mais alterações.

Desde o momento que foi ligado ao nosso Sistema de Referência, mesmo com o volume aberto do pré de linha Nagra Classic, o silêncio de fundo do Hegel foi excelente. Tive que encostar o ouvido no tweeter de diamante da Estelon XB Diamond MkII (leia Teste 1 nesta edição), para me certificar que o V10 estava realmente conectado ao pré de linha.

Ficou claro, nessa primeira audição, que o caráter sônico tinha algumas características dos produtos da Hegel, mas não todas, pois soou muito mais suave do que estou acostumado a extrair dos integrados e do power H30 - que tão bem conheço.

Seria apenas falta de amaciamento? Foi a pergunta que deixei em aberto no meu caderno de anotações.

O que me chamou muito atenção neste primeiro contato, foi uma suavidade que não está presente em outros produtos da marca, assim que saem da embalagem. Mas, em compensação, o foco e recorte, assim como aquela 'organização' do palco entre as caixas, tão comum em toda eletrônica Hegel, já se fez presente.

Ao ouvir gravações dos anos 60, com trios e quartetos de jazz, ficou nítida a facilidade em mostrar as ambiências das salas de gravação, assim como o corpo tão predominante nas gravações deste período.

Antes de encerrar este primeiro contato, escutei duas faixas de um LP da Cassandra Wilson e um lado de um LP do Frank Sinatra, e foi notório como, através dos anos, a captação de vozes foi alterada. Mostrar para um jovem não habituado com vinil, ouvir essas duas vozes e lhe perguntar qual é mais presente e materializada, dará um nó na cabeça dele. A materialização física do Frank Sinatra na sala é imediata, já a Cassandra precisa despistar o cérebro para ele se convencer que 'quase' a Cassandra Wilson esteve aqui!

Aí iniciamos o tempo de amaciamento, que precisa ser o tempo todo sentado esperando para virar ou trocar o disco a cada 20 minutos - e ►

PRÉ DE PHONO

neste aspecto o V10 não foi dos mais cruéis, pois a suavidade apresentada em qualquer tipo de gravação permitiu audições de espera de queima sem o incômodo de ficar duro, brilhante ou causar fadiga auditiva. A questão é que fomos nos aproximando das 100 horas, e essa característica de suavidade, não foi sendo alterada. Tanto que, ao colocar gravações que exigiam mais energia e deslocamento de ar, como os discos do grupo Shakti, essa energia não brotou.

Foi aí que me lembrei do teste na Hi-Fi News, em que o revisor também notou essa maior suavidade. Com 150 horas, e sem alteração na suavidade, resolvi mudar de cápsula e defini que a Bloom 3, por ser por natureza uma cápsula mais nervosa, deveria ser o ideal para se tirar essa dúvida. Com certeza houve uma melhora, com os mesmos discos do Shakti ganhando maior deslocamento e energia nas tablas, mas ainda de maneira mais comedida.

Então, a primeira dica que posso dar aos leitores: busquem uma cápsula que tenha como característica um som mais 'enérgico', para contrabalançar essa característica que é do V10.

Em termos de equilíbrio tonal, o V10 é muito correto, com ótima extensão em ambas as pontas e uma região média de extrema naturalidade e conforto auditivo.

Sua capacidade de mostrar os detalhes e a microdinâmica certamente é consequência de seu baixíssimo ruído de fundo.

Como já descrevi, em termos de foco, recorte e apresentação de planos ele é uma referência em sua faixa de preço. Os transientes também são corretos, nos permitindo acompanhar sem esforço o tempo e andamento da música em qualquer estilo musical.

O que sua suavidade interfere um pouco é na reprodução de macrodinâmica. Aqui ficou evidente que os crescendos são mais 'comidos' que em outros prés de phono de sua categoria. Eu usei muito como referência de comparação o Gold Note PH-10, que também está sendo reavaliado (e sem sua fonte externa também soa mais suave, e se transforma em outro pré quando alimentado por sua PSU). Ainda assim, o PH-10 possui mais energia e degraus de crescendos mais bem definidos sem a fonte externa.

A apresentação de corpo harmônico do V10 é excelente, assim como a materialização do acontecimento musical (Organicidade) nas excelentes gravações analógicas.

A musicalidade, acredito que parecerá muito mais sedutora ao melômano do que para o audiófilo, e explico. O melômano geralmente deseja que seu pré 'suavize' os discos tecnicamente ruins, então neste caso o V10 irá ser uma ferramenta e tanto. Já o audiófilo procura dar aos seus discos bem gravados o ímpeto e a pujança captada na gravação, o que pode frustrar quando o V10 tem essa leve tendência de suavizar.

CONCLUSÃO

É interessante ser testemunha de um fabricante com larga escala em amplificação, e que fez seu nome construindo belos amplificadores ao longo dos anos, se aventurar em um segmento que nunca atuou.

Se tivesse que dar uma nota de zero a dez para essa primeira iniciativa a Hegel, eu daria 7,5 - pelo seu empenho em não fugir da sua filosofia de produtos bem construídos, e voltados ao audiófilo que deseja uma performance de alto nível que caiba em seu bolso.

Acho sinceramente, que as 'limitações' desse primeiro projeto são extremamente pontuais, e tenho certeza que em uma versão Mk2, ou em um novo pré de phono mais sofisticado, eles certamente irão estar atentos a tudo que é possível aprimorar.

Ainda que meu conhecimento técnico seja zero, cravaria que um estudo de que uma fonte mais 'robusta' pode fazer uma enorme diferença nesta mesma topologia usada no V10, com resultados que deixariam o pré de phono com uma sonoridade mais próxima dos seus integrados H390 e H590.

E também pensaria em pelo menos mais dois ajustes de impedância, para atender a uma mais ampla quantidade de cápsulas MC.

Mas, voltando ao V 10 como ele é neste momento, suas virtudes como silêncio de fundo, equilíbrio tonal, e seu amplo e refinado soundstage, com uma cápsula mais adequada em termos de energia, como é o caso da Bloom 3 da ZYX ou cápsulas semelhantes, já podem dar uma boa amenizada nessa suavidade do V10.

Ou, no caso dos nossos leitores que 'clamam' por essa suavidade para poder ouvir seus LPs que estão na prateleira há anos pegando pó, o V10 pode ser essa carta de 'alforria' para esses discos. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4LFUL4YAONG](https://www.youtube.com/watch?v=4LFUL4YAONG)

AVMAG #279
Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 17.473

NOTA: 91,5



ESTADO DA ARTE

USE E ABUSE



CAVI
RECORDS

EDITORA
MAG

FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDDTESTE4

EDITORA
MAG

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO PS AUDIO STELLAR

Fernando Andrette



Quando o Fábio Storelli me perguntou se gostaríamos de testar o novo pré de phono da PS Audio, eu pensei: claro, afinal falam tão bem dele, e a um preço tão competitivo.

E uma semana depois de nossa conversa, recebo uma embalagem de peso razoável, protegendo um pré de phono de boa aparência e proporções, que parecem mais de um pré de linha do que exatamente de um pré de phono.

Desembalado, o que chama a atenção é seu acabamento simples, mas de construção para suportar uma guerra nuclear. Antes de descrever em detalhes os painéis traseiro e frontal do Stellar, gostaria de falar um pouco de quem desenvolveu este produto para a PS Audio. Trata-se do engenheiro Darren Myers, um promissor talento de apenas 30 anos, apaixonado desde a adolescência por vinil.

Myers teve a incumbência de desenvolver um pré sofisticado, com inúmeros recursos, e que tivesse um valor final extremamente competitivo. Interessante lembrar que o primeiro produto da PS Audio, lançado em 1975, também foi um pré de phono.

Para o desafio, Myers utilizou a última geração de semicondutores FET e circuitos analógicos de classe A disponíveis no mercado, para dar ao seu produto um som mais quente, semelhante aos melhores prés de phono de válvula existentes no mercado.

No entanto junto com essa assinatura sônica, a preocupação tanto com o piso de ruído e com a macrodinâmica foram os pontos centrais deste novo projeto.

O que mais me impressionou no Stellar foi sua facilidade de ajustes: tudo via controle remoto, o que é uma enorme novidade em sua faixa de preço, pela comodidade que dá ao ouvinte e pela precisão dos comandos e ajustes. A objeção é que você precisa ter sempre à mão pilhas de reservas para não ficar 'na mão', pois o controle remoto é vital!

No Stellar você tem uma gama de recursos, também bastante comuns na sua faixa de preço, como: a escolha de entradas MM e MC, com três níveis de ganho para MM (44, 50 e 60 dB) e MC (60, 66 e 72 dB) e selecionar no controle remoto a carga mais adequada à sua cápsula como: 60 Ohms, 100 Ohms, 200 Ohms ou 47 kOhms. E se nenhuma dessas opções for a ideal, você pode desativar no controle remoto essas configurações pré estabelecidas e fazer a sua personalizada que varia de 1 Ohm (knobs totalmente fechados para a esquerda) à 1 kOhm (knobs totalmente abertos para a direita). Este par de knobs fica no painel traseiro do Stellar.

Voltando ao controle remoto, você tem à disposição o botão de liga/desliga e o Mute, que acende um LED vermelho no painel, sendo o resto dos leds, azuis para o usuário saber se a entrada ligada é MM ou MC, o ganho e a carga pré selecionada ou a personalizada. ▶

Tudo fácil de decorar em um único dia.

Na parte traseira, temos o cabo de força IEC, o botão de liga/desliga (é interessante o deixar ligado e desligar no controle remoto, para o produto ficar em standby), as entradas MM e MC todas RCA, saídas RCA e XLR, e os knobs para ajuste personalizado e a conexão do terra.

Myers tem uma visão muito 'pessoal' de como os prés de phono modernos devem soar, e o que ele evitou. Ele fala, por exemplo, do inconveniente de som superexposto, em que os transientes tendem a acumular muita energia, principalmente nas altas frequências e isso compromete o contraste tonal. Então para evitar este 'inconveniente', ele implementou um circuito totalmente discreto que não depende de grandes quantidades de feedback global para reduzir a distorção ou aumentar a largura de banda.

Seus circuitos foram projetados para ser equilibrados tanto no grau de transparência como no equilíbrio tonal correto. Para alcançar este objetivo, Myers projetou um circuito que é acoplado em CC da entrada à saída, e não contém nenhum circuito complementar.

O caminho de sinal curto utiliza MOSFETS e JFETS Toshiba em paralelo, que são diretamente acoplados a amplificadores discretos de baixo feedback e alta largura de banda.

Cada estágio de saída totalmente classe A usa um único dispositivo MOSFET. Com isso, Myers garante ter alcançado seu objetivo de distorção subjetivamente inócua, em comparação com prés de phonos mais 'sofisticados'.

Quando estávamos amaciando o Stellar, um amigo vendo a facilidade que é comandar o Stellar, me perguntou: E se faltar pilha? Você ainda pode operar o PS Audio, mas aí você terá que recorrer ao manual, pois existem alguns 'macetes', como ter que manter o botão de logotipo pressionado por mais de 3 segundos para ativar, por exemplo, a função Mute.

E precisará ler de cabo a rabo as observações de como mudar os comandos. Então a melhor opção é: deixe pilhas de reservas e cuide bem do seu controle remoto, pois ele é o passaporte para dias sublimmes de audição.

Li em alguns testes que o Stellar pode sofrer algum tipo de interferência se próximo de alguns outros equipamentos eletrônicos. Em nossa sala, no período de dois meses que estive em teste, não tivemos nenhum tipo de zumbido ou ruído.

Para isso, seguimos à risca as dicas de distanciamento de cabo de força em relação a outros cabos, fizemos a lição de casa de se certificar que o aterramento estava bem fixado no painel traseiro do Stellar e o deixamos na segunda prateleira do nosso rack analógico, com excelente ventilação. Afinal, o Stellar depois de algumas horas ligado esquenta razoavelmente.

Para o teste, utilizamos os prés de phono Boulder 508 e Luxman EQ-500 (leia teste na edição de abril/2021) como comparação, toca-discos Acoustic Signature Storm, braço Enterprise da Origin Live de 12 polegadas (leia teste na edição de aniversário em maio/2021), cápsula Hana Umami Red, e cápsula Grado Platinum3. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence, Virtual Reality, e Transparent PowerLink MM2. Cabos de interconexão RCA: Sunrise Lab Quintessence e Virtual Reality. XLR: Dynamique Audio Apex, Sunrise Lab Quintessence e Virtual Reality.

O Stellar é o tipo de produto que você irá se maravilhar de imediato, pois além de todas as suas infinitas possibilidades, é muito bem construído, como já disse algumas linhas acima.

Mas, é preciso paciência com o tempo de amaciamento, pois este será longo. Darei um exemplo: nenhuma cápsula utilizada no teste ficou com o mesmo ajuste inicial. Pois à medida que o amaciamento avança, seu equilíbrio tonal vai cada vez mais refinando e apurando.

Com a cápsula Hana Umami Red começamos com 1 kOhm e, no final da queima de 300 horas, ela foi ajustada em 500 Ohm. O mesmo com a cápsula Grado. Então, se aceita um conselho importante: nada de chamar os amigos antes do ajuste final de todo o setup analógico. Se seguiremos à risca esse conselho, o que o Stellar oferece pelo que custa é um verdadeiro assombro!

Não é à toa que todos os revisores que tiveram a oportunidade de testar este pré de phono, ficaram impressionados com sua performance. É redundante dizer todos os meses que o mercado hi-end evoluiu tanto que, agora, todos com paciência em fazer um pé de meia, podem ter num sistema Estado da Arte gastando um décimo do que necessitariam dez anos atrás. Essa mudança é que impulsionará a sobriedade do hi-end no mundo.

Não tenho a menor dúvida. Pois pessoas apaixonadas por música sempre irão existir e com preços mais 'realistas' é a porta de entrada para muitos melômanos que achavam o mundo hi-end algo inacessível para eles.

Para muitos, 4 mil dólares em um pré de phono está fora de cogitação, e entendo perfeitamente as críticas que cairão sobre a minha calva cabeça, mas o que estou tentando dizer é que este é um pré que tem qualidades suficientes para ser o pré definitivo por muitos anos, então é o tipo de investimento que precisa ser pensado em longo prazo. E, se diluído em uma década, seu preço se torna irrisório.

Dada esta explicação, vamos aos fatos e observações auditivas que extraímos do Stellar. Em nenhuma hipótese o usuário deste pré de phono se sentirá sem o cinto nas calças, pois ele é compatível com qualquer cápsula existente no mercado - este é um ponto importante, pois sabemos que todo setup analógico de alto nível está sempre realizando upgrades de cápsulas, muito mais do que de braços e toca-discos.

PRÉS DE PHONO

A segunda questão essencial é que sua assinatura sônica o coloca no mesmo nível que muitos prés de fonos custando o dobro.

A terceira observação é que, com seu nível de performance, faremos aquela fatídica pergunta que todo audiófilo intimamente se faz: preciso de mais que isso? A resposta provavelmente será não (desde que você já tenha saído da fase de um compulsivo 'aparelhófilo', para a fase de um consciente admirador da música, acima de tudo).

O Stellar diria ser um pré de phono moderno, que abriu mão de um acabamento externo exuberante para focar apenas no que existe de baixo de seu capô. E o resultado tenho certeza agradará à uma grande maioria de ouvintes que deseja ouvir suas gravações de forma correta, mas sem fogos de artifícios ou qualquer pirotecnia, que depois de alguns meses causa enorme estragos em sua coleção de discos ao expurgar grande parte delas por não ter um nível técnico excelente.

Ao contrário, o Stellar é bastante condescendente com gravações tecnicamente limitadas e muito exuberante com gravações boas e excelentes. Então, se você é um audiófilo 'conciliador', esta notícia lhe será muito importante.

O projetista realmente cumpriu o que prometeu: um pré de phono tonalmente correto e transparente na medida certa. O que sempre achei de inúmeros prés de fonos que tive, que testei e ouvi, é que a maioria tinha uma assinatura sônica muito relevante, caindo para o lado oposto da neutralidade. Quando isso ocorre, muitos discos fatalmente serão deixados de lado, pois não é possível agregar tudo, não nesta faixa de preço. Então, encontrar prés mais acessíveis com uma assinatura mais próxima da neutralidade é uma notícia animadora. E eles existem - e o Stellar é a prova do que aqui afirmo.

Outra reclamação que escuto frequentemente é que todo setup analógico é muito exigente para se extrair o sumo do sumo. Sim, é verdade, mas hoje temos cápsulas e toca-discos de nível médio para alto, que atendem perfeitamente as necessidades e expectativas de muitos. E, como o, Stellar não custam um caminhão de verdinhas.

Gostei muito do equilíbrio tonal do Stellar, principalmente as duas pontas, onde prés ditos 'intermediários' geralmente pecam por limitação ou coloração.

A região média possui a transparência na medida certa, não deixando as audições cansativas nunca.

Agora, se o ouvinte gosta de uma 'coloração' que torna o som mais 'palatável', esqueça o Stellar, pois ele não atende a este requisito.

Ao contrário, ele deixará claro o que todas as gravações têm de melhor e pior, mas o faz com enorme competência e precisão. Já cabe ao ouvinte dar ao Stellar cápsulas com características que complementem essa 'qualidade' (coloquei qualidade entre aspas, pois sei que para muitos este não é um requisito interessante - mas para quem,

como eu, preza acima de tudo o melhor equilíbrio tonal possível, é um alento que o Stellar trilhe este caminho).

O soundstage do Stellar é outro ponto alto, pois além de uma enorme folga em termos de planos, tem a qualidade de nos brindar com um foco e recorte de produtos de nível superlativo. Amantes de música clássica irão se deliciar com os planos corretos e o silêncio de fundo, possibilitando um foco, recorte e ambiência maravilhosos!

As texturas ainda continuam sendo o ponto mais alto do analógico, junto com o corpo harmônico. Se o leitor quiser saber o nível de qualidade de textura e corpo harmônico, ele precisa ouvir um setup analógico impecavelmente ajustado - ele terá ideia do nível destes dois quesitos da Metodologia na reprodução eletrônica. Mas, se prepare, pois o amigo certamente ficará uns dias com seu setup digital desligado.

Os transientes são do mesmo nível e precisão em termos de tempo, andamento e ritmo dos mais caros prés de fonos já testados por nós. Aqui o ouvinte fatalmente irá bater o pé no andamento do compasso, sempre!

A macrodinâmica é muito bem resolvida no Stellar, sem ter a mesma energia de nossa referência, o Boulder 508, mas com degraus suficientes para o ouvinte acompanhar os crescendo do forte para o fortíssimo sem cortes repentinos - chamo de cortes repentinos como relapsos auditivos em que temos o início do crescendo e o finale, sendo que o meio parece menos inteligível. Um bom exemplo para este crescendo dinâmico, são tímpanos de orquestra, em que temos um crescendo lento, mas intenso, ou percussões japonesas, com estes exemplos, você perceberá o nível de qualidade de crescendo macrodinâmico de seus sistema. Se embolar o meio, comece por tentar descobrir o elo fraco deste quesito no setup.

Já a micro é de alto nível, graças ao excepcional silêncio de fundo deste pré de phono.

O corpo harmônico é uma questão bem resolvida há décadas no setup analógico, então até prés de entrada bem construídos não têm a menor dificuldade em reproduzir os instrumentos em seu tamanho real. Mas muitos jovens ficam em estado de choque ao ouvir pela primeira vez o tamanho real de um saxofone tenor ou barítono, um piano ou um contrabaixo tocado com arco!

O Stellar, como todos os excelentes prés de phono, graças ao seu silêncio de fundo, nos propicia um corpo harmônico preciso, com o detalhe de um silêncio à sua volta muito realista! Então, descrever a organicidade deste pré é como 'chover no molhado'!

A materialização do acontecimento musical é plena e nos possibilita ver o que ouvimos de forma quase holográfica.

Posso afirmar que estive a poucos metros de distância de Frank Sinatra, Billie Holiday e de Ella Fitzgerald, como poucas vezes estive antes!

CONCLUSÃO

É difícil imaginar alguém, não se sentindo pleno de que fez a escolha certa ao ouvir este pré de phono (exceto como escrevi os que não abrem mão de uma coloração para 'aquecer' as gravações).

O Stellar é um excelente pré de phono em todas as direções que olhemos. Claro que você encontrará 'algo a mais' em outros prés também Estado da Arte - mas a que preço?

O nosso pré de Referência custa o dobro, e com isso temos maior neutralidade (tão importante para o nosso trabalho), extremos mais refinados e um equilíbrio tonal ainda mais detalhado - mas quantos melômanos e audiófilos estão atrás deste grau de perfeccionismo ou precisam de tanto detalhamento?

Para a esmagadora maioria de nossos leitores que querem apenas achar seu pré de phono Estado da Arte definitivo, que possua compatibilidade com qualquer tipo de cápsula MM e MC do mercado, acho difícil olhar em outra direção. Pois o Stellar foi desenvolvido pensando em atender ao maior número possível de consumidores que querem qualidade, comodidade (pelo controle remoto), performance e custo acessível. E, convenhamos, um pacote com todos esses atributos por este preço, é como moeda rara. É preciso procurar muito para achar.

Se o leitor já possui um sistema Estado da Arte, e deseja dar um toque 'superlativo' no seu setup analógico, escute o PS Audio Stellar, e certamente entenderá a razão de tantos testes tão positivos e eloquentes!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0HGDJOWVDZU](https://www.youtube.com/watch?v=0HGDJOWVDZU)



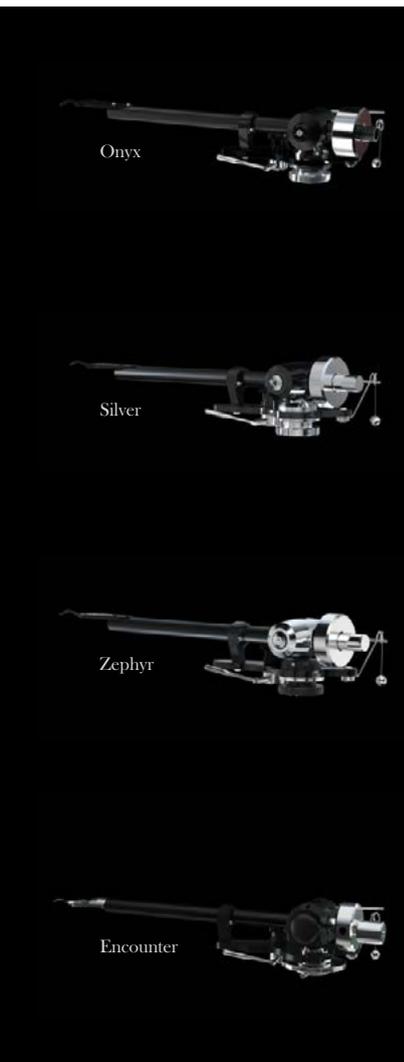
ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DIJ18DH60SY](https://www.youtube.com/watch?v=DIJ18DH60SY)

AVMAG #271
German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 22.990

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



HIGH PERFORMANCE

Tonearms

From affordable to aspirational, Origin Live tonearms are renowned for their world leading, high performance designs.



A sinergia entre alguns produtos as vezes nos surpreende, foi assim com os braços Origin Live e o Toca discos Ceres, da Timeless Audio.

Durante o seu desenvolvimento, tamanha foi a sinergia que escolhemos trazer os braços da Origin Live para complementar nossa constante busca por excelência.

Agora você pode ter os melhores braços da atualidade. Nossos consultores estão a disposição para encontrar a melhor solução para você.

 **ORIGIN LIVE**

Recreating the
Original Sound

www.originlive.com



TIMELESS AUDIO

contato@timeless-audio.com.br
www.timeless-audio.com.br

021 99538 4779
011 98211 9869



PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO LUXMAN EQ-500

Fernando Andrette



Desde quando li o teste desse pré de phono, escrito pelo saudoso Art Dudley, de 2016, que tive o interesse de ouvir e, se possível testar, o Luxman EQ-500. Foram quase cinco anos de espera até a Alpha Audio & Vídeo conseguirem nos emprestá-lo para teste.

Todo revisor de áudio com muitos anos de estrada desenvolve um “feeling” a respeito de determinados produtos. É como se acendesse uma luz na mente para ficarmos alertas. Outras vezes, conseguimos decifrar nas entrelinhas determinadas características descritas pelo revisor que nos mostram o caminho das pedras.

Todo bom produto, possui evidências de seu potencial - já nos excelentes, essas evidências se multiplicam em sua construção, acabamento, topologia e, claro, em sua performance. O Luxman EQ-500 pertence a essa categoria de produtos excelentes e que, por qualquer ângulo de análise, sempre irá se sobressair na multidão.

Prés de fonos existem às centenas no mercado hi-end, desde os minimalistas custando algumas centenas de dólares, aos superlativos na casa de muitos milhares de dólares. Sempre admirei os que conseguem se sobressair na zona intermediária, que eu mentalmente estipulei que começa nos 3 mil dólares e vai até os 10 mil dólares. Nesta faixa a briga é realmente de cachorro grande, e as opções são muitas, o que leva a um esforço enorme para separar os bons e os excelentes.

Nós, em nossos 25 anos de vida, cansamos de apresentar produtos semelhantes na mesma faixa de preço e recursos, em que um é um Diamante e o outro um Estado da Arte. Aí cabe ao leitor confiar em nossa Metodologia e idoneidade, e fazer sua escolha.

Minha experiência diz que prés de phono são muito semelhantes aos prés de linha: são muito importantes para serem negligenciados, pois farão a diferença entre o ótimo e o excelente. E um setup

análogo, para que extraia todo seu enorme potencial, precisa que tudo esteja integralmente alinhado e caminhando na mesma direção.

Se você me perguntar o que é mais seguro e mais fácil: montar um setup digital ou um analógico? Sem nenhuma sombra de dúvida um setup digital é muito mais fácil.

Quando leio esses artigos “da moda”, dando dicas de toca-discos baratos para você ouvir vinil, fico sempre me perguntando se quem escreveu realmente fez o que está indicando ao seu leitor, se ele foi realmente lá e escutou aqueles toca-discos de entrada (até 1000 dólares) com suas cápsulas MM (de até 150 dólares), ligado a um pré de phono (até 200 dólares) e realmente se convenceu que o sistema analógico indicado é a maravilha das maravilhas!

Minha pesquisa com os nossos leitores, indica o contrário, que a frustração foi muito maior do que a satisfação. Pois lhes prometeram mundos e fundos, e o que estes setups de entradas analógicos lhes mostraram foi apenas o “final” da fila.

Então se quiseres realmente montar um sistema de alto nível analógico, prepare-se, pois o investimento é bem mais em cima. Mas eu garanto que, se fizeres a lição de casa, o resultado será pleno! Não estou falando em iniciar essa jornada com um Luxman EQ-500, mas que será preciso ao menos um pré de phono de 82 pontos para cima (Estado da Arte), assim como o toca-discos e a cápsula também neste patamar de nota - e é para isso que serve a Metodologia criada por nós.

Abaixo de 82 pontos você terá um setup analógico decente, mas não capaz de extrair o melhor dos seus discos. E meu amigo, existem LPs que podem nos levar a repensar toda a maneira como sempre ouvimos a alta fidelidade, acredite!

O que estou tentando explicar é que um setup analógico de 90 pontos, por exemplo, afinado e correto, sempre lhe dará mais prazer que um sistema de 90 pontos digital. Este que é o grande barato do analógico: dar muito mais prazer por menos investimento!

Agora imagine o que um sistema analógico de 100 pontos ou mais pode fazer por você?

Já imaginou?

Certamente que não - se você jamais ouviu um setup analógico de 100 pontos correto. No entanto, no dia que ouvir, eu lhe garanto, meu amigo, que sua referência auditiva mudará de patamar instantaneamente!

E o Luxman EQ-500 vai um pouco além desses 100 pontos, fazendo com que ele seja o primeiro pré de phono por nós testado abaixo de 10 mil dólares, que tenha alcançado essa pontuação.

Sua construção segue o padrão desta empresa de áudio com 95 anos de existência, e que encantou gerações e mais gerações de audiófilos e melômanos mundo afora. É impossível olhar um Luxman e não se encantar com seu acabamento e formas, que conseguem o equilíbrio perfeito de produtos que parecem atemporais.

Pois eram perfeitos nos anos setenta e continuam sendo em pleno século 21!

O EQ-500, segundo o fabricante, é o melhor pré de phono já construído pela empresa. Tudo foi pensado e planejado muito antes do primeiro protótipo sair da bancada e ir para avaliação auditiva.

Olhando para ele, muitos pensarão se tratar de um pré de linha, e não um pré de phono, com tantos botões e possibilidades de ajustes. Além dos dois VUs no lado esquerdo do painel. São oito interruptores, com três rotativos e seis chaves de ajustes.

Nas costas temos três entradas, três saídas, três terminais de aterramento, e a tomada IEC. Seu belo gabinete de aço é revestido por uma placa frontal de alumínio, e todo o gabinete é pintado com textura cinza clara (padrão de todos os produtos Luxman).

Olhando internamente a construção, é um primor de uso de espaço e limpeza. São várias repartições blindadas para minimizar a interferência de Rádio Frequência. O maior e mais vistoso espaço é lacrado, e todo envolto em folha de cobre laqueado perfurado, com aberturas de ventilação, e fixadas à tampa por quatro parafusos também de cobre, para a proteção do circuito de áudio.

Na placa principal de áudio temos 19 relés. Eles são utilizados para cuidar das variadas funções de comutação existentes no painel para o ajuste de cápsulas: capacitância e indutância e o tipo de cápsula (MM ou MC).

Em outra repartição, ficam os dois transformadores, cada um para as cápsulas MC de baixa e alta saída, e sua fiação tem apenas uma

única bobina primária e secundária. Os capacitores são todos M-Caps, e a maioria dos resistores no circuito são de filme metálico.

Debaixo do gabinete de cobre estão as válvulas de triodo duplo por canal, para ganho e buffer. O ganho adicional para as cápsulas MC é fornecido por esses dois transformadores, que são enrolados em núcleos Permalloy. Então, quando o usuário escolhe o uso de uma cápsula MC, um dos transformadores recebe o sinal e entrega para as válvulas ECC83/12AX7, configuradas em push-pull.

Depois o sinal vai para uma válvula triodo duplo também ECC83/12AU7, configurada como um seguidor de catodo, e em seguida para um transformador de saída proprietário, também enrolado em um núcleo Permalloy.

Quando você conecta o cabo de braço do toca-discos em qualquer das três entradas RCA, o usuário escolhe no botão do painel frontal o tipo de cápsula que está instalada no toca-discos (MC de saída baixa, ou MC de saída alta, ou MM). Ao determinar o tipo de sinal da cápsula, o sinal segue para um dos dois transformadores de entrada, ou direto para o primeiro estágio de ganho (no caso de uma cápsula MM).

Esta chave (MC Low, MC High, MM) também define a impedância de entrada de 2,5 ohms para MC Low, 40 ohms para MC High e, qualquer opção entre 30K a 100K ohms para MM, ajustável também no painel frontal (impedância) que, ao “meio-dia”, crava 47K (o que usei nas duas cápsulas MM que utilizei no teste).

O botão de ganho de 36, 38 ou 40 dB mostra o desempenho quando definido para cápsula MM.

Outro “plus” deste pré de phono, para os amantes de cápsulas MM (o que não é meu caso), é um botão de capacitância que permite selecionar seis opções entre 0 a 300pF.

Outros recursos muito úteis são: uma chave de mono e estéreo, outra para a alternância de fase: para selecionar entre um sinal de saída Normal e um cuja polaridade foi invertida.

Além das chaves Low Cut e High Cut (para filtro de ruído das baixas frequências e as altas, respectivamente), outra para o uso da saída RCA ou XLR, e a última que causa enormes discussões nos fóruns de apaixonados por sistemas analógicos: a chave de desmagnetização de cápsulas. Esta, ao ser acionada, corta automaticamente o sinal até que acabe a desmagnetização.

Quem tem o EQ-500 diz que este desmagnetizador é muito útil, e outros dizem que não escutam nenhum benefício audível.

No meu caso, apenas em uma cápsula senti ligeira melhora no silêncio de fundo, depois de desmagnetizada. Nas outras cápsulas não ouvi absolutamente nenhuma alteração, nem para melhor nem para pior.

PRÉS DE PHONO

Mas aos donos deste EQ-500, duvido que não sejam tentados de tempos em tempos a darem uma desmagnetizada em suas cápsulas. Afinal, se mal não faz...

O pré de phono chegou lacrado, o que nos levou a uma queima de 120 horas antes de o colocarmos em teste. E esse período de amaciamento eu diria ser fundamental para se ter a ideia do enorme potencial deste Luxman, que começa a nos mostrar todas suas qualidades a partir de 50 horas de amaciamento.

Para o teste utilizamos três toca-discos: Acoustic Signature Storm, Timeless Ceres, e Thorens 418. Cápsulas: Hana Umami Red, Hana EH, Grado Platinum 3, Ortofon 2M Bronze. Cabos de interconexão entre o Luxman e o Nagra Pré Classic: Sunrise Lab Quintessence, Dynamique Audio Zenith 2 (XLR) e Apex (XLR). Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence, Transparent Powerlink MM2 e G5 Reference.

Para fechar a nota do Luxman, tínhamos ainda conosco o PS Audio Stellar (leia teste na edição de março 2021), e o nosso Boulder 508 (já vendido, mas que ainda estava conosco no momento do fechamento da nota).

Ou seja, estamos falando de um pré de phono de 100 pontos (PS Audio), e um de 102 pontos (Boulder 508), ambos Estado da Arte Superlativo. E, no entanto, as diferenças em todos os quesitos do Luxman EQ-500 foram contundentes!

O equilíbrio tonal tem aquele grau de refinamento que primeiro nos prega um susto e, depois, nos faz coçar a cabeça com tamanha retidão, coerência e refinamento. Os agudos possuem maior extensão, delicadeza, naturalidade e corpo, que só havíamos presenciado no CH Precision P1 (que custa 5 vezes mais que o Luxman). A região média é de uma correção tímbrica que nos faz desejar ouvir por horas a fio discos que estão conosco há 20, 30, 40 anos!

Pois você descobre nuances, planos e detalhes que antes nunca foram tão bem definidos (a não ser no P1, que é totalmente um “ponto fora da curva”, e custa um caminhão de “verdinhas”).

Os graves têm algumas nuances que, à princípio, nos confundem, pois não são nem secas nem coloridas. É um meio termo, que demos a compreender que se trata da composição da fundamental e dos harmônicos, que faz soar com menos peso que os dois outros prés de estado sólido (Boulder e PS Audio), mas que nos permite ouvir a tensão do couro do bumbo da bateria, ou a afinação do contra surdo.

Mas foi ouvindo a obra para percussão e orquestra de Bartók que me dei conta do grau de precisão e requinte dos graves em nos mostrar o ataque, a definição e extensão do tímpano soando e seu decaimento preciso.

E depois, ao escutar o LP Music From Siesta, de Miles Davis e Marcus Miller, e observar a quantidade de detalhes no sax barítono e como havia mais informação e corpo harmônico.

São graves que primam muito mais pelos detalhes do que pelo impacto e deslocamento de ar.

O soundstage do EQ-500, ainda que não seja melhor que o Boulder 508 em termos de planos, possui a vantagem de possuir um foco e recorte mais preciso. A diferença neste quesito é sutil, mas o suficiente para, em vozes à capela, termos uma imagem mais focada e detalhada do posicionamento exato de cada voz.

As texturas se beneficiam muito do exuberante equilíbrio tonal, com isso os instrumentos acústicos e vozes transbordam em emoção e sedução. É um verdadeiro deleite escutar quartetos de cordas neste Luxman!

Os transientes, assim como os graves, levam algum tempo para se acostumar, pois ainda que precisos ao extremo, tudo neste Luxman soa mais relaxado, ou melhor: com mais folga (como no CH Precision P1).

Com isso, as passagens com variação de ritmos e andamento ficam mais fáceis de acompanhar e entender o que está a acontecer.

A microdinâmica é um dos pontos altos deste pré de phono, pois a quantidade de informação extraída do sulco, assusta e encanta. Tudo que sobreviveu à prensagem estará ao alcance da audição. Mas não pensem que este grau de apresentação de microdinâmica tire a concentração do todo - pelo contrário, só enobrece o acontecimento musical por inteiro, fazendo o ouvinte guardar em sua memória auditiva o que conseguimos extrair de produtos acima de 103 pontos (mais folga, mais prazer, e nenhuma fadiga auditiva).

A macrodinâmica, novamente levará muitos a se questionarem se não falta mais energia, tão evidente nos melhores prés de estado sólido. Eu diria que depende de como você gosta de ouvir os fortíssimos. Se sua apreciação é pelo susto, seguido da volta à normalidade, o EQ-500 será frustrante neste aspecto.

Mas, se o seu interesse é em chegar ao “ápice” do fortíssimo acompanhando todos os detalhes e não se perdendo nos sustos, você irá amar o EQ-500, creia! Este é o aspecto mais importante que separa os pirotécnicos dos precisos.

Se ainda está atrás do som pirotécnico, recheado de fogos de artifício, que o tira da concentração do acontecimento musical, produtos como este Luxman jamais irão te atender.

Porém, se a fase de mostrar “efeitos sonoros” aos amigos já foi superada, os produtos que primam pela correção, naturalidade e precisão em não perder a autoridade e a rédea do acontecimento musical, será um bálsamo sonoro.



E depois de ouvir essa assinatura sonora, se tens como referência a música não amplificada ao vivo, o senhor estará na porta do paraíso! Pois irá reconhecer que essa folga é uma aliada e não um vilão.

O corpo harmônico dos prés de phono valvulados usualmente é um dos pontos fortes desse tipo de topologia. Aqui no EQ-500, o amante de topologias valvuladas tradicionais se sentirá órfão, pois o Luxman não soa como a “velha guarda” de valvulados vintage. O corpo é o mais correto que a captação e a mixagem mantiveram, e nada mais.

Lembro de ouvir em um Hi-End Show um solo de sax tenor em um setup analógico com um pré valvulado, em que o sax tinha o tamanho de uma estante de 3 metros de largura! E a voz de Billie Holiday, o tamanho da boca de um hipopótamo! E muitos saíram da apresentação extasiados, como se tivessem finalmente constatado como o analógico realmente tem muito mais corpo harmônico que o digital!

Menos, senhores, menos. Também não podemos exagerar, pois nosso cérebro ao ouvir “tamanha” discrepância do gravado para o real, jamais irá se enganar e achar que aquilo é reprodução ao vivo (organicidade).

O Luxman tem a preocupação em não turbinar nada, seja nos graves, macrodinâmica ou corpo harmônico. O que foi prensado nos sulcos será reproduzido, o mais fiel possível.

A materialização física é excelente, mesmo com discos não tão tecnicamente bem gravados, como o US do músico Peter Gabriel. Aqui, novamente, só escutei esse disco mais “materializado” no CH Precision P1!

CONCLUSÃO

Quase 50 mil reais em um pré de phono é muito dinheiro. Mas, se pensarmos em tantos prés Estado da Arte Superlativo que custam mais de 100 mil, ou próximo a este valor (sem falar dos que custam lá fora acima de 30 mil dólares), o EQ-500 pela sua performance está ainda na parte de cima dos prés até 10 mil dólares, competindo com prés que custam de duas a três vezes este valor.

O que posso dizer é que ele tem tudo para ser o pré definitivo da esmagadora maioria dos audiófilos que possuem um sistema de 100 a

104 pontos, e se dividirmos seu custo por um período de vida de uma década, esse custo é absolutamente plausível.

Recursos para qualquer tipo de cápsula existente no mercado, possibilidade de uso de mais de um braço ou toca-discos, ajustes perfeitos, construção impecável e um acabamento de encher os olhos. Este é o pré top de linha da Luxman, uma empresa com 95 anos de vida que, por décadas, se mantém no topo da pirâmide.

Se buscas tradição, confiabilidade, e performance estupenda, eis o seu pré de phono!

 **ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:**
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D1I2PZUII8E](https://www.youtube.com/watch?v=D1I2PZUII8E)

 **ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:**
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SYJYWLD74J8](https://www.youtube.com/watch?v=SYJYWLD74J8)

AVMAG #272
Alpha Áudio e Vídeo
 (11) 3255.2849
 R\$ 42.900

NOTA: 104,0



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO GOLD NOTE PH-1000

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Este foi o ano em que tivemos o privilégio de testar excelentes prés de phono. E, como o ano ainda não acabou, nesta edição publicamos agora o PH-1000 da Gold Note, em novembro o V10 da Hegel e, na última edição, revisitamos o PH-10 da Gold Note, agora com a sua fonte externa.

O que posso garantir é que todos os nossos leitores, que estão realizando ajustes em seus setups analógicos, certamente acharão excelentes opções no leque de prés de phono testados em 2021. O que só corrobora para mostrar o quanto o mercado analógico está aquecido e como as opções são cada vez melhores.

Como escrevi no Editorial deste mês, não me lembro em nossos 25 anos ter tido duas edições dentro do mesmo ano, dedicadas exclusivamente a produtos analógicos, o que para um ano tão atípico e cheio de dificuldades é mais um exemplo de como a volta do vinil não se trata de uma 'bolha' ou modismo passageiro.

E para os que nos acompanham há muitos anos, sabem perfeitamente que sempre defendemos a mídia analógica ainda como a melhor referência existente para se extrair todos os benefícios de um setup high-end.

Meu interesse em testar o PH-1000 da Gold Note foi grande desde que li a respeito do seu lançamento no final do ano passado, e só aumentou depois que testamos o integrado IS-1000 (leia teste na edição 276) e vimos o quanto a linha 1000 deste fabricante é superior a linha 10.

Mas, também tem um segundo motivo: eu gostei muito do PH-10 (leia teste na edição 249), o que só ajudou a aumentar a expectativa na chegada deste pré de phono.

A Gold Note o descreve em seu site como o melhor Phono Stage que já criaram, pois foi projetado para ser inovador em inúmeras frentes, em relação à concorrência. O conceito Gold Note, à medida que vou conhecendo seus produtos, fica cada vez mais claro. Eles buscam seduzir o consumidor oferecendo um pacote de serviços que possibilite ao usuário compor seu sistema com a menor quantidade de equipamentos.

No caso do PH-1000, esta possibilidade também é real, já que existe a opção de uma versão com pré de linha analógico, o que permite que ele seja ligado direto ao power e às caixas, além de um amplificador de fones de ouvido (nas duas versões disponíveis).

Para o teste, o produto enviado foi sem a opção do pré analógico de linha. O fabricante descreve o PH-1000 como uma topologia minimalista, para que o sinal trafegue o mais rápido possível da entrada à saída, feita com componentes premium, e uma 'incrível' biblioteca de curvas de equalização (RIAA), com mais de 40 curvas. E, se não bastasse, 4 curvas de equalização personalizadas, ajustáveis manualmente e depois memorizadas, para uso quando o usuário desejar.

Com isso, o consumidor pode tocar qualquer registro analógico gravado nos últimos 80 anos da maneira correta como foi concebida a master.

Eu ouvi excelentes prés de phono nesses meus 30 anos de revista, mas jamais tive à disposição um arsenal tão abrangente de curvas de

equalização para extrair de cada LP o melhor de sua performance! Falarei mais adiante em detalhes a respeito deste grande diferencial.

Outra enorme versatilidade são seus 14 níveis de ganho e 12 configurações de carga para MC, além de 7 opções de capacitância para as cápsulas MM - sendo capaz de compatibilizar até mesmo as cápsulas mais exóticas e difíceis existentes.

O mais legal é que você pode fazer todos os ajustes ouvindo seus discos, pois ao definir um novo, ele automaticamente corta o sinal por alguns segundos antes de o liberar com o novo ajuste. Seja de ganho, capacitância, impedância ou na busca da melhor equalização para aquele LP. Segundo o fabricante, todos esses ajustes são feitos integralmente no domínio analógico, ainda que a interface de comando seja digital.

Outra grande sacada é que todo PH-1000 pode ter atualizado seu firmware personalizado, via computador ou Internet.

O PH-1000 oferece 3 entradas independentes, duas RCA e uma XLR, e mais duas entradas (uma RCA e outra XLR), que podem ser usadas para cargas externas ou na opção com pré de linha analógico, para se conectar algum outro equipamento.

O PH-1000 também oferece a opção de 'alta' ou 'baixa' impedância para o amplificador de fone, modo estéreo ou mono com inversão de fase, e filtro subsônico de Rumble.

As principais curvas de equalização RIAA são: Capitol, Columbia/CBS, Deutsche Grammophon, Decca London USA, Decca London UK, e Decca Mono 78 RPM. Além de Epic, HMV, Mercury, RCA Victor, Philips, Elektra, L'Oiseau-Lyre, Parlophone, ECM, Telarc, etc.

Ao contrário da série 10, a linha 1000 tem dimensões generosas e precisará de espaço no rack para se acomodar. Sua construção é impecável e ainda que tenha um design limpo, não passa despercebido de maneira alguma.

No painel frontal temos, à direita, a sua tela de LCD e, à esquerda, o botão SKC (Single Knob Control) em que o usuário terá todos os comandos à sua disposição. Ainda que o produto venha com o controle remoto 'universal' da marca, eu sinceramente já me acostumei tanto em usar o knob, que sequer utilizo o controle.

Seu amplificador de fone de ouvido está entre os melhores que já escutei, e se mostrou à altura de nossa referência, que é o do nosso pré de linha Nagra Classic.

E, por fim, o PH-1000, caso o audiófilo deseje extrair o sumo do sumo, pode ainda acoplá-lo a uma fonte externa (são dois modelos, sendo a mais simples a PSU-1000 ou a mais sofisticada PSU-1250). Ou ainda pode por um estágio de saída à válvula (Tube 1006 ou Tube 1012).

Depois de testar o DS-10 e ver o 'salto' que este DAC deu com a fonte externa, e o PH-10 com sua fonte externa dedicada, que descreverei em detalhes na edição de dezembro próximo, fico imaginando o que poderíamos em termos de performance galgar com qualquer uma das fontes externas. Infelizmente, essa resposta deverá ficar para um futuro que espero que seja próximo.

Para o teste, utilizamos o toca-discos Origin Live Sovereign, com cápsula ZYX Ultimate Omega G (leia Teste 2 nesta edição), e cabos Quintessence Aniversário da Sunrise Lab, e Apex da Dynamique Audio. Cabos de força no Gold Note: Transparent Audio Reference G5, Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Transparent PowerLink MM2.

O PH-1000 foi ligado no nosso Sistema de Referência, e as caixas utilizadas foram: Wilson Audio Sasha DAW e Estelon XB Diamond MKII (leia teste edição de novembro próximo).

Ter a incumbência de substituir o pré de phono Classic da Nagra, que conquistou a maior nota já dada na revista para um produto hi-end, não é uma tarefa fácil, e nos fazer voltar a realidade 'nua e crua' do dia a dia sem aquela 'exuberância' sonora, fez com que os primeiros dias de queima do PH-1000 não fossem dos melhores.

Pois junto com ele chegaram, na mesma semana, a cápsula da ZYX e o clamp da Origin Live (leia Teste 4 nesta edição), o que bagunçou completamente o nosso coreto de referência, pois tudo soou profundamente 'diferente' do que estamos acostumados a extrair dos nossos LPs de referência.

Sei, por experiência, que a maioria das cápsulas MC no período de amaciamento costumam preferir cargas de impedância mais altas do que se sentirão à vontade depois de amaciadas. O mesmo ocorre quando você amacia simultaneamente um pré de phono. Ambos parecem necessitar de cargas maiores e ganhos menores. Então, a cada dia, a mesma gravação tende a soar diferente e, muitas vezes, hora faltando algo, hora excedendo algo.

E em analógico não tem como: é preciso sentar e ouvir.

Então, nesses casos assim, recorro ao meu kit de gravações exigentes, como: órgão de tubo, naipes de metais, quartetos de cordas e suporte cada um desses altos e baixos como se fossem crises humanas de humor. São ossos do ofício meu amigo!

O mais bisonho é que a sensação que tinha é que a cápsula seguia em uma direção e o PH-1000 em outra, sem nunca se encontrarem e estabelecerem uma comunicação. E, para deixar tudo ainda mais dramático, foi a cápsula que demorou mais tempo de amaciamento (80 horas). Felizmente quando este período de tortura passou, tudo começou a se encaixar de maneira magistral, permitindo mudar a impedância de 1000 ohms para 470 ohms, e quando o PH-1000 se estabilizou (120 horas) diminuir o ganho de mais 6 dB para 3 dB, e depois para zero dB.

E, quando o PH-1000 se estabilizou em 180 horas, reduzi pela última vez a impedância para 220 ohms e eis que fez-se a luz! Plena, radiante e incandescente!

Separei para o teste 80 LPs (10 para cada quesito). Claro que busquei exemplos da maior quantidade de selos existentes em minha discoteca. Pois minha curiosidade e interesse em ouvir como se comportariam as curvas de equalização do PH-1000, era enorme. Pois as vezes que vi esse recurso em outros excelentes pré de phono, nunca achei tão relevante assim. Exceto no Nagra, nas gravações da Decca principalmente - mas no Nagra tudo soa absolutamente divino, então é a exceção e não a regra.

O primeiro LP escolhido foi do selo Columbia - *Blues In Orbit*, do Duke Ellington, gravação de 1959 que conheço desde quando deixei de usar fraldas, rs. Dizia meu pai que era só escutar as primeiras notas de Three J's Blues que eu já começava a bater palmas e balançar na poltrona em que ele me punha enquanto ia para a bancada consertar algo. Então a escolha não poderia ser mais assertiva. Ouvi o lado A todo com o RIAA padrão, e depois troquei para o Columbia. Foi uma das experiências mais gratificantes que experimentei - não espere mudanças radicais pois não é o caso, mas o que muda e o quanto esses detalhes são alterados é o que conta. Melhor foco, melhor arejamento, texturas mais reais e um equilíbrio tonal muito, mas muito mais natural. Repeti o mesmo com o lado B, porém logo depois da segunda faixa mudei para a curva de equalização da Columbia e não comparei mais.

O segundo LP também foi uma gravação que conheço desde muito cedo, e era uma das preferidas do meu pai. Sabia que ele estava de alto astral, assim que ouvia a introdução de *Falling In Love With Love*, na voz incomparável de Frank Sinatra, gravado pelo selo Capitol. Ouvi apenas essa faixa inicial no RIAA padrão, e depois o LP todo na curva de equalização Capitol. Neste disco as maiores diferenças foram na própria voz do Sinatra, e nos metais, que ficaram mais corretos e perderam um brilho que acredito ser da cópia que tenho (uma versão remasterizada dos anos 80).

À medida que o PH-1000 e a cápsula ZYX foram se encaixando, as audições começaram a varar a madrugada (ainda que tenha que estar rigorosamente em pé todos os dias para levar minha filha à escola, agora que as aulas voltaram a ser presenciais), pois o grau de conforto auditivo foi se tornando cada vez mais prazeroso e convidativo à explorar todas as gravações escolhidas para o teste.

E o difícil foi escutar apenas a faixa escolhida para se avaliar os quesitos da Metodologia.

O terceiro LP para avaliação de transientes escolhido, foi a faixa 1 do lado A de *A Handful Of Beauty* do grupo Shakti com o John McLaughlin. Quem conhece este disco sabe do peso que são as entradas das

tablas, e o duo entre o violão de 12 cordas e o violino. Novamente, usar a curva Columbia tirou um brilho nas altas, encorçou o violino e o violão, e deixou as tablas com um peso e energia contagiante.

Mas eu queria explorar muito mais este interessante recurso, e lá fui eu ouvir uma gravação Philips. E o LP escolhido só poderia ser *Friday Night In San Francisco* com o trio de virtuosos do violão: Al Di Meola, Paco de Lucia e o John McLaughlin. Meu amigo, o grande feito aqui da curva de equalização Philips é deixar os transientes ainda mais precisos, o que nos permite acompanhar sem esforço algum cada nota e variação dinâmica executada por esses três virtuosos. E um detalhe me chamou demais a atenção: o grau de intencionalidade e técnica do Paco de Lucia de tocar com as unhas, ao contrário do Meola e do McLaughlin que usam palheta. Na curva Philips este detalhe fica absolutamente mais inteligível e verossímil, nos fazendo ver o que estamos ouvindo!

Antes de me dar por satisfeito, ainda peguei dois LPs do selo RCA Victor, um importado do pianista Bill Evans - *Explorations*, e um nacional, *Cabeça de Nego* do João Bosco.

Querida ver se a prensagem nacional se beneficiaria deste recurso do PH-1000. Para minha decepção, não se beneficiou quase nada, ao contrário do Bill Evans que teve melhoras na textura, corpo, transientes e arejamento.

Aí pesquisando as opções de RIAA me deparei com uma opção Neumann que o gráfico que aparece na tela LCD é diferente da padrão RIAA mas não tão distinta. Que em diversas gravações nacionais dos selos Som da Gente, Odeon, Som Livre se mostraram bem interessantes. Elevando ainda mais a versatilidade deste recurso, para quem tem uma infinidade de discos importados e nacionais, como é o meu caso.

Porém, nas prensagens nacionais, do final dos anos 70 em diante, a curva padrão RIAA sempre soou melhor.

O PH-1000, à medida que o teste avançou, foi se mostrando uma ferramenta de trabalho indispensável ao mesmo tempo que sua performance foi ganhando consistência.

Seu equilíbrio tonal é exemplar, pois quando corretamente ajustado para se extrair o melhor do setup braço/cápsula e cabo de braço, o que ouvimos é uma sonoridade exuberante em termos de extensão, correção e naturalidade. E se ele não tem aquele 'algo a mais' do Nagra, seu custo é a metade do pré de phono suíço!

E, sem ouvir o Nagra lado a lado, jamais o audiófilo bem rodado achará que falta algo no PH-1000. E arrisco dizer que este 'fio de cabelo' que os separa, talvez não exista se o usuário ligar o PH-1000 com sua fonte dedicada externa (espero algum dia poder tirar essa dúvida e compartilhar com todos vocês).

Em termos de soundstage, o PH-1000 é uma referência absoluta, com foco, recorte e arejamento no mesmo patamar que os melhores Estado da Arte que testei, tive e ouvi em eventos. Os solistas são apresentados com aquele silêncio a sua volta, permitindo audições magníficas e com um conforto auditivo pleno.

As texturas foram outro ponto alto do conjunto toca-discos e braço/cápsula, pois tudo convergiu para apresentações ricas em intencionalidade, e apresentação da qualidade dos instrumentos e dos músicos. Foi a segunda melhor apresentação do disco *The Köln Concert* do pianista Keith Jarrett que já escutei em minha vida, com detalhes e intencionalidades que só havia escutado no Nagra. Claro que, provavelmente, se tivesse a oportunidade de escutar novamente o Nagra com essa cápsula ZYX, a diferença do pré de phono Classic para o restante de seus concorrentes poderia ser ampliada ainda mais.

Porém, com este setup que realizei o teste do PH-1000, posso garantir que dentro de minha realidade é o mais próximo que consegui chegar em termos de musicalidade, naturalidade e precisão do modelo suíço. E adoro esses desafios de buscar soluções mais em conta para tentar me aproximar dos que se encontram no Olimpo, longe da minha realidade.

A capacidade do PH-1000 em nos apresentar o ritmo, andamento e tempo, é simplesmente fabulosa. Já citei dois dos discos quando falei das curvas de RIAA, o Shakti e o *Friday Night in San Francisco*, mas tiveram mais uma dezena de exemplos em que foi possível observar o quanto os engenheiros da Gold Note se esmeraram para alcançar essa reprodução de transientes. Mesmo com o RIAA padrão!

Falar em dinâmica (principalmente a macro) em analógico é chover no molhado. Pois ainda é de longe a melhor referência hi-end, junto com o gravador de rolo, para se apresentar macrodinâmica. O PH-1000 irá lhe dar grandes sustos meu amigo, principalmente se você não está habituado a ouvir muito analógico. Mas, graças ao seu incrível silêncio de fundo, sua apresentação de microdinâmica é também impecável!

Corpo harmônico, só ouvindo algumas gravações de big bands ou grupos menores, em gravações dos anos 50, 60, 70 dos selos Prestige, Verve, Decca, Blue Note, para se ter noção do tamanho real dos instrumentos de sopro - tudo gravado com apenas três microfones. Depois de escutar essas gravações, você entenderá perfeitamente o que eu quero dizer com 'pizza brotinho' ao me referir ao tamanho dos instrumentos reproduzidos digitalmente.

Você tem o desejo de passar o resto de seus dias com seus músicos, cantores/as preferidos em sua sala de audição? A melhor maneira de conquistar essa 'façanha' é montar um setup de alto nível analógico com este PH-1000. É um investimento garantido de altíssima performance para o resto de seus dias!

E, por fim, mostrar a musicalidade deste pré de phono é uma das características mais fáceis de se realizar. Basta pedir para o sujeito sentar, escolher um disco que o emocione e baixar a agulha no disco. Assim como convidei vários amigos queridos para escutarem o Nagra, fiz o mesmo com o PH-1000. Todos ficaram maravilhados com sua assinatura sônica e grau de refinamento, e as apresentações sempre fecharam com a diferença das curvas de equalização. Todos, unanimemente, achavam que eu estava mudando a impedância da cápsula e alterando o ganho. Quando descobriram do que se tratava, ficaram ainda mais empolgados. Pois não é todo dia que podemos ter um pré de phono que, além de ter uma alta performance, oferece um recurso tão importante para se extrair o sumo do sumo de cada gravação.

CONCLUSÃO

Este é sem dúvida um pré de phono muito diferenciado que reúne o que há de mais moderno em termos de topologia, com diversos recursos de ajuste e um grau de requinte que não existia nesta faixa de preço.

Sua versatilidade e capacidade de atualizações via internet, o colocam em um degrau à parte. E mesmo que você só esteja interessado na performance, este é um pré que atende a todo audiófilo, do mais exigente ao mais perfeccionista.

Me encantou tanto, e se mostrou uma ferramenta de trabalho tão importante, que não pude abrir mão dele.

Se estou satisfeito? Coloque satisfeito nisso! Me sinto realizado em poder atender a revista e ao melômano que sempre fui. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6-FANKM4DRY](https://www.youtube.com/watch?v=6-FANKM4DRY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_II-T-ZGAKO](https://www.youtube.com/watch?v=_II-T-ZGAKO)

AVMAG #278
German Áudio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 99.792

NOTA: 109,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

PRÉS DE PHONO

NAGRA CLASSIC PHONO

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
MAG

Minha filha tinha apenas cinco anos quando um dia entrou na cozinha, me viu cozinhando, e perguntou: “Como deve ser o cheiro da Lua?”. Achei que ela estava apenas em um momento lúdico que toda criança tem, e respondi que não fazia a menor ideia. Ela aceitou prontamente a resposta, deu de ombros, e voltou para suas bonecas esparramadas no chão da sala.

Eu nem percebi que ali provavelmente estava o início de uma de suas maiores virtudes, que hoje lhe é tão peculiar: um olfato extremamente apurado! Minha filha é capaz, aos 12 anos, de chegar da escola, e da sala reconhecer o que estou cozinhando para o almoço com tamanha precisão que algumas vezes chega a me assustar. Vou dar apenas alguns exemplos: ela sabe pelo cheiro se o feijão cozinhando na panela de pressão é feijão preto, carioca, bolinha ou branco. Sabe dizer se entre as verduras diárias o pai fez: quiabo, brócolis ninja ou o tradicional, cenoura, quiabo, vagem, beterraba, milho, batata, etc. E até se o arroz é o branco ou o integral!

E quando lembro de que nesta mesma idade dela, meu filho já sabia com total segurança o que queria ser e traçava com enorme autoridade o que precisava para chegar aos seus objetivos, percebo que essa determinação em ambos eu também tinha. E por mais que meu pai me incentivasse a dar asas a minha imaginação e senso apurado de audição, eu no meu íntimo era uma criança cheia de dúvidas e mais perguntas do que respostas. E como era difícil arrancar respostas de meu pai, eu trilhei caminhos muito solitários, para montar meu mosaico de dúvidas.

Lembro que uma de minhas primeiras perguntas sem respostas foi ao ouvir que palmas em diferentes setups dos clientes do meu pai, soavam muito diferentes. E fiquei meses antes de me abrir com meu pai, achando que só eu percebia essas grandes diferenças. E eu era tão jovem e inocente que custei a ligar que se as palmas soavam diferentes em cada sistema, a música também deveria sofrer este mesmo efeito. E quando percebi chocado que sim, foi que criei coragem e contei minha descoberta ao meu pai. Claro que suas expressões me indicavam que ele também observava o mesmo, mas ele queria que eu descobrisse sozinho que todo sistema tem uma assinatura sônica, e que esta assinatura irá determinar, como na brincadeira de adivinhação, o quanto está “quente” ou “frio”.

Quando entendi o que meu pai estava me sugerindo, criamos até um código, em que eu perguntava antes de chegarmos à casa do cliente se aquele sistema estava quente ou frio. Ainda ecoa em minha mente as três opções ditas por ele: friooooo, frio e quente. Ele talvez não tivesse ideia do quanto essa brincadeira me ajudou a treinar minha audição e como foi importante para eu aprimorar o foco de atenção e o ouvir atentamente.

E nunca esqueço a única vez que um sistema que ouvimos estava tão bem ajustado que eu, ao entrar no carro, falei para ele: “que quente este sistema, hein?”. Rimos alguns minutos antes dele dar a partida, e saímos dali.

Minha formação musical é tão eclética que, mesmo para mim, fica difícil entender como ainda o “feeling” é uma ferramenta tão presente

e se mostra tão eficaz ainda hoje. Este feeling nunca me abandonou e muitas vezes me ajuda a dar respostas que, no nível da compreensão e do bom senso, ou da experiência, não obtenho. Por exemplo: quantas vezes tive a certeza de determinado resultado, muito antes de fazer a experiência. Recentemente comentei com um amigo que determinada experiência que ele estava pensando em fazer no seu sistema não daria o resultado esperado, pois passaria do ponto. Algo que, depois de dito, eu mesmo me perguntei de onde teria tirado aquela informação se jamais havia escutado este setup tocando junto?

E ainda que sem resposta à minha pergunta, meu amigo duas semanas depois me relatou, em uma longa mensagem, que realmente a experiência havia dado errado, e que tudo havia passado do ponto! Só respondi que o lado positivo é que ele havia economizado uma boa grana, pois o equipamento que ele almejava comprar custa na casa dos 10 mil dólares!

Sempre fiz essas associações de sinergia de equipamentos desde minha infância, pois tinha facilidade de ver os sistemas tortos e logo entendi o motivo deles soarem tortos. E ao meu pai, eu dizia claramente a razão de não dar certo. E à medida que ele foi me escutando e indicando aos seus clientes as soluções, ele percebeu que seu filho tinha um “dom” para ajustar sistemas. Algo que aperfeiçoei na adolescência, para ajudar os amigos e seus pais, até romper com este universo aos 19 anos.

Foram anos afastado, e quando meu pai tentava puxar o assunto, eu sempre me esquivava. O máximo que eu o deixava falar era sobre os falecimentos de seus clientes mais antigos e que ele tinha um grande apreço. Mas falar sobre equipamentos, eu não lhe dava nenhuma chance. Aí o amigo leitor pode se dar conta da sua alegria quando eu lhe disse que estava indo trabalhar na revista Audio News, em 1991!

Me desculpe essa longa introdução antes de entrar no assunto devido - o teste do pré de phono da Nagra - mas se o leitor tiver um pouquinho mais de paciência chegarei lá!

O fato é que, 30 anos depois, trabalhando como revisor crítico de áudio, meu feeling se tornou tão acentuado que consigo prever determinados resultados, muito antes de tal equipamento vir para teste. E por mais que você me julgue “arrogante”, garanto que nunca errei em minhas previsões a respeito de produtos que irão mudar o rumo ou reescrever a história em seu segmento.

Meus críticos certamente acharão que estou falando apenas o óbvio, afinal um fabricante de alto nível de equipamentos de áudio hi-end, que faz com maestria prés de linha, DACs e powers, que dificuldade terá em fazer um excelente pré de phono de alguns milhares de dólares?

E eu tenho que lembrar que não é bem assim. Pois conheço dezenas de excelentes fabricantes de excelentes powers, em que seus

prés de linha ou DACs não se encontram no mesmo patamar, e quando estamos falando de prés de phono, o caldo entorna um bocadinho mais. Pois sem a cultura do vinil nas veias, pode ser um excelente produto de bancada, com medições fantásticas, mas sonicamente um produto sem alma!

Cansei de ouvir, testar e abortar prés de phono assim.

E como os excepcionais prés de linha de nível superlativo, o mesmo ocorre com os prés de phono. Os que nos fazem entender o encanto de forma integral do analógico, não existem aos montes. Bons prés de phonos, burocraticamente corretos, sim o consumidor achará muitos a partir de 2.000 dólares. Mas quando buscamos encontrar os que nos farão descobrir o quanto o analógico ainda pode nos oferecer em termos de realismo e emoção, esses contam apenas nos dedos das mãos.

Aí vêm as cruciais perguntas: por que existe essa diferença entre os bons e os excelentes? Isso realmente é audível? Perceberei imediatamente a diferença entre ambos?

Sim meu amigo, não só observará, como verá que a sobrevida do analógico é tão consistente. Pois esqueça essa baboseira de modismos ou vintage. Pois o analógico jamais deixou de existir, como ocorreu com a máquina de escrever ou o filme de máquina fotográfica, ou o tape-deck. E não foi por existirem audiófilos e melômanos cabeça-du-ra, que se entrincheiraram para não deixar o analógico sucumbir. Ele se manteve vivo, pois ainda é, junto com a fita de rolo analógica, a melhor referência de reprodução de música eletronicamente.

Pois se o CD Player tivesse se sobressaído na questão de fidelidade, o analógico seria peça de museu, como a máquina Olivetti ou o videocassete.

Então, antes de valorizar o audiófilo e o melômano que não arredaram o pé, os méritos são todos da topologia. E o mais incrível: é uma topologia que está ainda em franca evolução, em todas as etapas: materiais usados na construção dos toca-discos, motores, braços e cápsulas. O que também exigiu dos fabricantes de prés de phono, soluções que possam acompanhar todas essas evoluções na maneira de extrair a informação existente nos sulcos do LP.

E ouvir um sistema como este que tivemos a honra de testar nesta Edição de Aniversário (leia também os Testes 2 e 3 nesta edição), só nos prova que a distância entre o analógico e o digital ainda se mantém! E ousar dizer: com a tentativa das gravadoras de matarem o CD para aumentar seus lucros e enfiar goela abaixo o streamer, essa distância vai ser ainda maior nos próximos 5 anos!

Depois de ouvir e testar todos os novos produtos da Nagra, a grande expectativa minha era o novo pré de phono da Nagra da série Classic, lançado no segundo semestre do ano passado. Pois minha dúvida ►

PRÉS DE PHONO



Nagra Classic PSU

era: será que eles terão a mesma mão e talento para produzir um pré de phono tão superlativo, como são o pré de linha e o power da série Classic?

Ouvi muito rapidamente, há muitos anos, o pré de phono deles VPS, e gostei, mas não achei um ponto fora da curva. Por isso minha dúvida.

O novo pré de phono é valvulado, usando quatro tríodos duplos em uma configuração que a Nagra chama de “proprietária”, pelas soluções utilizadas. As válvulas são Genalex Gold Lion feitas sob rigorosas especificações, com tempo de uso de 5 a 10 mil horas. São 2 válvulas E88CC/6922, uma EC81/B739 e uma ECC83/B759.

Os transformadores toroidais MC são fabricados pela própria Nagra, usando os mesmos núcleos do pré amplificador de linha HD.

Na entrada, o ganho de tensão é fornecido pela válvula B759, passando pela ECC83 com filamento helicoidal para um baixo ruído, seguido por uma válvula ECC81, também com o mesmo tipo de filamento da ECC83. A correção é feita por resistor/ auto /capacitor (RCL).

O estágio de saída utiliza uma E88CC por canal (assim como o pré de linha HD), cujo segundo tríodo está na saída do anodo, com baixa impedância.

Os links de sinal são feitos por capacitores polipropileno com especificações personalizadas, e em pontos estratégicos do sinal são usados capacitores com folhas de cobre Jupiter de 0,0265uF, feitos sob especificações da Nagra.

As trilhas de placa são todas folheadas a ouro de quatro camadas. A fonte de alimentação de comutação PWM de alta velocidade (200 kHz), é dual mono. E o segredo de sua operação silenciosa (segundo o fabricante) está no desacoplamento pela enorme capacidade de capacitores polipropileno em paralelo para impedância CA zero, propor-

cionando uma resposta de transientes e redução de ruído ao extremo (sobre o silêncio de fundo deste pré, falarei nas observações auditivas).

No painel frontal temos, à direita, o famoso modulômetro utilizado no Nagra II lançado em 1952. Ele exhibe o nível de saída, sendo que o 0 dB corresponde a um sinal de 1V/rms. Sendo o canal esquerdo a agulha preta e o direito a agulha vermelha. No outro extremo, temos o famoso botão de controle: off, Mute, Phono 1 (MC) e Phono 2 (MM). Entre o modulômetro e o botão de controle, temos a curva RIAA - que pode ser a normal, Teldec (alemã) ou Columbia LP - botão de estéreo ou mono, e de ganho High ou Low.

Nas costas temos as duas entradas, plug de terra, e saídas RCA e XLR.

Para o ajuste de impedância, o usuário precisará abrir a tampa de cima do aparelho e decidir o jumper ideal para sua cápsula. São cinco opções MC (100, 180, 270, 470 e 1000 Ohms), e uma carga capacitiva de 100 pF. E uma para MM (47 kOhms). Os jumpers para cada impedância vêm em uma caixa à parte, e trocá-los é a coisa mais inteligente e fácil. A placa toda é destacável, e o usuário fará a troca com ela na mão. O jumper é preso por um parafuso que se solta com os dedos. E todos jumpers vêm devidamente sinalizados por números, não existindo o menor risco de erro.

Existe também um ajuste interno para audição do pré em mono (como não tenho nem cápsula mono e muito menos algum LP mono, eu não utilizei este ajuste).

Outra opção é que o Nagra Phono Classic pode tanto ser usado com sua fonte interna, necessitando neste caso apenas de um cabo de força, ou com a fonte externa PSU como utilizamos no pré de linha, também da série Classic. Os que leram o teste do pré de linha, sabem as alterações gigantescas que ele sofreu com o uso da fonte externa.

Será que o mesmo ocorreu com o Phono Classic? ►

Direi mais à frente, fique sossegado.

Para o teste utilizamos apenas nosso Setup de Referência, com todo o sistema Nagra e as caixas Wilson Audio Sasha DAW. Os cabos de força, quando não ligada a PSU, foram Transparent PowerLink MM2 e o Reference G5. Cabos de interconexão Dynamique Apex XLR e Sunrise Lab Quintessence Aniversário (RCA e XLR).

Ouvi, no total, nas cinco semanas de teste, mais de 150 LPs, alguns completos (lado a & b) e alguns apenas faixas, e o tempo todo ligado aos toca-discos e braço da Origin Live (leia Teste 2 nesta edição) ou ao Timeless Ceres (também com o braço Enterprise 12), e as seguintes cápsulas: Hana Umami Red (leia Teste 3 nesta edição), ZYX Bloom 3 e Grado Platinum Series 3.

Tivemos, nos últimos tempos, a visita de excelentes prés de phono, como o maravilhoso P1 da CH Precision, o Luxman EQ-500, o nosso pré de referência Boulder 508, e o também de excelente relação custo/benefício, PS Audio Stellar. Assim como excelentes toca-discos, como o Acoustic Signature Storm, o Timeless Ceres e, agora, este Origin Live Sovereign. Sem falar de cápsulas excelentes e de nível superlativo, como a SoundSmith Hyperion 2, a Hana Umami Red e a ZYX que acabou de chegar.

Então, nosso nível de referência não pode ser subestimado, e o leitor achar que estamos comparando bijuteria com joia preciosa, pois não é este o caso. Mas o único que pode ser considerado no mesmo nível de refinamento com este Phono Nagra, é o P1 da CH Precision, pois os outros citados pertencem a um outro “campeonato”.

Aqui estamos falando do topo do topo ou, se quiserem, para ser mais enfático, do “Olimpo” do analógico! Pois o que extraímos de cada faixa de cada LP que ouvimos, foi de uma ordem de grandeza tão acima do que estamos acostumados a ouvir, que tentar comparar com qualquer dos prés de phono que já tivemos de referência, será mera perda de tempo.

Me senti novamente com 8 anos de idade, quando percebi as diferenças de palmas em cada sistema dos clientes do meu pai. O disco era sempre o mesmo: **Belafonte at the Carnegie Hall**, e eu ficava ali no meu canto das salas esperando as palmas só para guardar na memória e depois comparar.

Alguns sistemas eram tão tortos, que as palmas mais se assemelhavam a um efeito sonoro de um papel celofane sendo amassado em frente ao microfone. E quanto melhores eram as palmas, com variações de intensidade, tamanho das mãos e a percepção de que aquilo eram palmas, melhor o sistema tocava. Esta descoberta causou um impacto em mim tão grandioso, que tenho absoluta certeza que a Metodologia ganhou sua versão embrionária inicial naquela fase de minha vida, e ficou hibernando por quase 30 anos!

O mesmo eu posso dizer do Phono Nagra Classic, ao nos apresentar um equilíbrio tonal tão correto e preciso, que ouvir em cápsulas e toca-discos diferentes só enaltece seu grau de neutralidade e fidelidade.

Excelentes prés de phono geralmente se sobressaem por alguns itens que os fazem se diferenciar do lugar comum.

Os superlativos não. Estes se sobressaem justamente por não ter algo pontual a mostrar. Pois tudo está tão na mais perfeita ordem, que o resultado se traduz apenas em um enorme conforto auditivo e uma apresentação musical que difere até mesmo da melhor que você julga já ter escutado. Quando estamos diante deste momento, nos esforçamos para avaliar determinado quesito ou aguardar como aquela passagem irá ser resolvida - e quando percebemos, aquele momento já passou.

Todos nós temos nossos LPs de referência, aqueles que contamos para serem usados somente naquelas situações em que sabemos que estamos tendo a oportunidade única de termos contato com o “inalcançável”, e que precisamos ser assertivos ao máximo. Do tipo: “esperei por este momento por toda a minha vida”. Aí vemos o quanto somos traídos por nossas emoções, a ponto de não conseguirmos escolher o que ouvir. Se isso não aconteceu com você, não se preocupe, pois um dia irá ocorrer.

O contrário também está presente na vida de todo audiófilo: a do sistema que sonhamos em ouvir e, quando de fato ocorre, não é nada do que esperávamos. Mas preste bem atenção neste detalhe, os produtos “notáveis”, aqueles que mudarão para sempre nossa percepção do que é essencial buscar para termos o maior grau de satisfação e prazer, não se parecem em nada com “fogos de artifício”! Lembre-se desta dica para o resto de sua trajetória, amigo leitor.

O correto não se destaca por uma singularidade, ele é correto pela “organização” do todo. É como uma jogada de gênio, que de tão perfeita parece até simples. Se o belo da vida está realmente nos detalhes, o mesmo posso dizer agora dos produtos de áudio “notáveis”.

O André Maltese escutou o pré da Nagra em dois momentos: com a cápsula Hana e com a ZYX. Ele ficou impressionado com a performance do conjunto Origin/Hana com o pré Nagra. Mas sua expressão de “incredulidade” só se transformou em uma frase ao ouvir o Nagra com a ZYX, que é uma cápsula que custa menos de um terço da Hana. Aí ele expressou: “Que pré de phono é esse!?”. E essa manifestação é bem simples de explicar: no primeiro setup tudo é caro, então é obrigação tocar o melhor possível! Com uma cápsula de 7 mil reais, ainda assim, ouvir aquele esplendor de correção, precisão e musicalidade... Aí ele deixou manifestar seu espanto e incredulidade com o que estava ouvindo.

PRÉS DE PHONO

O que este pré de phono exprime é apenas a beleza do sinal que passa por ele. Zero de pirotecnia ou querer reinventar a roda, ou “girar a lâmpada”. Ele só lhe pede coerência e um padrão de qualidade mínimo (como o da cápsula de 1300 dólares da ZYX). Se o sinal tiver um nível mínimo de correção, ele entregará este sinal como nunca ouvi em outro pré de phono, de qualquer topologia ou preço. O mais próximo continua sendo o P1 da CH Precision, sem sombra de dúvida, mas com um detalhe: até aqui, toda descrição feita das maravilhas do Phono Classic, foi com sua fonte interna, pois quando passamos ele para a fonte externa a PSU, meu amigo, aí foi como dobrar a velocidade da luz e sumir no infinito, e além!

Aqui as coisas realmente complicam para qualquer outro phono excepcional, pois tudo se torna ainda mais notável sob qualquer ângulo de avaliação, com um “agravante”: seu silêncio de fundo.

Interessante que, até ouvir ele na fonte externa, era impossível apontar alguma limitação em seu silêncio de fundo. Mas quando trocamos e ouvimos os mesmos discos, no mesmo volume, com os mesmos cabos, é que aquela máxima do “bom ser bom” até aparecer o “ótimo”, se tornou exemplar. Só que neste caso, era o excelente que passou a ser excepcional.

Ainda que tudo ganhe, fiquei com a firme sensação que os mais beneficiados são a microdinâmica (de maneira óbvia, pois quanto mais silêncio, maior facilidade em se ouvir os detalhes), e o palco. Este se torna ainda mais holográfico e 3D. Neste quesito, as obras sinfônicas, em termos de planos, se tornaram espetaculares! E você deve estar se perguntando: mas preciso da fonte externa, se este já é tão correto sem? Realmente não precisa meu amigo. Tanto que dos dois testes que já saíram deste pré de phono, em nem um foi utilizado a fonte externa. Trata-se de um preciosismo, mas que para quem tem um setup todo Nagra, certamente este felizardo irá desejar extrair todo o enorme potencial.

E se ele tiver como sua referência maior o analógico, não acho que ele vá se contentar em não explorar esta faceta adicional, e com resultados tão impressionantes. Eu se tivesse este pré, eu não abriria mão de escutá-lo nas melhores condições possíveis, inclusive em termos de setup: toca-discos, braço, cápsula e cabos.

Mas conseguir ter o Phono Classic já será um feito tão grandioso que não haverá necessidade de subir ainda mais (principalmente para quem não tiver eletrônica Nagra).

Para tentar descrever algumas diferenças que ouvimos neste pré em relação aos outros prés recentes testados, escolhi aqueles discos em que essas diferenças foram mais “explícitas”.

O **Keith Jarrett - The Köln Concert**, também conhecido como “álbum branco”. Quem tem este disco, principalmente a prensa-gem nacional, sabe o quanto a última oitava da mão direita soa com

excesso de brilho e um som duro (em alguns setups fica pior que ouvir em CD). Os melhores setups analógicos conseguem dar uma amenizada nesse problema, mas deixar agradável, é bem difícil. A não ser que você radicalize e use um pré e cabos com pouca extensão, mas vai comprometer toda a região média-alta, pois não tem milagre.

O Nagra corrige sem se perder nada? Não existe o milagre de transformar o ruim em bom, mas o Nagra, pela primeira vez, nos permitiu ouvir que apesar do piano ser ruim (tanto que o Keith tentou desistir de tocar aquele concerto), ele tem realmente feltro nesta oitava, e poder ouvir esse “detalhe” deixou esta região muito mais audível! O que é um mérito e tanto, pois o disco é primoroso ainda hoje. Sendo o que chamo de obra atemporal. Minha filha quando ouviu desta vez, achou que eu tinha conseguido uma nova gravação importada (ela adora este disco).

Sobre o segundo LP, já escrevi tantas vezes a respeito que não vou me estender. **Friday Night In San Francisco** (McLaughlin, Di Meola, de Lucia) - Lado 1 faixa 1. Al Di Meola no canal direito e Paco de Lucia no canal esquerdo. Outra gravação difícil tanto em termos de equilíbrio tonal como de transientes e corpo. Excelentes setups reproduzem este disco com boa margem “de segurança”. Mas os detalhes de “intencionalidade” e virtuosidade, só os de nível superlativo oferecem. Pois bem, o Nagra conseguiu ir além ao mostrar um detalhe que nunca antes havia escutado. Muitos leitores que tem este disco, sempre me falam que tem a sensação que o violão do Al Di Meola é melhor que o do Paco, pois parece mais alto e dá a sensação de maior dinâmica. Dependendo do setup que tive nestes últimos 15 anos, muitas vezes tive esta mesma impressão.

E eis que o Nagra nos corrige esta falsa impressão, ao mostrar que a qualidade do violão do Paco de Lucia é tão boa quanto a do Di Meola, e que não há nenhuma diferença de altura nos volumes. As diferenças são das técnicas: uma é dedilhada (Paco) e a outra é paletada (Di Meola).

Para ter certeza do que estava escutando, ouvi primeiro a versão 33 RPM e depois a 45 RPM, pois ambas foram extraídas de masters distintas. E não há essa diferença de volume.

Aí chegamos a um outro disco, que de tanto ouvir já sonhei com ele como trilha de fundo (não ria, pois é verdade). **Waltz For Debby**, do Bill Evans Trio, gravado ao vivo no Village Vanguard, em 25 de junho de 1961. É tão bem gravado que, para soar ruim, o setup analógico tem que ser torto de doer. Mas algumas coisas, em setups excelentes, variam e muito, como: corpo dos instrumentos, posição do baterista Paul Motian, e os agudos dos pratos e das duas últimas oitavas da mão direita do piano.

A qualidade dos pratos já foi motivo de longas discussões com meu filho e amigos bateristas. Para eles (os bateristas), os pratos dos anos 60 soavam escuros, com mais corpo do que extensão. Pois bem, ►

mostrei para todos (e tive meu dia de glória, pois nunca tinha concorrido), os dois lados do disco, as seis faixas, e deveria ter filmado a cara de todos eles. Não conseguiram acreditar no que ouviram. Um deles até chegou a dizer que não vale, pois se só escutam em um pré de phono que custa o valor de um carro bom, ele não tem culpa de concluir que os pratos soavam pobres!

A verdade meu amigo: como eram bons os pratos, tanto em corpo como extensão e decaimento! O corpo do contrabaixo do Scott LaFaro é assustador em termos de realismo e tamanho, é estar literalmente a cinco metros do palco. E o mesmo se pode dizer tanto do corpo do piano, como de que o equilíbrio tonal na mão direita não está acentuando para o brilho em excesso.

Outra agradável surpresa: Patricia Barber - **Companion**. Quantas vezes escutei reclamações de leitores se queixando que o agudo do órgão Hammond B3 é duro e incomoda. Ou que falta peso na faixa Black Magic Woman, mais peso e deslocamento de ar na parte final do solo de bateria e das percussões. Aqui, novamente, em excelentes setups, o prazer de escutar este disco é pleno. Tanto que já mostrei, em diversos Hi-End Shows, em setups muito abaixo do que temos hoje, e era um dos pontos altos da apresentação analógica.

E o Nagra veio mais uma vez para nos mostrar que o Hammond B3, no agudo, não fere nossos tímpanos, que este disco é para se escutar em volume alto (com picos na parte final de quase 100 db) e que se for nele, sua folga é tão gigantesca que a vontade de bater palma e gritar no final com a plateia é genuína!

Veja que estou pontuando detalhes de LPs que estão comigo há décadas, então os conheço soando em dezenas de setups distintos, e que cada setup anterior a chegada do Nagra tinha algum detalhe “pessoal” a acrescentar.

Com o Nagra, todo este panorama é refeito. Pois ele trabalha no todo e não nas partes, ou no que os projetistas de prés de phono acham elementar ser enfatizado. E como todo produto Nagra, a filosofia é: realismo, naturalidade e folga absoluta!

Outra pedreira: Shakti - **A Handful Of Beauty**. Talvez o disco mais difícil de se conseguir o equilíbrio tonal necessário. Pois quando ajustamos os graves para fazer as tablas terem a energia e deslocamento de ar que a gravação captou, e fazem toda a diferença na “vida” e beleza deste trabalho, borra o extremo agudo, matando os harmônicos do violino. E quando se conserta em cima, as tablas perdem o peso e deslocamento de ar.

Este é um dos discos mais cruéis com cápsulas que já usei, para fechar nota no quesito equilíbrio tonal! É complicado. A solução é um setup analógico perfeito em termos de equilíbrio tonal e muita folga. Do contrário, acompanhar o violão e o violino é um trabalho de concentração quase impossível. O Nagra simplesmente resolve todos os

obstáculos simultaneamente, e ainda agrega um componente que estava escondido atrás dos obstáculos: a intencionalidade e a virtuosidade do quarteto.

É de um prazer que não possui adjetivo para expressar, o grau de admiração e contemplação, por ser um dos LPs que mais gosto de escutar, e que por isso sempre relevei todas as dificuldades que qualquer setup apresentava. Pois achava que não haveria solução para esses problemas.

Aí conseguimos (penso eu) explicar o que tem este pré de tão diferente a todos os outros que ouvimos e testamos. O problema está em conseguir desmembrar o complexo, de tal forma que não se torne enfadonho ou perca a integridade. E quando você se dá conta que existe um equipamento capaz de fazer este árduo trabalho, acrescentando e não dividindo, você compreende o grau de magnitude alcançado pelo Phono Classic.

Deste momento em diante, em vez de dar preferência aos discos bem gravados, fiz o caminho inverso, fui buscar os LPs que não abro mão de escutar pelo grau de qualidade artística, mas que sempre lamentei não serem bem gravados.

E um dos primeiros foi o **Nó Caipira**, do **Egberto Gismonti**. Cara, como eu gosto deste LP! Ele me diz tanta coisa, foi um momento da minha vida de tomadas de decisões pessoais e profissionais tão importantes que me fala fundo ainda hoje. Pois me faz olhar para trás e ver que as decisões me trouxeram até aqui e por estas decisões sou muito grato a tudo!

Mas ele soa tão duro. Os pratos, o piano as cordas. Sempre pedi um pouco mais de calor e equilíbrio, apenas isso, para poder escutar em volumes mais altos, como as faixa Frevo, Nó Caipira e a maravilhosa Maracatú.

Dizem que quando a oração é forte, você é atendido, rs. Pena que o Milagre durou apenas 5 semanas! Mas valeu cada segundo que convivi com este Nagra, pois como no início da revista, achei forças para esticar os dias até às duas da manhã, ainda que às seis precisasse estar de pé novamente para acordar minha filha para as aulas online.

A folga do Nagra é tão excepcional e sua precisão e fidelidade no equilíbrio tonal, tão corretas, que consegui escutar o Nó Caipira com mais prazer, menor fadiga e o que sempre sonhei: no volume correto da gravação. UAU! É tudo que tenho a dizer!

The Beatles - Love, é possível ouvir com enorme prazer em qualquer sistema analógico decente, então o que o Nagra pode acrescentar a este belo trabalho? Refinamento nas texturas e detalhes nas colagens montadas com tanto esmero, para ligar uma faixa a outra. Meu amigo, escutei detalhes nessas colagens que me deram uma ideia exata do baita trabalho que foi montar essas passagens. Em outros setups, nas colagens eu escuto o tema ou o efeito sonoro principal, mas elas têm ►

PRÉS DE PHONO

camas harmônicas, tem frases de notas de outras músicas que não puderam ser aproveitadas no espetáculo. E as texturas dos arranjos de cordas que foram criadas para o disco Love, são de um cuidado e requinte que parecem ser da master original.

Aqui, novamente o Nagra, sem jogar luz ou chamar a atenção para si, resolve detalhes que em qualquer outro grande pré nos passou despercebido.

Duke Ellington - *Blues In Orbit*. Quando este disco foi lançado em 2 de dezembro de 1959, eu tinha apenas um ano e dois meses, incompletos. Gosto de pensar como algo tão antigo, quase que da minha idade, pode me ser tão valioso. Este é um disco que desde que me entendo por gente, ouço. E ele já tocou em setups meus sofríveis, e só começou a ter o respeito devido e merecedor quando tive meu Thorens TD 124 com cápsula Stanton 500. Aí que comecei a entender a complexidade e genialidade dos arranjos. É outro disco atemporal! Até meu filho curte.

Mas foi de 2012 para cá que este disco ganhou a importância que merece para a Metodologia, por ajudar a avaliar os quesitos: equilíbrio tonal, corpo e textura. O naipe de metais e os solos de clarinete, trompete e sax, exigem demais do sistema. Em um sistema acima de 95 pontos bem ajustado, é um deleite escutar este disco, mas é acima de 100 pontos, onde você pode ouvir nos volumes certos para uma big band, que o bicho pega.

Aqui se o sistema não estiver um “brinco”, não rola! O Nagra foi alguns quilômetros à frente ao permitir: volume correto, texturas impressionantes e um equilíbrio dos solos de trompete, saxofones e clarinetes, sem agressividade, e um realismo de nos arrepiar os pelos dos braços (e olhe que sou duro para isso ocorrer).

Chegamos no último exemplo que gostaria de compartilhar, antes de minha conclusão final.

We Want Miles, do Miles Davis, gravação ao vivo de uma turnê de 81, com faixas das apresentações em Boston, Nova York e Tóquio. Quem tem este LP sabe da diferença “irritante” da qualidade técnica de cada faixa. Algumas soam até que bem, para uma apresentação ao vivo, mas é impossível manter o mesmo nível em ambientes tão distintos.

Também é um disco como tantos outros, que abstraio a limitação técnica e foco na qualidade artística. Ele exige demais do setup, principalmente da cápsula e do pré de phono - na maioria dos setups o som é magro, a região média é predominante, matando as duas pontas. E como a região média predomina, muitos detalhes de percussão e teclados somem nos solos longos (típicos das formações a partir dos anos 80 do Miles).

Tenho a prensagem nacional, feita pela Bruno Blois em comemoração aos seus 25 anos, uma prensagem inglesa (presente do amigo Tarso - nosso colaborador), e em CD a versão japonesa.

Adivinhem qual escuto mais? O CD, pois até então era a mais equilibrada.

O Nagra, se meu pai estivesse vivo, diria que veio botar ordem no galinheiro, com sua exuberância e sua folga infinita. Ele só não fez milagre com a prensagem nacional, neste caso é ainda melhor ouvir o CD japonês. Mas com a prensagem inglesa, meu amigo, que show! Foi possível ouvir os detalhes (importantes de andamento, contraponto e de cama harmônica), e quantos detalhes!

CONCLUSÃO

Ainda tinha tanto para contar, meu amigo!

Mas sei que as novas gerações são avessas a textos longos, e os mais velhos avessos a ler a revista em uma tela de computador, então acho melhor acabar antes que perca os leitores jovens e os de mais idade. E só sobre os de meia idade, rs!

Como sempre escrevo, na armadilha de que este é o “melhor do mundo”, esqueçam que jamais me verão escrever tamanho descalabro! Pois sem ouvir todos, é impossível afirmar isso.

O que posso afirmar, sem o risco de estar cometendo alguma injustiça com todos os que ainda não testamos, é que este Nagra com sua fonte interna já é o mais refinado e correto em termos de timbre e equilíbrio tonal, de todos os prés de phono já testados por nós.

E com a fonte externa, ele ultrapassa ainda mais este tão alto grau de correção.

Ele se coloca em uma situação tão confortável, que se torna a opção mais inteligente e segura para todos que querem o nirvana sonoro, utilizando-o com sua fonte interna.

E para aqueles que desejam extrair o supra sumo de qualquer gravação analógica, e ombrear o LP com as fitas analógicas de rolo, sugiro ele com o uso da fonte PSU externa. Com ela, este pré de phono é simplesmente a maior nota da revista em seus 25 anos de existência! ■

**NAGRA CLASSIC PHONO
(COM USO DA FONTE INTERNA)**

NOTA: 110,0

**NAGRA CLASSIC PHONO
(COM USO DO CLASSIC PSU)**

NOTA: 115,0

AVMAG #273

German Audio

contato@germanaudio.com.br

Preço sem fonte: R\$ 185.600

Fonte externa PSU: R\$ 148.800

O conjunto com desconto, saí por:

R\$ 284.240



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

www.vc.rdesign.com



**O melhor integrado
produzido no Brasil**

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAg.*



Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

ÁUDIO

AMPLIFICADOR STREAMER QUAD ARTERA SOLUS PLAY

Fernando Andrette



Quero que o amigo leitor preste muita atenção neste teste, pois ele quebrou inúmeros paradigmas que venho ressaltando há tanto tempo, e que às vezes me sinto 'pregando no deserto'.

E quais são esses paradigmas? Primeiramente: o velho problema de que produtos hi-end são caros e inacessíveis! Segundo: de que produtos compactos que oferecem um 'pacote' de soluções nunca oferecem tudo no mesmo nível de performance. E terceiro: que o hi-end não consegue atender ao consumidor que deseja algo bom, barato e com um design moderno e compacto. Pois o Artera Solus soluciona todas essas três questões de forma criativa e muito consistente.

Foi sem dúvida um dos produtos que mais nos deu prazer em ouvir e testar. E a certeza de que o hi-end está realmente se tornando acessível a todos que clamam por uma qualidade sonora com conforto auditivo, sem se preocupar em vender a 'alma' ao sistema financeiro.

O belo Artera Solo Play foi projetado pelo veterano engenheiro da Quad, que foi o responsável por toda a série Artera: Jan Ertner. Ele e sua equipe, ao desenvolver esta nova série, tiveram em mente atender tanto ao audiófilo que sempre admirou a marca, como também o

melômano que sempre sonhou em ter um Quad, mas esbarrava no quesito 'preço'!

No pacote, o consumidor estará levando: um pré-amplificador de linha, um power de 75 Watts classe AB (e não um classe D), um amplificador de fone de ouvido, um DAC com Streamer e, pasmem: um transporte de CD, construído sob encomenda pela JVC.

Ou seja, a Quad ainda, como eu, acredita que muitos audiófilos e melômanos não caíram no canto da sereia, e desejam manter sua coleção de discos platinados. Por isso meu enorme interesse em testar o Artera Solo, quando o Fernando Kawabe o colocou à disposição para teste.

No painel frontal, como de toda a série, temos uma tela circular de 2 polegadas com todos os seus controles de toque, o slot de carregamento de CD, o comando para ejetar o disco e o botão standby. Um pouco abaixo desses comandos temos a saída de fone de ouvido, e um receptor infravermelho para o controle remoto - este funcional e completo. No painel traseiro temos: duas entradas analógicas (RCA) e cinco entradas digitais, uma USB (tipo B), duas óticas e duas coaxiais. ►

Existe também uma saída analógica variável, caso o consumidor de-seje usar um power com maior potência. E os terminais de caixa estéreo, e a entrada IEC.

Tenho absoluta certeza que 100% dos consumidores utilizarão o controle remoto, pois como nele se encontra todos os comandos, o usuário não precisará ficar memorizando-os na tela de 2 polegadas. Então mantenha sempre pilhas de reserva, para o controle remoto da Quad.

O que mais irá chamar a atenção do comprador do Artera Solus Play, de imediato, é seu peso e construção, que o colocam em um lugar no topo em matéria de produtos compactos bem feitos e bem projetados.

Se, além de mídia física, o ouvinte tiver música em seu computador, basta conectar na entrada USB e providenciar o download do driver DSD Artera Quad - é fundamental este procedimento para desbloquear gravações superiores a 24/96 PCM e compatibilizar com resoluções DSD 256.

Para o teste, utilizei o Innuos Mini Zen com fonte externa, e vários cabos USB ligados no Artera Solus Play, assim como o transporte da Nagra utilizando a entrada coaxial. Além de tocar todos os discos da Metodologia diretamente no Artera. As caixas acústicas utilizadas foram: Elipson Legacy 3210, Elac Debut Reference DFR 52 e, só por curiosidade, vi como os 75 Watts do Quad soariam na Wilson Audio Sasha DAW. Mas claro que, por uma questão de coerência, a caixa que fechou o teste do Artera, e que passamos todos os discos da Metodologia, foi a Elac. E foi um casamento exemplar! Tanto em termos de compatibilidade, assinatura sônica e preço, claro.

O Artera veio com aproximadamente 80 horas de uso, o que ajudou muito no tempo de amaciamento, e nos permitiu desde a primeira impressão deixá-lo sempre à mão, para nos ajudar a amaciar alguns cabos USB, de força e de interconexão que estão em fase de queima.

Para o fechamento de nota, utilizamos o cabo USB da Oyaide Continental 5S V2 (leia teste na edição de agosto) e o cabo de força também da Oyaide, modelo Tunami GPX-R V2.

O ideal é o consumidor deste produto ter paciência, e aguardar pelo menos 150 horas antes de sair apresentando aos amigos seu 'novo brinquedo', e não se esquecer de também realizar devidamente a queima do seu DAC interno por este mesmo período de tempo. Para ser bem criterioso, me pareceu que o DAC se beneficiará de mais umas 30 a 50 horas além do pré e power.

O processador do DAC do Artera é o ESS Sabre ES9018, com opção de quatro filtros e, na conversão do CD interno, somente os filtros Smooth, Wide e Fast podem ser acionados. O fabricante chama de filtro padrão o Smooth, e o descreve como uma resposta plana para a

reprodução de um som claro, suave e aberto. O filtro Wide é descrito com uma taxa de atenuação bem suave e um excelente domínio de tempo. O filtro Narrow é descrito como ideal para uma reprodução mais limpa, detalhada e menos 'artificial'.

E o filtro Fast - disponível apenas para fontes externas digitais - como seu nome diz, tenta deixar a resposta de transientes mais precisas, e as duas pontas com maior extensão.

Eu sinceramente sou muito descrente de todos os filtros que tive a disposição, em centenas de DACs e CD-Players testados, pois cada filtro em um determinado disco soa de forma muito distinta e, outras vezes, de forma tão sutil, que fico me perguntando se realmente se trata de um recurso tão necessário. Meu DAC atual não possui nenhum filtro, e o DS-10 da Gold Note (leia nesta edição Teste 1) possui mais de uma centena de opções de filtros (fora os que você pode personalizar) - e depois de testar por 10 dias uns 30 filtros, e ver que também cada um funcionava para um determinado disco e outro não, desisti, e acabei encerrando em teste sem utilizar nenhuma das centenas de opções. Pois o DAC soou tão bem com todos os discos, sem este recurso, que deixo para quem aprecia passar os dias descobrindo esses recursos adicionais.

Então, depois de ver as opções dadas pelo Artera Solus, eu fechei a nota do produto no filtro Smooth. Li nos fóruns que inúmeros usuários também preferiram este filtro, mas alguns reclamaram que o foco da imagem se tornou menos preciso. Sinceramente, não foi este o caso aqui em nossa sala com as caixas corretamente posicionadas. Pelo contrário, o foco e o recorte foram muito precisos.

Mas o que me chamou a atenção do Artera Solus, é como foi bem resolvido pelo fabricante a tão difícil equação entre transparência e musicalidade. Foi muito feliz em termos de resultado, pois temos um grau de envolvimento com o acontecimento musical que se mostrou a escolha certa. A música está sempre em primeiro plano, e não os detalhes.

Seu equilíbrio tonal é bastante correto, com graves presentes, em corpo, extensão e energia - fazendo-nos duvidar dos seus 75 Watts. E o principal: autoridade! A região média é quente, sedosa, com boa transparência, mas nunca de forma a fazer o detalhe se sobressair ao acontecimento musical. E os agudos, ainda que não tenham muita extensão, possuem velocidade, decaimento suave e bom corpo.

O soundstage é maior em largura e altura, do que em profundidade. Mas nenhum problema em gravações com excelente holografia 3D, em termos os planos bem posicionados no imaginário palco sonoro.

Gostei muito da apresentação das texturas (graças ao muito bom equilíbrio tonal), e a capacidade de nos apresentar as intencionalidades tanto técnicas como artísticas, nos deixando apreciar as diversas qualidades de gravações de quartetos de cordas. ▶

ÁUDIO

Os transientes são corretos, com excelente apresentação de tempo e ritmo. Para os amantes de música amplificada, o Artera Solus faz excelentes apresentações neste quesito.

A microdinâmica é muito boa, graças ao seu grau de transparência, e a macro é justa em mostrar os degraus dinâmicos, mas sem nenhuma pirotecnia. Se você é um adepto de coices no peito, o Artera Solus não será o parceiro certo. Mas, para todos que apreciam a música mais do que os tiros de canhão, com a caixa correta em termos de sensibilidade a macrodinâmica é muito boa.

O Corpo Harmônico foi outra grata surpresa, pois é difícil nesta faixa de preço termos um corpo tão próximo do que foi gravado.

E a organicidade, nas gravações com excelente nível técnico, nos colocou os músicos à nossa frente.

Essa primeira descrição aqui feita foi avaliando o DAC interno, ligado ao Transporte da Nagra com os cabos coaxiais Quintessence Aniversário da Sunrise Lab, e Virtual Reality.

A seguir, repassamos toda a Metodologia ouvindo os discos no transporte do próprio Quad. O nível de performance obviamente caiu, mas não tanto como eu imaginava que aconteceria. E a assinatura sônica (o mais importante), com o equilíbrio entre transparência e musicalidade, foi integralmente preservada.

Nesta situação acho que valerá a pena uma avaliação dos três filtros disponíveis, pois achei que as diferenças ficaram mais 'audíveis'. Eu continuei utilizando o mesmo filtro quando usando o transporte externo, mas pode ser que muitos prefiram uma das outras opções.

É uma questão de experimentação.

O que mais perdeu? Certamente esta seja a principal pergunta a se fazer. Diria que o equilíbrio tonal perdeu muito pouco (o que é excelente), mas o soundstage, principalmente nas três dimensões, tudo ficou mais apertado (ou, como um amigo percebeu, foi como se tudo tivesse sido gravado em ambientes menores e com menos reverberação).

As texturas perderam um pouco de mostrar a intencionalidade (principalmente as mais sutis). A macrodinâmica perdeu alguns degraus entre o forte e o fortíssimo, e a materialização física ficou um pouco mais difícil de enganar nosso cérebro de que os músicos estavam à nossa frente.

Claro que ninguém irá ligar o Artera Solus Play a um transporte como o nosso de Referência, mas nosso papel é 'radiografar' todo o potencial de um sistema que oferece um pacote de opções.

E certamente muitos também terão arquivos em alta resolução em seus computadores e um streamer externo. Então nossa conclusão é que o DAC, o pré de linha e o power do Artera Solus estão no mesmo nível de performance (o que é excelente para a sua faixa de preço) e o transporte interno de CD está uns degraus abaixo do resto.

E o amplificador de fone? Surpreendentemente, está no mesmo patamar do DAC, pré de linha e power! Para o teste do amplificador de fone, utilizamos os fones: Kuba Disco (leia teste na edição da Audiofone deste mês) e o Grado SR325x.

CONCLUSÃO

Conseguir um pacote tão homogêneo e com este padrão de performance, por menos de 18 mil reais, é um acontecimento digno de ser comemorado.

Vou dizer de maneira enfática: se o seu objetivo é construir um sistema minimalista gastando, no pacote completo (sistema e um par de caixas) 25 mil reais, obrigatoriamente você terá que ouvir o Artera Solus Play com alguma boa caixa que custe até 10 mil reais.

Claro que ainda faltará o par de cabo de caixa, e um cabo de força melhor do que a Quad disponibiliza (isso se você acredita que cabo de força seja importante). O cabo de caixa Trançado da Virtual Reality será a melhor opção por menos de 1.000 reais, e o Oyaide utilizado neste teste pode ser uma ótima opção.

Este pacote todo, não chegaria a 30 mil reais! E eu lhe garanto que estará com um sistema hi-end para muitos e muitos anos. Sem restrição alguma a estilos musicais, e com enorme 'condescendência' com discos tecnicamente ruins!

Trata-se de uma excelente notícia em um ano tão difícil como este para a humanidade. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8PLQYH9ZQH0](https://www.youtube.com/watch?v=8PLQYH9ZQH0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NGLU6OZJZV4](https://www.youtube.com/watch?v=NGLU6OZJZV4)

**AMPLIFICADOR STREAMER
 QUAD ARTERA SOLUS PLAY
 (COM O TRANSPORTE
 INTERNO)**

NOTA: 76,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

**AMPLIFICADOR STREAMER QUAD
 ARTERA SOLUS PLAY (COM UM
 TRANSPORTE EXTERNO OU PC)**

NOTA: 83,0



ESTADO DA ARTE

**AVMAG #277
 KW Hi-Fi
 (11) 95422.0855
 (48) 3236.3385
 R\$ 15.900**



Se você não pode se opor, junte-se a eles. Essa é uma solução usada em vários campos de batalha, como nos negócios, nos esportes e na política. E por mais resistente que alguém seja à uma ideia, ou a uma tendência, é melhor saber a hora de depor as armas do que ser visto como aquele 'conservador' ranzinza!

Eu já vivi essa situação antes, e na minha mente foi logo ali, e não precisos 30 anos atrás! Quando levei até onde foi possível minha resistência em adquirir meu primeiro CD-Player. Fato que só fiz por obrigações profissionais, já que as resenhas que escrevia de música na Audio News deixaram de ser enviadas pelas gravadoras em LP, e passaram a ser entregues apenas em CD.

Não desejo ser o último 'Don Quixote' e repetir o mesmo erro, já que os fatos estão aí para não deixar dúvidas que o streaming venceu e, daqui para frente, ou você aceita essa nova realidade, ou estará fadado a não desfrutar de milhares de gravações que jamais irão sair em mídia física!

Então, minha peregrinação por este novo formato começou exatamente no final do ano passado, quando tive acesso a alguns servidores de música e streamer. Os que nos acompanham regularmente, sabem claramente da minha posição em relação à qualidade final desta nova plataforma. E deixo claro, sem firulas, que ainda não chegou lá, quando comparado diretamente com qualquer mídia física (fita de rolo, vinil ou CD), mas que caminha a passos muito mais largos e seguros do que o CD, para muito em breve chegar lá - é muito mais fácil quando já se conhece o caminho das pedras, então certamente não irá por caminhos erráticos por duas décadas, como foi o CD.

Sendo notório o quanto algumas empresas que desenvolvem servidores de música hi-end, estão seguros do estágio que se encontram.

Os nossos leitores têm muitas dúvidas do quanto investir em um servidor de música ou streamer, e essa é uma questão que envolve muitos lados. O que tenho dito é: não se desfaça de sua mídia física e, se for necessário abrir mão do CD-Player ou transporte, invista em um servidor de música que consiga ripar seus discos com a melhor fidelidade possível.

E lembre-se: mantenha o melhor DAC possível, ainda que o servidor de música possua um DAC interno de boa qualidade.

A outra questão essencial: invista no melhor cabo digital entre seu servidor e seu DAC. Independente do cabo ser USB, coaxial ou ótico. E se tiver que ripar todos seus CDs, certifique-se que a qualidade não o deixará frustrado. Pois ouvir um disco de referência que não soa mais como você ouvia, é frustrante demais (algo que creio ser inconcebível para grande parte de nossos leitores).

Outras perguntas que me fazem: o que acho ainda tão distante da mídia física? Depende da mídia. Se for a digital, os pontos fracos do streamer são: textura, soundstage, corpo e, nos mais modestos, equilíbrio tonal. Em comparação com as mídias analógicas, aí o buraco é mais embaixo ainda.

Então, para mim, ele não me atende satisfatoriamente nem para uso pessoal e muito menos para uso profissional. Tanto que consigo ouvir ele no nosso Sistema de Referência, no máximo por 2 ou 3 horas. E somente para conhecer novas gravações, nunca para ouvir algo que ►

ÁUDIO

eu tenha em mídia física. Acho que deixei 'explícita' a minha opinião pessoal em relação aos servidores de música, mas isso não me isenta de testá-los e apreciar as evoluções consistentes alcançadas recentemente.

O Servidor de Música Innuos Zen Mk3, de todos que tive acesso neste ano, é o que mais me surpreendeu (principalmente a qualidade das cópias dos CDs, dos rips) e ele traz enormes melhorias na reprodução de streaming em relação aos outros testes já publicados.

A Innuos é um fabricante relativamente novo. Fundada em 2009 por Nuno Vitorino e Amelia Santos, é uma empresa que mantém um pé no Reino Unido, onde os produtos são concebidos, e o outro pé em Portugal, onde são fabricados. Não sei como ficou essa logística com a saída do Reino Unido da União Europeia, mas me parece que nada foi alterado.

O conceito da empresa sempre foi oferecer streaming de música digital em sistemas de áudio hi-end. E, como todo começo tem uma história, a de Nuno Vitorino foi que ele montou seu primeiro servidor de música em sua garagem, mostrou aos amigos, parentes, ofereceu no eBay, e vendeu mais de 200 unidades em apenas seis meses! Este foi o 'sólido' pontapé inicial na carreira deste promissor projetista, com uma mente muito aberta e capaz de encontrar soluções onde os outros veem obstáculos.

A Innuos, no momento, possui quatro produtos: o Zen Mini, Zenith Mk3, Zen Mk3, e o topo de linha, o modelo Statement.

O produto que mais vi comentários entusiasmados nos fóruns internacionais, foi o Zen Mk3, pois parece ser, de todos os quatro produtos, o que possui melhor relação custo/performance. Dizer que é uma unanimidade é um risco desnecessário (principalmente nos dias atuais em que as pessoas andam com os nervos à flor da pele), mas é de longe o produto mais comentado e elogiado e, antes da pandemia, o queridinho dos eventos de áudio internacional, presentes em dezenas de salas de demonstração. Então foi fácil definir o primeiro Innuos que gostaria de testar aqui no Brasil.

Em termos de recursos, o consumidor pode começar com a versão inicial, de 1 TB, e ir realizando upgrades no HD até chegar a 3 TB, se desejar ou necessitar. Todos os produtos Innuos possuem apenas saídas USB e de rede, para que o consumidor possa usar um DAC com entrada USB, e portas Ethernet duplas com transformadores de isolamento para filtrar ruídos e melhorar a qualidade de som. Uma porta é utilizada para os dados de entrada e a outra para os streamers conectados. Você pode, por exemplo, ignorar seu roteador e conectar um streamer adicional diretamente ao Zen, por meio de uma segunda entrada Ethernet que oferece (segundo o fabricante) um sinal mais silencioso quando comparado a uma conexão direta do roteador.

Com um gabinete modesto, mas muito bem acabado, o Zen não será a 'menina dos olhos' de nenhum setup - até entrar em operação e mostrar suas virtudes!

Se você não abre mão de uma tela LCD no seu music server, esqueça o Innuos, mas se sua essencial preocupação é confiabilidade e performance, este é um produto a ser considerado em qualquer linha de frente.

O novo Zen Mk3 teve muitas mudanças em relação à versão anterior. Agora ele utiliza uma nova fonte de alimentação linear com reguladores de ruído ultrabaixo (40 uV), pés anti-vibração assimétricos, memória de 4GB para reprodução, e 8GB de RAM total. O Zen Mk3 carrega sua música diretamente para a memória para a reprodução, não sendo necessário conectar o disco rígido. Com isso, a Innuos afirma que a qualidade do som é ainda melhor (fato que concordamos integralmente).

O Zen Mk3 pode ser conectado ao seu roteador wireless ou diretamente via cabo. Depois de definida essa etapa, você só precisa entrar no "my.innuos.com" em seu smartphone ou navegador desktop, para acessar o painel de controle Innuos. Você terá uma enorme quantidade de opções para incluir: uma interface para ripar seus CDs, seleção de modo, rotina de backup e importação de arquivos de música.

Caso você não tenha o Roon (nossa mais veemente escolha para quem vai utilizar qualquer modelo da Innuos), você também pode usar o aplicativo iPeng 9, que funcionará com iPhone, iPad ou iPod touch. Ou o aplicativo Squeezer, para telefones Android, que é gratuito.

Utilizamos durante todo o teste as plataformas Qobuz e Tidal. E, depois de programado, o Zen Mk3 se conectou sem nenhum problema, sendo fácil de navegar e tendo tudo à mão sempre. Para o comparativo entre o disco ripado e as mídias originais físicas, copiei todos os discos utilizados na nossa Metodologia de Testes, mais uma coleção de 20 DSDs (incluindo os dois lançados pela CAVI Records: André Mehmari e André Geraissati). Também utilizei algumas produções musicais do meu filho, armazenadas em seu notebook em 24-bit / 96 kHz, para ouvir passando pelo Zen e diretamente ligado ao TUBE DAC da Nagra.

Tivemos a oportunidade de ficar por dois meses com o Zen Mk3, o que nos deu tempo de folga para ouvir muita música em todas as formas permitidas por este servidor de música.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Nosso Sistema de Referência (na maior parte do tempo), os integrados Hegel H390, e Sunrise Lab V8 SS. Cabos USB: Dynamique Zenith Mk2, e Quintessence da Sunrise Lab. Caixas acústicas: Wilson Audio Sasha DAW, Elipson Legacy 3230, e Q Acoustics Concept 300. Cabos de força no Innuos: Transparent PowerLink MM2, G5 Reference, e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de caixa: Dynamique Apex, Sunrise Lab Quintessence, e Feel Different FDIII.



Como escrevi no último Espaço Aberto, edição de dezembro, é inegável o universo que temos acesso ao assinar uma plataforma como Tidal, e descobrir uma infinidade de excelentes gravações. Neste momento, minha coleção pessoal no Tidal é de 976 discos. Alguns realmente espetaculares artisticamente. E foi por essa coleção de excelentes gravações que iniciamos nossas observações.

Como não vi em lugar algum sugestão de tempo de amaciamento, resolvi começar por ouvir sem fazer nenhum tipo de anotação inicial. Comparando apenas o Zen Mk3 com os mais recentes concorrentes que tive a oportunidade de escutar em nossa sala. A diferença do Zen Mk3 para os dois Cambridges que testei é um sistema solar inteiro! Trata-se de outra louça - não há nenhum tipo de comparação possível.

As pontas tem muito maior arejamento, o equilíbrio tonal pode ser considerado corretíssimo e, com isso, temos uma apresentação de

texturas muito mais próximas do que apreciamos nas mídias físicas. A primeira diferença foi tão imediata, que consegui escutá-lo por quase 4 horas sem perda de interesse ou resquício de fadiga auditiva. E nessa primeira audição, os discos escolhidos foram todos pela qualidade artística e não técnica.

Animado, comecei o segundo dia com inúmeras gravações do selo ACT (leia Playlist da edição de dezembro). Separei 20 discos e os escutei na íntegra. Como tenho apenas 4 CDs em mídia física deste selo, procurei no Tidal essas gravações para fazer um aXb no final do dia.

Fiquei surpreso como o Zen Mk3 consegue resolver um problema por mim citado em todos os music server que já escutei ou testei: a sensação de um som sempre mais bidimensional. Mesmo em gravações em que este quesito é uma referência em termos de largura, profundidade e altura. ▶

ÁUDIO

Pela primeira vez, os instrumentos tinham um foco, recorte e planos corretos e muito mais próximos da mídia física. O que privilegia enormemente o conforto auditivo e faz com que o nosso cérebro relaxe e aprecie os detalhes. Realmente o padrão de qualidade das gravações do selo ACT são de muito alto nível! Se você deseja gravações de alto nível artístico e técnico, vale a pena conhecer este selo!

No final do dia, fiz a 'a prova dos nove': ouvi primeiro o streaming dos 4 discos que tenho em mídia física da ACT, e depois coloquei o CD. Continua sendo uma covardia, amigo leitor. Em resumo, diria que com o streaming estamos ouvindo os músicos a uma distância que não nos permite interagir com o acontecimento musical. É tudo 'plasticamente' correto, nada que desabone, mas quando se troca para a mídia física, os músicos estão lá, à nossa frente materializados, respirando conosco no mesmo ambiente.

Um grande amigo que coloquei esses 4 exemplos para ouvir nas duas versões, sintetizou bem - para ele o streaming é apenas o espectro físico, sem a materialização. Achei perfeito, pois é o que falta para o seu cérebro deixar de ficar em dúvida e fazer a imersão final!

Curioso com as diferenças, ripei os quatro discos, para mais adiante voltar a fazer o mesmo comparativo.

Como sou extremamente metódico e cuidadoso com a aplicação da Metodologia, trabalhei minha curiosidade e deixei essa etapa para a fase derradeira de notas.

Em termos gerais, a performance do streaming nos oito quesitos de nossa Metodologia foi excelente, pois se mostrou um equipamento Estado da Arte de muito bom nível. E arrisco dizer que certamente atenderá a todas as expectativas de 80% de nossos leitores.

E se tivesse que escolher um Servidor de Música neste momento, para poder ser nossa referência de teste para futuros servidores, eu ficaria com este Zen Mk3 sem pestanejar. Pois seu custo/performance é excelente.

Mas, como nossas referências musicais são todas mídias físicas, prefiro investir menos em um bom servidor e melhorar outros componentes do sistema que acho mais primordiais. Como receberemos em breve o Zen Mini com fonte externa para teste, se ele me atender como servidor para reproduzir minha coleção pessoal, será este o investimento em streaming para 2021. Pois uma coisa é certa, não dá para adiar por mais tempo este investimento, tanto pela seção Playlist mensal, como para estar atualizado com os lançamentos musicais só existentes nesta plataforma.

Então, amigo leitor, no final teremos a nota do Zen como reprodutor de streaming e como leitor de mídia física copiada no seu HD interno.

Depois de três semanas curtindo minha coleção pessoal, e 'pescando' mais algumas preciosidades para escutar no Zen Mk3, passei a

ouvir os discos da nossa Metodologia e os produzidos por nós. Afinal são gravações que conheço em detalhes.

Fiquei surpreso com a qualidade e fidelidade do rip. Aqui, nessas condições, se você não tiver como fazer um aXb, você se dará por satisfeito. E não achará nenhum problema em conviver com toda sua coleção ripada pelo Zen Mk3. As diferenças são bem menores que ouvindo a versão streaming. Existem? Sim, mas agora estamos falando de detalhes, como quando comparamos, em um sistema muito bem ajustado e sinérgico, cabos de caixa ou powers do mesmo padrão.

O que aqui buscamos, nesse caso, é entender as diferentes assinaturas sônicas e não diferenças entre o certo e o errado (este é um tema que ainda terei que abordar neste ano, pois muitos ainda teimam em achar que em áudio não existe certo ou errado - trataremos deste assunto em algum Opinião neste ano).

Então, a atenção precisa ser redobrada, pois muitas diferenças estão no domínio da 'sutileza'. Mas, em um sistema correto, serão perceptíveis, em todos os quesitos da Metodologia. Peguemos o Água de Beber, do Genuinamente Brasileiro vol 2. A moringa e o violão atrás das seis vozes que estavam à frente (a mais de 2 metros à frente): na mídia física este maior arejamento entre as vozes (uma ao lado da outra) é muito mais bem recortado, e o silêncio em volta de cada voz e dos dois instrumentos acompanhantes, muito mais bem delineado em termos de espaço físico. No Zen Mk3, este silêncio e o arejamento é menor - sem, no entanto, comprometer o foco, recorte e planos.

Vamos ao quesito Textura, nesta mesma faixa. As cordas de nylon do violão são muito mais naturais e precisas na mídia física, assim como os ataques na moringa, feitos com o anel no dedo indicativo da mão direita do músico (viu como é essencial estar presente na gravação para poder ter os detalhes dos detalhes?). O mesmo ocorre com as inflexões das três vozes femininas e masculinas, sendo mais precisas, orgânicas na mídia física.

Não vou me estender pelas 100 faixas utilizadas para fechar as notas de cada quesito, mas um último exemplo se faz necessário, que é nossa gravação DSD do Lachrimae do André Mehmari. Uso muito a faixa 12 para o fechamento de nota do equilíbrio tonal e transientes. Tem uma nota em que ele usa a técnica de dobrar os dedos para atacar a nota. Aliás, uma nota na última oitava da mão direita, o que mostra escancaradamente a qualidade de resposta de transiente como também o equilíbrio tonal nos agudos (novamente um exemplo de certo ou errado no áudio, que tantos ignoram). Já ouvi inúmeras barbaridades neste exemplo, que só ele daria para escrever dois artigos da seção Opinião.

Em sistemas com transientes 'flácidos', parece que ele ataca a nota com displicência, ou menor intencionalidade. Enquanto que em sistemas com resposta de transientes corretos, o sujeito que estiver



sonolento dará um pulo na cadeira e acordará imediatamente. E, quanto ao agudo, já vi sistemas caríssimos reproduzirem essa nota como se o piano fosse de vidro e o martelo da tecla não tivesse feltro algum. Ou seja, de doer o tímpano esquerdo (pois essa nota soa dentro da caixa esquerda, pois pusemos a posição real que o piano estava na sala de gravação, com a mão direita, as teclas agudas, mais próxima fisicamente do ouvinte - estes detalhes de 'real time' e posição física dos instrumentos na sala de gravação, fazem toda a diferença para que seu cérebro acredite não ser mais reprodução eletrônica). No Zen Mk3, felizmente esses erros não ocorreram, o que se mostrou diferente da mídia física foi apenas no ataque do transiente e um nadinha a menos de extensão no decaimento da nota.

Mas, som de vidro ou flacidez? Nenhuma possibilidade!

CONCLUSÃO

O Zen Mk3 é um excelente servidor de música, e o seu pacote entrega absolutamente tudo que se propõe.

Para os que decidiram trilhar essa estrada e abrir mão de qualquer mídia física, não conhecer este Innuos será um erro imperdoável, e que pode levá-los a lamentar posteriormente.

Como todo produto hi-end de ponta, exige cuidados como cabos, instalação, assinar o Roon para ter a melhor performance possível, e um DAC de alto nível. É o melhor servidor de música que testamos até o momento e pode atender perfeitamente o usuário que deseja descomplicar seu sistema, deixando-o mais minimalista sem perder o padrão de qualidade já alcançado.

Como toda nova topologia tecnológica, a briga será cada vez mais acirrada, então os fabricantes que no momento despontam em termos de confiabilidade, praticidade e performance, devem ser colocados como as melhores opções em qualquer lista.

Altamente recomendado, principalmente aos que decidiram abrir mão de suas mídias físicas. O Zen Mk3 irá preservar suas gravações de maneira muito competente!

Para os leitores ainda com muitas dúvidas a respeito da plataforma Roon, pedi a um querido amigo, estudioso, usuário e apaixonado por tecnologia digital, que fizesse um artigo didático explicando as vantagens do Roon. Achei melhor colocar o texto do Antônio Buarque em um box à parte.

Acho essencial a todos que pretendem entrar neste 'admirável mundo novo', a leitura, pois certamente ele irá tirar muitas dúvidas que muitos possam ter. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PRKFVGTVMIM](https://www.youtube.com/watch?v=PRKFVGTVMIM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RLCG2FK-ABO](https://www.youtube.com/watch?v=RLCG2FK-ABO)

**SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS
ZEN MK3 (COMO STREAMING)**

NOTA: 88,0

**SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS ZEN
MK3 (COMO SERVIDOR DE MÚSICA)**

NOTA: 97,0

AVMAG #270
German Audio
 contato@germanaudio.com.br
 R\$ 24.650



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

DAC STREAMER GOLD NOTE DS-10 PLUS

Fernando Andrette



Tenho engavetado em meu notebook o esboço de um artigo Opinião, descrevendo minhas observações de como os DACs nos últimos cinco anos mudaram de 'patamar'. E não falo dos estratosféricamente caros, e sim de todos os DACs, desde os modelos mais 'de entrada' aos mais top.

Mas o que mais me chama a atenção nesta 'evolução' tão consistente, é que os DACs também se dividiram em duas 'escolas' com assinaturas sônicas muito distintas. E este seria o tema desse Opinião: discutir essas duas linhas em que os projetistas de áudio hi-end se embrenharam.

A primeira, e a mais solidificada, vem da virada do século, quando os principais fabricantes de CD-Players, Transportes e DACs hi-end conseguiram corrigir os problemas e as limitações que o digital tinha desde o seu nascedouro, no início dos anos oitenta. Basta dar uma lida nas publicações especializadas da virada de século, para notar que muitos fizeram a 'lição de casa' e conseguiram melhorar o corpo harmônico, o equilíbrio tonal e a dinâmica de seus produtos. E deste ponto de 'ebulição', as melhorias foram cada vez mais significativas.

No entanto, até cerca de cinco anos atrás, a tendência da grande maioria era possuir uma assinatura sônica que eu batizei de 'nervosa', como se fosse preciso ter sempre um grau de tensão adicional para

que o digital não 'falhasse' nas passagens mais críticas em termos de variação dinâmica. Pois caso não tivesse esta 'tensão' permanente, o produto poderia ser confundido com uma sonoridade letárgica. Mas muitos fabricantes também logo perceberam que este grau de tensão adicional trazia efeitos colaterais, como acentuar o que já era ruim tecnicamente, causando fadiga auditiva.

As maneiras de driblar este obstáculo foram muitas. Desde escolher topologias híbridas para amansar esta pujança, ou tentar contornar o problema com cabos digitais com fio de puro cobre, com cabos de força, pré de linha valvulado, etc. Mas um erro não se corrige mudando-o de lugar, principalmente em um setup hi-end.

Outros fabricantes foram ainda mais radicais em suas tentativas, ao retirar de seus produtos filtros e upsampling. E passamos a primeira década deste novo século vendo um desfile de soluções que, ao serem confrontadas com a realidade de uso no dia a dia, não se provaram ser as mais eficazes!

E como eu sei disso? Ouvindo que nenhuma dessas soluções resgataram minha coleção de CDs. Pelo contrário, a cada nova investida na direção de maior resolução, silêncio de fundo, maior poder dinâmico, mais e mais a minha coleção de CDs era reduzida a menos da metade.

Os que nos acompanham há mais tempo, estão exaustos de ver quantas vezes levantei essa questão nas seções Espaço Aberto, Opinião e até mesmo em testes de CD-Players, DACs e Transportes. Pois se tornou um problema recorrente e de difícil solução, já que nenhum fabricante se aventurava a abrir uma nova estrada.

E os que tentavam 'paliativos', como uso de válvulas na saída do áudio para 'humanizar' a digitalite, esbarravam na conseqüente perda de macrodinâmica, extensão nas altas, detalhamento na região média e, muitas vezes, uma sensação de que a música se tornava mais displicente em termos de tempo e andamento.

Em conversas internas eu sempre defendi que, enquanto a abordagem não fosse mudada, não haveria solução, pois o problema não era ter mais dinâmica e mais resolução, e sim o digital ter mais folga, como o analógico sempre teve.

E no que se traduz essa folga? Na capacidade do sistema reproduzir sem 'ficar sem fôlego' nas passagens mais complexas. E a 'tensão' só se apresentar quando a música exige. Conseqüentemente, inúmeras gravações expurgadas seriam resgatadas, o prazer auditivo seria elevado e a fadiga auditiva drasticamente diminuída.

Pois continuar batendo na tecla de melhorar ainda mais a macrodinâmica, para termos maior realismo, se tornou uma obsessão de muitos projetistas e não uma solução. Como diz um amigo meu: "Se queres macrodinâmica em sua sala, invista em um sistema de áudio profissional e não em um sistema hi-end" (e arque com a conseqüência de ficares surdo rapidamente).

Felizmente muitos fabricantes sacaram que enveredar pela busca do melhor equilíbrio tonal possível traria enormes benefícios na busca desta folga tão almejada, junto com maior conforto auditivo. E hoje o mercado colhe esses frutos de termos as duas opções para o consumidor escolher. Acho isso extremamente salutar, pois permite comparações instantâneas, permitindo que o audiófilo entenda perfeitamente as duas propostas.

Se ele deseja um sistema em que os detalhes sejam integralmente expostos e os fortíssimos surtam como uma patada em seu peito, ou se ele apenas deseja resgatar sua coleção de músicas integralmente.

Desculpe a longa introdução, amigo leitor, mas achei necessário para que você entenda exatamente de que lado o DAC Gold Note DS-10 Plus se encontra. Se o leitor leu atentamente o teste do integrado deste fabricante Italiano, publicado na edição passada, já sabe a resposta.

Mas, se não leu, vamos lá!

A Gold Note é uma empresa com apenas uma década de existência, que tem como filosofia oferecer produtos genuinamente Hi-End, porém com preços muito mais condizentes com a realidade

da esmagadora maioria dos audiófilos do planeta. Sendo assim, eles mantêm uma linha (chamada de entrada) a linha '10', e uma série de produtos top denominada linha '1000'.

O interessante é que ambas se conectam o tempo todo. O que isso significa? Que a assinatura sônica de ambas as séries têm o mesmo DNA. E muitas das soluções tecnológicas da série 1000, também são implantadas na série 10. E para que os que não podem ou não desejam comprar a série 1000, podem realizar upgrade no produto da série 10, para deixá-los mais próximos da linha top, com a implantação de fontes externas.

Como disse no teste do integrado IS-1000, o novo distribuidor oficial nos fez a gentileza de enviar para teste dois produtos da série 1000 (integrado e pré de phono) e dois da série 10 (O DAC DS-10 e o pré de phono PH-10) com suas respectivas fontes. O que nos permitiu comparar sonicamente ambas as séries e realizar os testes do DS-10 Plus com e sem a fonte!

Sediada em Florença, no sul da Itália, a Gold Note tem em seu portfólio mais de 50 produtos e conta com uma equipe de engenheiros com uma larga experiência em várias empresas de áudio hi-end na Europa.

O DS-10 foi inteiramente baseado no DS-1000, tendo a mesma filosofia de agregar um DAC, Streamer, amplificador de fone de ouvido e, no caso da versão Plus, um pré de linha analógico. E, ainda que em um gabinete menor, a performance é no mínimo 70% do DS-1000, chegando a 80% com o uso de sua fonte externa (PSU-EVO).

O gabinete segue os mesmos requintes da linha 1000: caixa de alumínio escovado, com uma base e pés para eliminação de micro-ressonâncias e vibrações do deslocamento de baixa frequência na sala de audição. No seu interior se encontra muita tecnologia de ponta, como ser Roon Ready e ter todos os serviços streaming, como: Tidal, Qobuz, Spotify e Deezer. Suporta Airplay, MQA, acessa armazenamento NAS, bem como faz leitura de drives USB, e é compatível com DSD64 em USB e LAN, e PCM até 24/192 de resolução.

O DS -10 Plus (e só o DS-10), oferece 7 entradas digitais: Ethernet, USB tipo A, AES/EBU, S/PDIF Coaxial, USB DAC tipo B, Toslink 1 e Toslink 2, e tem 2 saídas analógicas (RCA e XLR). Entrada para antena Wi-Fi, antena Bluetooth e conector GN Link.

Mas o seu grande diferencial é justamente seu DAC, apelidado pelo fabricante de 'Camaleão', por ter uma infinidade de recursos exclusivos, caso o audiófilo seja um fã ardoroso de ficar brincando com curvas de equalização para cada disco que ele escute. Neste caso, o usuário terá 192 opções! É isso mesmo, opções para o audiófilo passar anos descobrindo a que mais se adequa ao seu gosto e expectativa. Todas essas opções podem ser feitas em tempo real direto

ÁUDIO

do controle remoto, modificando o sinal, segundo o fabricante, tanto no filtro passa-baixa, como no De-ênfase e no nível de energia (mais tarde passarei minhas observações pessoais, não como editor, ok?).

Três dessas configurações aparecem na tela do DS-10, e as 'personalizadas' e armazenadas podem ser acionadas pelo botão giratório no painel frontal ou pelo controle remoto, como já escrevi algumas linhas acima.

O belo visor do lado direito do painel frontal indica uma série de funções. A maior é o volume, no caso do uso do pré de linha na versão plus (que vai de 0 a 100), o tipo de formato de áudio no canto esquerdo no alto, ao lado a função pré, DAC ou Mute, o formato do áudio (PCM ou DSD), e 'line out' ou 'line in' (no uso do amplificador de fone) no canto direito em cima do display: com High ou Low para o ajuste de sensibilidade do fone de ouvido, e o comando de intensidade de luz do display: alto, médio, baixo ou desligado.

No canto direito, embaixo, temos os presets (1,2 ou 3), e no canto direito a entrada que está sendo utilizada (Network, AES, USB-A, USB-B, Tos 1, Tos 2, Coax e Bluetooth). E, ao lado do display, o botão que funciona como comando para tudo, e como volume no caso da versão Plus.

O DS-10 Plus foi ligado ao nosso Sistema de Referência, usando como transporte o Nagra, alternando o cabo Coaxial Quintessence Aniversário da Sunrise Lab, e o AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable. E, para avaliação da entrada USB, utilizamos o Innuos Mini Zen com diversos cabos USB (Kubala-Sosna, Dynamique Audio Zenith 2, Sunrise Lab Quintessence, e Oyaide). Os cabos de força utilizados no DS-10 e na sua fonte externa foram: Transparent Audio G5 Reference XL, Sunrise Lab Quintessence Aniversário, Oyaide, e Transparent PowerLink MM2.

Começarei por compartilhar minhas impressões a respeito do amplificador de fone do DS-10. Para tanto, utilizei os seguintes fones: Sennheiser HD 800, Kuba Disco (leia teste na Audiofone deste mês), Grado Prestige SR352e, SR352x, e Meze 99 Classics.

Gostei muito do amplificador de fone, com excelente equilíbrio tonal, silêncio de fundo impressionante, e um conforto auditivo exuberante. Tanto com streamer (reproduzido no próprio ou via Innuos), como mídia física através do transporte Nagra. Os amantes de fones de ouvido se sentirão realizados ao ouvir o grau de refinamento e musicalidade deste amplificador de fones de ouvido. O legal é que ele identifica automaticamente, assim que você pluga o fone, não correndo o risco de acordar a família na calada da noite, caso você tenha esquecido de desligar o amplificador.

Foi possível ouvir detalhadamente as diferenças sônicas de cada um dos fones utilizados, tanto que para fechar a nota do fone Kuba Disco, utilizei ele.

Antes de dar prosseguimento ao teste, tenho que dizer que não consegui ouvir o pré de linha, pois como ele só tem um entrada e esta é uma P2 de 3.5mm, e não consegui um adaptador decente, acabei por abortar essa avaliação. Acho que este é o único 'pênalti' deste produto.

Acredito que devido ao seu tamanho e a quantidade de entradas digitais disponíveis, e todos os recursos, tenha realmente faltado espaço físico. Mas acho que seria preferível abrir mão de uma entrada Toslink, por exemplo, e colocar um par de entradas RCA, pois nos testes que os revisores conseguiram um eficiente adaptador, o resultado foi muito bom.

Então, a partir de agora, imaginem que estou avaliando o modelo DS-10 sem o pré de linha, OK? Pois ambos são idênticos.

Depois da avaliação do amplificador de fone, me dediquei a avaliar o streamer interno pelo aplicativo Roon, e pelo aplicativo da própria Gold Note (já que eu havia baixado para avaliar o streamer do integrado IS-1000). E, para comparar o Roon com o aplicativo da Gold Note, também utilizei o Innuos Mini Zen. Acho que 95% dos nossos leitores se darão por satisfeitos em usar o aplicativo da própria Gold Note, pois mais uma vez ele se mostrou excelente em termos de confiabilidade e facilidade através do celular.

Alguma diferença em relação ao Roon? Sim, o Roon parece soar com mais espaço entre os instrumentos e uma melhor precisão no foco e recorte. Mas sem uma audição AxB, não será possível achar que falta algo no aplicativo da Gold Note.

Em relação ao Innuos Mini Zen, ambos com a fonte externa, são muito parelhos. Mesmo utilizando os melhores cabos USB que tinha à disposição no período do teste. Ou seja, o consumidor que optar pelo DS-10 estará muito bem servido tanto nas questões de amplificador de fone como de streamer.

E como DAC? Voltemos à introdução deste teste, para me poder fazer entender. A Gold Note optou por seguir a estrada de maior folga e conforto auditivo. Então, para aqueles que apreciam a 'faca nos dentes', nem pense em perder seu tempo em ouvir o DS-10. Mas se, ao contrário, você clama por escutar aqueles seus discos que estão encostados pegando pó há anos, eis a sua oportunidade de resgatar sua discoteca integralmente. Pois se tem um conjunto de características em que o DS-10 é excepcional, é em nos permitir ouvir a música sem buscar detalhes.

Ela se apresenta por inteiro à nossa frente, de forma coerente, precisa e harmônica. Como se tudo estivesse sempre à espera apenas desta peça, para se encaixar e nos transformar de audiófilos tensos em melômanos satisfeitos.

Seu equilíbrio tonal é pleno sem arestas ou pontas pendentes. E quando isso ocorre, nosso cérebro se pergunta: não posso apenas ►

desfrutar deste momento sem ficar preocupado como o grave, médio e agudo? Sim, meu amigo, esqueça qualquer tipo de avaliação, pois a naturalidade com que tudo soa é a certeza de que não há nada fora de lugar ou com vales ou picos.

O soundstage é de uma correção exemplar, pois ainda que não tenha o grau de profundidade, largura e altura de outros DACs, que custam do dobro para mais, a forma com que ele 'ajusta' as três dimensões é generosa e inteligente.

Proporções por igual! Com isso, as audições se tornam plenamente confortáveis logo aos primeiros compassos. E aí novamente nosso cérebro indaga: não poderia ser sempre assim?

Sim, com o DS-10 pode, e seguindo em frente nos deparamos com as texturas, quesito tão sutil e ao mesmo tempo tão importante para nos mostrar as fragrâncias e as armadilhas que todo grande compositor adora pregar em seus ouvintes. O prêmio: quanto melhor a reprodução das texturas, mais se desnudam as intencionalidades, tão importantes para que nosso cérebro pare com sua tagarelice e ouça com atenção redobrada aquela obra que imaginava conhecer de trás pra frente.

Aqui seu cérebro já estará completamente rendido à magia e sedução do DS-10, e seguirá aonde a música o levar.

Este é ou não é o objetivo final de um produto hi-end? Fazê-lo querer que aquela audição cesse a fome, as preocupações e os fardos do nosso dia a dia?

Lembra quando falei, na longa introdução, da questão da letargia em escolhas híbridas, para amenizar os problemas do digital na virada do século?

O DS -10 tem uma enorme folga e conforto auditivo e, no entanto, não tem nenhum resquício de letargia ao apresentar os transientes e nos fazer bater o pé ao ouvirmos a deliciosa *Mystery Train* do CD *Come On In This House* do gaitista Junior Wells, ou a dançante *Tower Of Silence* do disco *Faces & Places* do genial Joe Zawinul.

Sim, o mesmo ocorre com a macrodinâmica deste DAC, que só aparece quando, na partitura, está escrito fortíssimo. Do contrário, estará sempre navegando por águas calmas, permitindo nos deleitarmos com cada nota e cada variação dinâmica no seu devido tempo. Isso sempre nos anima a tentar ouvir a pilha de discos renegados, e tirar a prova dos nove!

E aí se inicia um novo capítulo na longa caminhada de todo audiófilo: retornar para casa, reconectar-se às suas raízes, sua história - afinal, todos nós contamos nossa vida através dos nossos discos. Ninguém foge a essa regra.

E que situação mais incrível pode ter, de ouvir nossos discos e recordar a memória daquele momento?

O nosso setup deixou de ser a barreira para nos re-conectarmos com nossa memória musical. Finalmente resgatamos o objetivo essencial do hi-end: fazer nossa coleção soar sublime!

E o corpo harmônico, continua sendo a pedra no sapato? Sim e não. Se você não tem como referência gravações analógicas, ficará satisfeito com este quesito no DS-10. Pois ele está entre os melhores, com certeza.

Mas, comparado a um setup analógico bem ajustado, é mais ou menos como aquele Brasil e Alemanha no famigerado '7 x 1'. Não tem jeito, meu amigo, é a pedra no sapato do digital e muito pouco se tem o que fazer!

Agora, se uma coisa compensa a outra, muitos leitores com menos de 30 anos dizem que a resposta do 'digital versus analógico' é o nosso quesito Organicidade. Pois eles não conseguem conceber que o cérebro acredite em materialização física com 'plocs e plocs' soando junto com a música. E que no digital isso não ocorre.

Ok, o que eu posso argumentar com eles? E olha que já tentei, nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, ao dizer que em uma apresentação ao vivo também tem tosse, tem o mal educado que atende celular, fala alto, tem barulho de bala, chiclete. E para mim isso me desconcentra muito mais que alguns 'plocs' em minha sala de audição. Mas acho que não os convenci, rs!

Pois bem, o DS-10 é de uma capacidade de materializar o acontecimento musical à nossa frente de maneira surpreendente para o que custa! Se ombreando com DACs muito, mas muito mais caros!

Para explicar as diferenças entre o DS -10 com sua fonte interna e externa, deixei separado o quesito Musicalidade. Pois acho que ele exprime bem a diferença entre fazer ou não este upgrade.

Quando se coloca o PSU-EVO, e o cabo umbilical entre a fonte e o DS-10, o LED quando o DS-10 está armado em vez de azul, fica verde. A fonte, assim como o DAC, precisará de pelo menos 100 horas de amaciamento, e o melhor cabo de força que você puder usar (mas não precisa ser um Transparent G5, por exemplo). Para o teste final, utilizamos o Transparent PowerLink MM2 e o Oyaide Tunami GPX-R V2, com excelentes resultados, e ambos bem compatíveis com o investimento do DAC e da sua fonte externa.

O que no fundo, no fundo, você irá notar de imediato é que a música parece ficar ainda mais lapidada e confortável de ouvir. É como você pegar um diamante já lapidado, e dar aquele trato final. Então não espere ter salto gigantesco, pois não será este o benefício principal.

Agora, se melhoramos a musicalidade de nossa fonte digital, consequentemente ganhamos pontos com aqueles discos mais sofríveis tecnicamente. E isso se traduz em podermos escutar essas gravações com o volume um pouco mais alto (dentro do que a gravação sofrível ►

ÁUDIO

permite), e nossas audições serão prolongadas por maiores períodos sem fadiga auditiva.

Vale a pena este upgrade? Se o seu sistema todo estiver à altura, claro que vale! Eu faria sem pestanejar, quando pudesse!

CONCLUSÃO

Sei que os tempos são bicudos, repletos de incertezas, tanto no âmbito nacional como mundial, mas o mundo não vai acabar (apesar da incompetência dos líderes mundiais), então em algum momento essa tempestade irá passar.

E quando cessar, voltaremos a querer ouvir nossa música, realizar upgrades e seguir curtindo nosso hobby.

E saber que existe um DAC com este grau de performance, custando o que custa, é uma notícia animadora. Se queres por um ponto final na busca por um sistema que lhe devolva a sua coleção inteira de CDs, não consigo lhe indicar uma opção mais realista. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_JX-ZSFYPDO](https://www.youtube.com/watch?v=_JX-ZSFYPDO)

**DAC STREAMER GOLD NOTE
DS-10 PLUS**

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

**DAC STREAMER GOLD NOTE
DS-10 PLUS (COM A FONTE
EXTERNA PSU-EVO)**

NOTA: 100,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

AVMAG #277

German Áudio
contato@germanaudio.com.br

DAC: R\$ 30.041

Fonte: R\$ 11.434

Conjunto (com desconto): R\$ 40.000



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GXNHETXKANW](https://www.youtube.com/watch?v=GXNHETXKANW)

Ethernet Media Link Quintessence MS



foco

precisão absoluta

Imagem meramente ilustrativa.



Dizem que quando envelhecemos, todas as nossas virtudes e defeitos se inflamam. Acredito que este ditado popular tenha, sim, um pouco de 'verdade'. Tenho feito um enorme esforço para não me transformar em um velho ranzinza, chato e metódico, mas a luta que tenho que travar comigo mesmo é cada vez mais intensa.

Pois, com essa pandemia, tudo acabou por ficar 'exacerbado demais', e parece que a afetuosidade perdeu de feio para a descrença e o desrespeito. Felizmente, minha natureza sempre foi impulsionada por ser um agregador e jamais desacreditar no potencial humano. Morrirei assim (seja um defeito ou uma qualidade), pois aonde queremos nos fazer ver apenas retrocesso, eu sempre vejo uma possibilidade de mudança.

Pois basta observar como o ser humano se comporta nos momentos de crises agudas, para percebermos o enorme potencial que o homem carrega em si. E percebo este 'potencial' em todas as áreas de atuação humana, até mesmo neste pedacinho de mercado chamado de áudio hi-end.

Deixe-me explicar a você meu ponto de vista.

Mas teremos que voltar à 1984, quando ouvi em uma apresentação dedicada a audiófilos, o tão aclamado e idolatrado Compact Disc. Foi na casa de um cliente do meu pai, que havia voltado de uma viagem

à Europa e trouxe um CD-Player da Sony e dois discos que vinham de cortesia. Nunca vou esquecer os discos: um era do flautista Rampal e o outro As Quatro Estações, de Vivaldi.

O anfitrião estava verdadeiramente eufórico de ser o primeiro a adquirir a nova tecnologia, que iria mudar para sempre a forma de escutarmos, gravarmos e armazenarmos música em nossas casas. Além do meu pai e eu, foram convidados mais cinco amigos audiófilos. Escolhemos por unanimidade iniciar a audição pelo Rampal, já que era uma gravação conhecida e que muitos (inclusive o anfitrião) tinham em LP - uma excelente gravação.

O que lembro com exatidão, foi o enorme constrangimento e incredulidade de todos, após ouvirmos a primeira faixa do disco. Caiu-se um silêncio funerário na sala, e algum dos convidados, para quebrar o silêncio, levantou a hipótese de ter algo errado, ou até mesmo que o CD-Player estivesse com defeito, ou a remasterização do disco tivesse algum problema. Pois era tão ruim o resultado, que era difícil acreditar que esta nova topologia sequer pudesse ser chamada de Hi-Fi.

Na dúvida de que pudesse ser o disco, o anfitrião colocou o segundo disco. Este não escutamos sequer a primeira faixa toda! Pois os violinos soaram tão duros e incorretos, que toda a vontade de ouvir o resto se dissipou.

ÁUDIO

Sáimos de lá confusos, com inúmeras perguntas sem respostas.

Minha cabeça era um caleidoscópio de imagens e pensamentos, pois tínhamos acreditado em tudo que as mídias escreveram a respeito, que para mim era impossível somente nós oito presentes naquela demonstração termos ouvido o quanto era ruim!

Depois desta apresentação catastrófica, todos voltamos aos LPs, mais certos ainda que para o Compact Disc desbancar o LP, ele teria que suar muito e, antes de tudo, corrigir todas as limitações que para nós eram tão explícitas!

Façamos um pulo no tempo, e estamos em 1994, eu já na Audio News escrevendo testes e resenhas musicais, e eis que sem aviso prévio, as gravadoras param de me enviar os LPs Promocionais e passam a enviar apenas CDs. E eu não tinha um CD Player para ouvir esses lançamentos. Quando contei o meu problema na redação, todos me olharam com enorme surpresa, pois achavam que eu teria sido o primeiro a embarcar neste 'avanço' tecnológico que, para todos ali, representava o 'futuro' do áudio!

Não teve jeito, iniciei uma maratona de dois sábados à procura de um CD-Player que tivesse a 'dignidade' de não 'ferir' meu sistema auditivo. E depois de muito pesquisar, vi que a Philips havia optado por uma linha que foi batizada de bitstream, que as mídias especializadas diziam ter dado uma 'suavizada' nos agudos, deixando a região média-alta menos dura.

Aqui me permitam fazer um adendo, e defender as mídias especializadas de áudio, que felizmente observaram os grotescos erros, forçando os projetistas a voltarem às suas pranchetas e não confiarem apenas nos resultados de medições de ondas senoidais e afins. Pois se não existissem essas mídias meu amigo, estaríamos até hoje com um retrocesso de 50 anos!

Então, quando os objetivistas começam com suas 'ladainhas', eu sempre tenho a mesma pergunta a todos eles: Por que vocês não foram capazes de perceber o quanto ainda estava 'cru' o Compact Disc quando foi lançado? E a resposta é óbvia: pelo simples fato de eles acreditarem muito mais em medições do que nos seus sistemas auditivos. Pois se tivessem um bom par de orelhas calibradas, e com excelente referência de música não amplificada, ao ouvir a flauta do Rampal perceberiam imediatamente que o timbre era torto, duro, seco, agressivo, e que o corpo dos instrumentos era absolutamente incorreto!

Mas, para o objetivista isso é um mero detalhe, ou melhor: subjetivo demais para ser levado a sério!

Em 1994, em minha peregrinação na busca de um CD-Player para fazer minhas resenhas musicais, o CD-Player e os disquinhos platinados já tinham uma década, então eu queria acreditar que aquela

terrível impressão de dez anos atrás havia sido dissipada. Para resumir: acabei comprando um CD Philips, e o primeiro disco que toquei ao chegar em casa foi Tutu do Miles Davis, que estava no pacote de lançamentos da Warner naquele mês.

Quando o Miles deu a primeira nota, soou como se uma broca de dentista estivesse à procura do meu tímpano. Como eu tinha a versão em LP, coloquei-o no meu velho e fiel parceiro, o Thorens TD 160, e constatei que uma década não havia sido o suficiente para se corrigir nenhum dos principais defeitos do CD-Player.

Por precaução, passei a usar o CD Player apenas para escrever as resenhas mensais e jamais para sentar e fazer minhas audições diárias.

Desculpe todo este desabafo, mas era preciso para iniciar o teste do Innuos Statement, o top de linha deste conceituado fabricante de Streamers / Servidores de Música. Pois assim como ao CD-Player, minha posição em relação ao streamer não é tão 'efusiva' como a de muitos articulistas mundo afora!

Vacinado com as agruras por duas décadas e meia com o CD-Player, me fizeram ser ainda mais precavido com o surgimento do Streamer. E não é novidade para quem me acompanha que minha posição é bem clara a respeito. Sei que irá chegar a um nível alto, mas assim como a topologia Classe D, eu ainda sinto que falta chão!

Claro que concordo com o colaborador e amigo Christian Pruks, que para a maioria esmagadora dos consumidores o nível que o streamer se encontra já é mais do que bom. Mas o meu papel é o do 'advogado do diabo', pois se temos uma Metodologia e uma Referência de sistema, precisamos posicionar o patamar atual desta nova topologia, para que o nosso leitor entenda o que escrevemos mensalmente aqui. Independente do nosso leitor já ter embarcado nesta topologia ou não!

O que posso dizer de positivo é que o Streamer já se encontra em um patamar acima e muito mais consistente que na primeira década do CD-Player, o que mostra de forma inquestionável que se as plataformas melhorarem a qualidade do serviço oferecido (leiam mais a respeito no Opinião deste mês), em no máximo cinco anos certamente teremos inúmeros servidores de música Estado da Arte - algo que no CD-Player só se conseguii duas décadas após seu lançamento.

É por essa 'ótica' que desejo que você, leitor, entenda minhas avaliações de todos os servidores de música e streamer que forem testados por nós. Pois sem a evolução do Tidal, Qobuz, Apple Music, Spotify, etc, de nada irá adiantar os fabricantes de servidores e streamers aprimorarem seus produtos, pois tudo precisa estar no mesmo patamar de qualidade e performance.

Ufa! Finalmente poderemos falar a respeito deste incrível servidor de música da Innuos. ▶

Para ter meu primeiro setup digital decente, levei 25 anos desde o lançamento, em final de 1983, do CD-Player. Caso quisesse incorporar um servidor de música compatível com o Sistema de Referência da Editora, o Innuos Statement certamente seria uma das melhores opções atuais. O que diz muito em relação a este servidor top de linha da Innuos!

Como o produto é um servidor de música, achei que seria muito mais justo avaliar ele como servidor de música, em que você pode copiar (ripar) toda a sua coleção de CDs nele e, como streamer, utilizando para o teste as plataformas Tidal e Qobuz. Assim, me sinto muito mais à vontade para descrever meus três meses de convivência com ele.

Como servidor de música, este é de longe o melhor que ouvi e teste na revista. E seu grau de praticidade é simplesmente estupendo! O usuário só tem que colocar o CD e em poucos minutos ele estará copiado. Parece mágica, mas não é - trata-se de um software desenvolvido pela Innuos que reconhece a mídia, consulta uma ampla gama de bancos de dados online já especificados no programa, navega por FreeDB, MusicBrainz, Discogs e GD 3, a procura por metatags idênticas, ou adicionais, antes de tomar a decisão qual será a melhor. Depois de escolhido, o servidor inicia a extração dos dados convertendo os sinais PCM no formato de áudio desejado, e o armazena em uma memória SSD. A versão mais simples possui 1 terabyte, o que dá para armazenar 2000 discos não compactados (WAV ou AIFF). No formato FLAC pode-se armazenar até 2880 discos. Mas, a Innuos pode fornecer até 4 terabytes, mas essa capacidade de armazenamento ainda pode ser expandida de várias maneiras. O transporte é uma unidade TEAC em uma versão spin-off.

O Streaming deste servidor traz Internet Radio, Tidal, Qobuz e Spotify.

O Statement é composto de duas unidades: na mais fina encontra-se o leitor, o servidor e streamer, e na mais robusta está a fonte externa de alimentação. Os cabos de alimentação (são dois, um por canal), são 'propositalmente' curtos, para forçar a trabalharem juntos (com o servidor em cima da fonte). Ambos os gabinetes são visualmente simples e sem a ostentação de nenhum display.

No centro se encontra a gaveta, e um botão no canto direito embaixo, para ligar e desligar o servidor. A fonte não tem nenhum comando no painel frontal. Ao centro do painel traseiro a tomada IEC o botão de liga desliga, e nas pontas os cabos para serem ligados no servidor.

Na parte de trás do servidor nas duas pontas, a entrada dos cabos de alimentação, portas Ethernet e USB, uma porta USB para a ligação no DAC externo, e conexões para Serviço e Backup. Nenhuma outra saída digital possui o Statement.

Para os próximos meses, a Innuos promete o lançamento de seu próprio aplicativo remoto em todas as plataformas - que comandará

tanto o modo de configurar, como de reproduzir. Ele poderá ser usado como Roon Core (que é hoje a melhor opção para se usar qualquer versão do Innuos). Como sou um admirador do Roon, quero ver para crer se o app da Innuos irá superar este em termos de praticidade e organização de toda a biblioteca. Quando sair, escreverei minhas impressões.

Essa super máquina está preparada para todos os formatos existentes, desde o MP3, Flac, Apple Lossless, AAC, WAV e AIFF. Com capacidade de resolução de 16 a 32 bits e a taxa de amostragem de 44,1 a 384 kHz - e decodificação de MQA e DSD.

Para o teste, utilizamos dois cabos USB: Zenith 2 da Dynamique Audio, e o Kubala Sosna Realization. Cabos de força: Transparent Reference G5 e PowerLink MM2. Conversor analógico/digital: TUBE DAC da Nagra. E todo o Sistema de Referência da Editora.

Minha curiosidade, depois de testar o ZEN, era o quanto o Statement em termos de streaming poderia acrescentar, e o quanto seria possível ouvir de avanço nesta plataforma.

Antes de escrever minhas observações auditivas, deixe-me esclarecer os pontos em que acho que o streamer ainda precisa evoluir para chegar mais próximo da mídia física CD. Por mais que esteja escutando as opções Masters no Tidal ou a alta resolução no Qobuz, sinto falta de planos mais tridimensionais (principalmente em profundidade e largura), melhor foco e recorte, corpo harmônico (que consegue ser menor que na mídia física digital) e mais extensão nas duas pontas.

Então, por mais que esteja ouvindo uma 'excelente' gravação técnica e artística, esses 'obstáculos' me impedem de fazer aquela imersão tão necessária para o meu cérebro saber que o que está escutando é reprodução eletrônica. Não sei se isso é um problema só meu, ou se alguns de vocês também tem este grau de exigência. E nenhum streamer que escutei conseguiu 'driblar' este obstáculo.

Pois o Statement, com o cabo Kubala Sosna Realization (em breve publicarei seu teste), em alguns momentos resolveu esse impasse de maneira muito segura. Foram algumas poucas gravações pontuais (apenas quatro), mas já foi um passo promissor.

Interessante que o fato ocorreu com duas gravações reproduzidas no Tidal e duas no Qobuz. Cito este detalhe, pois tudo no teste do Zen, que ficou mais próximo do ideal, foi apenas no Qobuz.

O que no Statement foi superior ao ZEN? Todos os quesitos da Metodologia soaram muito melhores no Statement. Com destaque para equilíbrio tonal, transientes, texturas e organicidade. Nesses quatro quesitos a diferença foi muito grande.

As gravações ganharam maior refinamento, precisão, transparência, detalhe e naturalidade. Itens importantes (pelo menos para mim), para poder ouvir por mais tempo streamer e com maior prazer. ►

ÁUDIO



Pois, como com fones de ouvido, o máximo que eu conseguia até a chegada para testes do Statement, era ouvir as novas gravações selecionadas, e olha lá! Com o Statement, estendi as audições por pelo menos mais uma hora, também navegando em gravações já selecionadas, para reouvir e comparar os cabos USB e como ele soou em relação ao modelo Zen.

O que posso confirmar é que, com o Statement, o audiófilo que abriu mão de toda e qualquer mídia física, se tiver arquivado nele seus discos antes de fazer a festa dos sebos (que pagaram uma ninharia nos seus discos e estão lucrando mais de 100%), se dará por satisfeito em ter feito este investimento. Pois como servidor de música, ele se encontra em um outro patamar.

Ripei uma dúzia de gravações feitas para a CAVI Records, e referências que me acompanham há muitos anos. E o resultado foi muito além do satisfatório!

Tem diferenças, quando comparado com a mídia física tocando em nosso setup digital? Sim, mas são muito mais sutis que os arquivados no Zen ou em qualquer outro computador. Em relação às nossas gravações, e em especial ao CD Timbres, o que falta é um nadinha a mais de invólucro harmônico, para dar aquele 'acabamento' final em termos de textura e corpo.

Mas no resto, é exemplar!

Ao contrário do streamer, que sofre em ser pobre em termos de planos, recorte e foco, a cópia é muito fiel neste quesito. Dificultando em um teste cego A x B saber o que é o original da cópia. Isso é um baita elogio (principalmente vindo de um cara tão chato como eu, rs) e que para a esmagadora maioria dos audiófilos será muito mais que satisfatório, será unir a comodidade, com praticidade de tudo a mão e com uma performance Estado da Arte!

CONCLUSÃO

O Statement da Innuos é um servidor de música que pode ser considerado um divisor de águas entre o Estado da Arte e o Superlativo!

Ainda que caro como um Estado da Arte Superlativo, ele pode com enorme consistência ser a plataforma para quem deseja colocar toda a sua coleção de mídia física em um único local, e ainda desfrutar de streaming de qualidade - e que tende a melhorar ainda mais nos próximos anos.

E se pensarmos que as mídias físicas estão cada vez mais difíceis em termos de lançamentos, fatalmente em algum momento só nos restará essa opção para conhecer novos trabalhos. Então é salutar que o streamer esteja avançando a passos largos para se tornar uma referência de alto nível.

Se querem minha opinião, acho que o streamer 'chega lá' antes dos amplificadores Classe D!

O Innuos Statement é um pacote muito sedutor, e pode perfeitamente ser a solução de todos que querem performance e praticidade em um único equipamento! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SSLYBP0V5Y8](https://www.youtube.com/watch?v=SSLYBP0V5Y8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DCBGSSD_DAU](https://www.youtube.com/watch?v=DCBGSSD_DAU)

**SERVIDOR DE MÚSICA & STREAMER
 INNUOS STATEMENT (COMO
 STREAMER)**

NOTA: 100,0

**SERVIDOR DE MÚSICA & STREAMER
 INNUOS STATEMENT (SERVIDOR DE
 MÚSICA)**

NOTA: 103,0

AVMAG #274
German Áudio
 contato@germanaudio.com.br
 R\$ 144.500



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**



Excelência em todos os
DETALHES

Cada Wilson Audio possui o mesmo DNA sonoro.
O que muda é apenas a intensidade da magia.
Descubra o modelo exato para suas expectativas.



Sabrina X



Sasha DAW

Master Chronosonic

WILSON
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
info@ferraritechnologies.com.br
Telefones: (11) 99471.1477 / 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO LEBEN CS-300F

Fernando Andrette



Nós já testamos alguns produtos deste renomado fabricante japonês. E como escrevi no teste do pré amplificador Leben modelo RS-28CX (leia teste na edição 267), o seu projetista, o Sr. Taku Hyodo, tem uma verdadeira legião de fãs em todos os continentes. E cada novo produto é recebido com enorme expectativa pelos usuários da marca.

Como estamos falando de uma empresa em que todos os produtos, antes de serem lançados, passam por um longo processo de maturação nas mãos do sr. Hyodo, é de se supor que quando ele considera que o novo produto pode substituir com méritos o anterior, a evolução certamente será consistente e substancial em matéria de novos componentes e de soluções.

A série 300 tem uma longa história de três décadas desde o lançamento do CS-300, nos anos oitenta. O modelo original utilizava dois pares de EL84M da Sovtek, e um par de tríodos duplos da General Electric 5751 (ECC83), que mais tarde (quase uma década depois) foram substituídos por 12AX7A da Sovtek. E com o sucesso, o sr. Hyodo fez uma versão batizada de CS-300X Limited com válvulas

Mullard NOS. E quando o estoque dessas válvulas acabou, virou a versão CS-300X S com as General Electric 5751 no estágio de entrada, sendo que esta versão ficou no mercado até 2010.

Agora, na mais recente versão F, as mudanças foram mais radicais, com o uso das General Electric JAN-6169 (segundo o fabricante pela sua maior longevidade e baixa distorção) e no estágio de entrada os tríodos duplos japoneses 17EW8 (HCC85 Hi-Fi).

No painel frontal, tem três botões pequenos e um maior. Da esquerda para a direita você tem primeiro o seletor de entradas, seguido do volume, balanço e um botão que regula o grave variando de 3 a 5 dB. Abaixo, temos dois interruptores para ativar o tape monitor, alternar entre a saída para as caixas e o fone de ouvido, e totalmente à direita o botão que liga e desliga o integrado.

Na traseira temos uma vasta área para a ventilação e, da esquerda para a direita, o terminal IEC para o cabo de força, acima o porta fusível, seguido dos terminais de caixas e um seletor de impedância acima dos terminais, seguidos de seis entradas, todas RCA. ►

As especificações técnicas, segundo o fabricante, são: 15 Watts por canal, resposta de frequência de 15 Hz a 100 kHz (-2 dB), distorção harmônica de 0,7 % (em 10 watts), sensibilidade de entrada de 600 mV, impedância de saída de 4/6/8 Ohms, saída para fone de ouvido de 1000 mW, consumo de 82 Watts, e peso de 11 quilos.

Pelo seu tamanho (mais largo do que profundo) ele cabe perfeitamente em qualquer prateleira, desde que o usuário se lembre de deixar espaço para sua ventilação - por causa das válvulas.

Para o teste utilizamos os seguintes. Caixas: Elac Debut Reference DBR62 (leia teste nesta edição) e a coluna da mesma série, modelo 52 (leia teste na edição de junho), e a Sasha DAW da Wilson Audio. Fones de ouvido: Grado Statement GS3000e (leia teste na edição de março de 2021), e o Meze 99 Classics. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence e Powerlink MM2. Fontes digitais: streamers Innuos Zen e Mini Zen (leia teste edição de junho), transporte Nagra CDT (leia teste edição de julho), e TUBE DAC da Nagra. Fontes analógicas: toca-discos Thorens TD 148 A (leia teste edição junho de 2021), e Timeless Ceres com braço Enterprise de 12 polegadas da Origin Live e cápsula Hana Umami Red (leia teste na Edição de Aniversário, de maio de 2021). Prés de phono: PS Audio Stellar, Boulder 508 e Luxman EQ-500 (leia Teste 1 nesta edição). Cabos de interconexão: Virtual Reality (leia Teste 5 nesta edição), Sunrise Lab Quintessence, e Dynamique Apex. Cabos de caixa: Virtual Reality (trançado e sólido), Sunrise Lab Quintessence, e Dynamique Apex.

O integrado da Leben veio com quase 50 horas de queima, o que ajudou muito pois a quantidade de produtos que chegaram para teste neste começo de ano foi muito acima do imaginado! Então fizemos uma primeira audição com ele ligado ao nosso Sistema de Referência e o deixamos amaciando por mais 50 horas, antes de fazer nossa avaliação final.

Muitos devem estar pensando o que um integrado valulado de apenas 15 watts pode me oferecer? Se ainda pensas em quantidade antes de qualidade, sugiro que pare de ler imediatamente o teste. Agora, se já tivesses a oportunidade de ouvir um amplificador de baixa potência ligado a caixas de alta sensibilidade (o ideal seria ao menos 89 dB para cima) e em uma sala de até 16 metros quadrados, posso te garantir que no mínimo ficará surpreso com a quantidade de informação e prazer auditivo que este pequeno Leben tem a oferecer.

E se buscas um setup para ouvir pequenos grupos, vozes, instrumentos acústicos e solistas, meu amigo, você veio ao lugar certo. Pois este Leben pode, montado de maneira correta, te levar às lágrimas, e fazê-lo lembrar que acima de tudo a qualidade vem sempre em primeiro lugar.

Agora, se queres um sistema que faça o seu moletom soprar com o deslocamento de ar nos graves, certamente seu interesse neste integrado será zero.

Um amigo, ao ouvir este integrado ligado nas Elac Debut Reference, sintetizou de forma brilhante a quem este Leben prestará excelentes serviços: "Este é um sistema para pessoas que não estão famintas, e sim para as que estão saciadas". Concordo integralmente! Pois imaginamos que quando estamos famintos, não raciocinamos muito, pois só queremos matar nossa fome, e colocamos goela abaixo tudo que nos oferecerem. Os saciados, ao contrário, são seletivos, e usam todo seu conhecimento para avaliar o que lhes dará mais prazer aos sentidos.

Ainda que ambas as Elacs tenham uma sensibilidade menor que 89 dB, por algum motivo que desconheço casaram muito bem com o Leben. E a Sasha DAW, com seus 91dB, melhor ainda. Com qualquer dessas três caixas, o Leben mostrou todas as suas insígnias e nos permitiu apreciar sua ampla habilidade em nos tecer uma estrutura musical muito peculiar, em que texturas e musicalidade eram os degraus mais altos!

Não que ele não se esforce para ser o mais correto em todos os quesitos da Metodologia, mas sim que provavelmente sejam estes os requisitos que seu projetista também mais busca aperfeiçoar em cada um de seus novos projetos.

Todos os Leben que escutei ou testei têm esta assinatura sônica, em que as texturas e a musicalidade sobressaem, mas interessante que não podemos dizer que todos os seus projetos têm na mesma proporção estes quesitos.

Senti muito mais nos integrados que no pré e power o destaque da musicalidade e textura. Não sei dizer se isso ocorre de forma intencional ou não e se essa diferença está em todos os prés e powers já produzidos pela Leben, só sei que nos integrados esta característica é predominante.

A mim agrada muito saber que os integrados têm esta assinatura, o que nos permite a todos os leitores que nos pedem consultoria, neste país de tamanho continental, e que têm dificuldade de ouvir em seus sistemas os produtos desejados, poder indicar os integrados deste fabricante, caso seja este o desejo do leitor - e, óbvio, que o resto do setup também já tenha essas características.

Eu sinceramente não vi grande benefício do ajuste de grave existente neste integrado, pois nas três caixas utilizadas no teste, não foi preciso jamais reforçar as baixas frequências. Fiquei aqui pensando que, talvez nas caixas mais antigas, em que a resposta de grave esteja acima de 55 Hz, este ajuste faça algum sentido, mas não foi nosso caso.

Os graves são precisos, com bom corpo, energia e excelente decaimento na primeira oitava.

A região média é de uma naturalidade inebriante. As vozes soam com enorme precisão e muito detalhadas, mas sem nunca passar do ponto ou ficar transparente em demasia.

ÁUDIO

Os agudos, para os acostumados a ter como referência amplificadores de estado sólido, podem achar que falta respiro ou maior extensão. E falta. Mas não ao ponto de não reconhecermos as ambiências ou o correto decaimento dos pratos. É uma questão de costume e, claro, de caixas em que os agudos não tenham este tipo de limitação.

O foco e recorte são os pontos altos do Leben e, em termos de soundstage, os planos são um pouco menos amplos em termos de profundidade e largura. Mas o Leben contorna este ponto, oferecendo um foco e recorte “cirúrgicos”, que nos permitem “ver” se o solista estava em pé ou sentado, e aquele silêncio peculiar em volta do solista nas captações bem feitas e sem vazamento de outros microfones próximos.

Quando muitas vezes os leitores me questionam o motivo da imagem do cantor não ser sólida à sua frente, entre as caixas, eu sempre peço para ele verificar as três situações mais óbvias: se as caixas estão posicionadas idênticas em relação às paredes, se o ponto de audição está na formação do triângulo equilátero, se o balanço no amplificador está correto, e se suas gravações de referência para este quesito são seguras. Pois muitas vezes o vazamento de microfones em volta do solista fará com que a imagem mude de posição. Então, se as duas outras hipóteses estiverem corretas, certifique-se que suas referências não tenham vazamento de microfone, pois não dá para se corrigir isso na mixagem. Se vazou, estará ali.

As texturas, como disse, são junto com a musicalidade o ponto mais alto deste integrado. Você poderá perfeitamente avaliar a qualidade do instrumento, do músico, do microfone, do engenheiro de gravação, e observar a intencionalidade e complexidade da obra executada sem sair de seu ponto de audição e sem esforço algum.

Os transientes são muito corretos, assim como a microdinâmica. Seu calcanhar de Aquiles realmente será a macrodinâmica. Neste quesito, não abuse, pois verá o som característico de válvulas que “dobram o joelho”, deixando o som duro e desconfortável para os ouvidos.

Como escrevi no começo, este é um integrado para quem não escuta grandes orquestras ou obras complexas e com enormes variações de dinâmica.

O corpo harmônico é correto e bem preciso, e a organicidade dependerá do nível técnico da gravação.

CONCLUSÃO

Sempre recebo indagações de que powers de baixa potência estarão cada vez mais limitados a um público muito específico. Sim, é bem provável que este processo já esteja ocorrendo há muito tempo. No entanto, os single-endeds de 2 a 10 Watts estão aí para mostrar o quanto eles ainda são bem quistos, assim como as caixas de alta sensibilidade para tocar esses amplificadores, sejam elas cornetas ou não.

Perto de um single-ended de 3 Watts, o Leben com seus 15 watts é quase uma “usina de força”. Com as caixas certas, acima de 89 dB, em salas menores, este Leben pode não só surpreender como ser uma excelente opção para quem só quer ouvir seus discos sem se preocupar em analisar se “falta isso”, ou se “tem muito daquilo”.

O Leben é o tipo de integrado que vai direto ao ponto, sem rodeios, e cabe ao ouvinte descobrir se vai na direção desejada ou não. Eu gosto de equipamentos assim, pois são autênticos e não prometem mais do que fazem.

Se procura um integrado que toque seus discos de uma maneira que as deficiências fiquem em segundo plano e as qualidades sejam realçadas, escute-o! Ele certamente atenderá muito mais a melômanos do que audiófilos - mas como os audiófilos, em muitos momentos de sua busca, desejam uma trégua ou um “oásis” apenas para matar sua sede antes de reiniciar a busca, quem sabe o Leben possa ser este porto seguro. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U4CWXAXHS2E](https://www.youtube.com/watch?v=U4CWXAXHS2E)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2-MOTKDZOCU](https://www.youtube.com/watch?v=2-MOTKDZOCU)

AVMAG #272
 KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 US\$ 4.380

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



Já testei inúmeros produtos da Cambridge Audio nos 25 anos da revista - com certeza mais de uma dezena. O que me dá o 'direito' de dizer que acompanhei de perto todas as mudanças e tendências que este renomado fabricante inglês utilizou em cada nova série lançada neste um quarto de século.

O que faz desta marca uma das mais engajadas em oferecer produtos considerados 'de entrada' para o universo hi-end, mas que buscam atender seus clientes da melhor maneira possível em termos de custo/performance.

E o CXA81 não é uma exceção à regra da Cambridge - pelo contrário, pois debaixo de seu capô se esconde um rico arsenal de possibilidades, para aqueles que buscam um integrado que possa ser uma central de entretenimento musical. Então, se você olhou para ele como apenas mais um integrado, volte novamente e o veja em detalhes.

Ele possui um DAC que converte até 32-bits de arquivos e streamer, converte DSD256 que é entregue via DoP, possui entrada USB assíncrona e Bluetooth para o uso de dispositivos portáteis, e um bom amplificador de fone de ouvido.

O gabinete é bem construído em alumínio, e seu peso é considerável (12 kg). Seu painel frontal segue a tendência atual de limpeza, com poucos botões. À esquerda temos o de liga/desliga, o visor ao centro, de acrílico com LEDs para indicar a entrada (são 4), uma luz de indicador de proteção (para curto-circuito, superaquecimento e sobretensão). Além de um botão para indicar as saídas A ou B dos falantes,

um de mute, e indicadores das três entradas digitais (D1, D2 e D3). Ao lado deste painel, um pequeno botão para acionamento da entrada USB, e o maior botão de volume. E tudo pode ser comandado pelo controle remoto - ainda que, com a minha idade, eu quase precise de uma lupa, para ler os diminutos comandos.

No painel traseiro temos a tomada IEC, os terminais de caixas A e B, logo acima o conector RS323C, e a entrada IR. Seguidos das entradas digitais na parte superior do painel, uma antena Bluetooth, uma entrada USB, três entradas S/PDIF (uma RCA e uma TosLink), e abaixo uma saída de subwoofer (RCA), seguida de um par de conectores pré, saída RCA, e as quatro entradas analógicas (RCA) e uma entrada (XLR).

A potência especificada pelo fabricante é de 80 Watts por canal em 8 ohms, e 120 Watts em 4 ohms. Funcionando em classe AB, sem, no entanto, especificar quando passa de classe A para B.

Ainda segundo o fabricante, os canais são separados simetricamente, e além deste diferencial em relação ao modelo anterior, o CXA80, o caminho do sinal analógico ficou mais curto e a seção de pré amplificação agora utiliza amplificadores operacionais JRC. E a fonte de alimentação, e toda a cadeia de sinal, utilizam agora capacitores Wima, Rubycon e Nippon Chemicon, que audivelmente são superiores aos utilizados no modelo anterior.

Juro que tentei achar um CXA80 para um teste 'aXb', para poder 'ouvir' as diferenças, mas não consegui. ▶

ÁUDIO

Para o teste utilizamos o Innuos Zen Mini e os cabos USB: Dynamic Zenith 2, Oyaide Continental 5S V2, e o Sunrise Lab Quintessence Aniversário. No transporte da Nagra utilizamos o coaxial Sunrise Lab Quintessence, e um velho (e sempre à mão) Chord. Este aparato todo foi para avaliarmos seu DAC interno.

Para a avaliação de seu amplificador, utilizamos o transporte Nagra ligado via cabo AES/EBU (Crystal Cable Absolute Dream, e Transparent Audio Reference) ligado ao DAC Gold Note DS-10, e ligado ao integrado da Cambridge através dos cabos Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR).

As caixas foram: Elac Debut Reference bookshelf (leia teste na edição 272), Elac Debut Reference DFR-52BK (leia teste na edição 274), e a desconcertante Elipson Legacy 3210 (leia teste na próxima edição). Os cabos de caixa foram: o Trançado da Virtual Reality (leia teste na edição 271).

O Cambridge veio lacrado (ainda com a fita do próprio fabricante na embalagem, o que significa que não foi aberto para averiguação na alfândega). Assim que chegou fiz a audição de primeiras impressões, ainda com a book da Elac que já estava em finalização do teste, e o deixei em queima por 100 horas.

Comecei por ouvir seu DAC interno, para ter uma ideia de que ponto sairíamos e qual estratégia de avaliação seguiríamos (de avaliar em conjunto amplificador e Dac ou separados). Depois de totalmente amaciado (240 horas), vimos que seria prudente dar a pontuação separadamente, pois o amplificador está ligeiramente à frente do DAC interno. É comum isso ocorrer, até com os integrados mais caros e mais sofisticados - nunca ouvi o DAC interno estar no mesmo nível do amplificador.

Talvez nos integrados bem mais 'caros' haja este padrão, mas no mercado de maior concorrência algumas concessões são necessárias, pois senão seu concorrente o atropela sem piedade. E a Cambridge sabe muito bem o que precisa fazer para manter sua fatia de mercado - e basta ver os inúmeros prêmios EISA recebidos nos últimos anos, para confirmar essa tese.

Começarei o teste avaliando o integrado e seu amplificador de fone, e por último passarei para o DAC interno, ok?

A assinatura sônica dos integrados da Cambridge, ainda que sofram 'lapidações' nas novas séries, mantém o legado de serem amplificadores para quem deseja uma sonoridade limpa, detalhada e mais relaxada. Se sua praia é uma sonoridade com a 'faca nos dentes' o tempo todo, que chega a beirar o visceral, esqueça-o! Aqui estamos falando de uma sonoridade que não será 'letárgica' quando as variações dinâmicas ocorrerem, mas sem nenhum vestígio de 'fogos de artifício' ou coices no peito no retumbar dos tímpanos. Como diria uma amiga minha pianista, ele está mais para uma paisagem de pôr do sol.

Agora, se você aprecia uma perspectiva mais 'intimista', e seu interesse é apenas sentar e ouvir sua música sem elucubrações metafóricas musicais (rs...), você irá apreciar o CXA81. Pois ele é detalhado e equilibrado tonalmente para apresentar a música de forma prazerosa. Seu ponto de equilíbrio entre detalhamento e precisão nunca atravessa a fronteira para o lado do analítico, mantendo sempre o ouvinte atento ao todo.

Ouvindo os mesmos exemplos de quartetos de cordas, ficou evidente que agora podemos 'degustar' com maior prazer as intencionalidades presentes em cada gravação, tanto em termos de técnica instrumental, como da qualidade do instrumento ou da escolha do engenheiro de gravação no microfone utilizado. Algo que para sua faixa de preço é uma novidade!

Ouvindo, por exemplo, o disco do pianista Italiano Giovanni Guidi - Avec Le Temps, lançado pelo selo ECM em 2008, na faixa título tem um trabalho feito nos pratos que costuma ser pouco sutil em equipamentos pobres em textura. E também no solo do baixista, que é feito quase todo em pianíssimo - o que dificulta entender o grau de precisão de cada nota deste solo. É a versão não cantada de Avec le Temps mais sublime que já escutei! Pois bem, o Cambridge foi bastante competente nesta apresentação, pois ainda que não tenha o silêncio de fundo, como de outros amplificadores mais caros, conseguiu resolver de maneira 'honesta' este desafio.

Em termos de equilíbrio tonal, o CXA81 melhorou consideravelmente em relação ao antecessor, pois ganhou mais ar em cima, melhor decaimento e mais corpo. E os graves ganharam maior 'fundação' na primeira oitava, o que permite maior conforto em obras com muita variação dinâmica e informação nas duas primeiras oitavas nos graves. A região média continua sendo um dos pontos altos de todo Cambridge (isso desde sempre) - soa sempre muito correta e natural, e com o maior equilíbrio nas pontas, deixou de aparecer mais frontalizada como em alguns modelos anteriores.

Com isso o ouvinte pode até desejar, em boas gravações, testar o limite do volume da gravação sem comprometer a audição.

O soundstage ainda é mais 'tímido' que alguns de seus concorrentes diretos, mas nada que impeça, em gravações que tenham boas profundidade, largura e planos, acompanhar com prazer o acontecimento musical. Fará falta mais em música clássica do que em outros gêneros.

As texturas foram o maior avanço deste novo modelo, e este resultado é devido à melhora significativa no equilíbrio tonal, pois como sempre apresento nos Cursos de Percepção Auditiva, um está ligado ao outro como se fossem complementação direta.

Como escrevi algumas linhas acima, agora o prazer de acompanhar a 'intencionalidade' inerente em cada apresentação se tornou possível. ►

E a segunda grande melhora foi a reprodução de transientes, que com maior precisão deixam as audições mais 'intensas'. Tanto em termos de precisão de tempo e andamento como de autoridade, foram aprimoradas.

Foi fácil observar essa melhora significativa, tanto no disco I Ching do Uakti, como no Canto das Águas do André Geraissati.

A dinâmica ainda continua sendo melhor na micro, do que na macro, porém como também já escrevi acima, a melhora na fundação do grave, ajudou a macro a ficar um pouco mais precisa e com as escalas de forte para o fortíssimo mais bem definidas. O problema continua sendo nos fortísimos, onde falta aquela 'impetuosidade' para a sustentação. Mas querer este feito de um amplificador nesta faixa de preço, ainda não escutei.

O corpo harmônico continua semelhante ao do modelo anterior, não sendo ruim e nem tampouco homogêneo (o que é fatal para as pressões de enganarmos nosso cérebro que aquilo não é reprodução eletrônica). Mas as diferenças de tamanho entre um cello e um contrabaixo, ou um pícolo e uma flauta transversal se fazem audíveis.

A tão famosa materialização do acontecimento musical à nossa frente (organicidade), dependerá e muito da qualidade da gravação. Aqui o mais próximo desta 'materialização' consegui apenas com o José Cura - Anhelos.

Depois de ouvir todos os discos usados para fechar a nota dos quesitos de nossa Metodologia, repassei novamente todos, agora ouvindo pelo DAC interno do Cambridge. Achei-o, em termos de assinatura sônica, muito parecido ao DAC interno do Streamer CXV2 (leia teste na edição 265). Mais refinado em termos de equilíbrio tonal, porém com menos profundidade, menos textura e um equilíbrio tonal que voltou algumas casas.

Diria que esta opção só deve ser usada se o consumidor não tiver um DAC externo de melhor qualidade. Ou esteja passando por um momento de transição em que precise simplificar o sistema. Neste caso, sugiro que seja criterioso na escolha do cabo digital, para não 'salientar' as limitações.

É audível? Claro que sim, mas imaginemos as próprias limitações do streamer ou do transporte, se o usuário ainda utilizar mídia física. O que já limita ainda mais a performance no todo. Agora, se o DAC estiver sendo usado muito mais para música ambiente, o resultado será mais do que satisfatório.

CONCLUSÃO

É notório o esforço que os fabricantes que atuam na linha de entrada do áudio doméstico estão fazendo para dar um salto em termos de qualidade final.

As melhorias a cada nova série são perceptíveis. O grande entrave, na minha opinião, é que esses produtos precisam ser um 'pacote'

cada vez mais completo, e com preços cada vez mais competitivos. E aí que mora o perigo, pois se manter vivo requer estar sempre mais atento à concorrência do que ao consumidor. É como querer dirigir olhando para o próprio umbigo.

O que algumas dessas empresas estão fazendo? Procurando criar alguns produtos que fujam a essas margens tão estreitas, e sinalizem ao consumidor que aquele valor um pouco acima traz vantagens.

Acho que o CXA 81 é um pouco isso, pois a própria Cambridge tem modelos abaixo, para brigar com a concorrência.

O fabricante que conseguir emplacar essa estratégia, e convencer o consumidor que vale a pena este investimento adicional, se dará bem. Se tivesse que apostar, diria que a Cambridge é um candidato, tanto pela sua história como pelo seu conhecimento deste disputado segmento.

O tempo nos dirá.

Antes de encerrar minha conclusão: gostei muito do amplificador de fone embutido - este é um outro importante diferencial deste produto. Muito correto tonalmente, com um bom fone também com essa qualidade, o prazer nas audições será garantido.

Se o orçamento é curto, amigo leitor, e seu desejo é um upgrade em sua amplificação que seja uma solução de um pacote integral, ouça o Cambridge CXA81. Se o que deseja é uma assinatura sônica refinada e sem arroubos pirotécnicos, ele pode ser o seu 'oásis sonoro'. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MF7VRMW4_BK](https://www.youtube.com/watch?v=MF7VRMW4_BK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0UAVQTNXVEM](https://www.youtube.com/watch?v=0UAVQTNXVEM)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
CAMBRIDGE AUDIO CXA81
(DAC INTERNO)**

NOTA: 75,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
CAMBRIDGE AUDIO CXA81**

NOTA: 81,0

AVMAG #275

Mediagear

contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

R\$ 16.417



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO GOLD NOTE IS-1000

Fernando Andrette



Lembro de, enquanto testava o pré de phono PH-10 da Gold Note (leia teste na edição 249), me perguntar como soariam os outros produtos desta empresa italiana, já que o PH-10 havia sido uma grata surpresa, na performance, acabamento, possibilidades de ajustes para qualquer tipo de cápsula MM e MC, e sua proposta de oferecer fonte externa para aprimorar ainda mais suas virtudes sônicas.

Essa pergunta eu começo a responder somente agora, que um novo importador assumiu a distribuição, e de uma só levada nos enviou o integrado IS-1000, o pré de phono PH-1000, e o DAC DS-10 com fonte externa - e também o PH-10 com sua fonte externa, para eu poder ouvir as melhorias que lá atrás deixei em aberto.

Para o leitor que não conhece a marca italiana Gold Note, essa está localizada em Florença e foi fundada em 2012. Seu CEO, Maurizio Aterini é um engenheiro mecânico com mais de 30 anos dedicados à fabricação de equipamentos de áudio para várias empresas italianas, que resolveu criar sua própria empresa e escolheu à dedo seus 28 funcionários, para poder implantar sua filosofia de trabalho de buscar a excelência em todos os detalhes, sem que seus produtos de tornem inviáveis para grande parte dos audiófilos que não nasceram em 'berço esplêndido'.

A Gold Note, com apenas uma década de vida, possui uma carteira de produtos impressionante, com: toca-discos, cápsulas, eletrônicos e caixas acústicas. Tudo produzido inteiramente na Itália, e contando com uma vasta rede de colaboradores artesãos para os belíssimos gabinetes de madeira de seus toca discos, e sofisticado

maquinário CNC para os gabinetes de alumínio de seus equipamentos eletrônicos.

O amplificador integrado IS-1000, ao ser apresentado ao mercado no último trimestre de 2019, veio com a incumbência de colocar a Gold Note no patamar dos super integrados hi-end contemporâneos, com um surpreendente diferencial: o preço.

Estamos acostumados a separar os 'super-integrados' dos bons integrados existentes no mercado pelo preço - e nos 'super' ele é sempre muito acima de 15 mil dólares. No entanto, lá fora o IS-1000 custa entre 5 e 6 mil euros, dependendo do DAC interno, o que já o coloca em uma posição privilegiada frente à concorrência. E isso o levou a galgar rapidamente uma posição de destaque nas principais revistas especializadas.

Ao contrário da linha denominada 10 (PH-10 e DS-10), com gabinetes menores e compactos, a linha 1000 possui gabinetes maiores, para poder oferecer o arsenal de recursos debaixo de seu capô. Mas o design e os detalhes de construção estão presentes em ambas as séries, e o que mais chama atenção nos produtos da Gold Note é sua limpeza visual, que permite que o produto se destaque sem, no entanto, ser espalhafatoso.

Diria se tratar de uma beleza minimalista, com design moderno.

O fabricante informa que o IS-1000 tem uma potência de 125 Watts por canal em 8 ohms, um DAC interno com duas opções de chip conversor - sendo a versão de luxo (a que nós testamos) vem com Burr Brown PCM1796.

A Gold Note enfatiza que, com o IS-1000, o usuário tem um verdadeiro plug & play, e que basta adicionar um par de caixas, ligá-lo em sua rede Wi-Fi ou Ethernet, e já terá música a disposição, seja do Tidal, Qobuz, Spotify ou Deezer, tanto com Roon ou com seu próprio aplicativo, disponível para iOS e Android. Eu usei ambos os aplicativos: o da Gold Note e o Roon, mas devido a facilidade com o aplicativo da Gold Note, ouvi muito mais streaming via meu celular do que através do Roon.

Para os que possuem sua música armazenada em NAS ou pen-drives, todos os arquivos DSD64 são convertidos para PCM de alta resolução pelo protocolo UPnP via USB e LAN. E para os que possuem um toca-discos, o IS-1000 possui um pré de phono baseado no PH-10, com opções tanto para cápsulas MM quanto MC. Ou seja, com este integrado o usuário tem um pacote completo de opções para desfrutar de sua música como bem entender.

E você, inquieto na cadeira, já deve estar se perguntando: ok, mas todos os fabricantes mais 'anteados' já oferecem este 'pacote', então o que este Gold Note tem de tão especial para ser chamado de super? Calma que já chegaremos lá!

O que o difere dos integrados 'completos' existentes é sua coerência em oferecer quase que o mesmo padrão de qualidade no DAC, no pré de phono e na amplificação, e todas essas opções terem uma excelente performance.

O objetivo da Gold Note, ao desenvolver este integrado, foi realmente alto, pois desde o primeiro esboço os engenheiros decidiram que ele teria que ser capaz de ter uma qualidade comparável à equipamentos de áudio dedicados separados - como DACs, streamers e phono.

Ser um streaming fácil de usar e de excelente qualidade.

Ter potência suficiente para acionar mesmo caixas mais difíceis e, com um diferencial interessante: duas opções de fator de amortecimento, para caixas com menor ou maior sensibilidade (mais adiante falarei deste diferencial).

Ser uma fonte de entretenimento com conexões suficientes para aqueles que, como eu, não abriram mão de mídias físicas e, até mesmo, conexão para subwoofer e para TV, caso seja este o desejo do usuário.

Para atingir todos esses objetivos, os engenheiros da Gold Note tinham dois caminhos: usar as tecnologias de consumo que todos os receivers e sistemas de A/V utilizam, ou recorrer a soluções hi-end, sem fugir ao objetivo central: custo.

A opção de custo mais óbvia seria a implementação de uma topologia de amplificação classe D, algo impensável para os padrões de performance da Gold Note. Então, se recorreu a um design Mosfet de

alta corrente, para ter a assinatura sônica de um típico classe A com a potência e dinâmica dos amplificadores classe AB.

Outra solução interessante, desenvolvida pela Gold Note e batizada de BOOSTER, é a possibilidade de ter opções no ajuste do fator de amortecimento para se adaptar a qualquer sensibilidade da caixa. Neste dispositivo o usuário escolhe entre as opções 'off', 'low' e 'high'.

Já o projeto do pré de phono foi bem mais simples, pois eles se basearam no estágio existente do PH-10, simplificado, porém com a mesma performance desse pré de phono.

O maior desafio, certamente, foi o desenvolvimento da fonte de alimentação do IS-1000, em que os engenheiros optaram por um transformador toroidal de 600VA, com um núcleo de alto amortecimento com resinas especiais para o cancelamento de vibrações.

O DAC interno foi baseado no DS-10, mas com algumas ideias usadas exclusivamente para o integrado, como um super processador ARM Cortex M4 Core 32-bit, que verifica em tempo real todos os processos de uso, até a temperatura da placa para, caso seja preciso, acionar o resfriamento necessário.

Os capacitores, assim como os terminais de caixa e as entradas, são todos de qualidade premium, como nos melhores e hiper mais caros 'super-integrados'. O painel frontal, como de todos os produtos deste fabricante, são limpos e minimalistas, como escrevi lá atrás.

Do lado direito do painel temos a tela colorida LED quadrada, que é controlada pelo botão à esquerda do painel. Este controle simples, objetivo e funcional permite que você utilize este integrado sem o uso do controle remoto, se assim você quiser. Basta pressionar por 5 segundos este botão, e o IS-1000 será ligado ou desligado. Quando ligado, você pode selecionar as entradas, volume, balanço e o tal do BOOSTER para acionar ou desligar o fator de amortecimento (alto ou baixo).

No painel traseiro temos: um par de entradas analógicas RCA e uma XLR. A entrada RCA para o phono, que terá que ser alterada no painel frontal para MM ou MC. Para cápsulas MM, o ganho é de 45 dB, e para as cápsulas MC é de 65 dB. Ainda no painel traseiro, há um par de saídas, uma fixa e uma de pré amplificador, variável, e as entradas digitais coaxial e USB-A (para pen-drive), rede Ethernet, e mais três entradas óticas. Além do cabo IEC de força, o botão de liga/desliga e a antena para Wi-Fi.

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos. Caixas acústicas Wilson Audio Sasha DAW, Elipson Legacy 3010 (leia Teste 2 nesta edição), e Elac Debut Reference DFR 52. Cabos de caixa Virtual Reality Trançado, e Apex da Dynamique Audio. Toca-discos Origin Live Sovereign com braço Enterprise de 12 polegadas, e cápsulas Hana Umami Red, ZYX Bloon 3 e Ortofon 2M Red e Bronze. Fontes digitais transporte Nagra e music server Innuos MiniZen. Cabos digitais ►

ÁUDIO

Sunrise Lab Quintessence Aniversário Coaxial, e Virtual Reality. Cabos analógicos Sunrise Lab Quintessence Aniversário (RCA e XLR) e Dynamique Audio Apex (XLR). Cabos de força: Sunrise Quintessence Aniversário, e Transparent PowerLink MM2.

O leitor que tiver o interesse de escutar o IS-1000, ouça um conselho: certifique-se se ele está amaciado. Pois caso não esteja, o ideal é pelo menos 100 horas iniciais para uma primeira audição. E não se esqueça que o amaciamento precisará ser feito com o Streamer, o DAC e com o pré de phono, sendo que os dois últimos necessitam pelo menos 120 horas de amaciamento.

Dentre as consultorias diárias, uma recorrente em grande escala é: “os integrados já podem substituir os módulos separados?”. Sim, meu amigo, basta uma olhada no top five e ver que os mais recentes integrados na lista dos cinco melhores, já ultrapassaram com folga a margem dos 95 pontos! O que falta é testarmos um integrado de 100 pontos ou mais. Mas pelo andar da carruagem, acho que esta barreira em breve será ultrapassada.

A questão agora, que se faz presente, é saber qual desses integrados que oferecem um ‘pacote’ completo terá, em todas as suas plataformas internas, coerência em performance e assinatura sônica.

Pois os que testamos até o momento, a amplificação é sempre superior ao DAC e streamer.

Será que no IS-1000 também é assim? Para termos essa resposta, depois de tudo devidamente amaciado, para fechar a nota, comparamos com nossas referências e, também, utilizamos o DS-10 e o PH-10, ambos sem fonte externa. Para tornar a comparação mais justa.

Lembre-se que a Gold Note, ao desenvolver este integrado, teve como objetivo fazê-lo o mais próximo possível de seus próprios módulos separados, mas com o comprometimento que, com o produto pronto, seu valor não seria a soma de todos os seus produtos separados.

Então, é de se supor que os módulos desenvolvidos para o integrado estejam abaixo da performance dos equipamentos separados, pois se fossem idênticos em termos de performance, o IS-1000 não poderia ter este valor de venda. Assim, nosso trabalho foi justamente saber o quão próximo o ‘pacote’ se aproximava dos seus respectivos equipamentos separados.

E descobrir essa resposta leva tempo, e dá muito mais trabalho, pois você passará dias ouvindo um, depois o outro para entender quem é que carrega os outros nas costas.

A primeira parte do teste consistiu em ouvir o integrado como amplificador! Para isso ele foi ligado ao nosso setup digital de Referência, e ouvimos ele desta forma, hora pela sua entrada XLR (cabos Apex e Quintessence), e os mesmos discos pela sua entrada RCA (Quintessence). Passamos todos os discos da metodologia e ficamos

realmente impressionados com seu refinamento, autoridade e musicalidade!

É um estupendo integrado, que atende perfeitamente a todos que acham que estes ainda não estão no mesmo nível dos prés e power separados.

Um amigo me perguntou se viveria feliz com ele? A resposta foi sim! Principalmente se tivesse a necessidade de reduzir meu sistema ao mínimo possível, sem abrir mão da minha coleção física de música. Seu equilíbrio tonal é corretíssimo, e possui aquele ‘algo a mais’ que acho tão imprescindível em produtos Estado da Arte: naturalidade. Pois não adiantar termos agudos limpos e com excelente extensão, médios corretos com enorme inteligibilidade e graves com corpo, energia e precisão, se os timbres soam ainda parecendo reprodução eletrônica (como streamer e classe D, por exemplo).

Não, o Gold Note, já atravessou esta fronteira, e nos permite ouvir a música com o nosso cérebro relaxado e apenas se deleitando com a apresentação musical.

Sei que, para muitos de vocês, tudo isso parece ‘subjetivo’ demais para se compreender, mas acredite, no dia que você escutar um sistema em que a música flui organicamente, sem ‘resistência’, como quando sentamos em um espaço público e ouvimos um instrumento acústico de sopro ou de cordas ao nosso lado e percebemos nuances que nunca antes havíamos notado, você saberá a enorme diferença entre reprodução eletrônica ‘realista’ e uma reprodução eletrônica bem feita.

Um equipamento como este Gold Note, soa assim, sem artifícios de amplificação - principalmente quando ligado ao nosso setup de Referência digital e analógico.

Costumo traduzir essas reproduções como de equipamentos sem a ‘faca nos dentes’, que só mostra seu poder e autoridade quando a música realmente exige (estou falando da variação dinâmica da música). Caso não haja essas variações, a música flui com enorme leveza, apenas atenta ao tempo, andamento e intencionalidade. O problema é que muitos podem confundir uma reprodução assim como uma apresentação letárgica ou descompromissada. Sendo que para o nosso cérebro, soa justamente o oposto. E a única forma de compreender é ouvir e deixar seu cérebro interpretar, pois ele é muito bom em saber quando algo é próximo da música amplificada, ou não.

O soundstage do IS-1000 é excelente também, pois os planos são apresentados com precisão. Tanto em termos de foco e recorte, como na ambiência, podendo nos dar uma dimensão exata do palco em que a obra foi gravada. Ouvindo algumas gravações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, feitas na Sala São Paulo, minha memória auditiva me trouxe de volta recordações do belo decaimento que a sala tem, e seu enorme respiro depois de fortíssimos seguidos de pausas. ►

Se você nunca foi à Sala São Paulo, meu amigo, não sabe o que está perdendo! Esqueça os que falam besteiras como 'falta agudo', ou 'o som é baixo'. Essas pessoas não têm a menor noção do que estão dizendo. E provavelmente nunca pararam para pensar que a falta de agudo que acham pode ser um problema de perda de audição e não de problema na acústica da sala. E aos que dizem que o som é baixo, certamente suas referências de música ao vivo são apenas shows com mega amplificação de estourar os tímpanos!

Vá à Sala São Paulo apenas imbuído de aprender, de recalibrar sua audição, e ampliar suas referências auditivas. Se fizer isso regularmente, te garanto que em muito pouco tempo dezenas de fichas irão cair, e você irá repensar até a forma com que você escuta seu sistema e os volumes que utiliza para apreciar seus discos.

O IS-1000 é uma ferramenta precisa neste aspecto, pois o som flui com folga, espaços, silêncios reais, tempos e andamentos precisos. E em minutos seu cérebro passa a desfrutar a música sem sua cabeça estar vigilante como um cão de guarda que não relaxa nunca.

Eu vi, nestes anos todos, nos nossos eventos, a forma que os leitores apreciam os sistemas, e poucos - muito poucos - conseguem se abster de pensar como está o agudo, ou o grave, ou o palco sonoro, para fechar os olhos e apenas se soltar.

Como gostaria de ter apreciado audições tranquilas, silenciosas, sem falas paralelas, como se estivéssemos todos em um mosteiro ou assistindo a um concerto ao vivo.

Essa é a proposta do IS-1000, fazê-lo prestar integralmente a atenção na música, pois ele está despido de todos os artifícios, tão encantadores no primeiro momento, e tão decepcionantes no seguinte, quando sua mente começa a vagar e macaquear de um lado para o outro, querendo descobrir defeitos e virtudes.

Por isso que os audiófilos nunca estão contentes com o que alcançaram, querendo sempre ir a outro estágio sem ao menos ter o prazer de desfrutar o que já conquistaram. Felizmente, para os que desejam quebrar com este ciclo infinito de busca, é que existem equipamentos que estão trilhando o caminho inverso da pirotecnia e do exagero da transparência.

E o interessante é que muitos achavam que este poder sedutor só era possível com amplificadores valvulados, e o que temos atualmente é uma série de fabricantes de produtos estado sólido trilhando este caminho com grande êxito.

As texturas do IS-1000 são deslumbrantes por não quererem doar a pílula, se atendo apenas a mostrar as diferenças de qualidade de captação, qualidade do instrumento e do músico, sem 'explicitar' e tornar enfático o que está ali, apenas para adicionar realismo e não se tornar o quesito principal do evento.

Falo isso pois muitos sistemas em que a transparência é a principal 'qualidade', as texturas muitas vezes se tornam 'protagonistas', e se o engenheiro de gravação foi infeliz na escolha do microfone, ou tentou corrigir o erro equalizando na mixagem, as texturas ganharam muito maior ênfase do que deveriam, ou precisam, e os que estão familiarizados com os timbres dos instrumentos, percebem imediatamente que aquilo não é o real.

Texturas são detalhes do todo, e não ao contrário.

Por isso este quesito me impressionou tão positivamente, pois o IS-1000 não tenta dar destaque às partes, focando sempre no todo, pois sabe que nosso cérebro é muito fácil de perder a concentração e se emaranhar em labirintos de intermináveis elucubrações.

O mesmo posso dizer da reprodução de transientes deste integrado. Essa é uma questão que merece um artigo de Opinião, algum dia. Pois, às vezes, ouço em determinados sistemas caixas de bateria com a esteira fechada (um excelente exemplo para transientes), que estão tão proeminentes que, além de nos fazer perder o todo, se tornam bastante desagradáveis. E isso ocorre geralmente por dois motivos: erro no equilíbrio tonal, com tendência a enfatizar a região média-alta, e um corpo harmônico pobre na região médio-grave. Fazendo com que os transientes de caixas de bateria com a esteira aberta ou fechada, tornem-se protagonistas.

Sistemas assim irão expurgar 50% ou mais de nossos discos, pois muitas coisas mal gravadas ficarão inaudíveis. Então, é sempre importante que os transientes sejam reproduzidos com a maior fidelidade possível, e isso só ocorre quando os quesitos Equilíbrio Tonal e Corpo Harmônico estejam corretos. A não ser que seja uma obra inteiramente percussiva, e a intencionalidade do compositor seja a de tudo ser executado no fortíssimo, o detalhe nunca pode ser mais realçado que o todo.

Quando o audiófilo finalmente entende todas essas correlações entre cada um dos quesitos, ele poderá avaliar com muito mais segurança os pontos a serem trabalhados em seu setup, para chegar à harmonia necessária para desfrutar da música e não ficar o tempo todo apenas escutando a assinatura do seu sistema.

Isso me fez lembrar um show do João Bosco que assisti no teatro do Sesc da Vila Mariana, há muitos anos, em que ele era acompanhado apenas de um percussionista, e o cara sentava tanto a mão no bongô que o João Bosco parou o show e pediu para ele ser mais sutil. Eu estava na primeira fileira do teatro, mais próximo do percussionista do que do violão e voz do João Bosco, e desta posição ouvia muito mais o som direto vindo do palco do que do som amplificado. E a culpa não foi do percussionista, e sim do engenheiro de som, que acentuou de forma desagradável toda a região média-alta e os agudos, e o que criou a sensação de que o percussionista estava exagerando na

ÁUDIO



dinâmica foi o canal de retorno de palco para o João Bosco. Eu vi a cara de espanto do percussionista e a tentativa dele diminuir a intensidade, sem grandes resultados. Depois da terceira 'encarada' do João Bosco, ele fez o que eu também faria: se afastou do microfone e o problema foi parcialmente resolvido.

Nosso sistema não tem um João Bosco para pedir que a apresentação dos transientes seja mais sutil. Portanto, nós precisamos estar atentos aos erros no equilíbrio tonal e corpo harmônico pobre.

Outra questão que observo com esta nova geração de eletrônicos, que não está com a 'faca nos dentes' o tempo todo, é que os que possuem sistemas 'nervosos' no primeiro momento acham que falta dinâmica a esses amplificadores. E as vezes demoram a entender que não é falta de dinâmica, e sim a arte de utilizá-la apenas quando for solicitada (na música é claro). Pois essa folga e ausência de fadiga auditiva, ele só tem em seu sistema naquelas gravações 'audiófilas' em que tudo é feito para nunca soar duro. Mas quando coloca música de verdade, quase tudo passa do ponto. Nesses casos, faço o seguinte: mostro aquelas gravações que ele adoraria ouvir em seu sistema, mas que o mesmo não toca. E quando ele percebe que não só toca bem, como não agride ou passa do ponto, a ficha finalmente irá cair.

O IS-1000, felizmente, é dessa nova escola de hi-end em que o equipamento não pode ser mais importante que a música. Então a macrodinâmica estará lá, perfeitamente executada, mas apenas quando estiver escrito na partitura. E quanto à micro, esta sempre será reproduzida em detalhes.

O corpo harmônico do IS-1000 é excelente, não devendo nada aos melhores prés e powers que se possa comprar Estado da Arte. E a organicidade, junto com o integrado da Nagra, é a melhor que já ouvimos. Os músicos estão lá à nossa frente, materializados, seja nas gravações excepcionais como nas bem feitas.

Em termos de amplificação, o IS-1000 é o segundo melhor integrado que testamos até o momento na revista, isso acredito que diga o quanto gostamos de sua performance.

E seu DAC, como se apresentou em comparação com o DS-10 (ainda em teste), sem a fonte externa? Foi uma grata surpresa, pois ainda que esteja abaixo do DS-10, sua coerência é magnífica. A Gold Note foi muito feliz na escolha do caminho traçado para este DAC interno, pois ele também segue a regra da amplificação, do todo ser mais importante que as partes. Fazendo-o soar, seja com o transporte Nagra ou o Innuos MiniZen, de forma muito coesa e equilibrada, com

um conforto auditivo digno de um DAC realmente Estado da Arte. E, novamente, foi muito acima em termos de performance que os DACs testados em outros integrados.

E o seu streamer, comparado ao Innuos? Aqui meu amigo, tive a mais grata surpresa, pois as semelhanças foram muito maiores que as diferenças. O Innuos tem maior arejamento, melhor foco e recorte - mas isso com a fonte externa dele. Sem esta, são absurdamente semelhantes, tanto em termos de apresentação, como de assinatura sônica. Acho muito difícil que o audiófilo que compre este integrado se interesse por um streamer externo, pois não faz sentido algum este investimento, sendo que pode-se gastar em upgrades muito mais consistentes em volta deste integrado, que só irão ampliar o prazer de ouvi-lo.

E, por fim, fizemos o comparativo do pré de phono interno com o PH-10 sem a fonte externa.

E, novamente, mais uma surpresa: sonicamente são muito semelhantes. O que é mais evidente é que o pré interno não tem o arsenal de ajustes do PH-10, que é o que faz ser tão interessante. Mas, para quem deseja um setup analógico de alto nível, em que a cápsula se adeque aos ajustes possíveis no IS-1000, o resultado será excelente! Tanto em MM como em MC.

Excelente silêncio de fundo, equilíbrio tonal de alto nível e uma imagem 3D do mesmo nível do PH-10, que é justamente um de seus maiores trunfos em relação à concorrência.

CONCLUSÃO

A Gold Note pode se orgulhar do IS-1000, pois tudo que prometeu entregar o fez em altíssimo nível. Não há nada que desabone ou seja um recurso de menor nível, ou que está ali por também estar no produto concorrente. Pelo contrário, tudo foi milimetricamente planejado, e o resultado é que temos um integrado que será inevitavelmente a referência para os que vierem depois.

Pois conseguir este grau de performance, acabamento, recursos e compatibilidade com o maior número possível de caixas hi-end existentes no mercado, com seu ajuste batizado de BOOSTER, é um grande feito.

Não consegui testar adequadamente este recurso, pois as três caixas que tinha no momento do teste eram 'pêra doce' para qualquer amplificador. Tanto que a maior parte do tempo deixei em off este recurso. E as poucas vezes que tentei ouvir, não notei diferenças importantes entre off, high ou low. Mas gostaria muito de ter em mãos uma caixa com sensibilidade abaixo de 85 dB, para ver como este recurso corrige o fator de amortecimento. Quem sabe no futuro eu consiga dizer a vocês o que ocorreu.

O IS-1000 é merecedor de todos os destaques e prêmios que já recebeu mundo afora. Pois pensar que um produto tenha tanto a oferecer custando o que ele custa, é digno de comemoração por muito tempo.

Para os que chegaram à conclusão que chegou o momento de simplificar o setup, sem abrir mão da performance, não ouvir o IS-1000 será um erro imperdoável!

Para conseguir este nível de performance em produtos modulares, irá se gastar no mínimo o triplo! Este é o tipo de argumento que não se pode descartar, principalmente com o dólar acima dos 5 reais! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4DSL3VDD4JA](https://www.youtube.com/watch?v=4DSL3VDD4JA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UK4Q3NGPOXC](https://www.youtube.com/watch?v=UK4Q3NGPOXC)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO GOLD
NOTE IS-1000 (COMO STREAMER)** **NOTA:** 85,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO GOLD
NOTE IS-1000 (COMO PRÉ DE PHONO)** **NOTA:** 94,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO GOLD
NOTE IS-1000 (COMO DAC)** **NOTA:** 95,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO GOLD
NOTE IS-1000 (COMO AMPLIFICADOR)** **NOTA:** 98,0

AVMAG #276
German Áudio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 53.950



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA COAXIAL SEM FIO CABASSE THE PEARL AKOYA

Juan Lourenço



A célebre fabricante francesa Cabasse, apresentou recentemente a caixa sem fio The Pearl Akoya, uma versão menor da caixa sem fio The Pearl. A Pearl Akoya mede 22 cm de diâmetro e pesa 6 quilos, uma boa relação tamanho/peso que, certamente, contribui para o resultado sonoro.

Naturalmente, a engenhosidade e o DNA Cabasse estão enraizados na pequena Pearl Akoya- seu sistema tri-coaxial composto por tweeter e falante de médio BCI de fibra de carbono, perfeitamente alinhados medindo 13 cm e 300 W RMS / 600 W de pico, e um woofer de 17 cm HELD na parte de trás com 450 W RMS / 900 W de pico, também em fibra de carbono.

A Cabasse diz que a Pearl Akoya é ideal para ambientes de 20 a 32 metros quadrados. Com essas especificações acima, devo dizer que estou curioso para pôr à prova esta afirmação. Para firmar ainda mais seu compromisso com o design e extremo bom gosto, a caixa acústica Pearl Akoya vem com um controle remoto lindíssimo, de um desenho elegante simples e bastante funcional. Recebemos da Impel

uma embalagem contendo um par de caixas acústicas Akoya e, como elas podem ser utilizadas separadas, ou seja, uma para cada ambiente, ou em modo estéreo, cada caixa acústica veio com um controle remoto - assim quem quiser fazer várias zonas com várias caixas Akoya pode abrir o sorriso, pois é perfeitamente possível. Ou, se mantiver em estéreo, basta um controle remoto para operar as duas caixas.

O pacote de conectividade fica por conta das entradas Ethernet via cabo, WiFi, Bluetooth, SPDIF Ótico, P2 Analógico (3.5 mm com outra ponta RCA), e micro USB (padrão de celular anterior ao USB-C) para conectar pendrive ou disco rígido externo. Completando o pacote de versatilidade, a caixa acústica vem integrada aos serviços de streaming mais utilizados do momento, como Spotify, Tidal, Qobuz, Deezer e Napster, e também possui rádios por internet e Apple Air Play 2, todos implementados diretamente no aplicativo StreamCONTROL para Android ou IOS. Seu DAC interno é capaz de processar áudio de até 32-bit/768 kHz, oferece controle de voz, multiroom e calibração automática muito parecida com os sistemas encontrados em receivers ►

de última geração, com uma ótima sacada: não precisa de microfone! Com este recurso o usuário pode calibrar as especificações da caixa acústica de acordo com o ambiente, regulando parâmetros de equalização e SPL. A alimentação vai de 100 a 240V (50/60 Hz, 6A). Para completar a alegria geral da nação audiófila, a Cabasse teve o cuidado de colocar a entrada de alimentação padrão IEC tão utilizado pela comunidade do áudio hi-end. Acompanham a caixa acústica um cabo Ethernet e um cabo de alimentação para cada caixa - não é o borrachão nem o top de linha: é um cabo bonito e bem confeccionado com contatos de qualidade, porém houve um equívoco, nos enviaram o cabo padrão europeu que não encaixa no padrão brasileiro muito menos no americano que estamos acostumados. Não sei se toda a importação veio assim, ou se foi apenas este par que veio para testes. Mas, só de possuir entrada IEC padrão já nos permite utilizar os cabos de energia mais sofisticados sem problemas. E com ganhos audíveis!

A Pearl Akoya vem em uma embalagem de papelão duplo bastante resistente. Dentro dela as caixas estão embaladas em outra caixa individual e dentro desta embalagem vem o case injetado rígido onde as caixas estão acomodadas. É um verdadeiro 'Kinder Ovo'. Como é de se esperar, pela ótima reputação da Cabasse em superar as expectativas até nos mínimos detalhes, o case é digno dos melhores cases de capacetes da renomada marca francesa SHARK, ou da italiana AGV - é daqueles cases que parece que você está levando algum acessório luxuoso para uma quadra de tênis badalada, vestido como manda o figurino francês.

A instalação é muito fácil e intuitiva. O ajuste é feito uma caixa por vez - se escolher fazer via wireless geralmente vai fácil, mas como sabemos há perdas na qualidade de áudio, se preferir fazer por cabo então é praticamente automático, é preciso se atentar para fazer todas as conexões antes de ligar a caixa, e se por acaso se esquecer de ligar os cabos de rede, geralmente é aí que começa o engasgo, e uma delas pode não reconhecer por cabo e ficar uma por cabo e outra wireless, como aconteceu comigo. Daí só 'resetando', o que não é um problema, pois o botão está ao lado da entrada ótica. Dê preferência por cabos de rede audiófilos - as caixas são sensíveis e respondem bem à qualidade dos cabos de rede. E, além disso, elas merecem!

Por falar em entrada ótica, não precisa duplicar os cabos, como por exemplo dois cabos óticos para as duas caixas. Escolha uma delas, e as duas conversarão normalmente.

Ao tentar sincronizar com a TV, um irritante delay de mais de quatro segundos insistia em tirar minha paz. Tentei pela entrada P2 e o efeito era o mesmo. Mexi no atraso de milissegundos e nada! No App em configuração 'analog e optical input', existe o modo hi-fi, low latency e TV/direct. Achei que o TV/Direct daria certo, e nada! O sincronismo com a imagem só ocorreu quando utilizando o modo 'low latency'. Foi

uma dor de cabeça tentando ajustar isso, e fazer a caixa direita ser a do lado direito mesmo. Após uma espreitada com um bom café, voltei ao App, fui em Players, canto superior direito abre as configurações, ícone de engrenagem, dashboard, zoning - e lá é possível configurar qual caixa será esquerda ou direita, volume individual de cada uma delas, bem como modo stereo, que no meu entender não faz muito sentido ter a opção quando acionado este modo, pois o palco muda e parece que as caixas estão invertidas. No manual não explica nada sobre isso.

COMO TOCA

Para o teste, utilizamos as duas caixas Pearl Akoya tanto em modo estéreo, como em modo mono com cada caixa em um ambiente diferente, utilizando os streamings de música Tidal e Spotify pelo App Cabasse, saída ótica da TV ligada à caixa acústica. Também utilizamos celulares Samsung S10+ e iPhone 8 Plus.

A Pearl Akoya não foge a regra do amaciamento. Suas primeiras músicas soam magras e sem extensão, e à medida que os falantes vão se soltando, a formação de palco melhora bastante.

Sem a correção automática, a caixa pede espaço para a parede de fundo, e uma boa distância entre elas. Ficam relativamente bem em estantes e prateleiras, e graças ao design tri-coaxial o palco se mantém amplo e alto. Mas quando colocadas em pedestais, a coisa fica realmente séria e a Akoya deu um enorme salto qualitativo. Não tivemos o pedestal original, mas com o pedestal Airon topo de linha com upgrades, a caixa saiu-se super bem. Ela possui uma ótima extensão de graves para uma pequena esfera de 22 centímetros, a transição para as outras frequências são suaves e limpas, o sistema coaxial funciona muito bem, e o ajuste temporal é excelente. Ela não escolhe estilo musical, e quando exigida ela toca atrevida, pulsante e musical.

Utilizando o modo de calibração automática, a caixa emite o swipe característico e modifica os parâmetros de acordo com a sala, contornando parte das limitações de espaço ou problemas da sala. O sistema funciona, mas não faz milagres - para quem busca fidelidade, não fica uma maravilha para estéreo, mas talvez seja melhor do que conviver com um grave retumbante apenas para satisfazer o lado purista.

Utilizando as caixas em modo mono, em ambientes diferentes, é possível escolher uma música para cada caixa, ou tocar a mesma música em ambas. O que me surpreendeu foi que não houve qualquer tipo de atraso ou corte no sincronismo das caixas, e elas continuaram divertidas e musicais. Tá, não é estéreo, mas é como ouvir música no carro: é pura diversão sem compromisso, mas com qualidade e sofisticação sonora.

A Akoya fala alto, tem porte e impõe uma assinatura sônica gostosa e sem fadiga - por este motivo é importante ter em mente que, por ser ►

ÁUDIO



uma caixa acústica ativa, ela faz uso de dissipadores de calor. Não sei foi intencional, mas as estrias que circundam da base passando pela parte superior, que eu pensava ser um apelo estético, acabam agindo como um dissipador. Não posso afirmar que é, mas em volumes altos esquenta - não queima a mão, claro, mas dá alguns sustos nos desavisados. Diria que uma hora de audição em bom volume não dá para segurar a caixa nas mãos por muito tempo sem sentir-se incomodado. Por este motivo, o manual pede para não deixá-las em espaços confinados ou com pouca ventilação.

Como falei no início, a Cabasse fala que a Akoya dá conta de salas de até 32 metros quadrados. Diria que é verdade, que até 30 metros quadrados ela toca majestosa, mas daí em diante começa a faltar potência e litragem para domar as distorções. Ela também vai bem em espaços com 11 metros quadrados.

Voltando ao som, a pequena pérola dá conta de filmes sem problemas. Não dá para exigir graves subterrâneos, mas não faz feio, e a espacialidade do coaxial ajuda muito na imersão sonora, colocando as vozes e efeitos onde os atores estão na tela. As texturas dos efeitos sonoros também são um atrativo à parte.

A Cabasse mirou em um público sofisticado. Pessoas apaixonadas por design e amantes de música se encantarão por esta pequena pérola, definitivamente. Elas funcionam perfeitamente em apartamentos pequenos, quartos e áreas de convivência. Seu som encanta, mostra vivacidade e muita competência na execução de músicas complexas. Aos futuros apreciadores desta pérola, se puder adquirir o subwoofer, então, o pacote estará completo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V4HK9SK1PQE](https://www.youtube.com/watch?v=v4hk9sk1pqe)

AVMAG #279
Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 43.155

NOTA: 70,5



OURO REFERÊNCIA

SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA

HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA

FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB



ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hificlubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hificlub.com.br 

www.hificlub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH



ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC DEBUT 2.0 B6.2

Juan Lourenço



A Elac é uma daquelas fabricantes de caixas acústicas hi-end que fez e faz parte do imaginário e da memória do audiófilo brasileiro. Seja pela saudade que deixou em seus sistemas ou pela vontade de ter uma, pois na época de ouro do Hi-End por estas bandas, nos idos de 2000 a 2016, fez parte da sala de muita gente, e nos Hi-End Shows sempre fez belas apresentações que marcaram na memória.

A nova safra da Elac, sob a batuta do renomado Andrew Jones, mais uma vez excede as nossas expectativas, com a Debut 2.0 B6.2, uma bookshelf com pegada de gente grande. A Mediagear colocou um concorrente de peso em nosso mercado nacional.

Andrew Jones é um gênio, e como tal possui a mania de fazer projetos complexos parecerem extremamente simples. Chega a ser ridículo e genial ao mesmo tempo, pois fazer o óbvio – que é tocar direito – costuma ser deixado de lado em caixas de entrada, dando lugar à estética. Nesta levada, a Debut 2.0 B6.2 mostra todas as sacadas do bruxo sem perder a essência da marca alemã, simples e atemporal, uma caixa acústica feita à moda antiga.

Neste novo modelo, a Elac mudou bastante coisa. Embora se pareça muito com os modelos anteriores da marca, quase tudo sofreu mudanças, seguindo a receita alemã, tudo de um jeito bastante sutil. A única coisa que se manteve inalterada foi a folha de madeira preta e a tela de proteção/difusão do tweeter. A caixa acústica é do tipo bass-reflex, responde de 44 Hz a 35 kHz, utilizando woofer de cone de

aramida, com tweeter que é o mesmo presente nas versões anteriores, mantendo inclusive o mesmo rebaixo e tela que ajuda na dispersão das frequências - só que desta vez foi melhorado pelo bruxo, então é de se esperar que a coisa tenha ficado muito boa.

O gabinete em MDF recebeu reforços para uma melhor rigidez, e conter as vibrações e ressonâncias espúrias a fim de manter um ótimo equilíbrio tonal, ponto forte desta caixa, e junto com esta atualização o duto de ar do bass-reflex veio para frente. Há um mito de que saídas dianteiras permitem posicionar caixas acústicas mais próximas da parede de fundo, e que com isto é possível deixar as caixas em estantes e coladas na parede - mas a meu ver não ajuda em nada neste quesito. Toda caixa acústica precisa de distanciamento da parede de trás, para formar palco e render corretamente. Se estiver em pedestais com a altura correta, alinhadas com os ouvidos, melhor ainda! A lenda de que dutos dianteiros permitem posicionar as caixas mais próximas da parede cai por terra quando sabe-se que caixas seladas pioram, e muito, sua apresentação musical quando grudadas na parede. Não há cristão que agüente ouvir uma caixa acústica nestas condições. Quem manda de verdade nisto são as características acústicas da sala, seja ela 'pelada' ou cheia de móveis, e até tratada acusticamente. A curva de medição da caixa acústica indica os picos e vales de frequências presentes na sala e, aí sim, a caixa pode ir mais para frente ou para trás da parede de fundo.

Voltando à Debut B6.2, o visual segue a regra do pretinho básico com cantos vivos e woofer adornado por um anel com textura fosca, que além de trazer mais requinte ao projeto, ajuda a posicionar melhor o falante para que o alinhamento de fase entre tweeter e o woofer seja o mais coerente possível.

A única parte da caixa acústica que não me agradou totalmente, foi a posição dos bornes - que a Elac e quase todas as marcas insistem em manter nas medidas do padrão comercial. Os bornes são lindos, possuem um acabamento excelente, mas estão muito próximos fisicamente um do outro. É chato de apertar, pois não há espaço para posicionar os dedos e conseguir um bom grip. Isto não é um problema apenas da Elac, pois quase todos os fabricantes cometem este erro em caixas acústicas de entrada. Parece que rejeitam a ideia de que seus potenciais clientes utilizem, em uma caixa de entrada, cabos com plug spade - apenas que utilizarão banana. Neste ponto o bruxo me decepcionou.

Mas vamos ao que interessa, que é como toca. Para este teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: toca-discos de vinil Pro-Ject RPM 6.1 SB com cápsula Ortofon 2M Bronze, pré de phono The Phonostage da Sunrise Lab, streamer Innuos Zen Mini com fonte externa e DAC Aqua Formula. Amplificação: Sunrise Lab V8 Mk 4 Signature Special. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, Sunrise Lab Premium. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference II Magic Scope, e Sunrise Lab Premium Magic Scope.

O amaciamento da Debut B6.2 é bastante tranquilo. Ela impressiona logo nos primeiros acordes, sofrendo menos com o amaciamento, pois tem uma boa folga desde o começo. Isso aumenta o leque de gravações a serem ouvidas no início do amaciamento. Aproveitando essa folga, já comecei as audições com Madeleine Peyroux - Dreamland, faixa 5, e Holly Cole Trio - Don't Smoke in Bed, faixa 11. Devo dizer que me surpreendi bastante com o relaxamento que a B6.2 mostrou nestas músicas, em seus primeiros minutos de vida. O arejamento e a ambiência desta caixa realmente chamam a atenção. A folga com que ela lida com os arranjos e as conversações entre os instrumentos impressionam bastante. As texturas do violino e do acordeon na música da Madeleine, e na gaita e no piano da Holly Cole, nos fazem duvidar do valor desta caixa! Até parece que a caixa saiu da fábrica pré-amaciada de tão bom que fica.

O amaciamento durou 300 horas. As caixas ficaram a um metro da parede de fundo, 60 cm das paredes laterais, e com mais ou menos 2,7 metros entre elas. Decidi sair do jazz e dei uma virada no gênero musical, fui para Hotel California, do Eagles - Hell Freezes Over, e aí a musicalidade, o balanço e a expressividade, juntamente com a

suavidade, inundaram a sala de audição. Daquele jeito que te faz esquecer o sistema, fechar os olhos e curtir a música, sentindo muita inveja de quem estava lá no show. Jazz e blues quase todas as caixas tocam razoavelmente bem, o destaque fica mesmo por conta das gravações mais comprimidas de rock progressivo, reggae e eletrônico. Depeche Mode - Black Celebration, faixa 2, e Kraftwerk - Computer World, faixa 6, ficaram espetaculares! O palco amplo, a velocidade dos transientes e o foco desse tweeter deram aos sintetizadores mais inteligibilidade e, com isso, cada intervenção eletrônica ganhava um sentido próprio que se complementava como atos na música. Isto é bastante interessante para uma caixa acústica deste porte.

Os timbres são muito bons e a precisão no palco sonoro é algo fora de série, lembra bastante os tweeters tipo Air Motion Transformer, mesmo sabendo que passa longe de ser. O palco é alto, amplo, e recheado de boas surpresas quanto aos planos. O grave é vincado, tem boa articulação e não sobra nem falta de peso. Claro que desce menos que uma torre, mas as frequências baixas estão tão bem-resolvidas que só sentimos falta mesmo - mesmo(!) - em música clássica. Aí o caldo engrossa um pouco, e sentimos falta da maior litragem e do falante a mais. Neste gênero, ela toca muito bem conjuntos menores, como sextetos e quartetos, mas orquestras completas ela apenas cumpre o combinado.

CONCLUSÃO

A Elac coloca uma excelente bookshelf para brigar em um segmento que, até então, era capitaneado pela Dynaudio Evoke 10. A Elac Debut 2.0 B6.2 se mostra uma excelente alternativa para o audiófilo que tem pouco espaço e sofre com palco pequeno e baixo, e de brinde ganha uma sonoridade limpa, imponente e que não escolhe gêneros musicais. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JLVODAEIVEA](https://www.youtube.com/watch?v=JLVODAEIVEA)

AVMAG #275
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 4.341

NOTA: 82,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 20

Juan Lourenço



Na edição 253 da Revista, analisamos a Dynaudio Evoke 10, uma bookshelf surpreendente em todos os sentidos, inclusive no preço. A linha Evoke é composta por duas bookshelves (10 e 20), duas torres (30 e 50), além da caixa central 25C, para compor um set para home-theater.

A Evoke entra no lugar da Excite - e no caso da Evoke 20, esta assume o posto deixado pela X16. Nesta nova empreitada, a Dynaudio fez a sua famosa distribuição de tecnologia em cascata, sendo assim cada linha abaixo da Confidence vai herdando um pouco das tecnologias empregadas na irmã maior. Com a Evoke, a marca dinamarquesa a posicionou mais para perto das linhas superiores, embarcando muitas das tecnologias das Contour e da Special 40, como processos de fabricação, travamento de gabinete, otimização de espaço interno e componentes - claro, tudo que deu muito certo nas linhas acima. A Evoke herdou e até refinou o tweeter Cerotar da Special 40, adicionando o sistema Hexis. Com isso, a distância entre ela e a Emit, caixa de entrada da marca, passou de alguns metros para alguns quilômetros!

Enquanto a Emit se parece com a Focus 220, a Evoke coloca em prática os novos conceitos de design obtidos em uma pesquisa que a marca afirma ter feito nos lares dinamarqueses e nas casas conceito, buscando novas tendências com linhas suaves joviais e que resistam melhor ao tempo.

Como dito acima, a ideia era se aproximar da Contour, mas sem estourar o orçamento. Para tal feito, foi preciso utilizar técnicas de marcenaria de ponta como cantos arredondados e o mesmo estreitamento da parte traseira do gabinete visto nas Contour e Confidence. Em tese isto melhora a vazão do ar e evita o acúmulo de frequências parasitárias e ressonâncias indesejadas no gabinete. Na Contour, vemos o famoso espelho em peça única, feito de metal, que reduz as vibrações espúrias. Já com a Evoke a Dynaudio fez o mesmo, mas de maneira menos dispendiosa, aumentando a espessura da parede frontal em MDF. Estas coisas a linha Emit jamais sonharia em ter.

O cone do woofer Esotec+ é mais leve que o cone da Excite, por exemplo, possuindo apenas 0,4 mm de espessura, e continua sendo ►

produzido com o famoso MSP (polímero de silicato de magnésio), uma tecnologia proprietária da Dynaudio. A bobina tem 52 mm de diâmetro com enrolamento em alumínio, que reduz o peso total dela, mas principalmente dá a sonoridade característica deste fabricante. Com o alumínio, a Dynaudio consegue mais voltas do material no enrolamento da bobina, proporcionando maior controle sobre o cone, com um ótimo equilíbrio entre tamanho e peso. Tudo isto é centralizado pela nova aranha Nomex, mais flexível e mais resistente, melhorando o fluxo de ar, dissipando melhor o calor. O novo imã de ferrite+ completa o woofer, trazendo mais poder de fogo ao falante.

Falando da estética dos falantes, os parafusos de fixação do woofer e tweeter não estão aparentes, como na Emit e Contour - eles são protegidos por um anel externo bastante elegante, dando um toque atemporal ao design do gabinete - neste ponto ela ficou mais bonita que a Contour.

O tweeter de domo macio Cerotar baseia-se no tweeter da Special 40, que herda parte da tecnologia do Esotar 3. A diferença é que este possui uma espécie de difusor interno chamado Hexis, responsável por difundir melhor as frequências, suavizando-as ao passo que também elimina ressonâncias indesejadas. Em termos práticos, este difusor não somente suaviza as altas, mas melhora o encaixe, a transição entre o woofer e o tweeter, melhorando a coerência tonal e de fase, aumentando a inteligibilidade em passagens mais complexas da música. Ouvindo as duas caixas nota-se que a Evoke tem uma suavidade que, em algumas passagens de certas músicas, faz falta na Special 40.

Falando em dados técnicos, a Evoke 20 possui resposta de frequência de 40 Hz a 23 kHz (± 3 dB), sensibilidade de 86 dB (2,83 V a 1 m), impedância de 6 Ohms, seu peso é de cerca de 10 kg, e suas dimensões até que são modestas: 215 x 380 x 307 mm. A caixa tem bom porte e a Dynaudio conseguiu dar um formato suave e limpo, ela não parece um trambolho na sala, se encaixa bem em todo tipo de ambiente. Mesmo a Evoke 50, a maior das torres, não parece grande mesmo numa sala de pouco mais de 20 m².

Para o Teste utilizamos os seguintes equipamentos. Fontes: Innuos Zen Mini com fonte externa, DAC Hegel HD30. Amplificação: Sunrise Lab V8 Mk4 SS. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Lab Reference II, e Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference II Magic Scope RCA, e Coaxial digital, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de Caixa: Sunrise Lab Reference II Magic Scope, e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope.

Assim como aconteceu com a Evoke 10 em sua primeira música, a 20 saiu tocando muito bem logo de cara, com autoridade, bom palco e profundidade. O amaciamento foi como um passeio de barco na lagoa: sem sustos ou solavancos, ela parte de uma audição super confortável e vai se mantendo assim até o final do amaciamento por

volta das 260 horas, ganhando corpo, contorno nos extremos, textura em vozes e instrumentos com uma espacialidade muito boa.

Iniciamos os trabalhos com *Concha Buika - Niña De Fuego*, faixa 8. A Evoke 20 nos apresenta um silêncio realmente espetacular, a textura do violão é outro ponto forte destacado pela caixa acústica. Toda a potência da voz da Buika é despejada com controle e autoridade, as dinâmicas não embolam e têm uma progressão muito boa, juntamente com transientes rápidos que nos dão uma sensação de precisão rítmica surpreendente. A caixa acústica entrega toda a carga dramática da música com enorme desenvoltura, as intencionalidades e as individualidades de cada músico também estão lá preservadas. A faixa 9 segue o mesmo estilo, só que um pouco mais delicada, mas igualmente forte e novamente a Evoke 20 entrega um piano de boa qualidade respeitando as proporções de cada instrumento no imaginário palco sonoro. É muito gostoso acompanhar as variações tonais com a clareza e coerência tonal que a Evoke nos mostra. Nesta levada ouvimos Preservation Hall Jazz Band, disco *A Tuba to Cuba*, faixa 1 e 2. Tudo deste grupo é maravilhoso, da gravação à energia e técnica dos músicos. Na primeira faixa ouve-se o trânsito na rua enquanto o sax faz um solo riquíssimo. Acho que eles gravaram com a porta aberta de propósito para criar esta atmosfera tão empolgante. Na música seguinte, o gingado do baterista encaixa perfeitamente com o contrabaixista e o coral gravado de forma rústica lembra muito gravações antigas de lavadeiras do sertão brasileiro. Toda esta empolgação e fartura de texturas e intencionalidades, a Evoke 20 consegue transmitir com ótimo nível de realismo e uma dose de graves e harmônicos que surpreendem pelo tamanho da caixa! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1GW0TKLW_5S](https://www.youtube.com/watch?v=1GW0TKLW_5S)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GYM6S1PTGIG](https://www.youtube.com/watch?v=GYM6S1PTGIG)

AVMAG #271
Impel
(11) 3582.3994
R\$ 28.860

NOTA: 83,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ELAC DEBUT REFERENCE DBR62

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Sou um grande admirador do projetista Andrew Jones. Acompanho seu trabalho com enorme interesse desde quando ouvi pela primeira vez as caixas da divisão hi-end da Pioneer, a TAD. E foi uma grata surpresa quando ele topou o desafio de construir caixas excelentes para a própria Pioneer, e eu tive a oportunidade de constatar o excelente trabalho realizado (leia teste da coluna Pioneer SP-FS52 na edição 231 de julho de 2017). Foi a caixa mais barata por nós já testada a ganhar o selo Estado da Arte, e muitos leitores estão satisfeitos com sua performance.

Alguns leitores não se conformam que ela possa ser tão boa e custar o que custa!

Andrew Jones deixou a Pioneer no final de 2015, e foi contratado para dirigir a Elac America, com carta branca para o desenvolvimento de caixas baratas e com a melhor performance possível. Já na sua estreia, ele mostrou ao mundo a série Debut, e ganhou inúmeros prêmios internacionais e provou que o desenvolvimento de caixas de baixo custo seria sua prioridade também na Elac.

Gentilmente, a Mediagear nos disponibilizou a Debut B6 (que está em teste que será apresentado na edição de maio), a book DBR62 e a coluna DBR52 (teste na edição de junho próximo). Assim podemos dar a vocês leitores uma ideia exata das diferenças entre a Debut e a Debut Reference.

Muitas publicações questionam se a série Reference vale custar o dobro da série Debut, e ao mesmo tempo ser tão próxima em termos de valores da linha Uni-Fi. Se o leitor tiver paciência, chegaremos lá, pois também já estão previstos para o segundo semestre testes da série Uni-Fi.

Mas, no momento, acho que todos que buscam uma book definitiva para salas de até 12 metros quadrados, com valor inferior a 8 mil reais, coloquem em seu "radar", pois o que vou descrever para vocês é que estamos falando de uma book que é realmente um ponto "fora da curva"!

Com seu acabamento em madeira nogueira, ela consegue ser elegante sem nenhum tipo de ostentação. A nova grelha de metal de ►

proteção do tweeter lhe dá um ar de modernidade clássica. O tweeter de cúpula de tecido de 25 mm tem um novo guia de ondas para melhorar tanto a dispersão horizontal quanto vertical dos agudos. Mas a grande novidade é a nova unidade de médio-grave, com seu chassi de alumínio fundido e seu cone de 16,5 cm de fibra aramida (também utilizado na série Debut).

O gabinete é todo reforçado para eliminar vibrações internas e o acabamento tem duas opções de cores: um defletor frontal branco com o gabinete revestido de carvalho, ou o defletor preto com o acabamento de nogueira (o que recebemos para teste).

O fabricante informa que a DBR62 responde de 44 Hz a 35 kHz, possui uma impedância de 6 ohms, sensibilidade de 86 dB, é bass-reflex, tem dimensões de 36 cm de altura, 21 cm de largura e 27 cm de profundidade, e pesa 8,2 kg cada.

A DBR62 não permite bi-amplificação e seu crossover é de segunda ordem.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Integrados: Cambridge Audio CXA81, Sunrise Lab V8 SS, e Nagra Classic. Cabos de caixa: Virtual Reality Thunder trançado e sólido, e Sunrise Lab Quintessence. Fontes analógicas: toca-discos Timeless Ceres com braço Enterprise da Origin Live de 12 polegadas, e toca-discos Thorens TD 148 com cápsula Hana HL. Prês de phono: Boulder 508, PS Audio Stellar, e Luxman EQ-500 (leia Teste 1 nesta edição). Fonte digital: transporte Nagra CDT, e DAC Nagra TUBE DAC. Cabos de interconexão: Virtual Reality, Dynamique Apex, e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de força: Transparent Audio Reference G5 e PowerLink MM2.

Ainda que eu leia inúmeros reviews dos produtos que nos chegam para teste, os faço apenas depois de fechadas nossas observações, o que não impede muitas vezes de nos surpreendemos com conclusões às vezes muito distintas. Sempre acho que as diferenças podem ser muito mais referentes à sinergia do equipamento utilizado nos testes, salas e, muitas vezes, os discos de referência do articulista.

Com o Tidal, consigo ouvir todos os discos citados em testes e costumo observar atentamente em nosso sistema de referência os detalhes que chamam a atenção para o articulista ter escolhido aquele disco e aquela faixa. Confesso que tenho me deparado com muitas escolhas que eu pessoalmente não utilizaria, pois elas além de “turbinadas”, são recheadas de samplers e não usam instrumentos reais. O que para mim seriam “armadilhas” na análise de qualquer produto. Mas, critérios são muito pessoais e subjetivos, e quando observo que essas gravações equalizadas e turbinadas levaram o articulista a uma conclusão diametralmente oposta à que cheguei, consigo entender a razão desta disparidade.

Vou dar um exemplo específico. No teste desta caixa, um revisor disse que ela só era boa para quem escuta jazz e folk. Pois para pop

e música eletrônica, ela careceria de autoridade. Aí fui escutar os discos utilizados para esta conclusão. E no sistema e na sala do revisor, e certamente com as músicas escolhidas, acho que nenhuma book de menos de 8 mil reais toque estes exemplos com “autoridade”. Arriscaria mesmo dizer que book alguma irá tocar essas faixas com a “autoridade” que o revisor deseja.

Agora, com instrumentos reais, ainda que turbinados ou com compressão ou equalização, mas bem captados e com músicos competentes, garanto que esta Debut Reference toca qualquer gênero musical, e bem!

E com gravações com um nível técnico de qualidade decente, sua performance é divina!

Ouvi Ben Harper, King Crimson, Metallica, Prince, Genesis, Living Color, e não houve nenhum resquício de falta de autoridade em nenhum momento. E com um detalhe importante: uma folga e um senso de organização e distribuição de energia entre as caixas, impressionantes. Folga que só encontrei em books muito mais caras, como a Paradigm Persona B, a Dynaudio C1, a Boenicke W5SE, e a Q-Acoustics Concept 300 - todas caixas no mínimo três vezes mais caras que a Elac.

A DBR 62 tem um refinamento difícil de igualar, e este “equilíbrio” se traduz em conforto auditivo pleno. É o tipo da caixa que você pode passar horas e mais horas ouvindo seus discos e não sentirá fadiga auditiva nunca (desde que o seu setup e sala não sejam tortos).

Mas ela precisa de alguns cuidados de posicionamento, tanto em relação às paredes, como em relação ao pedestal e sua altura correta. Nós utilizamos nossa referência, o pedestal da Magis, que nunca nos deixou na mão com book alguma. A DBR62 precisa que esteja corretamente ajustada para o ouvido estar na altura certa entre o tweeter e o falante de graves/médios. Pois se não estiver na altura correta, o equilíbrio tonal pode ser comprometido. O ideal é ouvir vozes femininas para este ajuste, pois quando o posicionamento está correto, a voz feminina ganha aquele corpo de sustentação no médio-grave, tão importante para perceber as inflexões e técnicas vocais (minha cantora preferida para este ajuste ainda é a Ella Fitzgerald ou a Cassandra Wilson, mas cada um tem a sua, é claro).

Definida a altura, busquei o melhor posicionamento na sala, que foi 2,80m entre elas (do centro de um tweeter ao outro), e 1,20 m da parede às costas. Ligeiramente apontadas para o centro do ponto ideal de audição, cerca de 25 graus.

Quando estava acabando o teste, chegou o integrado da Leben de apenas 15 Watts por canal (leia Teste 2 nesta edição). Achei que a sensibilidade da Elac seria um problema intransponível para o Leben, mas para minha grata surpresa, para ouvir pequenos grupos de vozes e instrumentos acústicos, foi um resultado excepcional, principalmente para a análise do quesito Textura em ambos os produtos. ▶

ÁUDIO



Mas a Elac precisa de mais “músculo” para os outros gêneros musicais. Então utilizamos este belo acervo de integrados (Nagra, V8 SS e Cambridge), e a Elac mostrou integralmente o motivo de tantos prêmios e de elogios tão efusivos!

Seu equilíbrio tonal é um exemplo para inúmeras books que não possuem as últimas duas oitavas nos graves e sofrem para ter um bom equilíbrio e um corpo correto nas baixas frequências. Bem posicionada e com um setup correto, a sensação que tivemos ao reproduzir órgão de tubo é que ela entregava bem mais que os 44 Hz nos graves (e estamos falando de uma sala de 50 metros quadrados).

Na nossa sala de home-theater de 12 metros, essa mesma gravação de órgão de tubo ganhou um deslocamento de ar impressionante, pois no espaço ideal a DBR62 consegue mostrar toda sua “autoridade”, presença e energia.

O equilíbrio tonal é tão bom que, mesmo em músicas como órgão de tubo, percussão, contrabaixo acústico ou elétrico, não existe aquela sensação de corpo esquelético ou falta de peso, que faz com que a região média-alta se projete e torne o equilíbrio tonal cansativo.

A região média é de uma presença orgânica magnífica, que só ouvimos nos melhores monitores de estúdio de gravação (tanto que indiquei para três amigos músicos que a utilizem em seus estúdios).

Para quem adora ouvir os detalhes da microdinâmica, a Elac será um verdadeiro deleite auditivo. Mas graças ao seu impressionante equilíbrio tonal, este grau de transparência não tira a musicalidade e

naturalidade do que ouvimos. E os agudos têm a extensão certa e o decaimento perfeito para nos fazer entender o tipo de reverb digital colocado na mixagem, e o tamanho das salas de espetáculo em que os discos foram produzidos.

Outra reclamação que sempre escuto é que muitas books tem um corpo nos agudos diminuídos, o que faz se perder o interesse em ouvir sem avaliar. Este não é o caso desta Elac. Ouvi inúmeros pratos de condução, justamente para tirar essa dúvida, e proporcionalmente ao tamanho do corpo de outros, outras frequências, o resultado foi muito coerente.

Uma das melhores características de toda boa book, é sumir e deixar apenas a música na sala. Algumas fazem essa “mágica” apenas com gravações excelentes tecnicamente, e as melhores a fazem com gravações que não são um primor técnico, mas em que o engenheiro soube ajustar os planos o foco e recorte no “pampot” da mesa de mixagem. Na Elac essas gravações soam magníficas também tanto em relação aos planos, como na altura e largura e no foco e recorte.

Gravações com diversos instrumentos bem captadas e com ar em volta de cada instrumento, são exemplos matadores deste quesito reproduzido nesta Elac.

Mas se tem um item que foi uma grande surpresa, esse foi a textura. Que capacidade de recriar em detalhes as intencionalidades, a qualidade do microfone, da captação, do instrumento e do músico. ►

É tão impactante e correto, que foi mais uma qualidade que me levou a indicá-la como monitor de estúdio. Este grau de refinamento na apresentação de texturas, novamente, você só encontra em books e monitores de estúdio infinitamente mais caros que essa Elac!

Os transientes são impecáveis em termos de precisão e andamento. Elas soam intensas e com aquela sensação de querer acompanhar com o pé o ritmo do acontecimento musical. Nada soa letárgico ou desinteressante.

A macrodinâmica (já que da micro eu já falei), obviamente que sofrerá limitação pelo tamanho físico, mas em volumes moderados e com um amplificador que imponha autoridade e controle, você terá alguns sustos, de como uma caixa deste tamanho consegue passagens de macrodinâmica sem estender a língua para fora ou jogar a toalha. Claro que não falo dos famosos tiros de canhão de Tchaikovsky, ou de ouvir no volume correto a Sagração da Primavera de Stravinsky, mas tirando os exemplos críticos para a avaliação deste quesito, a performance em macrodinâmica da Elac é muito honesta para o seu tamanho e preço.

O corpo harmônico da Elac também a colocou na categoria de books que “burlam”, dentro do possível, este quesito. Muitas books consideradas “de entrada” pelo seu preço possuem um corpo muito homogêneo em todo o espectro audível, não mostrando as diferenças por exemplo entre um contrabaixo e um cello.

Claro que não escutei na Elac as diferenças de corpo deste dois instrumentos, como escuto em nossa caixa de referência. Mas, na Elac, havia uma sutil diferença de tamanho entres esses dois instrumentos, totalmente audível.

A materialização do acontecimento musical (organicidade) não é um problema intranponível para ela, mas as gravações terão que ser aquelas tecnicamente impecáveis (como também na maioria das caixas book ou coluna de qualquer faixa de preço). Mas posso garantir que José Cura esteve em nossa sala, assim como Ella Fitzgerald e Louis Armstrong (estes dois últimos em LP).

CONCLUSÃO

Se muitos leitores duvidaram da qualidade e da nota da coluna da Pioneer, que na época custava menos de 2000 reais (acredite!), certamente esses leitores duvidarão da nota desta book, que toca de forma tão sedutora e admirável custando menos de 8 mil reais!

Se tens uma sala pequena, e está cansado de ter que conviver com books que cabem em seu orçamento e sala, mas que não lhe deixam totalmente satisfeitos, dê uma chance à DBR62 e as escute. Pode ser que ainda tenha aquela sensação de que um dia uma coluna entrará em sua sala para resolver sua insatisfação, mas tenho certeza que sua opinião a respeito das limitações das books serão dissipadas.

E se tudo que você busca para o seu sistema é uma assinatura que prime pela musicalidade e naturalidade, difícil será achar nesta faixa de preço uma book que seja melhor que esta Elac. Eu, nos nossos 25 anos de revista, não ouvi.

Se confias em minhas impressões, e ela cabe em seu orçamento, a longa e torturante peregrinação terminou! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QGYZFR3RRB0](https://www.youtube.com/watch?v=QGYZFR3RRB0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q4TAK59ZLDS](https://www.youtube.com/watch?v=Q4TAK59ZLDS)

AVMAG #272
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 7.442

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ELIPSON LEGACY 3210

Fernando Andrette



Depois de testar a coluna Legacy 3230 (leia teste na edição 271), fiquei muito curioso em ouvir a book 3210, que recebeu excelentes testes internacionais.

Sou fã de books que encaram o desafio de tocar bem tanto em ambientes modestos, como em ambientes maiores até 25 metros quadrados.

Pois as books que possuam essa versatilidade, e encarem com desenvoltura e graves decentes espaços maiores, terão uma enorme vantagem em relação às books que não conseguem descer muito nos graves, limitando seu uso a salas abaixo de 12 metros quadrados.

Como se trata do segundo teste deste fabricante francês, vale a pena contar novamente (como fiz no teste da 3230) a história da empresa.

A Elipson, nos anos 30, tinha o nome de Multimoteur, e somente na década de 40 seu fundador Henry Bazin, junto com o amigo e engenheiro Maurice Latour, decidiram entrar no mercado de áudio,

fabricando caixas acústicas. Sua primeira criação foi o alto-falante BS50, que rapidamente ganhou a admiração do consumidor francês. Mas foi em 1948 que a empresa resolveu dar um salto em termos de design, e lançar sua primeira linha de caixas esféricas. E com isso lançou a linha Elipson (uma junção das palavras Elipse e Som).

Os gabinetes eram moldados em gesso, e foram as estrelas do primeiro evento de áudio em Paris em 1953. A caixa era montada em um tripé de metal, o que a diferenciava de todas as caixas acústicas existentes no mercado. O falante dentro da esfera permitia uma melhor dispersão, e com o surgimento dos LPs estéreo, se tornaram muito populares as 'esferas da Elipson', como o mercado as batizaram.

Os maiores eventos artísticos e televisivos dos anos 50 eram todos sonorizados com as caixas Elipson. Até o discurso do General de Gaulle, no lançamento da Maison de La Radio em 1953, foi feito com a versão da BS50 com um defletor na base da caixa, para uma maior dispersão em ambientes muito grandes. ▶

Com o fim da Segunda Guerra, e a reconstrução da Europa, a Elipson se uniu à ORTF para criar uma divisão de falantes para o pro-audio, e desta parceria nasceram os monitores da Linha Religieuse, em que o gabinete elíptico era constituído de três partes: uma maior para um falante de graves de 12 polegadas, uma menor para os médios de 6 polegadas e, em cima, o mini gabinete para o tweeter. O sucesso foi tão grande que, no início dos anos 60, praticamente essa nova divisão de monitores para estúdio estava presente em todos os estúdios de gravação e de rádio e televisão franceses.

Com a mudança, nos anos 70, do CEO da Elipson, a empresa resolveu entrar com força no mercado hi-end, e lançou de uma só fornada os modelos 1501, 1502 e 1503. E, na sequência, saíram as caixas esféricas da série 402, com um falante de médio-grave de 8 polegadas e um tweeter AMT.

Até a virada do século, as caixas Elipson eram vendidas apenas na França e Bélgica. Em 2001 a Elipson deu uma guinada em sua estratégia de mercado, também entrando no mercado de toca-discos, amplificadores, subwoofers e caixas bluetooth.

E para atender ao mercado mais jovem, a Elipson desenvolveu sua linha Elipson Planet L, com books esféricas, que funcionou como o 'cartão de visita' para o mundo conhecer melhor a empresa e sua longa trajetória voltada para o mercado francês e, posteriormente, para o mundo.

O fabricante tem orgulho de dizer que a linha Legacy foi baseada toda nos modelos Religieuse 4050 e 1303.

Diria que o tamanho da 3210 está no limite do que se pode chamar de book. Elas são imponentes e jamais passarão despercebidas em uma sala de audição. Desenvolvida e produzida totalmente na França, a Legacy 3210 possui um gabinete de MDF com espessura de 25 mm em suas paredes e acabamento de folheado de madeira natural, exceto a tampa do gabinete, que é de alumínio. As paredes laterais do gabinete não são paralelas, e as bordas frontal e traseira são arredondadas, para a otimização das ondas sonoras.

Suas medidas são: 26 cm de profundidade, 27,5 de largura e 40 cm de altura. Trata-se de uma caixa bass reflex com o pórtico nas costas do gabinete, o que necessita de um cuidado redobrado com posicionamento das mesmas.

O falante de médio-grave de seis polegadas e meia possui um cone de alumínio revestido por uma micro camada de cerâmica. Segundo o fabricante, este é o melhor dos mundos, e ele está acoplado a uma grande bobina de voz e um ímã de neodímio, para uma resposta mais plana e baixa distorção.

O tweeter é o mesmo da 3230, um AMT (Air Motion Transformer). Este tweeter tem várias dobras, aumentando a área de contato com o

ar, fornecendo maior dispersão lateral e velocidade e decaimento mais suave e natural.

Segundo o fabricante a caixa possui uma resposta de 42 Hz a 30 kHz, sensibilidade de 88 dB e o fabricante recomenda o uso de amplificadores acima de 40 Watts. A caixa permite o uso de bi-cablagem ou bi-amplificação, podendo ser usado cabos com forquilha, banana ou fio descascado de boa espessura. Para o teste utilizamos dois pedestais de caixa: o Magis, nosso fiel escudeiro de longa data, e o da Timeless (leia teste na edição de setembro próximo). Os cabos de caixa foram: Virtual Reality Trançado, Apex da Dynamique Audio, e o Quintessence da Sunrise Lab.

A eletrônica, a maior parte do tempo, foram as seguintes. Amplificação: integrados Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, e o IS-1000 da Gold Note (leia Teste 1 nesta edição), e nosso sistema de referência. Fontes analógicas: toca-discos Origin Live Sovereign Mk 4, braço Enterprise Mk 4, cápsulas Hana Umami Red e ZYX Ultimate Omega G (leia teste na edição de outubro próximo). Prés de phono: Nagra Classic Phono e Gold Note PH-1000 (leia teste na edição de outubro próximo). Fontes digitais: music servers Innuos MiniZen e Statement, transporte Nagra, DACs Gold Note com fonte externa SD-10, e o Nagra TUBE DAC.

Todas as virtudes da coluna 3230 estão presentes em menor escala na 3210, mas sem perder aquela assinatura sônica tão envolvente e sedutora. Médios muito precisos e naturais, agudos sem nenhum resquício de dureza ou brilho (coloração), e graves com enorme autoridade, energia, deslocamento de ar e velocidade.

A 3210 pode tranquilamente ser colocada em salas de até 20 metros quadrados, que o ouvinte não sentirá falta de graves. Diria que os 42 Hz parecem ser modestos em relação ao que ouvimos de fato. Não houve uma gravação de órgão de tubo em que tivemos a sensação que faltou algo.

O que é mais comedido é a sensação de deslocamento de ar, que é mais 'tímida', mas nada que comprometa ou nos faça perder o interesse em ouvir órgão de tubo.

E como o médio-grave possui excelente corpo e energia, nada nas baixas frequências soa sem graça.

O grande truque para as salas de 20 metros é diminuir a distância da parede atrás das caixas (mas não ao ponto do grave embolar). Com este truque, como escrevi, a sensação auditiva é que ela desce mais que os 42 Hz.

Como toda excelente book, se posicionada corretamente, ela irá sumir, ficando apenas a música a sua frente. Aqui voltamos elas 15 graus para o ponto ideal de audição. Nessa posição, independente do pedestal utilizado, a sensação é que as caixas não passam de objeto decorativo do ambiente!

ÁUDIO



As texturas se apresentaram de forma magistral, tanto em termos da qualidade dos instrumentos, como na questão da intencionalidade do solista e seu grau de virtuosidade. Tenho certeza que muito deste grau de refinamento é decorrente do excelente cone de alumínio/cerâmica. Pois você consegue literalmente respostas muito lineares em toda a região do falante, ocasionando um conforto auditivo espetacular!

Os transientes estão no mesmo nível das Persona B da Paradigm, tanto que fui buscar minhas anotações pessoais para verificar o que havia escrito no teste da Persona, em relação a este quesito, e as músicas escutadas para o fechamento da nota. O detalhe é que a Persona B custa o dobro da Elipson!

A dinâmica também, para o seu tamanho e construção, é excelente, deixando o ouvinte em situação confortável mesmo nas passagens de macrodinâmica mais complicadas. Aqui o truque é ouvir em volumes condizentes com a qualidade técnica da gravação.

O corpo harmônico, o problema de qualquer book do mundo, na Elipson se mostrou muito mais pontual - dependendo muito da qualidade de captação do instrumento do que uma limitação física da caixa. Por isso também achei uma grata surpresa a Legacy se posicionar um pouco acima do que ouço nas books, em relação a este quesito da Metodologia. E, ouvindo analógico, a surpresa foi ainda mais positiva - como é assustadoramente superior este quesito no analógico!

A presença física - organicidade - está no mesmo nível das minhas books preferidas (Paradigm Persona B, Boenicke W5SE e QAcoustics 3030i). O que é uma grande notícia o quanto books mais baratas evoluíram neste quesito, de nos mostrar os músicos à nossa frente, nos permitindo 'interagir' com eles.

CONCLUSÃO

Se você é um audiófilo 'tradicionalista', que está sempre com um pé atrás em marcas pouco conhecidas por estas paragens, o que posso dizer é: ouça a Elipson Legacy 3210 se o que você está procurando é uma book.

Agora, se você como eu, adora ser surpreendido e não tem nenhuma 'resistência' em ouvir tudo que estiver ao seu alcance, escute-a!

Adorei a reação do Giovani, da Timeless Audio, ao me trazer seu pedestal de caixa e ouvir a Legacy tocando. Ele ficou muito mais que surpreso, ficou encantado com sua clareza, autoridade, realismo e musicalidade. Atributos no mesmo patamar são mais difíceis de achar nas books na faixa de 10 a 30 mil reais!

Ela entra também para o seletivo grupo de books que possuem as qualidades que todo audiófilo deseja em suas salas pequenas (e muitas vezes problemáticas acusticamente), que são: corpo harmônico, macrodinâmica, peso, deslocamento nos graves, naturalidade, musicalidade e conforto auditivo.

Você terá tudo isso com a Legacy 3210, basta que o pedestal tenha a altura correta para que o seu ouvido fique exatamente entre o final do falante de médio/grave e o começo do tweeter, que haja pelo menos 90 cm de espaço da parede às costas da caixa, e entre elas uma distância mínima de 2,40 m. E, claro, um setup a altura da performance dela.

Com todos esses cuidados, não tem como errar na escolha, eu garanto! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J7VDWAKFG94](https://www.youtube.com/watch?v=J7VDWAKFG94)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q-SGUVQGKEA](https://www.youtube.com/watch?v=Q-SGUVQGKEA)

AVMAG #276
Impel
 contato@impel.com.br
 (11) 3582.3994
 R\$ 20.306

NOTA: 88,0



ESTADO DA ARTE



IS-1000

Toda beleza e encanto da música em uma única peça.
Design e performance inigualáveis.



GOLD NOTE

HIGH-END AUDIO MADE IN ITALY

Gold Note, design italiano à serviço da música e da beleza. Elegância, tecnologia inovadora e materiais selecionados são a inspiração para levar o melhor da música aos nossos clientes.



Assista ao tour pela fábrica da Gold Note

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

ÁUDIO

CAIXA ELAC DEBUT REFERENCE DFR52

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Acho que preparei muito bem o terreno no teste da bookshelf Elac Debut Reference DBR62 (leia o teste na edição 272), quando disse que em breve testaríamos a torre dessa série. Pois o que recebemos de e-mail nos perguntando em que edição o teste sairia - o que nos mostrou a quantidade de leitores que ainda desejam uma solução e caixa torre para os seus sistemas, boa e barata!

Quando eu escrevo que o projetista Andrew Jones não precisa provar mais nada ao mercado hi-end, muitos acham que estou extrapolando e colocando minha visão 'pessoal' acima da profissional. Ok, é público e notório minha admiração por este projetista, mas esta admiração não surgiu 'do nada', ela foi construída por décadas ao ver seus projetos e como eles soam em diferentes esferas (do produto consumer ao hi-end superlativo).

Enquanto ele deixava o universo audiófilo de queixo caído com suas caixas TAD (a divisão hi-end da Pioneer), muitos achavam que por aquela quantia de 'verdinhas' ele tinha obrigação de mostrar e aplicar todo o seu conhecimento! Mas quando ele topou o desafio dos japoneses em desenvolver caixas para o mercado consumer da Pioneer, e com tamanho desempenho, muitos duvidaram de que poderia ser tão bom e custar tão pouco! Nunca recebi tantas críticas, como sobre o teste da coluna Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, publicado na edição 231. Interessante que muitos desses críticos foram os que durante anos nos chamaram de 'elitistas', e de só apresentar produtos caros e inacessíveis à maioria dos nossos leitores.

Aí quando finalmente apresentamos uma modesta coluna de menos de 2 mil reais, Estado da Arte, esses mesmos críticos entupiram nossa caixa de e-mail dizendo não ser possível algo tão 'simplório' e barato ser um Estado da Arte!

Vai entender a cabeça do ser humano!

O que sei é que dezenas de leitores compraram e vivem felizes com sua caixa torre Estado da Arte, boa e barata! E para nós, é isso que realmente importa.

Mas voltando ao Andrew Jones, depois de cumprido este desafio e encerrado seu ciclo na Pioneer, ele topou um novo desafio: desenvolver para a Elac uma nova linha de produtos que se remodelasse toda a sua linha de entrada e fosse até a zona intermediária de preços (onde se encontra o nicho mais disputado do mercado hi-end).

E de cara mostrou ao segmento ao que veio, ao apresentar a linha Debut com produtos que começam na faixa de 200 até 500 dólares! Os prêmios vieram de todos os continentes e as principais revistas especializadas se renderam à incrível relação custo/performance desta linha. Com o sucesso quase instantâneo, Jones se propôs um novo desafio: desenvolver em cima da plataforma Debut a série Reference, e subir de patamar em termos de performance, sem dobrar os custos! ►

Como escrevi no teste da bookshelf, em julho também apresentaremos o teste bookshelf Debut 2.0 B6.2, e aí o leitor terá a oportunidade de ver as diferenças entre ambas as books. E tirar suas próprias conclusões, se precisa de uma Debut Reference para o seu sistema, ou uma Debut 2.0 B6.2 lhe atende amplamente.

As mudanças foram visuais e pontuais, com avanços acústicos no reforço do gabinete, novos cabos internos e no crossover e um acabamento mais refinado.

Sendo uma caixa de três vias, a DFR52 responde de 42 Hz a 35 kHz, possui uma impedância nominal de 6 Ohms, sensibilidade de 87 dB, corte em 90 Hz e 2.200 Hz, potência admissível de 140 Watts, um tweeter de cúpula de tecido, um falante de médio de 5.25 polegadas de cone de aramida, e dois woofers também de 5.25 polegadas com o mesmo cone do falante de médio.

O gabinete frontal tem as opções de branco ou preto, com acabamento em nogueira e toda a construção do gabinete em MDF. O novo guia de ondas do tweeter possui uma grade mais aberta para melhorar a dispersão das altas frequências, as braçadeiras internas do gabinete agora unem todos os quatro lados, diminuindo significativamente as vibrações internas do gabinete e toda e qualquer coloração. O novo woofer de chassi fundido oferece (segundo o fabricante), maior rigidez para fortalecer o defletor frontal e minimizar as ressonâncias do chassi.

E o outro grande diferencial, além dos dois pórticos bass-reflex tra-seiros, é o novo slot de abertura dupla, com o intuito de aumentar a saída de graves, para aumentar tanto a dinâmica como aprimorar as baixas frequências.

Cada caixa pesa quase 17 kg. Com um design bastante slim, não é uma torre invasiva ou que terá grande 'resistência' feminina em uma sala de visitas. Sugiro que o leitor leia meu teste da book, para entender o conceito do Andrew Jones para essa nova série e o quanto ele foi feliz em oferecer ao audiófilo que necessite (ou deseje) uma resposta mais estendida nas baixas frequências.

A DFR52 se tornou uma das minhas torres prediletas, por dois motivos: seu alto grau de performance e sua excelente compatibilidade com todos os powers e integrados que utilizamos no teste. Ela casou divinamente bem com o QUAD Artera Solus e com o Cambridge CXA81, integrados mais compatíveis com sua faixa de preço, e com o set de cabos da Virtual Fidelity.

Como também não fez feio quando foi ligado no Sistema de Referência da AVMAG.

Não se enganem com sua média sensibilidade (87 dB), pois ela é uma verdadeira 'pêra doce' para qualquer amplificador. Sua sonoridade é aberta, graciosa, refinada e de uma naturalidade cativante!

Seu tempo de amaciamento foi quase o dobro da irmã menor (total de 320 horas), mas depois de amaciada, a DFR52 é capaz de arroubos difíceis de encontrar em sua faixa de preço! Seus agudos são

sedosos, limpos, com ótimo decaimento, e muito corretos! Sua região média não trafega pela estrada do hipertransparente ou do analítico, preferindo sempre uma apresentação mais 'homogênea' e refinada - com isso, mesmo as gravações mais tecnicamente limitadas se tornam audíveis (quando se mantém o volume da gravação dentro do limite correto).

E os graves serão uma enorme surpresa para todos que julgam ser preciso investir o dobro para se obter graves encorpados, com velocidade e precisão. Em gravações de órgão de tubo, a sensação é que a Elac desce um pouco mais que os 42 Hz especificados.

É possível ouvir obras complexas e com enorme variação dinâmica, como os Concertos para Percussão e Orquestra de Bartók, ou os últimos dois movimentos da Sinfonia Fantástica de Berlioz, sem aquela sensação de frontalidade nos crescendos ou endurecimento do sinal.

O som possui uma fluidez de caixas muito mais caras e maiores, e mesmo em nossa sala de 50 metros quadrados, ela se saiu muito bem em termos de energia e pressão sonora nos graves. É, no entanto, uma caixa que merece uma eletrônica à altura e, principalmente, cabos compatíveis com seu grau de refinamento.

Seu soundstage dependerá muito da capacidade de posicionamento delas na sala. Será preciso, para o efeito de profundidade da imagem sonora, pelo menos 1 metro das paredes às suas costas e, no mínimo, 0,80 cm das paredes laterais.

Ela não precisa de um toe-in acentuado, voltado para o ponto de escuta, mas também não se sente à vontade trabalhando simetricamente paralela às paredes laterais.

Impressionou, depois de devidamente posicionada em nossa sala, sua profundidade, altura e largura nas obras sinfônicas, com excelente foco, recorte e apresentação de planos.

Os quartetos de cordas, assim como os instrumentos solistas, possuem aquela 'mágica' do silêncio em volta de cada instrumento, nos dando um panorama visual perfeito do espaço físico de cada músico.

Suas texturas são outro dos seus inúmeros pontos altos, pois conseguem nos mostrar desde a qualidade dos instrumentos, captação e mixagem, mas sobretudo, e de maneira refinada, as intencionalidades.

Nos nossos discos produzidos pela CAVI, guardei alguns takes que não foram aproveitados na mixagem final, gravações que para os leigos passariam de boa como as que foram escolhidas, mas que por 'n' motivos não agradaram aos músicos ou a mim. E gosto muitas vezes de escutar esses takes justamente para 'sentir' o que ocorreu de 'vacilada', ou de erro mesmo. Essas gravações, quando comparadas com as boas, em termos de texturas, nos são extremamente úteis, pois é possível perceber o grau de foco, leveza, segurança, do músico naquele momento. Isso é o que chamamos de 'intencionalidade' - parece tão subjetivo sem essa explicação, mas tão simples de se compreender quando o sistema é capaz de nos mostrar o grau das

ÁUDIO

intencionalidades, tanto da técnica na execução da obra, como o de interpretação do músico.

Estamos acostumados a ouvir este grau de intencionalidade em caixas mais caras que essa Elac, então você pode entender nossa surpresa ao constatar que as caixas de menos de 15 mil reais já atingem esse grau de refinamento. Trata-se de uma excelente notícia, meu amigo, pois se as caixas já se encontram neste nível, toda a 'cadeia eletrônica' também terá que andar! Principalmente o tão 'glorificado' streamer (mas isso abordo de maneira mais profunda no teste 1 desta edição).

Em caixas com cones menores e bem projetados, os transientes corretos deixaram de ser um problema há décadas! Mas não basta serem apenas corretos nos sistemas Estado da Arte, pois estes precisam ser também precisos! E uma precisão no grau que encontramos nesta Elac, está meio que 'fora da curva'. Pois quando falamos em precisão, estamos falando em tempo e andamento corretos. Tão corretos que fazem com que o ritmo nos contagie e a música fique mais 'graciosa' e rica.

Interessante que muitos audiófilos, em começo de trajetória, ficam tão presos ao que precisam ouvir em determinadas passagens de suas músicas preferidas, que esquecem que o cérebro pode muito bem fazer isso com maior correção e segurança. Basta entender o que se procura e deixar o cérebro codificar e reagir.

Transientes é um quesito que não tem meio termo. Ou são precisos, ou comprometem todo o ritmo e encantamento. Para este quesito, o número de instrumentos é enorme para a sua avaliação, sendo os mais óbvios: instrumentos de percussão, piano, violão, etc.

Mas, se quisermos ver se o nosso cérebro pode nos guiar, eu sugiro música afro-cubana. Se os transientes forem pobres ou, como eu digo, letárgicos, a música irá se arrastar, como se os músicos estivessem com fome e insolação. Ou, pior, estivessem tocando 'burocraticamente'!

Não ria, amigo leitor - quando eu mostro, nos Cursos de Percepção Auditiva, exemplos de sistemas ou componentes do sistema ruins de transientes, a sala quase vem abaixo. Pois é integralmente audível, que algo no tempo e no ritmo estão desencontrados.

A Elac não sofre dessa 'letargia' - pelo contrário, sua precisão é espantosa! Tenho um CD do Chick Corea Elektric Band, *Eye Of The Beholder*, em que o baterista Dave Weckl atrasa sutilmente as entradas em várias faixas, dando um efeito auditivo muito interessante, já que ele o faz intencionalmente - enquanto que em suas entradas de solo, a precisão é de um relógio suíço. Então, este é um disco ótimo para observarmos como ouvimos essas diferenças. E quando algo está 'letárgico' ou em câmera lenta (como meu pai se referia a este fenômeno), instantaneamente nosso cérebro mostra. Pois não tem nada mais broxante que um andamento 'fora do compasso' em uma música que o ritmo é o mais importante.

Então, amigo leitor iniciante, entenda os conceitos da nossa Metodologia, escolha seus exemplos que facilitarão ouvir as diferenças, mas depois de entendido o que se tem que observar, relaxe e deixe seu cérebro agir (afinal ele tem milhões de anos nas costas, desde que nossos ancestrais saíram para colher e caçar, e precisavam estar atentos a todos os ruídos da mata, para não serem pegos de surpresa).

Por isso que insistimos tanto que nossos leitores tenham o hábito de ouvir música ao vivo não amplificada, para lhe dar referências seguras e seu cérebro poder guardar em sua memória de longo prazo essas referências.

Outra grande qualidade desta Elac é sua apresentação do corpo harmônico. Principalmente com fonte analógica. Superou em todos os sentidos nossa expectativa, pois visualmente não dá para acreditar que uma caixa tão slim, possua essa capacidade de ter uma apresentação tão próxima do real. Para fechar a nota desse quesito, eu nem usei um LP, fechei a nota ouvindo *Passarim* em Piano Solo, do André Mehmari, no nosso disco Genuinamente Brasileiro Vol. 2. Gosto desta faixa por dois motivos: o piano estava colocado bem no meio do palco do Teatro Alfa, deixando-o respirar e com um posicionamento dos dois microfones que captou com enorme fidelidade o tamanho do piano! Ele realmente é grandioso, afinal é um Steinway D, com uma sonoridade linda! Mas só temos este corpo em nossa sala com caixas de muito maior porte e muito mais caras!

A presença do acontecimento musical em nossa sala só ocorreu quando a Elac foi ligada ao nosso Sistema de Referência. Quando tivemos o amplificador V8 SS da Sunrise Lab por alguns dias, a Elac havia acabado de chegar, então não foi possível ouvir este quesito neste conjunto, mas também foi muito contundente!

Novos leitores = muitas dúvidas. O que mais têm nos pedido é o esclarecimento de intencionalidade, corpo harmônico e organicidade.

Pois bem, acho que falei o suficiente sobre intencionalidade e corpo.

A organicidade é de vital importância, pois sem ela nosso cérebro não pode ser levado a acreditar que não estamos ouvindo reprodução eletrônica. Então, se o produto testado não consegue este 'truque', ele não pode ser considerado um hi-end Estado da Arte. É óbvio que, quanto mais subimos os degraus do Estado da Arte, mais 'enganamos' nosso cérebro.

O que a Elac conseguiu ligada ao nosso Sistema de Referência é algo digno de nota. O problema é que ninguém vai comprar esta Elac e ligar no nosso Sistema de Referência.

Então, do que adianta essa observação? Adianta no sentido de fechar a nota neste quesito e principalmente para 'lembrar' o comprador desta caixa que ele terá em mãos um produto que também se beneficiará nos futuros upgrades que serão feitos na eletrônica! Pois pense o custo a ser desembolsado cada vez que subimos de patamar, se



precisarmos mexer em tudo! Ficaria inviável totalmente! Então, ouvirmos um produto com enorme potencial em nosso Sistema de Referência serve para avaliarmos todo o seu potencial!

Então quer dizer que não terei a materialização física do acontecimento musical em minha sala com essas caixas? Não se sua eletrônica estiver abaixo de 88 pontos! E sim se estiver acima de 89. Entendeu como funciona? Mas, para isso, a sala, a elétrica e todo o sistema precisa estar coerente, sem nenhum elo fraco.

CONCLUSÃO

Não pensem que nós só vibramos quando testamos os superlativos, totalmente inacessíveis à esmagadora dos mortais. Eu também vibro, e muito, quando temos a oportunidade de testar produtos que podem ser o produto definitivo de muitos de nossos leitores!

A linha Elac Debut Reference irá fazer o sonho de centenas de nossos leitores que estavam há anos esperando uma caixa torre que estivesse dentro de seu orçamento, e que fosse compatível com sua eletrônica já bem ajustada e Estado da Arte!

Se você fez toda a 'lição de casa' com: acústica tratada, elétrica dedicada, e setup 'azeitado' e sinérgico, e deseja a caixa compatível com este sistema, escute a DFR52. Se sua sala tem pelo menos 12 metros quadrados, ela pode lhe encantar, como encantou a nós!

Uma caixa que certamente estará entre as caixas recomendadas com o Selo do Editor na edição das Melhores do Ano! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T5XIE28XR10](https://www.youtube.com/watch?v=T5XIE28XR10)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KRFLF_RQQAM](https://www.youtube.com/watch?v=KRFLF_RQQAM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0GSQKZBWL08](https://www.youtube.com/watch?v=0GSQKZBWL08)

AVMAG #274
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 14.890

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS KII AUDIO THREE

Fernando Andrette



Vi, nos últimos anos, diversos vídeos das caixas Kii, com e sem o módulo de grave, e não saberia dizer se era por escolha ou para realçar ainda mais suas qualidades, e sempre com música eletrônica. Este detalhe do repertório me chamou a atenção, e despertou minha curiosidade em conhecer o produto.

Principalmente depois que soube que quem estava por de trás do projeto era o Bruno Putzeys, um engenheiro que está há muitos anos se dedicando ao desenvolvimento dos amplificadores classe D. Bruno, já nos anos 90, estava debruçado nos primeiros projetos desta topologia na Philips, e lá desenvolveu o circuito UCD, tecnologia que a Hypex abraçou pelo seu potencial.

Contratado, na sequência, pela Hypex, lá Bruno desenvolveu os famosos módulos NCore Classe D, amplamente utilizados por diversos fabricantes de áudio profissional e hi-end, como Bel Canto e Jeff Rowland. Cansado de trabalhar para os outros, montou sua própria empresa, a Mola Mola e, ainda por um tempo, foi consultor e colaborador da Grimm Audio (caixa que já testamos na revista).

Atualmente, Bruno paralelamente mantém uma parceria com o engenheiro de áudio Bart van der Laan, e criaram a caixa Kii THREE, tanto para o áudio profissional como para o áudio doméstico. O projeto nasceu de uma calorosa discussão referente à acústica das salas, seja de ambiente tratado na área profissional, quanto das salas domésticas. Dessa discussão nasceu o interesse de construir uma caixa que conseguisse 'driblar' os problemas de ressonância dos graves e médio-graves, invertendo o sinal para os drives traseiros e laterais da caixa que estavam desenvolvendo, com um atraso que pudesse atenuar o problema.

Para conseguir isso, os seis drives da caixa THREE são controlados por um crossover DSP que usa antifase nos drivers traseiros para impedir que os graves sejam 'ampliados' no contato com a parede atrás das caixas. Algo já tentado por outros fabricantes de caixas, e cada um com um resultado, no mínimo, 'discutível'.

O software desenvolvido pela Kii promete resolver os problemas de tempo e alinhamento de cada um dos seis falantes e 'burlar' os problemas existentes em qualquer sala em que for colocada! ▶

A Kii THREE, como já escrevi, utiliza seis falantes, cada um com seu próprio DSP, conversão D/A e amplificação individual. Cada amplificador é um NCore classe D que tem 250 Watts, combinados para produzir 1.500 Watts por canal, o que é deveras suficiente até mesmo para monitores de estúdio.

Os quatro falantes de graves têm 165 mm (6.5 polegadas), o de médio 127 mm (5 polegadas) e o tweeter de 25 mm com guia de ondas, o fabricante não dá nenhuma pista de que material são os cones dos falantes ou do tweeter.

Pensando em usuários tão distintos (pró áudio e consumer), o fabricante pensou em todas as possibilidades: conexão analógica direta via XLR de um pré amplificador, digital direta com um cabo USB para a AES/EBU de um laptop com Audirvana, ou um software compatível, ou pelo seu controlador Kii (que veio junto com as caixas).

Este controlador Kii é bastante prático e eu o indico como a melhor solução, pois este se conecta a uma das caixas via cabo Ethernet RJ45, e o sinal então é passado para a segunda caixa via um cabo semelhante. Tudo conectado você pode usar este controlador como um pré amplificador para sinais digitais, pois possui entradas óticas, coaxiais e USB, além de ter um botão para o controle do volume, um receptor IR e um display onde vários dos recursos e parâmetros para o ajuste das caixas podem ser escolhidos. Estes ajustes possuem 12 configurações para a definição do melhor resultado para as paredes laterais e por de trás das caixas.

Outra possibilidade é o ajuste das reflexões da sala, além de você poder ajustar a latência, polaridade, programar os presets no controlador e ajustar o equalizador ideal para cada falante individual, o que será necessário se uma caixa estiver em um canto entre duas paredes e a outra em um corredor (algo tão comum na sala de milhares de consumidores mundo afora). O Controlador tem indicadores coloridos para mostrar o status de cada ajuste feito.

A Kii também oferece pedestais dedicados que colocam as caixas na posição ideal em relação ao ouvinte.

Para o teste que ocorreu por longos 90 dias, utilizamos os Innuos Statement (leia teste na edição 274) e o Mini Zen (leia teste na edição de setembro próximo), e no final deste teste o streamer do DAC Gold Note DS-10 (leia teste em outubro próximo). Os cabos USB utilizados foram: Dynamique Zenith 2, Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Oyaide Continental 5S V2.

E depois de 60 dias ouvindo as THREE de todas as maneiras e em dois ambientes completamente distintos (nossa Sala de Referência e nossa sala de home-theater), ouvimos nosso setup analógico através dos prés de phono Nagra Classic Phono (leia teste na edição 273) e o Gold Note PH-1000 (leia teste na edição de setembro próximo).

É admirável que alguém se dedique com tanto esmero e conhecimento na busca de novas soluções e topologias, que faça com que o áudio em suas diversas formas e possibilidades sempre avance. Sabemos que inúmeras ideias no áudio possuem vida curta, por diferentes razões, mas as que vingam ainda assim precisam frequentemente de ajustes e correções de rota durante toda sua existência. Foi assim com o CD-Player, que levou décadas até se 'aprumar', e é assim que está sendo com os amplificadores classe D, caixas ativas com seus módulos DSP, e também com o streamer. Então tenho muito cuidado e zelo ao testar tecnologias que ainda estão em desenvolvimento, pois sei da responsabilidade que uma conclusão pode ter em um determinado estágio evolutivo.

Então, antes de iniciar este teste, algumas questões necessitam ficar muito claras, para que não haja interpretações equivocadas.

Avaliei a Kii THREE exclusivamente dentro do nicho de caixas ativas que buscam soluções eficientes para o mais complicado problema para qualquer caixa em um ambiente não tratado acusticamente. E pressuponho que os projetistas tenham levado em conta que este seja um enorme filão a ser trabalhado. Pois a esmagadora maioria dos consumidores, não tem o menor desejo de tratar suas salas.

Se foi este o propósito, ponto para a Kii, pois seu produto realmente tem o 'poder' de 'driblar' ambientes hostis com enorme reflexão, como de janelas, pisos frios ou salas irregulares em que uma caixa fica entre duas paredes e a outra largada como em uma ilha do pacífico, rodeada de espaços abertos.

O problema, no meu modo de avaliar o mercado como um todo, é em relação ao custo de se conseguir este feito, pois infelizmente pelo seu preço, a Kii é para muito poucos, audiófilos e melômanos. Me parecendo muito mais um produto de nicho, como faz por exemplo a B&O, que buscou no design fisgar seus potenciais clientes.

Ao começar a estudar todas as diversas possibilidades de ajuste, senti que o fabricante tentou oferecer o maior número possível de opções, e isso tanto pode ser um alento, para os que são pacientes, ou um tormento para os que querem tudo em um passe de mágica! E confesso que aí reside o maior problema, pois foram semanas escutando a caixa em diversas posições, mais perto das paredes laterais, e mais próximas da parede traseira, e cada nova posição demandava repassar todos os ajustes mais de uma vez.

E para cada estilo musical, o ajuste era diferente. Quando consegui chegar a um consenso de posição e ajuste, ficou claro que para extrair da caixa todo o seu enorme potencial, era preciso guardar os ajustes para cada estilo, para não se embaralhar.

Aí certamente o leitor mais curioso já deve estar se perguntando o que ocorre no ajuste errado? Muda o equilíbrio tonal, muda o corpo, mudam as texturas e muda até a relação das variações dinâmicas. ►

ÁUDIO

Então será preciso paciência, determinação e, depois de definida a posição, não mudar mais e anotar os presets ideais para cada estilo musical.

Feito isso, você estará tirando o melhor da caixa. E seus atributos são muitos.

Por exemplo, inteligibilidade. Poucas vezes escutamos caixas monitores com tanta precisão e detalhe, nos fazendo perceber de onde foi gerado o ruído que ficou na gravação de uma partitura tendo a página virada. Ou de movimentos bruscos do solista, ou até mesmo dos movimentos de pés 'nervosos' no chão da sala de gravação!

Outra virtude é o silêncio de fundo do acontecimento musical - essa qualidade ficou muito mais perceptível quando passamos a ouvir LPs. Os 'clicks e plocs' são muito menos presentes (será a exigência do sinal ao entrar ser transformado em digital antes de ser novamente entregue?). Fiquei até 'cabreiro' nos primeiros discos, pois achei que o ajuste que tinha feito estava cortando as frequências dos ruídos.

E a maior virtude, na minha opinião, é a resposta de transientes: simplesmente espetacular! Pois não é só o tempo e andamento que se mostram com maior precisão, mas a música que possui variação rítmica intensa parece que se torna mais vigorosa e intensa. Ouvi inúmeros discos com instrumentos eletrônicos, que não costumo ouvir, como os do Dead Can Dance, e realmente é de impressionar como os transientes em gravações assim soam tão bem na Kii THREE (foi aí que comecei a entender a ênfase deste tipo de música nos em suas demonstrações em hi-end shows).

Li, enquanto ajustava, diversos fóruns e reviews desta caixa, e me chamaram a atenção os depoimentos que falam do estranhamento, em um primeiro momento de audição, e que depois as fichas vão caindo para cada ouvinte. Sou muito cuidadoso com essas conclusões, justamente por saber que cada um fez o ajuste pessoal de seu gosto para 'extrair' o melhor em sua sala. Tanto isso é verdade, que quando as coloquei em nossa sala de home-theater, sem nenhum tratamento (estou esperando o Guilherme da Hi-Fi Experience ter um tempo para refazermos o tratamento da sala), as THREE puderam mostrar todo o seu arsenal de possibilidades e ajustes. Pois qualquer outra caixa neste ambiente é inaudível!

Totalmente ajustadas, conseguimos ouvir com prazer diversos discos de vários estilos. No melhor ajuste, senti apenas os graves terem menor extensão e corpo. Mas tudo era muito inteligível e equilibrado!

Quando voltamos para a nossa Sala de Referência, o último teste foi ligar as caixas ao nosso setup analógico. Imediatamente, ao ouvir um LP da Billie Holiday, minha memória auditiva foi transportada para o teste do último amplificador Devialet que publicamos, em que achei o som menos realista e natural que estou acostumado a escutar. Lembro que chamei os representantes da Devialet na sala e mostrei este,

e mais discos, passando pelo pré de phono da Devialet e no nosso pré de phono de referência.

As diferenças eram bem audíveis. Ainda que na THREE este 'efeito' tenha sido menor, ele ainda estava lá. Eu não tenho a menor dúvida que este 'resultado' seja da passagem do sinal para digital, para depois voltar novamente para o analógico. Tanto que os ruídos de fundo também são atenuados. Essa é a descrição correta: tudo parece atenuado!

CONCLUSÃO

Só estou tranquilo em concluir este teste, por ser pública e notória a minha opinião a respeito tanto dos amplificadores classe D, como dos streamers, e que essas duas topologias ainda não chegaram lá!

Vão chegar? Evidente que sim, pois os avanços são significativos e 'audíveis'.

O mesmo ocorreu com as caixas ativas que, a cada ano, se mostram mais corretas e que caíram no gosto do consumidor de tal maneira, que todos os fabricantes de caixas hi-end embarcaram nesta solução. E, correndo por fora, tem engenheiros como o Bruno aplicando todos seus anos de expertise em produtos que têm a pretensão de revolucionar o mercado com soluções que atendam aos mais diversos tipos de problemas acústicos possíveis.

Podemos afirmar que este já seja um produto definitivo? Claro que não. Mas posso afirmar que o estágio em que o produto se encontra, certamente é o que está mais próximo de encontrar o ponto de equilíbrio entre recursos e performance.

As Kii THREE são o futuro da linha 'consumer premium' - elas foram feitas para este perfil de consumidores que querem praticidade, beleza e soluções que não alterem seu ambiente e modo de vida.

E os audiófilos? Se você é um audiófilo que não pode ou não deseja ter uma sala dedicada, e quer simplificar seu sistema, deixando-o o mais minimalista possível, eu sugiro uma audição sim. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2QKS_SB2SZI](https://www.youtube.com/watch?v=2QKS_SB2SZI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QRL4DKK6HQM](https://www.youtube.com/watch?v=QRL4DKK6HQM)

AVMAG #275

Cone Audio

fernando@coneaudio.com.br

(21) 9898.0566

O Kit, sem pedestais: R\$ 164.330

O par de pedestais Kii: R\$ 13.800

O par de pedestais Attack: R\$ 7.400

NOTA: 89,5



ESTADO DA ARTE



A Elipson já esteve no Brasil, no início de 2011/2012, e chegou a estar no Hi-End Show desses respectivos anos, de forma bastante tímida com suas pequenas “esferas sonoras”.

Para os que nunca ouviram falar deste fabricante francês, a Elipson é a marca mais antiga da França, fundada em 1938 e permaneceu uma empresa totalmente voltada para o mercado interno até 2008, pois tudo que produzia era consumido pelos seus próprios compatriotas.

Porém tudo mudou quando a empresa foi vendida para o grupo AV Industry, que tinha uma ideia inteiramente diferente para a marca. Essa é a organização que também é dona da Som-Vídeo, o maior varejista de eletrônicos da França, com lojas também no País de Gales e Bélgica, e dono de outras marcas de eletrônicos.

O seu fundador, Philippe Carré, desde a aquisição da Elipson tinha como principal intenção levar a marca ao mundo, ampliando o leque de produtos para muito além de caixas acústicas. Hoje já fazem parte do portfólio da marca produtos eletrônicos e toca-discos.

Na onda de produtos vintage, que voltou com força nos últimos anos, a Elipson, está preparando uma série de novos lançamentos, relançando seus modelos produzidos nos anos 50/60. No início dos anos 60 a principal caixa deste fabricante era justamente o modelo 3230, onde um enorme gabinete esférico ficava no topo de um gabinete convencional. Na esfera ficava o falante de médios e o tweeter, e o falante de graves ficava embaixo.

A esfera estranhamente era feita de gesso (único material moldável naquela época com qualidades acústicas razoáveis), o que dava uma aparência rústica de gosto bastante duvidoso - mas como se diz atualmente: “é o que temos para o momento”.

Atualmente as possibilidades de inúmeros tipos de resinas e materiais compostos permitem uma infinidade de opções adequadas à cada fabricante, e a Elipson optou por uma resina que possibilita um acabamento muito mais refinado para a sua esfera.

A Legacy 3230 é o modelo top de linha, e foi apresentado na feira de Munique de 2018 com eletrônica Bryston, conseguindo não só a atenção do consumidor presente no evento, como também o interesse de inúmeros revendedores espalhados pelo mundo.

Seu porte é de caixa realmente grande, e deve ser tratada como tal, necessitando de salas adequadas ao seu tamanho e desenvoltura sonora. Com 1,34m de altura, e pesando mais de 50 kg, a grande esfera colocada em cima do gabinete de madeira com dois falantes de grave de 8 polegadas, não passará jamais indiferente no ambiente em que for instalada. No entanto, é o tipo de design que ou você ama ou odeia (não encontrei meio termo ao apresentar elas em nossa sala, há quem as viu).

No entanto, aos que odiaram seu design, essa “aversão” durou apenas alguns minutos, após ouvir a caixa. Mas falei disso mais à frente.

O gabinete de madeira de excelente acabamento e construção possui o pórtilco de saída dos graves para baixo, o que dá uma sensação de limpeza e arejamento no gabinete. Com dois falantes de graves com cones de papel com uma camada de alumínio por cima, falante de médio com cone de cerâmica de 160mm (feito pela própria Elipson), e um tweeter de fita AMT (também feito pelo fabricante) que fica fora da esfera em que está instalado o médio.

Os terminais do cabo de caixa são de boa qualidade e com uma ótima pegada. A Elipson se orgulha em dizer que suas caixas são feitas integralmente nas instalações da fábrica na Borgonha, na França, onde são feitos também o toca-discos.

Uma regra inerente a qualquer caixa acústica é que, quanto maior, mais tempo será gasto com o posicionamento dela na sala. ▶

ÁUDIO

E a Legacy 3230 é bastante exigente neste aspecto, pois se o ouvinte não for cuidadoso e paciente, perderá muito de suas duas principais qualidades: um palco magistral 3D e o correto equilíbrio tonal.

Começemos pelo equilíbrio tonal: este dependerá muito de se achar a distância correta entre a posição do ouvinte e as caixas, pois a dispersão do tweeter AMT é muito maior na largura do que na altura. Então será preciso paciência para se achar o ponto ideal para que a altura tenha a folga necessária para uma apresentação de maior arejamento. Caso contrário, haverá a sensação de que os agudos estão “embotados”. Na nossa sala, o simples posicionamento de 10 cm para trás das caixas em relação ao ouvinte, trouxe este decaimento mais preciso e o arejamento se tornou mais natural.

Para se definir essa posição, sugiro o uso de pratos bem gravados - eles te darão a noção exata quando atingirem o ponto ideal, pois os pratos ganham ar à sua volta e ficam soando até serem encobertos por um sinal mais forte.

Outra opção é usar os pratos de condução do tempo da música (tão comum em blues) para ver se eles ficam aparecendo e sumindo, ou se estão sempre presentes.

Felizmente, como o pórtilo bass-reflex está apontado para baixo, a posição crítica das caixas em relação às paredes é menor, mas ainda assim precisam ser minuciosamente testadas todas as opções. Pois a quantidade de energia dos graves da Legacy é impressionante, e isso também pode ser a causa de agudos com menor extensão.

Para os graves, sugiro ouvir gravações de contrabaixo acústico e elétrico, e notar se as notas são limpas, com boa velocidade, inteligibilidade e se não estão gordos ou soando como grave “de uma nota só”. Não caiam na tentação de usar graves sintetizados, pois esses costumam ser turbinados em excesso, dificultando o posicionamento correto das caixas.

Depois de acertado o equilíbrio tonal, será preciso definir o ângulo correto das caixas em relação ao ouvinte. Sua imagem quando o ângulo é correto é holográfica, e ela some na sala. E, realmente, aparece uma imagem sonora 3D, tanto em termos de largura, altura como de profundidade.

Ouvindo obras sinfônicas complexas, é de se ficar maravilhado com a apresentação de planos, recorte e foco. Poucas vezes ouvi em nossa Sala de Referência um palco tão pleno, orgânico e correto.

Meus maiores exemplos para o ajuste de soundstage são gravações de música clássica, que sei que o engenheiro acertou no posicionamento dos microfones, para permitir que os contrabaixos à nossa direita não saltem para dentro da caixa e nem tão pouco os metais atrás dos cellos e contrabaixos saltem para frente, embolando tudo como se os músicos estivessem tocando dentro de um elevador!

Com a Elipson, depois de ajustada corretamente em uma sala que permita ela “respirar”, isso não ocorrerá (exemplos de gravações de orquestra com este nível de arejamento você encontra às dezenas nos selos Reference Recordings e Telarc).

Em grupos de câmara ou pequenos grupos de Jazz, o soundstage desta caixa é exuberante! Pois o recorte e o foco são de nível cirúrgico! Os amantes de soundstage irão se deliciar com a Elipson!

Neste teste usamos apenas nossa eletrônica de referência. Powers Classic Nagra, pré-amplificador Classic Nagra, TUBE DAC Nagra, transporte dCS Scarlatti, streamer Innuos ZenMini Mk3, prés de phono Boulder 508, PS Audio Stellar (leia Teste 2 nesta edição) e Luxman EQ-500 (teste na edição de abril de 2021). Toca-discos Storm da Acoustic Signature, com braço Origin Live Enterprise de 12 polegadas (leia teste na edição de maio de 2021), e cápsula Hana Umami Red. Os cabos todos Apex da Dynamique Audio, e também o USB Zenith 2. Cabos de força PowerLink MM2.

A Legacy 3230 precisa de um longo amaciamento, pois ambas as pontas vêm completamente “embotadas” - meu filho, ao ouvir, expressou a seguinte dúvida: “Isso vai realmente abrir?”.

Pois é, esta dúvida é como assistir um bom filme de suspense, pois nunca se sabe o final. Felizmente estamos aqui para adiantar que, neste caso, “o bem vence”, rs... E todos sairão satisfeitos com a aquisição. Mas serão tortuosas 500 horas, para os graves e os agudos se soltarem e mostrarem que o investimento valeu a pena.

O problema é que, ao contrário de outras caixas, que você vai tendo melhoras audíveis de 100 em 100 horas, a Elipson teima em deixar tudo para um “grand finale”. Então, minha sugestão é: segure sua ansiedade e a vontade de mostrar o upgrade para os amigos, até que tudo esteja devidamente no lugar.

E não se desespere, pois ainda que as pontas estejam capengas, é possível ouvir a caixa diariamente em todo o período de amaciamento, sabendo que aquele respiro nos agudos, e um grave mais correto, solto e preciso, dependerão dessas 500 horas.

Outra dica é deixar uma caixa virada para a outra, inverter a polaridade de uma das caixas, cobrir com edredom e “sentar a pua” por três semanas sem dó ou piedade. Você que sabe. O que te garanto é que depois deste período você terá uma caixa hi-end de alto nível, pronta para qualquer desafio, e o melhor: alta compatibilidade com inúmeros eletrônicos, sensibilidade excelente (91 dB) e resposta de 25 Hz a 30 kHz.

Sua apresentação de textura é excelente, permitindo observar detalhes que em outras caixas nem imaginamos existir na gravação. Sua região média é de uma transparência impressionante, tanto em termos de realismo como de naturalidade. Acho que este mérito se deve muito

ao falante de cerâmica e ao tweeter AMT, que se mostraram hiper bem casados em termos de assinatura sônica.

Não há nenhum resquício de dureza ou brilho excessivo nos timbres, possibilitando um conforto auditivo pleno.

Depois de amaciada a caixa, fizemos algumas experiências com bicablagem. Como não tínhamos dois cabos idênticos, usamos nosso arsenal de cabos, como o Feel Different, o Sunrise Lab Quintessence e o Virtual Reality - trançado (leia Teste 4 nesta edição), e dependendo da eletrônica pode ser sim um ganho em termos de arejamento.

Os transientes são muito corretos, e nos fazem acompanhar com enorme interesse o andamento e o ritmo de tudo que ouvimos (desde que a caixa já esteja devidamente amaciada).

Sabe como separamos as “grandes” caixas das “boas”? Na micro e macrodinâmica. Nestes dois quesitos, a Elipson se destacou com mérito, mostrando que realmente está preparada para grandes desafios dinâmicos. Não se intimidou absolutamente com nada que ouvimos. Falo de obras como Sagração da Primavera de Stravinsky, a Abertura 1812 de Tchaikovsky, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz - obras que levam muitas caixas ao nocaute! E graças à sua total transparência na região média, a recuperação de microdinâmica é “pêra doce”.

Outra virtude é seu corpo harmônico - para este quesito não há exemplos mais contundentes que em vinil. Podem os amantes do digital gritarem, que não existe prova final para corpo harmônico do que ouvir as excepcionais gravações dos anos 50/60 da Capitol, Impulse, Verve, para se apreciar o quanto uma caixa é hi-end ou não neste quesito. E a Elipson passou com méritos também neste quesito!

Em comparação com a nossa caixa de referência (Wilson Audio Sasha DAW), o quesito Organicidade (materialização física do acontecimento musical), não foi tão fácil como é nesta caixa. Mas com gravações primorosas técnica e artisticamente, tivemos os músicos presentes em nossa Sala de Testes.

CONCLUSÃO

Quando pensamos em uma caixa hi-end definitiva, temos que levar em consideração uma infinidade de pormenores, que muitas vezes inviabilizam a escolha e adiam a compra por muitos e muitos anos. Vejo isso todos os dias aqui nos e-mails enviados por vocês.

Os leitores, os velhos conhecidos nossos, que há anos tentam fechar a equação: tamanho de sala, tamanho de caixa, gosto musical, compatibilidade e sinergia com o equipamento e orçamento (ufa!). Trabalho que leva à centena de neurônios queimados, frustrações, medos e dúvidas.

O que tentamos aqui mensalmente é tentar organizar um pouco as ideias, para que esta equação se torne um pouco mais clara. Pois além de todas as questões acima mencionadas, temos ainda a própria dinâmica do mercado, com infinitas opções, para criar mais dúvidas na cabeça do cliente.

Então vamos tentar dimensionar para quem está caixa Elipson é uma opção consistente, ok?

Em primeiro lugar, para quem tem no mínimo uma sala de 25 metros quadrados, e com uma acústica no mínimo aceitável. Quando digo aceitável é que dará à essas caixas arejamento à sua volta em relação às paredes de no mínimo 1 metro (parede às costas), e 0,70 cm das paredes laterais.

Em segundo lugar, que possam ficar perfeitamente simétricas em relação às paredes e ao ouvinte, pois em caso contrário perderão seu maior encanto: o soundstage!

Se você vai deixá-la de um lado com uma parede a 0,80 cm e a outra caixa para um corredor ou uma parede a 2m de distância da caixa, esqueça!

Terceiro: que a eletrônica e os cabos estejam à sua altura. Ou seja; excelente equilíbrio tonal e o menor índice possível de fadiga auditiva.

E, por fim, caibam em seu orçamento, que neste caso será de 60 mil reais.

Se estes quatro requisitos forem atendidos, excelente!

Você deverá ouvir essa caixa se o que deseja é um sonofletor capaz de reproduzir qualquer estilo, com classe refinamento e conforto auditivo.

Foi uma grata surpresa conhecer a Legacy 3230, pois pelo seu porte sabíamos que seria uma caixa com grandes aspirações audiófilas, mas até chegarmos às 500 horas de amaciamento, não sabíamos se entregaria o que prometera.

Seu palco sonoro, ao sumir e deixar apenas você e o acontecimento musical, tem um apelo irresistível aos amantes de soundstage. Mas não é só isso: seus outros atributos a colocam no páreo com caixas consagradas e até mais caras que ela.

Estará certamente entre os Produtos do Ano de 2021, com mérito! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CMAWTROYH-0](https://www.youtube.com/watch?v=CMAWTROYH-0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EM9VHGQNYB8](https://www.youtube.com/watch?v=EM9VHGQNYB8)

AVMAG #271
Impel
(11) 3582.3994
R\$ 59.517

NOTA: 92,5



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ESTELON XB DIAMOND MKII

Fernando Andrette



PRIMEIRO MOVIMENTO - PRIMEIRO CONTATO

Dividirei o teste em quatro atos (ou movimentos), para ser coerente com a chamada de capa, tentando ser o mais criterioso, tanto na descrição e histórico da empresa, como nas observações auditivas na avaliação subjetiva do produto.

Na verdade, enquanto eu preparava o esboço do que escreveria, muitas vezes tive o desejo de mudar a chamada de capa para “Quando a música se faz no presente”, mas acabei de deixar como estava, por intuir que seria da forma que imaginei mais ‘livre’ para a interpretação pessoal de cada leitor.

No entanto, para mim, à medida que os dias foram passando, a leitura que fiz desta caixa estaria em maior conformidade com o ‘no presente’ - e mais adiante explicarei o motivo.

Não é comum uma empresa com apenas uma década de existência ganhar tamanha notoriedade, principalmente em um mercado repleto de excelentes caixas acústicas, sendo que algumas estão no mercado há mais de um quarto de século.

Mas, como em todo mercado altamente competitivo, sempre existem exceções - e a Estelon fez isso com enorme competência e maestria. E o homem por trás desta linda história se chama Alfred Vassilkov engenheiro especialista em eletroacústica formado pela Universidade de São Petersburgo, que decidiu montar com suas duas filhas a própria empresa. Mas, antes desta decisão, Vassilkov havia trabalhado por 25 anos projetando caixas acústicas e crossovers para inúmeras empresas, tanto na Rússia como nos ex países satélites da antiga União Soviética.

Alfred já vinha maturando essa ideia desde o início do novo século, a de construir caixas que combinassem design e performance inovadores, e sua maior inspiração foram as florestas exuberantes ainda intactas de sua terra natal, a Estônia. Por mais de uma década ele estudou formas, combinação de materiais, que pudessem revolucionar a maneira de construir caixas acústicas. Pois, para ele, forma e performance não podem caminhar separadamente.

Em várias entrevistas concedidas, ele sempre afirma que cada projeto da Estelon é concebido de maneira integral, para que o resultado seja o mais harmonioso e preciso.

Como sempre escrevo: uma coisa é a teoria e outra é a prática - pois muitas vezes o que concebemos parece incrível no papel ou nas medições preliminares e, no entanto, o resultado muitas vezes não nos convence. Mas, pelo visto, Alfred estava mais do que certo em suas convicções, pois com apenas uma década a Estelon já é considerada

uma das mais brilhantes referências de caixas de nível superlativo do mercado, com excelentes críticas e prêmios importantes, como duas vezes o Prêmio de Inovação da Consumer Electronic Show (CES), e um Red Dot Design Award.

Mas, para um revisor atento, o que mais me chamou a atenção foram as críticas recebidas nos testes feitos em todos os continentes, levando muitas vezes o revisor a adotar o modelo em teste como sua nova referência em termos de caixa acústica. Isso é um detalhe que chama muito a minha atenção, principalmente se tratando de um produto fora do 'eixo' dos grandes fabricantes de áudio hi-end.

E mais impressionante é ter alcançado este padrão de qualidade em um país que, até então, não tinha nenhum histórico de produtos Hi-End de ponta!

Mas, vamos aos conceitos do engenheiro Alfred e como seus 35 anos de engenharia foram aplicados no desenvolvimento de seus produtos. Todos os produtos Estelon são construídos de dentro para fora, com o objetivo de atingir as melhores condições para a reprodução musical, driblando as indesejadas ressonâncias de gabinete e fazendo com que uma caixa Estelon se adeque a salas com ou sem tratamento acústico.

Para se atingir tão elevado propósito, Alfred decidiu desenvolver seus próprios gabinetes, que são construídos com um material composto de mármore, patenteado, na forma adequada para se evitar ressonâncias e difrações, para que o som seja o mais detalhado e realista possível, livres de qualquer coloração de gabinete.

Os falantes utilizados na série X são os drivers da empresa alemã Thiel & Partner, falantes de altíssima qualidade, feitos de materiais rígidos e leves como a cerâmica, diamante CVD, e alumínio, sob a marca Accuton, desde 1994.

Para o teste, a German Audio nos enviou o modelo XB Diamond MkII que, segundo o fabricante, é a alternativa mais próxima para o modelo top de linha desta série, o X Diamond MkII. Ele foi desenhado para salas menores (entre 20 e 40 metros quadrados), com design e performance semelhantes ao modelo maior.

O XB Diamond MkII tem um tweeter de diamante de 1 polegada, junto com um novo cabeamento e um crossover que oferece altas frequências estendidas, para uma sensação de arejamento e detalhamento superiores à versão anterior. O falante de médio é um Accuton de 6,25 polegadas de membrana de cerâmica, assim como é o woofer de 8,7 polegadas. A fiação interna é toda Kubala Sosna de cobre puro.

Segundo o fabricante, sua resposta é de 22 Hz a 60 kHz, potência de 150 Watts, impedância nominal de 6 ohms com mínimo de 3,5 ohms a 50 Hz, sensibilidade de 87dB/2,83 V, e é indicado para

uma potência mínima de 30 Watts. Esse modelo tem as seguintes dimensões: altura de 1260 mm, largura de 420 mm, e profundidade de 590 mm, e um peso de 69 kg.

O fabricante disponibiliza aproximadamente 10 acabamentos, todos com pintura automotiva, com inúmeras camadas sobrepostas, o que lhe confere um acabamento de alto luxo. Eu nunca tive em nossa Sala de Referência uma caixa com um acabamento tão vistoso e bem feito.

Quanto ao seu design, sempre haverá resistência, e algumas pessoas que tiveram o prazer de vir conhecer a caixa, a acharam 'futurista' demais. Já o olhar feminino foi unânime, e repleto de suspiros de admiração!

Para mim, o interesse era saber o quanto aquele design diferenciado poderia ou não beneficiar sua performance, pois já tive nesta sala todo tipo de caixa acústica - e que a forma dos gabinetes não é para mim o mais importante!

SEGUNDO MOVIMENTO - PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Como a caixa enviada para teste já veio vendida, nada mais importante que convidar o 'felizardo' para acompanhar a montagem da caixa em nossa sala, e ele ter uma ideia do que havia adquirido. Junto com o meu querido sobrinho Viner, abrimos o enorme case e tivemos a grata surpresa: a mesma já vem com rodinhas, e que basta deixar o case em pé que uma plataforma faz com que a caixa deslize para fora sem termos que fazer o mínimo esforço.

A caixa vem embrulhada em um delicado tecido branco, e com telas que não podem ser retiradas para a segurança dos três falantes. Como sabia que o amaciamento seria longo, resolvemos fazer um posicionamento inicial da caixa (muito semelhante ao da nossa Wilson Audio) e fizemos a primeira audição.

Não tenho nenhuma informação se as Estelons saem de fábrica com algum amaciamento, mas pelo que ela tocou de imediato, imagino que sim. Pois não me lembro de ouvir caixas zeradas saírem tocando com este grau de refinamento e informação.

O dono da caixa saiu radiante com o que escutou, e certo de ter feito um upgrade seguro para o seu belo sistema!

TERCEIRO MOVIMENTO - A CONSTATAÇÃO

Passado o primeiro impacto das primeiras impressões, era hora de acelerar a queima, pois tínhamos exatamente 30 dias para fazer o teste. Como estava também amaciando o pré de phono da Hegel V10 (leia Teste 2 nesta edição), tratei de colocar dezenas de LPs para acelerar principalmente o amaciamento do woofer, e soltar o cone (não existe amaciamento melhor do que com analógico para se soltar woofers).

Como não sabia quem era quem no processo de amaciamento, a cada 20 horas ligava novamente a XB Diamond ao nosso sistema, para

ÁUDIO



ver sua evolução. Ainda que o equilíbrio tonal fosse muito bom desde o momento que ouvimos a caixa pela primeira vez, com o passar dos dias os médios-altos foram se abrindo, assim como o extremo agudo. E o grave não acompanhou essa evolução, o que tornou alguns discos irritantes de se ouvir. Foi aí que ‘radicalizei’, colocando por 50 horas apenas gravações de órgão de tubo.

Se minha sala não fosse isolada acusticamente, teria recebido várias notificações do condomínio com certeza. Nunca ouvi tanto *Toccatà & Fuga* de Bach na vida, rs!

Mas o tratamento de choque valeu a pena, pois com 100 horas os graves se alinharam com o resto do espectro audível e tudo começou a fazer enorme sentido, e o desejo de permanecer na sala e ouvir inúmeras gravações teve início.

E ainda que meu desejo fosse colocar logo os spikes, me contive, pois sabia que a caixa poderia render muito mais depois do amaciamento encerrado.

O que era digno de nota com 100 horas de amaciamento, era o grau de realismo e definição que tudo era apresentado. Voltei a torturar as caixas com mais 100 horas de obras sinfônicas com dois pianos e orquestra, percussão japonesa, naipe de metais de big band, intercalando com pequenos grupos e quartetos, para sentar e ouvir como se comportava na evolução do amaciamento outros quesitos como: textura, organicidade, corpo harmônico, dinâmica e transientes.

Com 200 horas, tive a ajuda do Juan e do Ulisses, que vieram me trazer os cabos Sunrise Lab Quintessence Aniversário (finalmente o

projeto finalizado), e me ajudaram a colocar os spikes, e conheceram a caixa.

QUARTO MOVIMENTO - QUANDO A MÚSICA SE FAZ NO PRESENTE

Essa é uma antiga discussão que, por mais relevante que seja para o audiófilo escolher o caminho que deseja seguir, muitos poucos entendem a importância de compreender o que significa trilhar um caminho ou outro.

Quando estamos falando de sistemas superlativos, duas escolas até a virada de século eram muito claras: a da transparência total, que procurava revelar em detalhes tudo que foi captado, mixado e masterizado, levando o ouvinte a observar a micro da microdinâmica (com todos os prós e contras), e a outra vertente, que não possui este grau de transparência, mas dava total ênfase em nos apresentar a música de forma coerente e natural.

Essa dicotomia foi muito intensa até a primeira década deste novo século, porém - e felizmente - vem aparecendo equipamentos que conseguiram um ponto de equilíbrio muito interessante entre essas duas ‘escolas’. Que são os produtos que possuem uma excelente transparência, tendo na mesma proporção um realismo e naturalidade.

E a Estelon XB Diamond é uma digna defensora desta nova tendência. E vou mais longe: instiga outras grandes caixas a trilharem este caminho (se forem capazes).

Morrerei defendendo que, para se ter o melhor desse dois mundos, só é preciso alcançar o mais correto equilíbrio tonal possível, pois todo

o resto é consequência direta deste objetivo. E a caixa da Estelon só veio 'provar' que este é o caminho a ser percorrido por todos os fabricantes que desejam fazer história neste mercado.

Mas a Estelon foi muito mais adiante com este objetivo, ao possibilitar, com um design extremamente engenhoso, fazer com que vários 'paradigmas' caíssem por terra. Começo pelo paradigma do 'sweetspot', que para inúmeras caixas é rigoroso e que, nesta Estelon, pouco muda se o ouvinte está na posição de uma das vértices do triângulo equilátero ou não.

Outra é em relação aos graves, em termos de definição e extensão, já que a resposta que esta caixa consegue com um único woofer de 8 polegadas é algo impressionante, e deveria ser estudado com afinco pelos concorrentes!

E, por último, a qualidade da imagem tridimensional desta caixa, que nos permite ouvir - quando a sala permite (e a nossa permite) - ouvir os pontos corretos e os planos de cada naipe de instrumentos da orquestra sinfônica!

E quais os benefícios desses três diferenciais em termos de audição? Realismo, meu amigo leitor. Mais do que detalhamento de roçar dos pés no piso da sala de gravação, e do virar de páginas de partitura: o todo se comporta de maneira tão real, que nosso cérebro se entrega instantaneamente ao que está ouvindo.

As pessoas habituadas a assistirem apresentações ao vivo não amplificadas, certamente rirão se lhe perguntarem se conseguem ouvir as chaves de um fagote no solo, ou o virar das páginas da partitura. Pois o que chega até elas será o todo, e não partes. Sistemas que trafegam por essa via, só apresentarão os detalhes que chegaram até o processo final e estão impressos na mídia física - mas o que irá sempre prevalecer será o todo, nunca as partes.

Seu cérebro não deixará de acompanhar a linha melódica, por um triângulo que ganhou a mesma ênfase que o naipe de contrabaixos, ou perderá a concentração pela tosse inevitável na plateia em gravações ao vivo. O acontecimento secundário será ouvido, mas sem interferir no principal. Este grau de atenção e entrega do ouvinte, só ocorre quando as condições de naturalidade, realismo, precisão e tridimensionalidade ocorrem. E são essas as condições que a Estelon disponibiliza ao ouvinte - ela é apenas um instrumento a serviço da música, não quer reinventar a roda ou ser mais importante que o acontecimento musical.

E à medida que você reconhece e compreende seus atributos, a música se torna presente. Não falo da materialização do acontecimento musical - este 'truque' já é velho, e inúmeros sistemas nos dão este prazer. Falo da música soar como se estivesse ocorrendo no presente, e fossemos testemunhas deste fenômeno, em que como em

uma apresentação ao vivo, interagimos, pois, nossa visão enriquece e nos dá detalhes que nossa audição não teria como detectar, como expressões faciais por exemplo.

E passamos, para o segundo plano, o que essas caixas exprimem de forma tão contundente e comovente: a intencionalidade! Jamais escutei em outra caixa tamanho poder de nos mostrar o que ouvimos, com tantos detalhes, com tamanha precisão e emoção!

E aí temos o maior dos paradoxos, pois ao mesmo tempo que ela se exime de nos mostrar ruídos de sapatos no palco ou ranger de cadeiras dos músicos, ela nos brinda com as inflexões e técnicas vocais dos cantores, com a sutileza das digitações, com a simplicidade de um acorde de dó maior executado por um virtuose e, o mais divino: nos faz esquecer do tempo e espaço à nossa volta!

O difícil ao ouvir a Estelon é manter nossa mente tagarelando, ou mantendo nossa audição em segundo plano enquanto nos preocupamos com assuntos diversos. Como um exímio ilusionista, que deixa em transe sua plateia, a Estelon usa do mesmo 'artifício' para deixar os ouvintes perplexos com a sonoridade que sai daquele 'totem', que foi pensado detalhadamente para exprimir a música reproduzida eletronicamente de maneira distinta de todos os outros grandes projetistas de caixas acústicas.

O que posso lhe garantir, amigo leitor - agora que já estou ouvindo o modelo YB, cujo teste publicarei na edição janeiro/fevereiro - é que a mesma música não soará em nenhuma outra caixa como em uma Estelon.

E não falo de ser melhor ou não, pois sempre haverá a questão do gosto, que tem uma grande parcela de subjetividade - mas falo sim da forma como a música se expressa através de uma Estelon. Pois tanto nesta XB Diamond MkII, como na YB MkII da série de entrada, a assinatura sônica é a mesma - ainda que na série Diamond as caixas sejam bass reflex, e as YB sejam seladas! Em ambas, o grau de realismo é inerente ao conceito da Estelon.

Independente dos falantes serem tão distintos (na YB os falantes são Scanspeak), ou os crossovers, o que determina este tão impressionante 'DNA' sonoro, certamente se encontra no design e na construção dos gabinetes, que permitem este grau de requinte e refinamento.

A música flui com tamanha naturalidade, que avaliar os quesitos de nossa Metodologia torna-se um esforço desnecessário, mas vital para o leitor entender o grau de qualidade que estamos descrevendo.

O seu equilíbrio tonal é tão correto, que foi interessante o colocar à prova com gravações que estão no limite entre o erro e o acerto, e ver como ela sequer tomou conhecimento deste limite tênue. E falo de instrumentos complicados, como: trompete com surdina, gaita, sax soprano, violino e piano última oitava da mão direita. ►

ÁUDIO

Neste pacote do equilíbrio tonal perfeito se junta a apresentação de texturas, que se mostraram ser as mais corretas em qualquer caixa que já tenha ouvido, testado ou tido como referência.

Os transientes são mais do que corretos! São, como diria meu pai, “eficazes”, pois tornam o andamento, ritmo e tempo tão precisos, que acompanhamos o desenrolar sem perder o todo. Toda vez que ouço uma música que tem muita variação de tempo, nas passagens mais complexas eu me pego ouvindo a mudança de andamento deixando a música em segundo plano, faço isso recorrentemente, e quando me pego já perdi o todo. Na Estelon, foi a primeira vez em que este fenômeno não ocorreu. E só fui perceber que não havia perdido o todo, quando aquela passagem acabou!

Para ter certeza que era isso mesmo, ouvi outros exemplos, caver-nosos, para ter certeza que era isso realmente. Para os que adoram mudanças de andamentos em obras com muita percussão, irão se deliciar com a capacidade de resposta de transientes desta caixa.

Veja que sequer citei o quesito soundstage - e não o fiz, pois acho que fui contundente ao descrever a qualidade dos planos e recortes da Estelon. O único adendo que acho ser conveniente descrever, é o quanto de profundidade e largura temos, pois elas extrapolam qualquer outra caixa por nós testada nesta Sala de Referência. É preciso ouvir para entender como elas somem na sala de audição!

A macrodinâmica, para um woofer de 8 polegadas, é algo que ainda não consegui assimilar completamente, pois além de peso, possui uma extensão impressionante.

O que ela perde em relação a nossa caixa de referência, é quanto o deslocamento de ar e energia entre as caixas (mas nossa Wilson Sasha DAW possui dois woofers de 8 polegadas e um gabinete com o triplo de espaço cúbico). Mas se formos falar em termos de precisão e riqueza tímbrica, a Estelon XB Diamond MkII é uma referência absoluta!

O corpo harmônico é tão bom quanto foi captado na gravação. E em algumas gravações digitais, fiquei surpreso o quanto eram maiores do que costumo ouvir em caixas até maiores que a Estelon. E nas gravações analógicas, o corpo é simplesmente magnífico, em tamanho e realismo (olha aí de novo).

Falar de Organicidade para esta caixa é como perguntar a alguém morto de sede se quer água. O que posso dizer em relação a este quesito é que, jamais, caixa alguma, materializou o acontecimento musical em nossa frente como a Estelon fez! Seria redundante especificar ou alongar mais do que isso.

Quem teve a oportunidade de escutar, a primeira coisa que exclamou foi: “que realismo!” ou “que naturalidade!”.

CONCLUSÃO

Foram 30 dias de enorme aprendizado, e a certeza, no encerramento deste teste, que tivemos o privilégio de testar um produto que faz jus a todos os elogios e prêmios que no futuro venha a receber.

Trata-se de uma caixa acústica que foge completamente do ‘lugar comum’, e expõe de maneira clara que pensar fora da zona de conforto, às vezes, muda de patamar o nível de referência que tínhamos em relação a um determinado segmento.

Ouvi e testei excelentes caixas acústicas nesses meus 30 anos de revisor crítico de áudio, e algumas me tocaram profundamente a ponto de desejar tê-las como Referência. Outras, completamente fora da minha realidade financeira, apreciei e sofri quando tive que devolvê-las. Mas ainda não havia experimentado o sentimento de escutar algo que mudaria por completo minha forma de ouvir música.

E muito menos sabia que essa caixa existia (por mais que todos os testes deste fabricante sejam muito contundentes e positivos), pois tendemos a nos ‘anestesiarmos’ depois de ouvirmos diariamente que ‘o novo produto x é inacreditável!’

Como sempre, lembro aos meus leitores, sou pior que São Tomé: preciso ouvir e conviver com um produto tempo suficiente para tirar minhas conclusões. E se tem algo que tirei deste teste é que este fabricante está trilhando um caminho novo, audacioso e muito promissor.

E que os dois produtos que estou ouvindo confirmam o que Alfred Vassilkov disse às suas duas filhas quando decidiu, em 2010, montar sua própria empresa: “Há muito que tenho a ambição de criar a melhor coluna do mundo”, e iniciou sua brilhante jornada.

Se ele vai atingir tão ambicioso objetivo eu não sei, mas que pelos primeiros dez anos de vida de sua empresa ele está indo muito bem, não resta dúvida!

Sei que são caras, e com este dólar ainda batendo nos seis reais, tudo se torna ainda mais difícil. Mas se você deseja uma caixa de nível superlativo em todos os detalhes, e seu desejo mais íntimo é fazer a música presente em sua vida, o caminho é esse! ■

AVMAG #279
German Áudio
 contato@germanaudio.com.br
 R\$ 429.210

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

STEREOPHONIC CABLE CATALAN
ACROLINK

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN TOKYO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

www.wcjdesign.com

ÁUDIO

SOUNDBAR TCL TS9030

Jean Rothman



Sempre enfatizo, nos testes de TVs, a necessidade de um bom sistema de som ou uma soundbar. Os falantes das TVs modernas são diminutos e, geralmente, voltados para trás ou para baixo, o que torna o resultado bastante sofrível.

As soundbars vieram preencher esta lacuna e trazer uma melhor qualidade de áudio, aumentando a imersão dos usuários.

Elas não devem ser comparadas a sistemas compostos por receivers e caixas acústicas dedicadas, pois são categorias de produtos distintas tanto em valor como em performance. A comparação deve ser feita em relação aos falantes das TVs, pois neste caso o resultado é incrivelmente superior, na maioria dos casos.

A soundbar TS9030 da TCL é um produto com design diferenciado e diversos recursos que facilitam seu uso de modo integrado à maioria das TVs disponíveis atualmente.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A TS9030 possui corpo em plástico e é bem fina, com apenas 58 mm de altura, o que permite sua instalação na frente das TVs sem

obstruir parte da imagem, na maioria dos casos. Ela também pode ser fixada na parede através de dois suportes que acompanham o aparelho.

Seu áudio possui topologia 3.1, com 3 falantes frontais e um subwoofer sem fio, totalizando 540W de potência. Seu design é muito peculiar e interessante, contando com uma tecnologia de reflexão acústica chamada de Ray-Danz, possuindo duas cavidades curvas em suas extremidades que dispersam o som para as laterais da sala.

De acordo com o fabricante, esses refletores emitem o som em um ângulo preciso para criar reverberação natural e um palco sonoro percebido muito mais amplo. Este design foi premiado no iF Design Award 2020 por seu design exclusivo e tecnologia inovadora de refletor acústico.

O subwoofer sem fio tem seu corpo em mdf e plástico, e falante em sua parte inferior apontado para baixo. Suas dimensões são (L x A x P) 24.1 x 41.4 x 24.1 cm.

A soundbar possui 2 entradas HDMI, sendo uma delas no padrão ARC (Audio Return Channel), que recebe o áudio da TV quando utili-

zamos aplicativos Smart, como Netflix, Amazon Prime etc... Também oferece uma conexão ótica de áudio e é compatível com formatos MP3 e Flac, além de conexões USB e P2 analógica para reprodução de música.

RECURSOS

A TS9030 possui compatibilidade com Chromecast, Apple Airplay através de conexão wi-fi e Google Home, permitindo utilizar comandos de voz. Também suporta Dolby Atmos, apesar de não possuir falantes em sua parte superior. Possui Bluetooth integrado, oferecendo diversas opções para ouvir música transmitida a partir de celulares e computadores.

Em sua parte superior existem teclas para ligar/desligar, selecionar entrada entre os modos HDMI 1 ou 2, selecionar entrada Bluetooth e aumentar/diminuir o volume. Possui um display de LED que mostra informações sobre volume, entrada selecionada e formatos de áudio.

Seu controle remoto possui teclas bem posicionadas para ajustes de volume, entradas, graves e agudos, iniciar, pausar e avançar faixas de músicas, escolher entre os modos de surround e AV Sync. Também possui uma tecla que aciona o surround vertical, aumentando a espacialidade.

O subwoofer deve ser posicionado com cuidado, de preferência próximo a um canto da sala, e o volume de graves deve ser ajustado pelo controle remoto para que as baixas frequências não fiquem exageradas durante a reprodução de filmes.

ÁUDIO

Em nosso teste conectamos a TS9030 em uma TV TCL 65C715, utilizando um cabo HDMI nas entradas HDMI ARC dos dois equipamentos. Esta conexão permite controlar o volume da soundbar utilizando o controle remoto da TV, além de ligar e desligar a soundbar junto com a TV.

Músicas reproduzidas na TS9030 apresentam equilíbrio tonal sem grandes exageros e bastante confortável para som ambiente. Nesta situação, utilizamos o modo Music e o Vertical surround desligado.

Os testes com filmes em Dolby Digital e Atmos apresentaram palco sonoro bem envolvente e com uma sensação de verticalidade, dentro dos limites de um sistema sem caixas acústicas traseiras. O canal central dedicado é o ponto forte de seu desempenho. Os diálogos são consistentes e com boa inteligibilidade, e a faixa média é robusta o suficiente para trazer peso às vozes, sem ser excessivamente dominante.

O subwoofer, com seu falante de 6,5 polegadas, oferece um bom reforço nos graves, sem ser estrondoso ou incomodar durante os filmes.

A Soundbar TS9030 oferece ótima relação custo/benefício, possui uma entrada HDMI adicional, suporta Chromecast e Airplay 2 e é compatível com Dolby Atmos. Seu áudio é

envolvente e a forma inovadora com que usa estruturas reflexivas para refletir o som pela sala, justifica o upgrade em relação aos falantes das TVs.

É poderosa o suficiente para fazer justiça até mesmo aos filmes de aventura mais cheios de ação, mas tem clareza e precisão suficientes para lidar com diálogos com facilidade. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Tidal: músicas diversas

EQUIPAMENTOS

- TV TCL 65C715
- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KQ-B5ZJ49ZQ](https://www.youtube.com/watch?v=KQ-B5ZJ49ZQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VIODW55K510](https://www.youtube.com/watch?v=VIODW55K510)

AVMAG #272

TCL

www.semptcl.com.br

Preço sugerido:

R\$ 3.299

NOTA: 35,5



OURO

VÍDEO

PROJETOR SAMSUNG THE PREMIERE LSP9T

Jean Rothman



A Samsung lançou o projetor LSP9T, também conhecido como 'The Premiere', e entra em um novo e promissor mercado, conhecido como *Ultra Short Throw*, ou Ultra Curta Distância.

Este projetor consegue produzir uma imagem de até 130 polegadas, estando a apenas 24cm da parede. Sua fonte de iluminação é um laser triplo RGB, conferindo ampla gama de cores, vida útil extremamente longa de 20.000 horas, segundo o fabricante, e facilidade de uso com função ligar/desligar quase instantânea.

O lançamento também inclui um irmão menor, o LSP7T, capaz de projetar imagens até 120 polegadas, 2.200 lumens de brilho, gama de cores um pouco menos abrangente (83% do DCI-P3 contra 147% do LSP9T), áudio de 2.2 canais e 30W contra 4.2 canais e 40W de seu irmão maior e uma fonte única de laser contra um laser triplo do LSP9T. As conexões e recursos são iguais entre os dois modelos.

O LSP9T suporta 4K Ultra HD, HDR e HDR10+ e possui 2.800 lumens de brilho. Ele foi feito para substituir uma TV de forma autônoma, pois seu sistema operacional e interface é idêntico às Smart TVs Samsung. Entre suas características, oferece conexão Wi-Fi, Bluetooth, AirPlay, plataforma inteligente Tizen, além de funcionar com

Alexa, Google Assistant e Bixby. Além disso, já vem com um soundbar integrado. Isto significa que, ao contrário de projetores convencionais que necessitam de fontes de imagem externas, cabeamento e infraestrutura específicos, e equipamentos de áudio, o LSP9T é tão prático como qualquer TV: basta tirar da caixa, ligar na tomada e desfrutar de uma linda imagem.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O Samsung The Premiere apresenta um design bem moderno, na cor branca e com linhas curvas. Suas dimensões permitem que o projetor seja colocado discretamente perto da parede sem ocupar muito espaço. O LSP9T mede 55,0 x 14,1 x 36,7 cm (L x A x P) e pesa 11,5 kg. Além dos alto-falantes revestidos de tecido na frente, as únicas outras características visíveis são um slot na parte superior, onde a lente está localizada, e entradas e saídas de ar em ambos os lados. A lente projeta para trás em direção à parede e há um recurso de segurança chamado "Modo de proteção ocular" que atenua automaticamente a intensidade da luz do projetor se você bloquear o feixe luminoso.

As conexões estão localizadas na parte traseira, próximo à parede, e surpreendem em se tratando de um projetor. Existem três entradas ►

HDMI 4K / 60p com suporte para alta faixa dinâmica (HDR10, HLG, HDR10 +), ampla gama de cores e HDCP 2.2, uma delas também suporta eARC. Esta é uma adição bem-vinda, permitindo que os usuários passem o áudio sem perdas dos aplicativos integrados e outros dispositivos conectados de volta para um sistema de som externo, caso decidam não usar os alto-falantes integrados. Há uma saída digital óptica, uma porta USB, uma porta Ethernet e Wi-Fi integrado. Além disso, o LSP9T oferece suporte a Bluetooth, Apple AirPlay, Bixby integrado e funciona com Amazon Alexa e Google Assistant.

O controle remoto incluído é muito parecido com os utilizados pela Samsung em suas TVs e soundbars, mas na cor branca para combinar com o projetor. É bem projetado, intuitivo de usar e confortável de segurar. O controle também tem um microfone embutido para comandos de voz.

RECURSOS

O Samsung LSP9T usa três fontes de laser em vez de uma lâmpada com roda de cores. A fonte de luz é composta de lasers vermelhos, verdes e azuis e mapeamento de cores de 16 bits, que fornece imagens mais brilhantes, uma vida útil de 20.000 horas em comparação com apenas 2.000 a 3.000 horas para uma lâmpada xenon, e operação de ligar/desligar quase instantânea, em oposição aos longos períodos de inicialização e resfriamento associados aos projetores baseados em lâmpadas. Como não há roda de cores, a fonte de luz laser também deve minimizar a distorção de cores e os artefatos de arco-íris (rainbow effects) que frequentemente afetam os projetores DLP de chip único. Graças à fonte de luz laser, ele também tem uma gama de cores muito ampla, e segundo o fabricante o LSP9T pode atingir 106% de BT.2020 e 147% de DCI-P3. O LSP9T também tem um brilho máximo declarado de 2.800 lumens, razão de contraste on/off declarada de 2.000.000:1 e nível de ruído de 32dB, ainda de acordo com o fabricante.

Como o LSP9T é um projetor ultracurto, o procedimento de instalação é bem simples. Basta colocá-lo entre 11,3 e 23,8 cm da parede, o que resulta em um tamanho de tela que varia de 100 a 130 polegadas. O usuário então, simplesmente, move o projetor para a esquerda ou direita para centralizar a imagem, verifica se ele está paralelo à parede ou tela, e ajusta os pés para nivelá-lo. Há também, nos menus, um controle motorizado nos para ajuste de foco.

Como normalmente acontece com os projetores ultra-short throw, embora a configuração seja simples, você não tem muita flexibilidade. O projetor deve ficar na parte inferior da parede ou tela e deve estar paralelo, você então o move de um lado para o outro para alinhá-lo, e afasta ou aproxima da parede para alterar o tamanho. Além de ajustar o foco, não há muito mais que você possa fazer. Há um ajuste de keystone para corrigir distorções, se necessário, mas este controle costuma distorcer a imagem e é melhor evitá-lo, se possível.

O LSP9T inclui o sistema operacional Tizen completo da Samsung, que resulta na mesma plataforma inteligente das TVs da empresa. Tal como acontece com as TVs, o sistema é intuitivamente projetado, rápido e responsivo.

A plataforma inteligente se beneficia de uma escolha abrangente de aplicativos de streaming de vídeo, que inclui Netflix, Amazon Prime, Apple TV +, Disney + e YouTube. Os aplicativos respondem bem e a qualidade da imagem é excelente, com suporte HDR quando apropriado.

O aplicativo Amazon Prime oferece suporte a HDR10 + com decodificação de formato de metadados dinâmicos. Dependendo do aplicativo, você também pode enviar o áudio bitstream Dolby Atmos para uma solução de som externa usando a entrada HDMI eARC.

O LSP9T possui o assistente inteligente Bixby integrado da Samsung, além de Amazon Alexa e Google Assistant, dando aos usuários a escolha de todos os três assistentes de voz inteligentes. O LSP9T é compatível com o aplicativo SmartThings, o que facilita a instalação e configuração e também permite a interconexão com dispositivos IoT.

Uma das entradas HDMI, já no padrão 2.1, suporta games 4K com taxa de atualização variável (VRR) e tecnologia FreeSync. O LSP9T também inclui recursos úteis, como Tap View, espelhamento entre celular e TV com apenas um toque para usuários do Samsung Galaxy, junto com o espelhamento de tela do Android e Apple AirPlay.

ÁUDIO

O LSP9T também possui um sistema de som impressionante para um projetor, e está integrado na parte frontal, coberto por um bonito tecido cinza. Existem dois tweeters, dois woofers e tecnologia Acoustic Beam para criar um sistema de 4.2 canais com 40 W de potência. A tecnologia Acoustic Beam é baseada em um tweeter e 22 portas afinadas em cada lado, que direcionam os sons para cima e para os lados, produzindo um palco sonoro maior e mais dinâmico.

QUALIDADE DE IMAGEM

Quando falamos de projeção de imagem, é muito importante entender como funciona essa tecnologia e quais são seus benefícios e requerimentos para uma boa performance.

Projetores não projetam o preto da imagem. Ora, se a tela é (usualmente) branca, como é que enxergamos as partes escuras da imagem? Muito simples, ausência de luz. Porções da imagem escuras são exibidas quando o projetor não projeta nada nesta porção. É a mesma coisa quando apagamos as luzes do quarto para dormir. Mesmo que as paredes sejam brancas, na ausência total de luz, elas passam a ser pretas, pois não refletem nenhuma luz.

Portanto, salas com projetores necessitam controle total de iluminação, seja pela ausência de janelas em salas dedicadas, ou cortinas/ ▶

VÍDEO

persianas com tecido blackout. Somente com ausência absoluta de luz será possível extrair ao máximo o contraste do projetor e ver pretos profundos nos filmes. A mínima incidência de luz torna o preto acinzentado, até o ponto de claridade total onde vemos imagens totalmente lavadas e sem contraste.

Porém, existe atualmente uma nova tecnologia de telas chamada de ALR, sigla para Ambient Light Rejection (veja box abaixo). São telas com diversas camadas, cujas propriedades óticas rejeitam a luz ambiente que incide sobre a tela lateral e verticalmente, aceitando somente a luz que vem diretamente do projetor. O resultado é uma melhora significativa no contraste e níveis de preto em salas onde não se consegue controlar a iluminação. Não é a mesma coisa que uma tela branca em sala totalmente escura, mas fica muito bom e agradável de se ver. Para quem quer assistir shows e esportes em ambientes iluminados, é a opção mais indicada, pois parece uma TV gigante.

Testamos o LSP9T com uma tela ALR Screen Innovations modelo Black Diamond, específica para projetores ultra curtos. Este modelo aceita a luz vinda de um ângulo inferior e rejeita o restante de luz ambiente que possa incidir sobre a tela. Importante ressaltar que as telas ALR melhoram o contraste e níveis de preto, porém estão bem longe de ter colorimetria neutra. Significa que as 3 cores RGB não são refletidas com igual intensidade. Na tela acima há uma absorção muito grande de vermelho em relação às outras cores. Portanto, é obrigatório que o projetor seja calibrado para compensar esse desequilíbrio. Caso contrário, as cores não serão naturais e a sensação de imersão ficará prejudicada.

O LSP9T tem um desempenho impressionante e, uma vez configurado corretamente e com o foco correto, a imagem é muito nítida e detalhada. Seu chip único de DLP é o motivo pelo qual a imagem costuma parecer tão precisa. Coloque uma mídia nativa 4K e você ficará surpreso com os níveis de detalhes oferecidos. O projetor produz imagens brilhantes e livres de artefatos indesejados, e há reserva de luz suficiente para ser usada em salas não ideais ou durante o dia. Embora essas imagens sejam perfeitamente assistíveis à luz do dia, a experiência será reduzida, no entanto - feche as cortinas e você poderá apreciar totalmente os recursos deste projetor.

Outro recurso exclusivo de imagem do LSP9T é o suporte a HDR10+. Isso significa que ele pode trabalhar com os metadados extras de cena por cena que o formato HDR10+ fornece, em vez de apenas os dados 'estáticos' do formato HDR10 padrão da indústria. O resultado ao reproduzir fontes HDR10+ é um contraste aprimorado (mais distância entre as partes mais escuras e mais claras da imagem) e mais refinamento de detalhes. Infelizmente, devido ao pouco tempo que tivemos para o teste, não foi possível efetuar calibração e testes para HDR e tampouco testá-lo com tela branca em ambiente totalmente escuro.

Mídias em Blu-Ray revelam imagens lindas, e embora os pretos pudessem ser mais profundos e as sombras mais detalhadas, não há como negar que as cores realmente se destacam e, embora os filmes sejam apenas 1080 p, o nível de detalhes foi surpreendente.

O mapeamento de tons também foi excelente, com o LSP9T lidando com as partes mais brilhantes da imagem sem cortar as altas luzes.

Os filmes e séries foram muito prazerosos de assistir, desde os detalhes na imagem 4K, até as cores notáveis e os destaques renderizados com precisão.

Se você está pensando em uma alternativa de tela grande para uma TV, o projetor Samsung The Premiere é altamente recomendado.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Netflix 4K: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- Blu-Ray player Oppo Digital
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UTXLGTTSH6I](https://www.youtube.com/watch?v=UTXLGTTSH6I)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GKGWPRHRESS](https://www.youtube.com/watch?v=GKGWPRHRESS)

AVMAG #273

Samsung

www.samsung.com.br
 Preços sugeridos:
 Lsp9: R\$ 64.999
 Lsp7: R\$ 39.999

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE



A Samsung 55Q80A é uma TV QLED que está posicionada entre a linha premium Neo QLED e a linha mais acessível, Crystal UHD, e está disponível nos tamanhos 55 e 65 polegadas.

A Q80A utiliza um painel 120 Hz com iluminação Full Array, junto com escurecimento local (FALD - Full Array Local Dimming). Ela usa o Quantum Processor 4K e também possui uma porta HDMI 2.1 com todas as suas funcionalidades para games como ALLM e VRR. No departamento de áudio, possui o sistema OTS de som em movimento.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

Em termos de aparência e design, a Q80A é uma TV muito bonita com um design infinito, o que dá uma sensação mais premium com bordas muito finas, dando à imagem uma maior sensação de destaque. A espessura geral da TV é muito boa, embora a inclusão de um sistema FALD na parte traseira acrescente um pouco de profundidade. Mas, no geral, é uma TV muito fina por ser FALD, e com certeza ficará bem se você planeja montá-la na parede.

A parte traseira possui design com delicadas ranhuras cobrindo a maior parte de sua superfície. Todas as conexões estão agrupadas no lado esquerdo em uma inserção especial com orientação lateral, que ajuda no gerenciamento de cabos se você quiser colocá-la em uma parede. No lado direito encontramos apenas o conector de alimentação, enquanto na parte inferior temos ranhuras especiais para conduzir os cabos ao suporte central. Toda a parte traseira é feita de plástico, material preferido na maioria dos casos.

A Q80A usa um suporte estilo pedestal que é muito bonito, e pequeno o suficiente para que você possa colocar a TV em móveis pequenos. O suporte usa plástico e metal, e com sua superfície plana permite acomodar facilmente um soundbar na parte inferior da TV. A parte de trás do suporte é oca, para que você possa esconder os cabos.

O painel da Q80A é um LCD/LED com pontos quânticos, resolução 4K e 120 Hz nativo de taxa de atualização. O processador é o Quantum 4K com inteligência artificial (AI), para proporcionar um ▶

VÍDEO

perfeito upscaling, isto é, convertendo qualquer conteúdo para a qualidade muito próxima do 4K, segundo o fabricante.

O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho certo e não utiliza pilhas, pois é carregado por luz solar e luz interna, ou USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon).

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados etc

RECURSOS

A Samsung Q80A, como toda sua linha, utiliza a plataforma Tizen, que oferece excelente interface, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI, e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, além da mais recente plataforma HBO Max. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela dele diretamente para a TV. Além disso, possui o aplicativo Samsung TV Plus, que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A Q80A oferece suporte a conteúdo HDR10+, com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem.

A proteção anti-reflexo é bem eficiente, o ângulo de visão é um pouco limitado, mas nada que prejudique o uso diário da família.

A Q80A possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas, ou tirando uma foto da parede de sua sala, e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo *SmartThings* e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular. Além disso, o app *SmartThings*

permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung que permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a Q80A possui taxa de atualização de 120 Hz nativo e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9, para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo+, e FreeSync Premium Pro, que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em 2 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

ÁUDIO

A Samsung Q80A apresenta a tecnologia de Som em Movimento (OTS - Object Tracking Sound), com 60 W RMS de potência e 2.2.2 canais de áudio, que acompanham o som dos objetos em cena. Além disso, utilizando-se o novo Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto com a função Sincronia Sonora. O som do Soundbar é somado aos alto-falantes da TV e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora.

Há suporte a Dolby Atmos que pode ser transmitido através do eARC incluído para um soundbar Dolby Atmos ou sistema de som dedicado, como um receiver ou processador de áudio e vídeo. A Q80A também vem com alguns recursos adicionais, como o Adaptive Sound+ com o qual a TV analisa o conteúdo que está sendo reproduzido e para cada cena pode identificar e renderizar o melhor tipo de som. Todo esse processo começa separando e classificando os sinais de entrada de áudio. As principais características são então retiradas e renderizadas para melhor se adequar à cena.

Outro recurso é o som SpaceFit, junto com o amplificador de voz ativo (AVA). Com a ajuda da análise espacial, a TV pode se adaptar às diferentes acústicas de cada ambiente. Isso é feito enviando sinais inaudíveis que analisam sua sala e podem otimizar o som de acordo. E, ao usar AVA, a TV pode detectar ruído ambiental e melhorar a saída de voz do conteúdo que você assiste para uma experiência mais agradável.

QUALIDADE DE IMAGEM

A imagem da Q80A oferece boa luminosidade, o que favorece o uso em ambientes claros, bem como uma boa experiência com conteúdos ▶



HDR. No entanto, o contraste deixa um pouco a desejar, pois as áreas escuras são de um tom cinza escuro, não conseguindo atingir pretos mais profundos como os modelos premium. Em ambientes iluminados isso não chega a incomodar. As cores são vivas e impactantes, graças ao painel de pontos quânticos (Quantum Dot). O controle de iluminação direta é bom, mas nota-se um vazamento de luz (blooming) em determinadas cenas escuras contrastando com objetos claros. O upscaling excelente oferece imagens incrivelmente detalhadas, graças ao processador Quantum 4k.

O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O baixo input lag e a taxa de atualização variável certamente agradarão até os gamers mais exigentes.

A Samsung Q80A oferece um excelente custo-benefício e é uma ótima escolha para uso familiar, esportes e games. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BVXAQSUHGLO](https://www.youtube.com/watch?v=BVXAQSUHGLO)

AVMAG #277

Samsung

www.samsung.com.br

Preços sugeridos:

QLED Q80A 55": R\$ 4.800

QLED Q80A 65": R\$ 7.800

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV TCL 8K X915

Jean Rothman



A TCL foi fundada em 1981, e inicialmente vendia fitas cassete. Ao longo desta década começou a fabricar eletrônicos de consumo para o mercado chinês. Em 2003 iniciou a fabricação de TVs em uma Joint Venture com a francesa Thomson, em 2004 começou a fabricar celulares em parceria com a Alcatel, e em 2008 começou a manufaturar alguns módulos de TVs para a Samsung. A partir daí foi crescendo em várias divisões, incluindo uma unidade para produzir transistores. Atualmente tem atuação global e conta com aproximadamente 80.000 colaboradores, e é o 2º maior fabricante de TVs do planeta.

Em 2016 associou-se à Semp do Brasil, formando a Semp TCL, com produção em Manaus. Sua atuação e penetração no mercado nacional vem acompanhando o crescimento mundial.

Além de uma gama de TVs de entrada, a TCL também investiu no mercado premium e lançou a X915. Trata-se de uma TV de 75 polegadas LCD/LED, resolução 8K, painel com pontos quânticos e iluminação direta com local dimming. Além disso, vem acompanhada de um soundbar com suporte à Dolby Atmos, e aceita comandos de voz através do Google Assistant ou Amazon Alexa. A X915 é compatível com conteúdos Dolby Vision, HDR 10+ e possui certificação IMAX Enhanced.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A TCL X915 possui moldura de bordas extremamente finas, com aproximadamente 2 mm.

As conexões disponíveis na parte traseira são: 3 entradas HDMI (2.1 / 2. / 1.4b) HDCP 2.2, sendo uma com ARC (audio return channel), 2 entradas USB (2.0 e 3.0), conexão Bluetooth para fones de ouvido, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio ótica digital, e 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz.

A X915 fica apoiada sobre dois suportes em sua base, que conferem bastante firmeza ao conjunto. Porém, os suportes estão nas extremidades da TV, necessitando de um móvel com mais de 1,75 m de largura para acomodá-la com segurança. A TV também pode ser pendurada na parede, utilizando-se um suporte no padrão VESA.

O controle remoto tem corpo em plástico, é pequeno, leve e minimalista. Possui teclas específicas para acesso direto à Netflix e Globoplay, além de uma tecla para acionar comandos de voz através do Google Assistant ou da Alexa (da Amazon).

Uma exclusividade da TCL X915 é uma câmera embutida retrátil em sua parte superior, para fazer chamadas de vídeo. Infelizmente só é possível realizar chamadas para outras TVs da mesma marca. ▶

RECURSOS

A X915 possui um painel de 75 polegadas 8K, com resolução de 7680x4320 pixels, que utiliza pontos quânticos para aprimorar as cores e oferecer mais brilho. A iluminação direta (Full Array Local Dimming ou FALD) através de LEDs, conta com 120 zonas de dimerização local e 1.000 nits de pico de brilho máximo em HDR, oferecendo suporte aos padrões HDR10, HDR10+, HLG e Dolby Vision. Além disso, possui certificação IMAX Enhanced.

A TV utiliza sistema operacional Android TV, sendo equipada com um processador de quatro núcleos a 1,3GHz, equipado com MEMC, dimerização local, áudio Dolby, som DTS, função integrada do Chromecast e Google Assistant.

O algoritmo 8K com AI (Inteligência Artificial) da TCL, aprimora o conteúdo não-8K, dando-lhe mais cor e nitidez, o que aprimora o desempenho de imagem e som existente, segundo o fabricante.

Usando o Google Assistant ou Amazon Alexa, você pode usar sua voz para ajustar o volume, mudar de canal ou pausar seu conteúdo, além de controlar dispositivos domésticos compatíveis.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney+, Globoplay, Google Play Movies, Spotify, Tidal, Tune In e Deezer. Infelizmente o Apple TV+ ainda não está disponível na Google Play Store.

ÁUDIO

A X915 possui um grande diferencial em relação a outras TVs premium: ela vem junto com um Soundbar feito em parceria com a Onkyo. Possui 4 falantes com um total de 50 W e é capaz de reproduzir áudio em DTS e Dolby Atmos.

A qualidade do áudio é muito superior ao das TVs comuns e de seus minúsculos falantes embutidos na parte traseira ou inferior. O som é envolvente e não causa fadiga, desde que não se abuse do volume. As trilhas em Dolby Atmos apresentam boa ambiência, mas sem competir com sistemas dedicados que tenham diversos falantes espalhados pela sala e teto.

Um ótimo recurso é poder utilizar o Soundbar como som ambiente através de um dos aplicativos de streaming, como Spotify ou Tidal.

QUALIDADE DE IMAGEM

A tecnologia de upscaling da TCL é bastante competente ao transformar qualquer fonte de entrada em 8K. As imagens são muito detalhadas, fluídas e mantêm a naturalidade.

O problema foi a regulagem de imagem e cores feita na fábrica. A TV, com a regulagem padrão, em qualquer um dos modos (Dinâmico, Padrão, Smart HDR, Esporte, Filme) tem uma imagem que beira o insustentável. Saturação extrema, brilho excessivo, sharpness exagerado,

tudo fora do lugar. Felizmente, após a calibração, as coisas entraram nos eixos e uma bela flor desabrochou. A X915 mostrou que é um produto digno do selo 8K. Sabemos como é difícil fazer uma eletrônica precisa nas TVs, e a TCL evoluiu bastante neste quesito. A X915 apresentou bom contraste e nível de preto muito acima da média, graças à dimerização local. Mídias em HDR e Dolby Vision apresentaram cores vivas e boa riqueza de detalhes nas altas luzes. Em algumas cenas muito escuras, perdeu-se um pouco de detalhes nas áreas de sombras, mas nada que comprometa o resultado final.

Com seus 33 milhões de minúsculos pixels, é muito bacana e envolvente poder assistir filmes a 3 metros de uma tela com 75 polegadas, desfrutando de ótimo conforto visual e sensação de imersão. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Clips 8K
- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RJ8QIPKQF_G](https://www.youtube.com/watch?v=RJ8QIPKQF_G)

AVMAG #270
TCL

www.sempocl.com.br
Preço sugerido: R\$ 22.900

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

VÍDEO

TV TCL QLED MINI LED 65C825

Jean Rothman



A TV TCL 65C825 adota uma nova tecnologia de iluminação do painel de LED, que reduz significativamente o tamanho do LED tradicional, o que permite adotar milhares de pequenos LEDs de controle de luz para aumentar o número de fontes de iluminação da TV. Combinado com a tecnologia Full Array, o modelo oferece um salto de qualidade de contraste e níveis de preto quando comparado a TVs comuns de LCD/LED.

A 65C825 também possui tecnologia de imagem Dolby Vision HDR e o Dolby Vision IQ, que ajusta-se dinamicamente às mudanças de luz da sala e aos tipos de conteúdo que estão sendo reproduzidos. Possuindo um soundbar e subwoofer integrados, oferece áudio superior aos diminutos falantes das TVs convencionais.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 65C825 da TCL oferece um design atraente com estrutura de metal apresentando alguns milímetros em volta do painel, e uma moldura do painel de outros 4 mm em torno da própria imagem, que a TCL designa como representando uma proporção de imagem para corpo de 99%. A traseira da TV permanece bastante espessa na parte central, abrigando um woofer para reprodução dos graves. Possui uma base retangular central, de instalação bastante simples por meio de quatro parafusos. O suporte deixa o painel da TV 7 cm acima da mesa, com este espaço preenchido pelo soundbar integrado, envolto em tecido cinza e com a marca Onkyo.

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI 2.1, das quais duas suportando 4K/120 Hz e duas 4K/60 Hz, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto, e uma saída para fone de ouvido. A conexão com Internet pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão Bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

O controle remoto é fino, comprido, bem leve e bastante funcional. Possui um cursor em forma de anel na parte superior. Acima do cursor estão as teclas de power, Google Assistente e configurações. Abaixo do cursor estão as teclas Home (menu inicial), volume, mute e seleção de entradas. E na parte inferior existem 6 teclas para acesso direto a Netflix, Prime Vídeo, Globoplay, Disney+, Youtube e canais TCL.

RECURSOS

A TCL 65C825 usa painel LCD com tecnologia 'Mini LED'. O conceito de Mini LED agrupa milhares de pequenos LEDs em 160 zonas de controle de luz, além de uma camada de cor Quantum Dot.

Esta é a primeira TV no Brasil a adotar o Google TV. Mas o que é isso?

O Google TV, em sua essência, é uma interface de usuário rodando em cima do Android TV, embora com uma aparência diferente do Android TV. A interface seleciona sugestões de filmes e programas de ▶

TV com base em seus hábitos de visualização. O foco do Google TV é garantir que os usuários possam acessar o conteúdo mais visto e recomendado diretamente da tela inicial. Como outras plataformas de dispositivos de streaming, o Google TV oferece Netflix, Apple TV, Prime Video, Disney+ e muito mais. No entanto, o Google TV permite que você acesse o que deseja assistir sem mergulhar diretamente no aplicativo de streaming específico, desde que você esteja conectado à sua conta.

Um bônus na caixa é uma pequena câmera, que se conecta a um slot na parte superior da TV. A câmera tem um botão deslizante na parte traseira que a desativa, para aqueles que se preocupam com a privacidade. Ela pode ser usada para Google Duo, porém somente entre TVs TCL compatíveis.

Há o Google Assistente integrado e também Alexa, podendo-se escolher o assistente de sua preferência.

Já suas características para atender a demanda do público gamer, são o ponto alto desta TV. Para os jogadores de videogame, o Game Master da C825 permite uma experiência de forma otimizada, com *display* de 120Hz, além de HDMI 2.1, VRR, ALLM, eARC, WiFi6 e low-input lag.

ÁUDIO

O modelo também vem equipado com um sistema de som 2.1 Onkyo, certificado pela IMAX e com suporte a Dolby Atmos®, trazendo um áudio imersivo. Dolby Atmos transporta os usuários para as cenas com um som maior e mais abrangente, que enche a sala e flui ao redor dos espectadores, além de graves envolventes através de um *subwoofer* dedicado instalado na parte de trás da TV.

É composto por um sistema de alto-falantes de três vias, com drivers de médios e tweeter na barra, e aquele woofer na parte de trás.

Há suporte a eARC, permitindo que o som da TV seja transmitido através do cabo HDMI para um receiver ou soundbar externo.

QUALIDADE DE IMAGEM

O brilho da 65C825 é realmente notável. Uma vez no conteúdo do filme, é difícil isolar os efeitos do processamento da TCL na qualidade da imagem final. Esta TV usa o processador AiPQ Engine Gen 2, lançado pela TCL na IFA em Berlim no ano passado, com sua capacidade de otimizar as configurações de acordo com o conteúdo - “para que os oceanos pareçam mais azuis e as florestas tropicais mais abundantes”.

O desempenho do HDR certamente se beneficia da grande faixa dinâmica e do mapeamento de tom dinâmico selecionável. De modo que, se o conteúdo HDR for definido até 4000 nits, os brancos mais brilhantes serão mapeados para os limites do painel. Essa configuração também ajusta significativamente os detalhes de sombra.

A TV possui um ótimo tratamento anti-reflexo, o que permite assistir em ambientes bem iluminados sem grandes incômodos.

O nível de desempenho do Mini LED se aproxima bastante da tecnologia OLED. A TCL não está exagerando ao considerar que a tecnologia Mini LED está alcançando as mesmas qualidades - o brilho e as cores saindo dos pretos puros, a tridimensionalidade da imagem que isso transmite. Mas ainda há um blooming considerável em algumas cenas, característico da tecnologia de painéis LCD.

O excelente nível de preto, cores equilibradas e agradáveis, combinados com processamento Dolby Vision IQ, soundbar integrado e interface Google TV, fazem da TCL 65C825 uma excelente proposta de valor no mercado atual. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DLHDXZKTKQW](https://www.youtube.com/watch?v=DLHDXZKTKQW)

AVMAG #279

TCL

www.tcl.com/br

Preços sugeridos:

C825 65" R\$ 9.999

C825 55" R\$ 5.999

NOTA: 104,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

VÍDEO

TV SAMSUNG 8K 65QN800A

Jean Rothman



PRODUTO DO ANO
EDITOR



A Samsung QN800A é uma nova TV 8K da Samsung, que usa tecnologia mini-LED para trazer uma tela de 8K muito brilhante para sua sala de estar. Embora ainda falte conteúdo em 8K, as impressionantes capacidades de upscaling da QN800A, recursos de jogos, design bonito e excelentes recursos de smart TV, tornam esta uma ótima opção para usuários *early adopters*. Graças aos minúsculos LEDs e ao novo processador Neo Quantum 8K, as TVs 8K 2021 da Samsung oferecem tons mais brilhantes e pretos mais profundos, minimizando o vazamento de luz (*blooming*) que assola as TVs LCD/LED tradicionais. A linha QN800A está disponível nos tamanhos 65, 75 e 85 polegadas.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 65QN800A possui uma moldura mínima que praticamente desaparece ao assistir a um filme ou jogar. O estilo moderno das laterais desta TV faz com que tenha uma ótima aparência em uma ampla variedade de ambientes domésticos. O painel possui apenas 1,7 cm

de espessura e falantes embutidos nas bordas laterais e no painel traseiro.

O pedestal é do tipo central e possui um design curvo muito bonito. Dependendo do ângulo que se olha, a TV parece flutuar no ar. A parte de trás do pedestal possui um suporte para fixação do One Connect, box único para conexão de todas as fontes. Ele se conecta à TV com um único cabo transparente. Se você fixar a TV na parede, só precisará conectar um cabo ao One Connect, tornando a instalação mais limpa e permitindo que a TV fique bem rente à parede, graças ao suporte slim, acessório vendido à parte. O design do pedestal deixa espaço livre suficiente para acomodar um soundbar sob a TV.

O painel é um QLED que utiliza pontos quânticos e agora traz uma novidade: as fitas de LED internas que iluminam o painel foram substituídas por 40 mini LEDs que oferecem um preto mais preciso e com menor vazamento de luz.

O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho certo e não utiliza pilhas, pois é carregado por energia solar e luz interna ou USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz pelo Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon).

As conexões disponíveis no One Connect são: 4 entradas HDMI, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*); 3 portas USB; porta Ethernet RJ45; 1 saída de áudio óptica digital; 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados, entre outros.

RECURSOS

A Samsung QN800A utiliza a conhecida plataforma Tizen com excelente interface, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Uma novidade é o aplicativo Samsung TV Plus, que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não tem TV por assinatura.

A QN800A oferece suporte a conteúdo HDR10+ com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Neo Quantum 8K com recursos de Inteligência Artificial que fazem o upscaling e aperfeiçoam a resolução de qualquer conteúdo para a qualidade próxima de 8K.

A proteção anti-reflexo é muito boa, assim como o ângulo de visão, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED.

A QN800A possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas, ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo *SmartThings* e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular. Além disso, o app *SmartThings* permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras,

ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema. Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung e permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a QN800A possui taxa de atualização de 120 Hz nativo e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9 para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo+ e FreeSync Premium Pro que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em até 4 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

ÁUDIO

O LSP9T também possui um sistema de som impressionante para um projetor, e está integrado na parte frontal, coberto por um bonito tecido cinza. Existem dois tweeters, dois woofers e tecnologia Acoustic Beam para criar um sistema de 4.2 canais com 40 W de potência. A tecnologia Acoustic Beam é baseada em um tweeter e 22 portas afinadas em cada lado, que direcionam os sons para cima e para os lados, produzindo um palco sonoro maior e mais dinâmico.

QUALIDADE DE IMAGEM

A Samsung QN800A apresenta a incrível resolução de 8K que oferece quatro vezes mais pixels do que as TVs 4K e, portanto, a clareza dos detalhes é incomparável.

Seu painel com Mini LEDs permite um controle mais preciso da iluminação e das áreas escuras da tela. Isso significa menos vazamento de luz (blooming) quando a imagem exibe áreas claras adjacentes a áreas escuras. Apesar da melhora, ainda notamos um pouco de blooming em algumas cenas mais críticas, como céu escuro com estrelas ou durante exibições de créditos com fundo preto, mas não chega a incomodar na maioria das cenas usuais dos filmes.

Os pretos são bem profundos, aproximando-se dos níveis das TVs OLED, e a QN800A impressiona pelos níveis de brilho, especialmente em HDR, o que a torna excelente opção para ambientes iluminados. Também possui HDR 32X, que oferece um desempenho de alta faixa dinâmica que diferencia ainda mais esta TV de sua concorrência. As cores vivas impressionam e agradam bastante. O upscaling de conteúdo 4K é impressionante e exibe os detalhes com um ultra realismo de uma lupa.

Os gamers vão adorar o desempenho dos jogos desta TV quando combinada com o PS5 e o Xbox Series X. O baixo input lag, ▶

VÍDEO



120 quadros por segundo e taxa de atualização variável, unem-se para fazer esta TV se destacar para jogos. O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O ângulo de visão é bom, bem como o revestimento anti-reflexo.

Com suas cores vivas e equilibradas e seu brilho superlativo em HDR, a Samsung QN800A certamente irá agradar os fãs de tecnologia. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Clips 8K: Pendrive fornecido pela Samsung
- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR

- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QSKMTTFQKJO](https://www.youtube.com/watch?v=QSKMTTFQKJO)

AVMAG #274

Samsung

www.samsung.com.br
 Preços sugeridos:
 QN800A 65" - R\$ 18.999
 QN800A 75" - R\$ 24.999
 QN800A 85" - R\$ 54.999

NOTA: 105,0



ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO



A TV Samsung QN90A Neo QLED é uma das melhores TVs que você pode comprar atualmente. É incrivelmente brilhante, incrivelmente fina e repleta de recursos.

Com um painel mini-LED denominado Neo QLED, a QN90A promete um desempenho superior. Os minúsculos LEDs e o novo processador Neo Quantum 4K, com inteligência artificial, contribuem para que a QN90A ofereça tons mais brilhantes, e pretos mais profundos.

A nova linha está disponível nos tamanhos 55 e 65 polegadas.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A TV 55QN90A segue a linha 8K, e possui uma moldura mínima que praticamente desaparece ao assistir a um filme ou jogar. O estilo moderno das laterais desta TV faz com que tenha uma ótima aparência em uma ampla variedade de ambientes domésticos.

O painel possui apenas 1,4cm de espessura nas bordas, e 2,7cm em sua parte central, e falantes embutidos. O pedestal é do tipo central, e possui um design curvo muito bonito. Dependendo do ângulo

que se olha, a TV parece flutuar no ar. Ela também pode ser fixada em paredes, utilizando o suporte slim - acessório vendido à parte. O design do pedestal deixa espaço livre suficiente para acomodar uma soundbar sob a TV.

O painel é um QLED que utiliza pontos quânticos, e na linha 2021 as fitas de LED internas que iluminam o painel foram substituídas por 40 mini LEDs, que oferecem um preto mais preciso e com menor vazamento de luz.

O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho certo, e não utiliza pilhas, pois carrega por energia solar e luz interna doméstica, ou por USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz - através do Bixby, assistente de voz da Samsung - além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon). ▶

VÍDEO

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI, sendo uma com suporte eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

RECURSOS

A Samsung QN90A continua com a plataforma Tizen, que oferece excelente interface, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI, e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Vídeo, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, além da mais recente plataforma HBO Max. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Uma novidade é o aplicativo Samsung TV Plus, que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A QN90A oferece suporte a conteúdo HDR10+, com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Neo Quantum 4K, com recursos de Inteligência Artificial. A proteção anti-reflexo é muito boa, assim como o ângulo de visão, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED.

A QN90A possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas, ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings, e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema. Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung, que permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a QN90A possui taxa de atualização de 120Hz nativo, e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9

e 32:9 para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo+ e FreeSync Premium Pro, que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em 2 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

ÁUDIO

A Samsung QN90A apresenta a tecnologia de Som em Movimento, com 60 W RMS de potência e 4.2.2 canais de áudio, que acompanham o som dos objetos em cena. Além disso, utilizando-se a nova Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto com a função Sincronia Sonora. O som da Soundbar é somado aos alto-falantes da TV, e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora.

QUALIDADE DE IMAGEM

A imagem da QN90A é alimentada por um conjunto de células de luz minúsculas, usando luzes mini-LED, prometendo melhorias dramáticas no contraste e controle de luz de fundo. Os mini-LEDs funcionam com o processador Neo Quantum 4K para fornecer uma imagem otimizada para 4K.

Os recursos HDR do QN90A são excelentes, mas destacam uma peculiaridade das TVs Samsung. Embora o desempenho de alta faixa dinâmica seja ótimo, infelizmente a Samsung não suporta o formato Dolby Vision, usando seu formato HDR10+.

A reserva de brilho da QN90A é imensa. Mesmo em uma sala inundada de luz, a imagem se manteve muito nítida, graças ao excelente tratamento anti-reflexo da tela.

Seu painel com Mini LEDs permite um controle mais preciso da iluminação e das áreas escuras da tela. Isso significa menos vazamento de luz (blooming) quando a imagem exibe áreas claras adjacentes a áreas escuras. Apesar da melhora, ainda notamos um pouco de blooming em algumas cenas mais críticas, como céu escuro com estrelas ou durante exibições de créditos com fundo preto, mas não chega a incomodar na maioria das cenas usuais dos filmes.

Os pretos são bem profundos, aproximando-se dos níveis das TVs OLED, e a QN90A impressiona pelos níveis de brilho, especialmente em HDR, o que a torna excelente opção para ambientes iluminados. Também possui HDR 32X, que oferece um desempenho de alta faixa dinâmica, além das cores vivas que impressionam e agradam bastante.

A QN90A vai agradar muito os gamers, que certamente vão adorar o desempenho dos jogos quando combinada com o PS5 e o Xbox ▶



Series X. O baixo input lag, 120 quadros por segundo e taxa de atualização variável, unem-se para fazer esta TV se destacar para games. O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O ângulo de visão é bom, bem como o revestimento anti-reflexo.

A Samsung QN90A, com todos os seus recursos, situa-se entre as melhores do mercado. Vale a pena conhecer! ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR

- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MG4G4KBLVTE](https://www.youtube.com/watch?v=MG4G4KBLVTE)

AVMAG #275

Samsung

www.samsung.com.br

Preços sugeridos:

QLED QN90A 55": R\$ 12.999

QLED QN90A 65": R\$ 14.999

NOTA: 105,0



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**



A LENDA DA PIOR SALA DO MUNDO

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

O ano é 2051.

Vovô audiófilo pega o neto proto-audiófilo no colo, e o moleque já esperneia: “Vôdô, conta uma história!”, puxando as barbas ruivo-brancas do vovô.

“Calma, meu netinho querido, vou contar sim. Vou contar a Lenda da Pior Sala de Audição do Mundo! Lá nos idos do glorioso (‘pero

no mucho’) ano de 2021, um sujeito que venceu na vida resolveu construir uma casa de praia. Afinal, a única coisa mais relaxante que o mar, são os discos do Kenny G.

O projeto, muito bem localizado, incluía a exibição da casa inteira - e seus habitantes - para metade dos navios de cruzeiro que passassem, e todos os barcos de pesca e seus pescadores, entediados. ►

Para não falar do cabeleireiro residente, para dar um 'tapa' no visual toda vez que se fosse buscar um copo de água na cozinha de madrugada. Por quê? Porque a casa era feita inteira de vidro. Acordou tarde, acordou bronzeado!

Acontece que o dono da casa era audiófilo - ou, pelo menos, um iniciante. Ele queria ter uma sala de audição envidraçada, de onde ele só via a imensidão do mar sem fim e suas ondas, e imaginava Luciano Pavarotti surfando e cantando Nessun Dorma.

Seu sonho de cartão postal e capa de revista de arquitetura & decoração, não podia ter um par de caixa torre, para não obstruir a paisagem. Também não podia ter o sistema em seu rack perto, pelo mesmo motivo. E porque a Associação das Esposas dos Donos de Barcos de Pesca já avisaram logo de cara que não queriam que seus valentes e trabalhadores esposos tivessem que contemplar 'tudo aquilo de cabo saindo atrás dos aparelhos'. E assim foi feito: um par de caixas bookshelf e o cabo de caixa mais longo deste lado do Rio Mississippi, foram imediatamente adquiridos.

O Sr. Iniciante quis, logo, ligar seu equipamento de som, devidamente instalado na dispensa, atrás da cozinha. Pegou seu disco preferido, e assim soaram os primeiros acordes do Concerto para Trompete & Órgão de Tubo, de um compositor anônimo de um país fictício, do imaginário popular.

O resultado? O brilho do trompete refletido em tanto vidro, foi tão 'nervoso', que rachou o óculos de um dos pescadores, e fez um furo no casco de um transatlântico. O Sr. Iniciante perdeu todos seus cabelos, e o leite todo que estava na geladeira, coalhou."

"Mas e o som do órgão de tubo?!? O que aconteceu com ele? - perguntou o netinho proto-audiófilo."

"Ah, dizem que o grave, fugido e vazado pelas paredes de vidro, deslocou o fígado de um passageiro do transatlântico - que foi o único que o ouviu - e o Sr. Iniciante está sendo processado por uma fábrica de órgãos de brinquedo, pela injúria a todos os fabricantes de órgãos infantis, tipo Fisher-Price, pela injúria que foi todo mundo ouvir o médio-grave pífio saído das pequenas caixas bookshelf, que ficou dentro de sua cinematográfica sala de vidro - A Pior Sala de Audição do Mundo!

Entendeu, meu netinho?"

"Sim, vovô, ele deveria ter comprado dois subwoofers de 18 polegadas, assim os pescadores passariam a receber os peixes diretamente na praia, fugindo desesperadamente do mar... E comprado um boné."

Moral da História: Faça como o Sr. Iniciante, que levou seu sistema de volta para a capital, e comprou um bom fone de ouvido, para quando fosse contemplar o mar, e refletir sobre o que não soube fazer.

Mas que ficou lindo, ficou. ■

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

EDITOR INTERINO

Christian Pruks

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condrú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDAS E TROCAS



VENDO

- CH Precision M1.1. US\$ 60.000.
- CH Precision L1. US\$ 36.000.
- Streamer CXNV2 Cambridge Audio. Impecável. R\$ 9.000.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br



VENDO / TROCO

Pré amplificador Krell Current Tunnel Cast - KCT

Equipamento em ótimo estado, com controle remoto total, duas entradas balanceadas, quatro entradas RCA, duas entradas CAST. Possui saídas balanceadas, CAST e RCA além de saída independente para a Zona 2.

Excelente qualidade de construção e som espetacular, como era padrão dessa época, dos últimos projetos de Dan & Bret D'Agostino.

220V. R\$ 25.000.

Como em qualquer anúncio meu, conforme o material, posso aceitar trocas.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

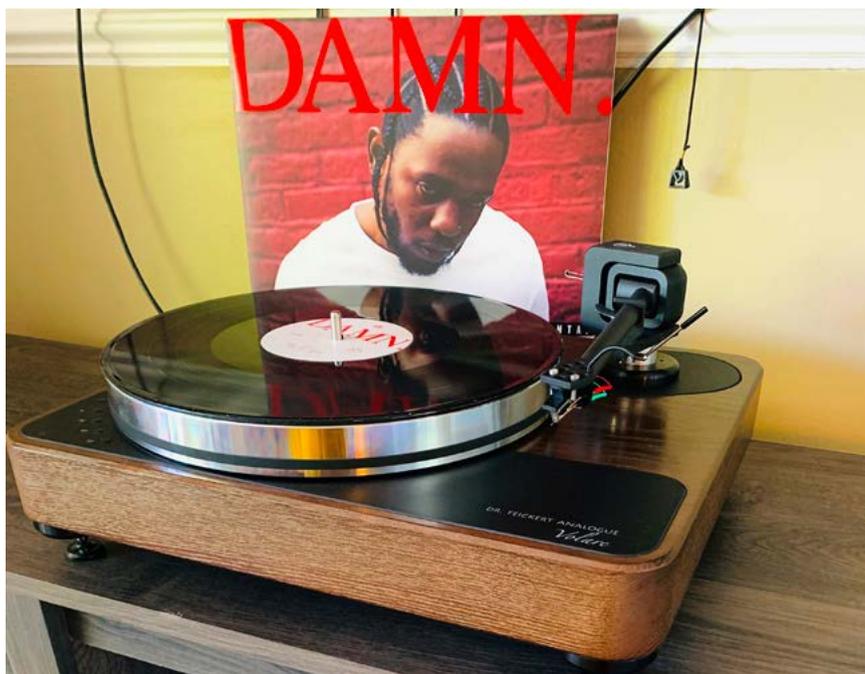


Imagem meramente ilustrativa

VENDO / TROCO

- Cápsula DYNAVECTOR XX-2 Mk II. Magnífica cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída, NOVA. Foi apenas instalada para ser testado e já voltou para caixa (menos de uma hora de uso). Não acompanha o Headshell que está nas fotos. É o modelo de melhor custo benefício da Dynavector. Imãs em ALNICO, cantilever em bóro, agulha Pathfinder Line Contact (7x30 microns, que extrai o máximo dos sulcos dos discos, com uma ótima rejeição de ruídos periféricos pelas diminutas medidas da agulha). Bobinas em cobre PC-OCC. Saída de 0,28 mV e 6 Ohm de impedância de bobina. R\$13.000.

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas. Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material. R\$ 9.800.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

VENDAS E TROCAS



VENDO / TROCO

- Cabo de força Transparent Powerlink mm2 x com 2,00 metros, impecável, comprado na Ferrari Technologies em 2019. R\$ 6.500.
- Pré de phono Gold Note PH 10 110 V em estado de zero, comprado em 2019 na Living Stereo (distribuidor oficial na época). R\$ 8.500.
- Cabo RCA Kimber 1016 1,00 m, comprado em 2019, pouco uso estado de zero. R\$ 3.500.

Dario Mastrococo

11 98459-8283

dariomastrococo@gmail.com



O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS

IMPERDÍVEIS!

**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**

Receba diariamente
ofertas de CDs e Vinis
(audiófilos e standards),
com condição de
remessa via sedex.

📞 11 99341.5851



NOVIDADE!

Espaço de excelência com wine bar, espaço de
apresentação de áudio ao vivo e estante com
som vintage, tocando gravações especiais em
vinil digital e gravador de rolo.

Área externa para degustação de Charutos.

Área de exposição e venda de equipamentos,
caixas de som vintage. Displays com vinis e CDs
de mpb, classicos, jazz e rock.



CLIQUE NA IMAGEM E ASSISTA AO PROJETO.

Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 📞

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM

VENDAS E TROCAS

VENDO

- Cabo de caixa By Knirsch Top Wonder Plus - 2m - R\$ 1.100.

- Fusível HiFi-Tuning 500mA 5x20 novo na caixa. R\$ 400.

- Cabo de Força Logical Cables Energy 1,5m. R\$ 5.200.

Fernando Borges

(19) 99111-6080

fernandoborges@uol.com.br



VENDO

- Pré-amplificadores Jeff Rowland de linha (Coherence) e de phono (Cadence) com fonte externa (com baterias novas), em perfeito funcionamento. R\$40.000 (aceito propostas).

- Braço Groovemaster II de 12", novo, na caixa, com todos acessórios.

R\$15.000.

Sérgio Kwitko

sergiokwitko@gmail.com

(51) 99973.9109



VENDO

- Cabo Sunrise Quintessence Magicscope (2.5m - cada perna com terminações spade). Cabo numeração 007 e acompanha caixa de madeira personalizada para o cabo. Esse cabo é Estado da Arte Superlativo com 101 pontos, pela CAVI. Estado de conservação: impecável. Preço: R\$ 12.000.

- Amplificador multicanais Lexicon DD-8 - Impecável e com menos de 40 horas de uso. O amplificador mais utilizado para aplicações de sonorizações multiroom. Pode também ser utilizado como amplificador multicanais para home theater. Possui 100 W RMS por canal e suporta baixas impedâncias. Acompanha manual de instruções e acessórios. Infelizmente, a embalagem original foi danificada. Comprado oficialmente na AV Group, distribuidor da marca no Brasil. R\$ 10.000.

Silvio Volpe Junior

svolpejr@gmail.com

(11) 97419.4105



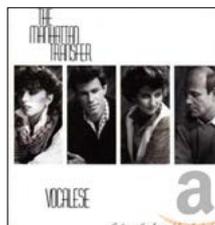
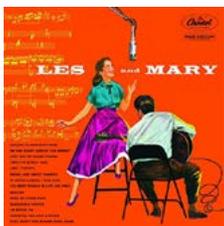
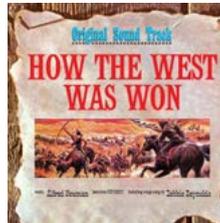
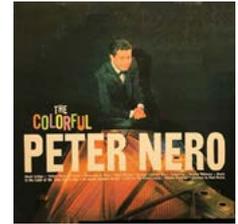
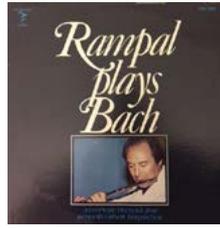
VENDAS E TROCAS

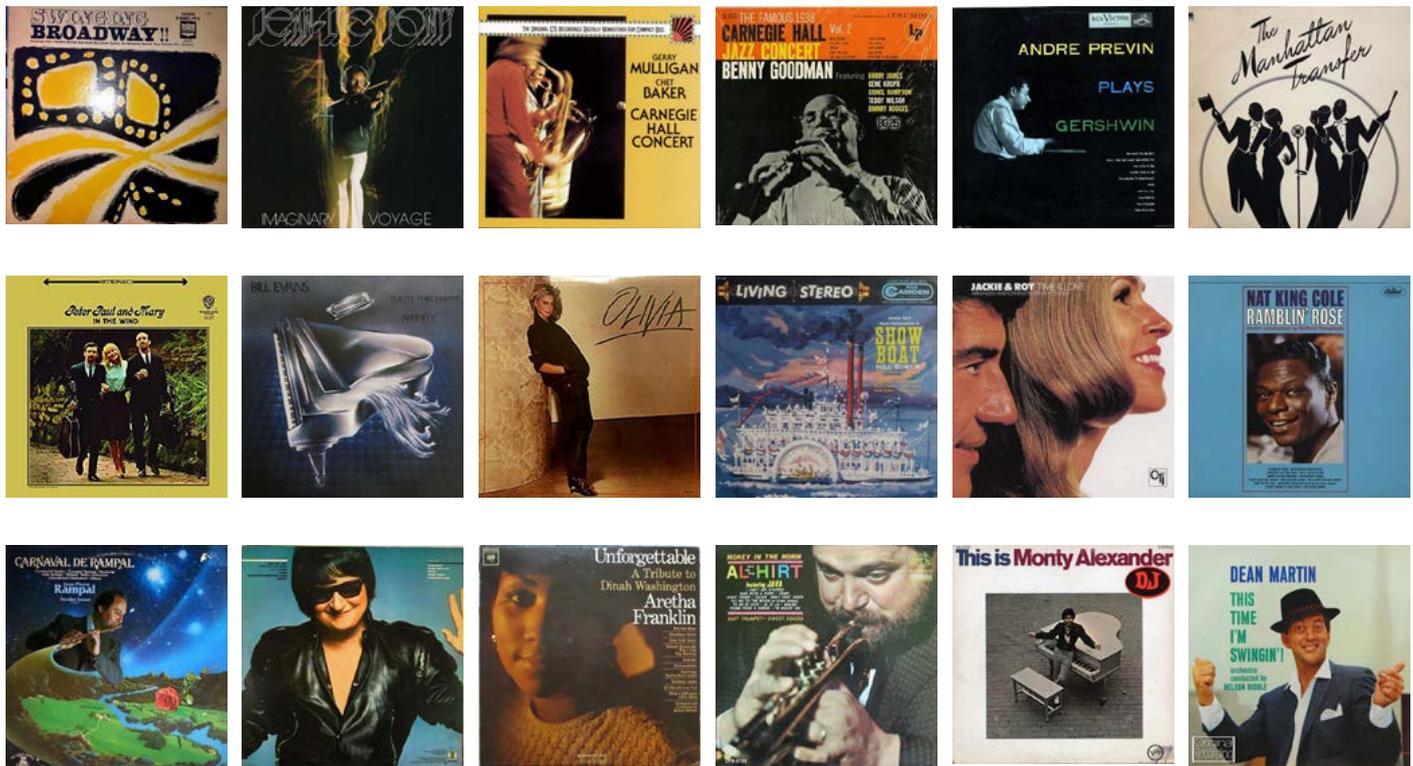
VENDO

Lotes de 10 elepês que comprei nos USA nas décadas de 60 e 70. Sou o primeiro dono. Todos em excelente estado de conservação. Em sua maioria, reproduzidos poucas vezes. Nenhum disco jamais foi tocado com os dedos ou com as mãos. Cada elepê segue com seu envelope interno original mais um envelope especial MOFI - Mobile Fidelity, considerado o melhor do mundo. Este é feito com papel de palha de arroz, antiestático. Todas as capas estão conservadas e são protegidas por duas jaquetas tipo cristal, também MOFI. A primeira (12 1/2 x 12 3/4" x 3 mil) é a proteção mecânica para a parte externa e a coloco no mesmo sentido que a abertura da capa para retirada do elepê. A segunda (12 3/4 x 12 3/4" x 4 mil) é utilizada para evitar o acesso de particulados ao disco. Feita de polipropileno de alta densidade, é inserida de cima para baixo na capa já protegida. Como todos os demais elepês da minha coleção, esses discos são armazenados verticalmente, com leve compressão lateral, em ambiente com temperatura e umidade controlados. Oferta de ocasião: R\$ 2.000,00 cada lote. Outros lotes disponíveis. (FRETE NÃO INCLUSO).

Luiz Fernando Cysne

Whatsapp: (11) 99990.9155





VENDO

- Pré-amplificador Vitus Áudio linha Signature SL 101, 220 V. R\$ 130.000.
- Amplificador Vitus Áudio Sugnature SS 101, 220 V, Classe A 50W. Tem controle de volume. R\$ 140.000.
- Pré de Phono Roksan Caspian Dx2. R\$ 6.500.

Antônio Sérgio Del Rei Sá
 sergios41@hotmail.com
 (71) 99186.2126



UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão



Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

Imagens Ilustrativas

criação: msymarketing.com@gmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia